

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UM CURSO DE
ORÇAMENTO E ECONOMIA DOMÉSTICA PARA
PROFESSORES: UMA LEITURA DA PRODUÇÃO DE
SIGNIFICADOS FINANCEIRO-ECONÔMICOS DE
INDIVÍDUOS-CONSUMIDORES.**

Adilson Rodrigues Campos

Juiz de Fora (MG)
Dezembro, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Pós-Graduação em Educação Matemática
Mestrado Profissional em Educação Matemática

Adilson Rodrigues Campos

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UM CURSO DE
ORÇAMENTO E ECONOMIA DOMÉSTICA PARA
PROFESSORES: UMA LEITURA DA PRODUÇÃO DE
SIGNIFICADOS FINANCEIRO-ECONÔMICOS DE
INDÍVIDUOS-CONSUMIDORES.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Jr.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Mestrado Profissional em
Educação Matemática, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
em Educação Matemática.

Juiz de Fora (MG)

Dezembro, 2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Campos, Adilson Rodrigues .
A Educação Financeira em um Curso de Orçamento e Economia Doméstica para Professores: Uma Leitura da Produção de Significados Financeiro-Econômicos de Indivíduos-Consumidores. / Adilson Rodrigues Campos. -- 2015.
242 f. : il.

Orientador: Marco Aurélio Kistemann Júnior
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, ICE/Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2015.

1. Educação Financeira. 2. Revisão de Literatura. 3. Embasamentos Teóricos. 4. Procedimentos Metodológicos. 5. Análise das Entrevistas, Atividades e Situações-Problema de Consumo e Planejamento Financeiro. 6. Considerações Finais. I. Kistemann Júnior, Marco Aurélio, orient. II. Título.

Adilson Rodrigues Campos

“A Educação Financeira em um Curso de Orçamento e Economia Doméstica para Professores: Uma Leitura da Produção de Significados Financeiro-Econômicos de Indivíduos-Consumidores”.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Jr.
Orientador

Prof. Dra. Adriane Melo de Castro Menezes
Convidado externo UFRR

Profa. Dra. Liamara Scortegagna
Convidado interno UFJF

Aprovado em

Dedico este trabalho de dissertação a todos aqueles que realmente acreditam que a “Educação Financeira” pode transformar e melhorar a vida financeiro-econômica dos indivíduos-consumidores e de suas respectivas famílias.

“Rico é aquele que recebe mais do que consome;
Pobre é aquele cuja despesa é maior que a receita”.

LA BRUYÉRE (1645-1696)

“Por que organizar a sua vida financeira? A resposta é simples: Para que você tenha um maior controle sobre seu dinheiro, maior consciência sobre suas escolhas e maior eficiência no uso de sua renda”.

GUSTAVO CERBASI

“Se você acha que será feliz somente quando tiver muito dinheiro, lamento dizer que isso é pura ilusão. A felicidade se constrói no dia-a-dia, a cada momento. Dinheiro é como um cupom que lhe proporciona meios de curtir aquilo que você ama ou aprecia muito”.

GUSTAVO CERBASI

AGRADECIMENTOS

Foi longa a nossa caminhada para chegar até aqui, mas também foram muitos os que contribuíram para que este sonho se tornasse possível.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, sem ele nada disso seria possível, e pela oportunidade de ter realizado este Mestrado Profissional na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos meus pais Moacyr e Garaciaba, que mesmo não tendo cursado o ensino superior souberam me apoiar e proporcionar à oportunidade de chegar até aqui. E também pelo incentivo de sempre em minha caminhada acadêmica e profissional.

À minha irmã Adriana, à minha sobrinha e afilhada Adriela e ao meu cunhado Betinho, pelo incentivo e carinho que me proporcionaram nessa caminhada tão difícil e importante da minha vida.

Aos meus professores do mestrado, Adlai, Amarildo, Antônio Olímpio (*in memoria*), José Maria, Liamara Scortegagna, Maria Cristina, Regina Kopke, pela competência, dedicação e amizade inquestionáveis durante as aulas, nos seminários, nos eventos e nas palestras.

Em especial ao meu querido orientador, Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Jr., pelo incentivo, paciência, carinho e principalmente por me fazer acreditar que tudo seria possível, inclusive a conclusão dessa caminhada em todos os momentos; e por me abrir as portas para o mundo da Educação Financeira através de uma rica troca de sólidos conhecimentos. O meu MUITO OBRIGADO!

Aos queridos colegas de mestrado que compartilharam comigo o cotidiano dessa jornada e em especial aos do Grupo de Investigação Financeiro-Econômica em Educação Matemática (GRIFE-UFJF), por termos compartilhado momentos de busca pelo aprimoramento e crescimento profissional, além de amizade e apoio.

Em especial, a minha eterna parceira e amiga, Dione, que desde o início foi sempre uma verdadeira companheira e incentivadora na escolha dessa caminhada.

Agradeço a toda equipe das escolas onde atuo, como professor de matemática, pois o apoio de vocês foi imprescindível para a realização deste trabalho. E principalmente àqueles que foram os nossos sujeitos de pesquisa e tornaram possível e enriquecedora toda essa pesquisa de campo, com importantes contribuições e excelentes comentários sobre os temas apresentados.

A todos os colaboradores que sempre atenderam prontamente às nossas necessidades desde o período de seleção até a conclusão do curso.

Aos professores Arthur B. Powell e Liamara Scortegagna, por terem aceitado fazer parte da banca de qualificação deste trabalho. E aos professores Adriane Melo de Castro Menezes, Cileda de Queiroz e Silva Coutinho, Adlai Ralph Detoni e novamente Liamara Scortegagna, por aceitarem fazer parte da banca de defesa deste trabalho, cuja honra é para mim um momento ímpar e de eterna lembrança.

Enfim, a todos, em que nos apoiaram diretamente e indiretamente na conclusão deste trabalho, muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem como eixo central a Educação Financeira. Nosso estudo tem como objetivo principal investigar a produção de significados financeiro-econômicos de nove indivíduos-consumidores de bens e serviços (KISTEMANN JR., 2011), membros de uma sociedade de consumo líquido-moderna, em relação às atividades, entrevistas e situações-problema apresentadas. Partindo de um curso de orçamento e economia doméstica para professores, dividido em oito módulos-encontros, onde todos eram donos ou donas de casa e participavam ativamente da elaboração e execução de um orçamento doméstico-familiar, buscamos discutir temas e situações-problema referentes às ações de consumo e tomadas de decisão, bem como oferecer informações relevantes para se tentar buscar um melhor gerenciamento de suas finanças pessoais, domésticas e familiares através de um consumo mais consciente e sustentável. Para a realização de tal pesquisa, fundamentamo-nos nos referenciais teórico-metodológicos de: Luís Carlos Ewald, Gustavo Cerbasi, Zygmunt Bauman e Romulo Campos Lins. Nossa pesquisa ainda revelou uma considerável necessidade de se refletir mais esses assuntos de forma coletiva, visando assim uma melhor compreensão de todos os aspectos envolvidos, além de implementar ações que possam contribuir para uma melhor formação financeiro-econômica dos indivíduos-consumidores. E, para que isso se concretize, apresentamos um “livreto didático” como produto educacional, que poderá auxiliar aos interessados como entender e compreender melhor tais questões relacionadas a planejamento financeiro de curto, médio e longo prazo; assim como é relevante também ter e manter o seu próprio orçamento doméstico sempre equilibrado.

Palavras-chave: Produção de Significados, Tomadas de Decisão e Planejamento Financeiro, Consumo, Educação Financeira.

ABSTRACT

This research, qualitative approach, has as its central axis the Financial Education. Our study aims to investigate the production of financial-economic meanings of nine individuals-consumers of goods and services (KISTEMANN JR., 2011), members of a society of liquid-modern consumer, in relation to activities, interviews and problem-situations presented. Starting a course of budget and domestic economy for teachers, divided into eight modules-meetings, where all are owners or housewives and actively participated in the preparation and implementation of a domestic-family budget, we discuss issues and problem situations related to consumer actions and decision-making, and provide relevant information to try to seek a better management of your personal finances, household and family through a more conscious and sustainable consumption. To conduct such research, we base ourselves in the theoretical and methodological framework of Luís Carlos Ewald, Gustavo Cerbasi, Zygmunt Bauman and Romulo Campos Lins. Our research also revealed a considerable need to reflect over these issues collectively, thus aiming at a better understanding of all aspects involved, and implement actions that can contribute to a better financial-economic formation of individuals consumers. And for that to happen, we present an "educational booklet" as an educational product that may help interested how to understand and better understand such issues related to financial planning short, medium and long term; as it is also important to have and maintain their own household budget always balanced.

Keywords: Production of Meanings, Decision Making and Financial Planning, Consumption, Financial Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama da relação entre o custo e a complexidade das diferentes modalidades de crédito	p. 30
Figura 2 – Planilha de Orçamento Doméstico (1ª página)	p. 41
Figura 3 – Planilha de Orçamento Doméstico (2ª página)	p. 42
Figura 4 – Planilha Digital de Orçamento Doméstico (apenas uma parte de sua interface)	p. 43
Figura 5 – Extrato do Bolsa-Família (Referência: Maio/2013)	p. 48
Figura 6 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 134
Figura 7 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 134
Figura 8 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 135
Figura 9 – Registro Escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 135
Figura 10 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 135
Figura 11 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 135
Figura 12 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 135
Figura 13 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 136
Figura 14 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 7	p. 136
Figura 15 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 137
Figura 16 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 137
Figura 17 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 137
Figura 18 – Registro Escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 137
Figura 19 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 137
Figura 20 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 138
Figura 21 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 138
Figura 22 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 138
Figura 23 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 8	p. 138
Figura 24 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 139
Figura 25 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 139
Figura 26 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 140
Figura 27 – Registro Escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 140
Figura 28 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 140
Figura 29 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 140

Figura 30 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 140
Figura 31 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 141
Figura 32 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 9	p. 141
Figura 33 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 142
Figura 34 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 142
Figura 35 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 142
Figura 36 – Registro Escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 143
Figura 37 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 143
Figura 38 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 143
Figura 39 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 144
Figura 40 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 144
Figura 41 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 10	p. 144
Figura 42 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 149
Figura 43 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 149
Figura 44 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 149
Figura 45 – Registro Escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 149
Figura 46 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 150
Figura 47 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 150
Figura 48 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 150
Figura 49 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 150
Figura 50 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 3 – Item 4	p. 150
Figura 51 – Registro Escrito de Ana – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 156
Figura 52 – Registro Escrito de Natasha – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 157
Figura 53 – Registro Escrito de Alegria – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 157
Figura 54 – Registro Escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 157
Figura 55 – Registro Escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 158
Figura 56 – Registro Escrito de Helen – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 158
Figura 57 – Registro Escrito de Saoni – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 158
Figura 58 – Registro Escrito de Júnior – Ficha-Questionário 3 – Item 8	p. 159
Figura 59 – Registro Escrito de Ana – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 184
Figura 60 – Registro Escrito de Natasha – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 184
Figura 61 – Registro Escrito de Alegria – Atividade 2 – Itens 1, 2 e 3	p. 185
Figura 62 – Registro Escrito de Alegria – Atividade 2 – Item 4	p. 185
Figura 63 – Registro Escrito de Ana L. – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 185

Figura 64 – Registro Escrito de Ártemis – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 186
Figura 65 – Registro Escrito de Harmonia – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 186
Figura 66 – Registro Escrito de Helen – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 186
Figura 67 – Registro Escrito de Saoni – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 187
Figura 68 – Registro Escrito de Júnior – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4	p. 187
Figura 69 – Registro Escrito de Ana – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 192
Figura 70 – Registro Escrito de Ana – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 192
Figura 71 – Registro Escrito de Natasha – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 192
Figura 72 – Registro Escrito de Natasha – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 192
Figura 73 – Registro Escrito de Alegria – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 192
Figura 74 – Registro Escrito de Alegria – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 193
Figura 75 – Registro Escrito de Ana L. – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 193
Figura 76 – Registro Escrito de Ana L. – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 193
Figura 77 – Registro Escrito de Ártemis – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 193
Figura 78 – Registro Escrito de Ártemis – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 193
Figura 79 – Registro Escrito de Harmonia – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 193
Figura 80 – Registro Escrito de Harmonia – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 193
Figura 81 – Registro Escrito de Helen – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 194
Figura 82 – Registro Escrito de Helen – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 194
Figura 83 – Registro Escrito de Saoni – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 194
Figura 84 – Registro Escrito de Saoni – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 194
Figura 85 – Registro Escrito de Júnior – Situação-Problema 1 – Item a)	p. 194
Figura 86 – Registro Escrito de Júnior – Situação-Problema 1 – Item b)	p. 194

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação dos oito módulos-encontro da pesquisa de campo .. p. 107

Quadro 2 – Estrutura dos oito módulos-encontro da pesquisa de campo p. 109

LISTA DE SIGLAS

E. E.	Escola Estadual
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
E. M.	Escola Municipal
EMEM	Encontro Mineiro de Educação Matemática
ENEM	Encontro Nacional de Educação Matemática
FAEPE	Fundação de Apoio a Pesquisa e Extensão
GRIFE	Grupo de Investigações Financeiro-Econômicas em Educação Matemática
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOF	Imposto sobre Operações Financeiras
MCS	Modelo dos Campos Semânticos
NIDEEM	Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional
ONGs	Organizações Não governamentais
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PROINFO	Programa Nacional de Informática na Educação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SRE	Superintendência Regional de Educação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UNINCOR	Universidade Vale do Rio Verde

SUMÁRIO

TRAJETÓRIA DO AUTOR	14
INTRODUÇÃO	21
Capítulo 1 – A EDUCAÇÃO FINANCEIRA	26
1.1 – A sua importância em nossas vidas	26
1.2 – A importância do Crédito	30
1.3 – A importância do Planejamento Financeiro	36
1.4 – Planejamento Financeiro e Orçamento Doméstico	39
1.4.1 – Planilhas Orçamentárias e seus elementos	40
1.4.2 – Orçamento e Economia Doméstica.....	45
1.5 – Investimento	50
1.6 – Planejamento Financeiro: algumas dicas para alcançá-lo	53
Capítulo 2 – REVISÃO DE LITERATURA	59
2.1 – Introdução	59
2.2 – Investigações Realizadas	68
2.2.1 – Teses	68
2.2.2 – Dissertações	71
2.2.3 – Monografias	76
2.2.4 – Artigos	80
2.2.5 – Comentários	88
Capítulo 3 – EMBASAMENTOS TEÓRICOS	90
3.1 – O Referencial Teórico: pressupostos	90
3.2 – A questão de investigação	96
Capítulo 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	98
4.1 – Caracterização da Pesquisa	98
4.2 – Nossos Sujeitos de Pesquisa	102
4.3 – Apresentação dos nossos módulos-encontros da Pesquisa	107
4.3.1 – Módulo-encontro 1	110
4.3.2 – Módulo-encontro 2	110
4.3.3 – Módulo-encontro 3	111
4.3.4 – Módulo-encontro 4	112
4.3.5 – Módulo-encontro 5	114
4.3.6 – Módulo-encontro 6	115

4.3.7 – Módulo-encontro 7	116
4.3.8 – Módulo-encontro 8	118
Capítulo 5 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, ATIVIDADES E SITUAÇÕES- PROBLEMA DE CONSUMO E PLANEJAMENTO FINANCEIRO	121
5.1 – Análise das três etapas de entrevistas realizadas com nossos nove indivíduos-consumidores	122
5.1.1 – Etapa 1 de nossas entrevistas	122
5.1.2 – Etapa 2 de nossas entrevistas	131
5.1.3 – Etapa 3 de nossas entrevistas	146
5.2 – Análise das duas atividades relacionadas ao preenchimento individual de uma Planilha Orçamentária	160
5.2.1 – Atividade 1 com a Planilha Orçamentária	160
5.2.2 – Atividade 2 com a Planilha Orçamentária	174
5.3 – Análise das três situações-problema de consumo e planejamento financeiro	189
5.3.1 – Situação-Problema 1	189
5.3.2 – Situação-Problema 3.....	203
5.3.3 – Situação-Problema 5.....	212
Capítulo 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
6.1 – Conclusão	222
6.2 – Produto Educacional	228
6.3 – Perspectivas Futuras	230
REFERÊNCIAS	232
APÊNDICES	235
APÊNDICE A – Termo de Compromisso	235
APÊNDICE B – Ficha-questionário 1 para as Entrevistas Individuais com cada um dos Participantes	236
APÊNDICE C – Ficha-questionário 2 para as Entrevistas Individuais com cada um dos Participantes sobre perfil financeiro	239
APÊNDICE D – Ficha-questionário 3 de pós-curso para avaliação do mesmo	241
APÊNDICE E – Atividade com a Planilha Orçamentária, Fichas-Questionários 1, 2 e 3, Situações-Problemas 1, 2, 3, 4 e 5 de nossos Nove Participantes e Transcrição de áudio e vídeo – em CD a parte – de todos os módulos-encontros analisados, inclusive os realizados em duas etapas.	

TRAJETÓRIA DO AUTOR

Este trabalho se inicia com a apresentação de um breve relato da nossa trajetória acadêmica e profissional até o ingresso nesse mestrado. Na sequência pontuaremos alguns registros de fatos e acontecimentos que nos levaram a escolher esse tema de pesquisa, junto a outros fatores internos e externos que também nos influenciaram nessa escolha, como por exemplo: a falta de planejamento financeiro por grande parte da população e o alto índice de endividamento das famílias brasileiras.

Atualmente, pode-se dizer que essas duas inquietações acima já se tornaram assuntos de enorme destaque em algumas reportagens da mídia brasileira ao abordar a real situação financeiro-econômica dos brasileiros e de suas famílias; e também em algo preocupante para governos e toda a sociedade em geral, apesar de que algumas dessas dívidas contraídas são consideradas “boas”, segundo vários especialistas, dependendo do ponto de vista que às analisamos em comparação com suas finanças pessoais, domésticas e familiares e o seu cotidiano.

Iniciamos a trajetória acadêmica, ingressando aos sete anos de idade no Ensino Fundamental I e aos onze no Ensino Fundamental II, que ambos concluí em escolas públicas estaduais. Depois disso, em 1992, optei por fazer um curso Técnico em Contabilidade com materiais de apoio e ensino do SENAC¹ numa Escola Técnica de 2º grau da Prefeitura de Bom Jardim de Minas - MG.

Naquela época, tal situação era admitida por lei, todos podiam optar em fazer um curso técnico sem ter concluído o atual Ensino Médio e depois ao final do curso tinham além da certificação técnica a conclusão do 2º grau, hoje Ensino Médio, pois eram equiparados por lei os respectivos cursos – atualmente isso não é permitido.

Em 1994, quando terminei esse curso Técnico em Contabilidade, resolvi prestar o vestibular para Ciências Contábeis, pois supostamente teria uma carreira mais “promissora” e na mesma área que o curso técnico que acabara de concluir. Mas dias antes de fazer o vestibular, uma vizinha que era professora do primeiro segmento do Ensino Fundamental e conhecia bem o nosso histórico de ótimo desempenho em matemática, em uma conversa informal entre vizinhos, me indagou se lá no fundo de meus pensamentos não havia um interesse de nossa parte em ser

¹ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

professor de matemática – fato que até aquele momento não tínhamos pensado e nem analisado tal possibilidade. Perante essa indagação e muitas outras reflexões sobre esse mesmo assunto, resolvi então trocar minha inscrição do vestibular de Ciências Contábeis para o de Matemática, na mesma universidade.

Daí em diante, após ingressar em 1995, no curso de Matemática da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, de Três Corações - MG, fiquei muito entusiasmado pelo conjunto que o ambiente universitário me proporcionava em possibilidades e oportunidades futuras; e também seduzido pelo “poder de tal perfeição” que a Matemática exercia, ao estar presente em diversas aplicações do nosso dia-a-dia e em áreas afins, mesmo que seja nos mínimos detalhes imperceptíveis aos nossos olhares.

Apesar de muitos conhecidos, parentes e amigos dizerem sempre que a profissão de professor que estava escolhendo não me “daria um bom futuro”, decidi continuar fazendo a graduação até o fim, pois acredito que a escolha de uma profissão nunca se dá sozinho e sim devido a vários fatores sociais, financeiros e econômicos. Principalmente esta, onde é primordial e fascinante poder exercer um “papel de tentar ensinar e educar” matematicamente nossas crianças, jovens e adultos para um mundo melhor e mais justo.

Antes de concluir a licenciatura em dezembro de 1998, fiz um concurso público no início deste mesmo ano para professor de Matemática da rede municipal de Bom Jardim de Minas - MG, município onde residem os meus pais até hoje desde que viemos do estado do Rio de Janeiro em 1981 e local onde vivenciei toda a minha infância e adolescência. Após todas as etapas desse concurso, fui aprovado e classificado em terceiro lugar, mas não obtive o êxito da efetivação, pois só havia duas vagas nessa rede de ensino, já pré-estabelecidas no edital.

Minha vida profissional começou neste último ano da faculdade, em maio de 1998, quando já estava fazendo os estágios supervisionados numa escola estadual, onde havia cursado do 6º ao 9º ano do EF e também o 1º ano do EM, e uma professora de ciências, que trabalhava no turno da noite, adoeceu e teve que tirar uma licença de 30 dias para recuperar sua saúde. Foi aí que surgiu a minha primeira oportunidade de entrar em uma sala de aula como “professor regente”, de “Ciências” e não de Matemática. Após passar por esse prazo contratual de um mês e tudo “fluir bem”, no sentido de conseguir substituir bem essa professora no respectivo prazo; em junho, outra professora que lecionava Matemática e Física no Ensino Médio se

aposentou, surgindo assim uma nova oportunidade de ser contratado e novamente aceitei o desafio até o final do ano.

No mesmo ano, em setembro de 1998, apareceu também outra oportunidade de trabalhar como professor contratado de Matemática na rede municipal de ensino, onde já havíamos prestado o primeiro concurso público, mas a vaga era em um distrito rural, na E. M. São Sebastião de 1º ao 9º ano do EF, nas respectivas séries de 8º e 9º ano; e naquele momento resolvi aceitar mais esse novo desafio.

Nesta escola municipal, aprendi muito com os meus alunos da zona rural que tinham uma vivência de mundo totalmente diferente da minha, com costumes e culturas próprias do seu dia a dia, além de me instigar como os mesmos, apesar da dificuldade de chegar à escola e com pouco tempo para estudar, entendiam e aprendiam de uma maneira rápida o conhecimento matemático lecionado durante as aulas.

Com o passar do tempo, consegui perceber que estes alunos eram mais dedicados aos estudos do que outros, de mesma série e idade, que lecionávamos na zona urbana do mesmo município, e não enfrentavam os seus problemas diários de locomoção, devido a um fator contundente na educação que era um maior envolvimento de suas respectivas famílias nas questões escolares e no seu próprio aproveitamento escolar.

Trabalhei neste local até dezembro de 2000, momento em que houve uma mudança político-partidária na administração pública municipal e tive que buscar novos horizontes, aqui no município de Juiz de Fora. Apesar de ter atuado outras vezes na rede estadual de ensino daquele município, onde vivenciei as primeiras experiências profissionais já relatadas, como professor contratado de matemática e de física por curtos e médios períodos de tempo.

Em 2001, após passar por toda essa turbulência, mudei para Juiz de Fora e enfrentei inicialmente um desafio maior ainda do que os outros anteriores, que era atuar apenas como professor contratado de física no turno da manhã e da noite, em dois cargos, na E. E. Presidente Costa e Silva – Polivalente de Benfica. Entretanto, já possuía experiências anteriores nessa área do conhecimento, e adaptei bem a esse novo ritmo de trabalho, mas sempre ficava pensando “quando e onde” voltaria a trabalhar como professor de matemática.

Neste momento, também em 2001, fiz então três concursos públicos: dois deles, para ser professor de matemática do estado de MG e um para ser professor

de matemática do município de Juiz de Fora; em todos eles obtive o êxito da aprovação, mas não o da efetivação imediata.

Em 2002, continuei a ser professor de física em apenas um cargo na mesma escola estadual de 2001, e comecei uma nova caminhada em minha vida profissional, voltando a ser professor contratado de matemática, pela lista do concurso do estado MG, nos 8^{os} anos do Ensino Fundamental da E. E. Professor Lopes, em Benfica, neste município.

Em busca de maior aprofundamento nos estudos para tentarmos melhor entender essa falta de interesse de alguns professores e alunos e até mesmo da escola como um todo, pelo “uso das novas tecnologias” no ensino e aprendizagem de física e de matemática, resolvi então fazer alguns dos módulos-encontro² do PROINFO³, ministrados pelos profissionais do NTE⁴ da Secretaria Estadual de Educação, representados aqui em nossa região pela antiga 18^a SRE⁵, agora apenas SRE de Juiz de Fora. E logo após desenvolver vários projetos em parceria com outras áreas do conhecimento, como por exemplo: português, geografia e história, na escola estadual em que trabalhávamos desde 2001, e que constantemente usávamos em conjunto o seu laboratório de informática para pesquisar e desenvolver tais projetos com os alunos, que até o momento então era pouco utilizado pelos demais professores, fomos por esse e outros motivos chamados a participar de eventos e palestras do referido tema em questão.

Depois desta experiência profissional vivenciada com sucesso, participei de várias edições da Mostra de Informática Aplicada a Educação, realizada pela SRE de Juiz de Fora, aberta ao público e voltada principalmente a todos os profissionais da área de educação. Resolvi então buscar algo novo e mais relevante para minha formação, retornando no 2^o semestre de 2002 à Universidade para cursar uma Especialização ou pós-graduação lato sensu relacionada a esse uso da Informática na Educação.

Durante o curso de especialização realizado na UFLA/FAEPE⁶, campus histórico / Lavras – MG, aprendi a lidar com projetos de pesquisa mais bem

² Encontros presenciais realizados em etapas previamente estabelecidas e com carga horária já definida.

³ Programa Nacional de Informática na Educação – lançado em 1997 pela Secretaria de Educação a Distância (Seed/MEC).

⁴ Núcleo de Tecnologia Educacional.

⁵ Superintendência Regional de Educação.

⁶ Universidade Federal de Lavras em conjunto com sua Fundação de Apoio a Pesquisa e Extensão.

elaborados e voltados realmente para o uso da informática na educação como um todo, inclusive nos processos de ensino e aprendizagem da matemática. Despertando assim o meu desejo pela pesquisa e troca de experiências que me levassem a novas situações, vivências, conjecturas, no âmbito educacional com os meus alunos em sala de aula, pois sempre gostei de fazer da Matemática uma fonte de reflexão para a vida.

Entretanto, devido a minha experiência profissional, pude observar bem de perto que quando se desenvolve bons projetos de pesquisa relacionados às TICs⁷, eles contribuem muito para o processo de ensino e aprendizagem da Matemática junto aos nossos alunos, pois funcionam como uma metodologia alternativa e inovadora, já defendida anteriormente por vários educadores, como: Piaget e Vygotsky, entre outros. Mas tudo isso no sentido de despertar uma aprendizagem significativa e construtivista para os alunos e a mesma poderá ainda conduzi-los a serem sujeitos mais conscientes e participativos de sua própria autonomia social, além de colaborar com o seu próprio desenvolvimento intelectual e racional.

Em 2003, vivenciei uma nova mudança na postura profissional, pois foi nesta época que consegui ser novamente contratado apenas como professor de Matemática na rede municipal e estadual de ensino. Nos anos seguintes de 2004 e 2005, respectivamente, fui efetivado como professor de Matemática no estado de Minas Gerais e na prefeitura de Juiz de Fora, momentos de muita felicidade para mim e meus familiares, uma vez que tinha agora dois empregos fixos, o que nos traz uma “certa segurança e tranquilidade financeiro-econômica”, além de uma estabilidade funcional e institucional.

Mas partindo de meu interesse e vontade de cada vez mais aprimorar os conhecimentos sobre o assunto: “o uso de novas tecnologias no ensino e aprendizagem da Matemática”, resolvi então fazer a minha inscrição no processo seletivo deste Mestrado Profissional em Educação Matemática – já bem estruturado nessa universidade e referência em toda a nossa região.

Inicialmente, queria ingressar no programa, com o intuito de aprimorar a minha prática docente em sala de aula e partilhá-la com os meus atuais e futuros colegas que também utilizam dessas novas tecnologias como recurso inovador na educação matemática. Mas fatos novos acontecem e mudam nossa trajetória

⁷ Tecnologias da Informação e Comunicação.

acadêmica e profissional a todo instante, inclusive nossos anseios e nossas expectativas futuras.

No entanto, foi durante o VI Encontro Mineiro de Educação Matemática (VI EMEM), em meados de novembro de 2012, evento realizado nesta universidade, que após participar intensamente de todas as suas atividades propostas, inclusive de conversas e diálogos com ex e atuais alunos desse mestrado sobre possíveis temáticas de pesquisa, conheci melhor o professor Dr. Marco Aurélio Kistemann Júnior, meu orientador, em um bate papo informal nos intervalos desse evento. E no final de uma série de apresentações conjunta com seu grupo de pesquisa, o GRIFE, da UFJF, é que ele nos convidou para participar de fato das discussões do seu grupo de pesquisa e aceitou-me como seu orientando da turma de 2013 deste mestrado, que naquele momento já estava se formando.

Ao iniciar este curso de Mestrado Profissional em Educação Matemática, iniciei também os meus primeiros contatos com o estudo da Educação Financeira, e foi aqui no grupo de estudos GRIFE/UFJF que busquei entender melhor essa atual necessidade de sempre que for possível deve-se abrir um espaço em nossas vidas para se promover uma maior reflexão e discussão em torno das questões financeiro-econômicas e situações de consumo, planejamento e organização financeira, com nossos alunos, familiares, amigos, colegas de trabalho e outros interessados nessa mesma temática, tão importante nos dias de hoje. Principalmente, no que diz respeito à Educação Matemática e também a minha pesquisa, que está centrada em gerar cidadãos mais conscientes, críticos e atuantes na discussão de estratégias relacionadas às suas tomadas de decisão financeiro-econômicas e de suas famílias, membros integrantes de uma nova sociedade líquido-moderna de consumo, perante as suas “reais” situações de consumo e o seu atual planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar, além é claro do seu principal instrumento de controle o orçamento doméstico.

Ao longo de todo o ano de 2013 e 2014, após longas conversas e debates com o meu orientador sobre a Educação Financeira, definimos em conjunto o tema de nossa pesquisa e qual a vertente que deveríamos seguir e focar todo esse processo de trabalho, leitura, pesquisa e escrita sobre o mesmo. Desde então, estou trabalhando junto com o meu orientador, e assim, o que era inicialmente apenas uma ideia está se desenvolvendo e ganhando contornos e formas de uma pesquisa

qualitativa com a temática de Educação Financeira, alvo central de nossa investigação.

O nosso trabalho encontra-se inserido no subgrupo de pesquisa do NIDEEM⁸, intitulado Grupo de Investigações Financeiro-Econômicas em Educação Matemática, GRIFE/UFJF, que faz parte do programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e suas atividades estão inseridas na linha 1 de pesquisa, sob orientação do Professor Doutor Marco Aurélio Kistemann Júnior.

Este grupo de estudos, do qual faço parte, trabalha no aprofundamento de novos conhecimentos por meio de discussões e leituras que realizamos em nossos encontros acerca dos mais diversos assuntos que abrange o tema “Educação Financeira” em geral. E sua área de atuação se faz presente aqui no município de Juiz de Fora e em outros do estado de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, tendo nas escolas públicas, seu principal campo de pesquisas.

Ressaltamos ainda, que o nosso trabalho não é o único neste grupo e nem uma parte isolada do mesmo, ou seja, há ocorrência de vários outros trabalhos neste mestrado profissional. Por isso iremos depois abrir um espaço especial nesse texto, durante o capítulo 2 sobre a revisão de literatura, para que possamos fornecer aos leitores informações precisas a respeito das outras pesquisas que já foram concluídas, neste e também no outro grupo de estudos do NIDEEM/UFJF, com a temática principal relacionada à questão “Financeira”; mediante vários pontos de vista e interesses, mas procuraremos aqui sempre obedecer a uma ordem cronológica de suas defesas e realizações.

⁸ Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática – NIDEEM/UFJF.

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa, de cunho qualitativo, busca investigar os significados produzidos através de vários fatores que influenciam, positivamente e/ou negativamente, as tomadas de decisão financeiro-econômicas de nossos sujeitos de pesquisa, indivíduos-consumidores⁹ de bens e serviços (KISTEMANN JR., 2011), sobre os seus gastos pessoais, domésticos e familiares, e frente a esta nova sociedade de consumo que estamos vivenciando no momento, a “líquido-moderna¹⁰”, em que tudo é descartável, instantâneo e insaciável, para que cada vez mais se vá apenas consumindo, sem se quer pensar no dia de amanhã e em um consumo mais responsável, sustentável e consciente que não agrida tanto a saúde do nosso planeta e nem a nossa situação financeiro-econômica.

Atualmente neste ambiente líquido-moderno de grandes mudanças repentinas, a sociedade de consumidores está presenciando uma situação bastante intrigante que chama muito a nossa atenção e principalmente o interesse do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, autor de vários livros que tratam da teoria social da modernidade e da pós-modernidade, em relação às suas análises dessa nova sociedade, que é o “encurtamento do caminho” que um produto ou objeto faz e percorre entre a loja e a lata de lixo, ou seja, entre a sua compra e/ou aquisição e o seu descarte final.

Em relação a este fato, podemos dizer que o mesmo ocorre devido a inúmeros fatores, mas o que queremos destacar aqui acontece, principalmente, porque nada hoje em dia é produzido com intuito de ser duradouro e resistente à ação do tempo e ao uso do produto, como antigamente. Atualmente, há uma grande variedade e constante renovação do mesmo produto, ou seja, sempre há um produto mais novo e moderno já pronto para ser lançado e comercializado, ou simplesmente estão apenas aguardando a sua fase final de testes, para poder

⁹ O termo **indivíduos-consumidores** é extraído da pesquisa de doutorado de Kistemann Jr. (2011) e significa indivíduos que consomem algo, que significados produzem, quando se deparam com um quadro financeiro-econômico e com seus objetos, e que instrumental matemático utilizam (ou não) para tomarem suas decisões.

¹⁰ Sociedade “líquido-moderna”, termo cunhado por Zygmunt Bauman, designa uma sociedade na qual as condições sob as quais agem seus indivíduos mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir e refletir sobre sua situação no mundo social. A liquidez da vida e a da sociedade se retroalimentam e se revigoram mutuamente.

substituir rapidamente o item anterior num “piscar de olhos” e estimular assim um novo desejo e propriamente dito um novo consumo.

No entanto, esse novo ambiente de pura complexidade provoca em nós um sentimento de insaciabilidade de nossos desejos, vontades e necessidades, como nos é apontado pelas autoras D’Aquino e Maldonado (2012, p. 57): “(...) na sociedade de consumo não pode existir a saciedade. O indivíduo tem que viver no contínuo giro rápido do desejo não satisfeito, para que ele possa buscar mais e mais... E isso é o que faz funcionar uma sociedade de consumo”.

Outro fator importante que devemos destacar e refletir um pouco mais sobre suas origens e consequências, diante da situação acima exposta, é a instabilidade ambiental que isso pode provocar num futuro próximo em todo o nosso planeta. Principalmente, em relação à exploração desenfreada de alguns recursos naturais que são esgotáveis e não renováveis, para a produção de novos produtos sem se preocupar em reciclar partes dos materiais utilizados na construção dos seus antecessores já descartados e que juntos podem gerar uma montanha de lixo.

Essas situações também são expostas pelas autoras D’Aquino e Maldonado (2012, p. 41) ao apontarem que: “(...) nossa casa coletiva que não está suportando mais isso, essa questão do desperdício, da ostentação, ou do superconsumo, um monte de compras, um monte de lixo, um monte de coisas, objetos descartáveis”.

E preocupados com as questões supracitadas, realizamos uma pesquisa com nove professores de uma escola pública estadual de Juiz de Fora - MG, onde todos eram “donos ou donas de casa¹¹” e participavam ativamente da elaboração e execução de um orçamento doméstico-familiar, além de participarem plenamente das nossas discussões propostas em oito módulos-encontros sobre Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica e outras atividades relacionadas aos gastos financeiros em geral das famílias brasileiras. Todas as atividades foram pensadas e elaboradas com um intuito de cunho exploratório e investigativo que nos remete a uma Educação Financeira mais consciente e crítica, diante de todos esses fatores financeiro-econômicos que nos cercam e às atuais apelações áudio visuais e consumistas do mundo moderno.

Embasamo-nos teoricamente no Modelo dos Campos Semânticos (MCS) de Romulo Campos Lins, presentes em Lins e Gimenez (1997), Lins (1999), Silva

¹¹ Esse termo “donos ou donas de casa”, se refere a toda pessoa que administra sozinho ou em comunhão com seu cônjuge uma casa ou um lar nos aspectos físicos, financeiros e emocionais.

(2003) e Kistemann Jr. (2011), para analisar todas as informações coletadas na pesquisa de campo. Quanto às questões relacionadas a Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica, os referenciais foram Luís Carlos Ewald (2003) e Gustavo Cerbasi (2004, 2005, 2009 e 2013). Além de Zygmunt Bauman (2008) na questão do Consumo e em Marco Aurélio Kistemann Jr. (2011) para questões relacionadas à produção de significados junto às tomadas de decisão dos indivíduos-consumidores a partir de suas doze categorias de consumo já fundamentadas e investigadas em sua tese de doutorado.

Durante o nosso trabalho investigamos mais a fundo o que nossos sujeitos de pesquisa, indivíduos-consumidores de bens e serviços, tinham a nos dizer sobre como: i) organizam e fazem seu planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar, junto a seu principal instrumento de controle o orçamento doméstico, ii) executam as suas ações de consumo e iii) tomam suas respectivas decisões financeiro-econômicas em seu mundo propriamente dito, em que se dão todas as suas relações sócio-político-econômicas e também frente as nossas “reais” situações de consumo e planejamento, propostas durante a pesquisa.

Usufruímos do meio da *leitura plausível*¹² dos significados produzidos por eles e guiados também por nossa pergunta diretriz: **“Como ter e manter um orçamento doméstico equilibrado numa sociedade líquido-moderna de consumo?”**, para analisarmos todos os dados coletados durante a nossa pesquisa de campo, por meio de escritas, gravações de áudio e vídeo em torno do que eles tinham a nos dizer sobre suas ações de consumo e planejamento financeiro, assim como suas tomadas de decisão financeiro-econômicas cotidianas.

Devido à importância de nossos debates em torno das questões financeiro-econômicas, principalmente agora em tempos de crise financeira que o país está atravessando, e uma considerável necessidade revelada ao final de nossa pesquisa de se refletir mais sobre esses temas de forma coletiva, visando assim uma melhor compreensão por parte dos indivíduos-consumidores de todos os aspectos envolvidos, elaboramos um Produto Educacional, em forma de “livreto didático”, que poderá auxiliar a todos os envolvidos e interessados neste assunto, como entender e compreender melhor a real importância de sempre, que possível, discutir tais

¹² O termo **leitura plausível** é um conceito do Modelo dos Campos Semânticos, apresentado por Romulo Campos Lins, que tem como objetivo “mapear o terreno”, ao mesmo tempo, que trata de saber onde o sujeito está em uma determinada atividade.

pontos relacionados à Educação Financeira e a um “bom” planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar – de curto, médio e longo prazo.

Vimos como relevante, também, ressaltar aqui que ter e manter o seu próprio orçamento doméstico sempre equilibrado é um desafio constante ao final de cada mês, mas por outro lado esta tarefa se torna gratificante ao perceber que empenho e dedicação traz consigo uma fuga real das atuais armadilhas financeiro-econômicas que o mundo moderno tem oferecido e, conseqüentemente, de todos os seus efeitos colaterais e nocivos que podem vir a afetar a sua saúde financeira e de seus familiares.

Nossa dissertação, em sua versão final, está estruturada em seis capítulos, além da trajetória do autor e de uma introdução.

O **primeiro capítulo** trata especificamente da importância que tem a Educação Financeira em nossas vidas, além de outras discussões a respeito da consolidação da atual necessidade, segundo vários autores, de sempre se ter e manter um bom planejamento financeiro – seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar, atrelado ao seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico. E em seguida, ressalta alguns pontos financeiro-econômicos que todos nós, junto aos nossos familiares, podemos desenvolver através da transformação de nossas atitudes e planos para se alcançar metas e objetivos a curto, médio ou longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida hoje, amanhã e dias futuros.

O **segundo capítulo** apresenta uma revisão de literatura com a finalidade de se levantar alguns aspectos que ainda não foram abordados por estudos anteriores na área da Educação Matemática e como o nosso trabalho contribuirá para preencher essas lacunas, principalmente nas questões relacionadas ao planejamento financeiro, orçamento e economia doméstica, proporcionando assim um novo olhar sobre essa parte da Educação Financeira – ainda pouco discutida, e uma possível complementação à literatura científica existente.

O **terceiro capítulo** aborda o foco, a fundamentação teórica deste trabalho e a nossa posição a cerca do que se entende por produção de significados, junto aos nossos referenciais teóricos e como os mesmos nos auxiliarão a responder a nossa questão de investigação.

O **quarto capítulo** descreve os procedimentos metodológicos escolhidos para esta investigação, com o objetivo de se relatar como foram desenvolvidas as

nossas etapas da pesquisa de campo – divididas em três entrevistas e oito módulos-encontros; começando assim pela sua caracterização como de cunho qualitativo, o contexto em que ela foi desenvolvida, e logo após os nossos sujeitos de pesquisa e todas as atividades que foram realizadas durante todos os nossos módulos-encontros.

O **quinto capítulo** apresenta as análises das leituras e considerações plausíveis das três etapas de entrevistas realizadas com os nove indivíduos-consumidores e também de duas atividades com uma planilha orçamentária e três situações-problemas de consumo e planejamento financeiro realizadas por eles, durante os nossos módulos-encontro, por meio de categorias de consumo.

O **sexto capítulo** estabelece nossas considerações finais, buscando apresentar momentos relevantes deste trabalho. Nele, apresenta-se também uma descrição do nosso produto educacional, bem como perspectivas futuras para os próximos anos e a continuidade desse trabalho.

1-A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

1.1- A importância da Educação Financeira em nossas vidas

Neste capítulo, abordamos a importância que a Educação Financeira tem em nossas vidas cotidianas, além de outras discussões a respeito da consolidação da atual necessidade, segundo vários autores, de sempre se ter e manter um “bom” planejamento financeiro e se possível equilibrado – seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar; pois é através dele e de seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico que todos nós, junto aos nossos familiares, podemos conhecer de fato todas as nossas receitas e despesas mensais e a partir delas desenvolver novos planos e estratégias para se alcançar metas e objetivos previamente estabelecidos a curto, médio ou longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida hoje, amanhã e dias futuros.

A Educação Financeira é um tema ainda pouco explorado no âmbito das pesquisas em Educação Matemática e se tratando, portanto, de um tema com potencial enorme para futuros estudos no interior dessa mesma área. E o nosso trabalho, pretende abordar uma parte desse tema ainda pouco discutida, na área de Educação Matemática, quando se trata de itens como: Planejamento Financeiro, Consumo, Orçamento e Economia Doméstica, e a sua relação direta com a vida financeiro-econômica dos profissionais da educação, que atuam de fato no ambiente escolar; principalmente os professores que às vezes trabalham exaustivamente em várias escolas e ainda tentam encontrar tempo necessário para se administrar “bem” todas as suas finanças pessoais, domésticas e familiares, atreladas ao seu próprio orçamento doméstico mensal.

Atualmente, podemos dizer que a abordagem da educação financeira no mundo tem sido tratada como um dos temas centrais das grandes discussões internacionais do momento. Organismos representantes de diferentes nações, autoridades governamentais, segmentos da iniciativa privada e organizações não governamentais (ONGs) têm sempre enfatizado a necessidade, do ponto de vista prudencial, de se instruir financeiramente, cada vez mais, todos os cidadãos, indivíduos-consumidores de bens e serviços, ativos ou não economicamente.

Com a democratização do crédito, ou seja, do acesso aos serviços financeiros, isso passou a ser realmente uma condição necessária para a vida econômica e social desses indivíduos-consumidores, mas devemos ficar atentos e nos questionar sempre: i) De que forma ou maneira isso tem ocorrido? ii) Quais os princípios e aspectos financeiros discutidos durante essa “instrução” dito financeira? e por último, iii) Quem as ministra: instituições financeiras ou a própria escola?.

Acreditamos que o melhor local para se discutir a Educação Financeira seja inicialmente o seio familiar, com orientações e supervisão dos pais, e depois a escola, onde a partir das leituras que fizemos encontramos diversas possibilidades. Mas a mais sugerida por diversos pesquisadores é que se discuta essa temática desde o ingresso desses alunos no sistema de ensino, principalmente na Educação Básica, junto aos conteúdos de Matemática e como uma abordagem transversal.

Para se refletir melhor as questões financeiro-econômicas e situações de consumo, tão essenciais nos dias de hoje, no ambiente escolar é necessário que tenhamos objetivos claros e bem definidos para se conseguir atingir plenamente a meta principal; que é gerar cidadãos ou indivíduos-consumidores mais conscientes, críticos e atuantes na discussão de estratégias relacionadas às suas tomadas de decisão financeiro-econômicas e de suas famílias, perante esta nova sociedade líquido-moderna de consumo. Mas não devemos aqui confundir o ensino simplesmente de técnicas ou “macetes” matemáticos de como administrar bem o seu dinheiro como sendo a Educação Financeira que desejamos e almejamos, pois é necessário muito mais do que isso devido à extrema complexidade desse assunto.

Devemos levar em conta também que na maioria dos países, inclusive no Brasil, sempre “há uma relevante parcela da sociedade que enfrenta dificuldades em acessar e utilizar de maneira adequada esses produtos” (PINHEIRO, 2008, p. 1) de ordem financeira. Por esse motivo, especialistas defendem que a Educação Financeira deve ser aliada à proteção do indivíduo-consumidor, pois se torna cada vez mais necessário, ajudar toda essa população a entender melhor quem são os órgãos e entidades do sistema financeiro nacional e quais são os fatores de risco e os aspectos financeiros envolvidos por trás de cada uma dessas situações de consumo de bens e serviços, bem como incentivar essas pessoas a promoverem um consumo mais consciente e responsável de certos produtos financeiro-econômicos.

De acordo com a OCDE¹³ (2004), Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, possam desenvolver as competências e a confiança necessárias para que se tornem mais conscientes das oportunidades e riscos financeiros de modo a fazer escolhas financeiras de melhor qualidade, a saber, onde procurar ajuda e a adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar financeiro.

Mas percebemos que uma grande parcela da população brasileira, composta por indivíduos-consumidores ativos economicamente, ainda não tem o “bom” hábito de controlar financeiramente todos os seus gastos pessoais, domésticos e familiares de curto, médio e longo prazo. Utilizam seus recursos ou receitas financeiras de uma forma desordenada, e muitas vezes sem nenhuma estratégia e/ou planejamento prévio de suas despesas essenciais, como por exemplo: em contas de água, luz, telefone, internet, aluguel, condomínio, entre outras; e gastam também uma parte desses valores recebidos comprando futilidades ou itens que naquele momento se julgariam desnecessários ou supérfluos à sua vida cotidiana, provocando assim desperdícios que no final das contas poderiam ser evitados ou até mesmo suprimidos para se obter um maior equilíbrio financeiro mensal entre suas receitas e despesas.

Devido a essa falta de estruturação ou ausência de um bom planejamento financeiro, os indivíduos-consumidores e suas famílias podem vir a ter num futuro próximo, ou às vezes já tem e até convivem com, diversos problemas de ordem financeira, como endividamentos e outros riscos ou males que afetam diretamente o seu bem-estar financeiro. Nesse sentido, concordamos com Ewald (2003, p. 11) quando nos diz que “Planejamento Financeiro é fundamental para uma Família que pretende ter as contas em dia e com isso levar uma vida sem estresse”, e com Tommasi e Lima (2007, p. 15) ao afirmar que “a Educação Financeira nos permite sermos mais eficientes no tratamento das finanças”.

A importância da Educação Financeira deve ser destacada, pois já se mostrou necessária quando nos revelou sua face diversas vezes durante os períodos de crise financeira global mais intensa e também devido a seus efeitos colaterais ainda não superados, tais como: a recessão na economia, a restrição do

¹³ Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

crédito com o aumento dos juros, a redução na produção industrial e o aumento no nível do desemprego. Querendo ou não esses efeitos colaterais das crises sempre nos afetam diretamente, seja aqui no Brasil ou outros países, em proporcionalidades diferentes de acordo com o momento financeiro-econômico em que cada país está vivenciando.

Em períodos de recessão, provocados pelos efeitos destas crises, é comum ocorrerem cortes na oferta de créditos, empréstimos e financiamentos por parte das instituições financeiras, devido ao aumento do fator de risco e retorno dessas operações – conceitos básicos das finanças, e conseqüentemente há uma mudança para cima no patamar dessas taxas de juros em todos os tipos de créditos ofertados, obedecendo assim a um princípio fundamental do mercado: a famosa lei da oferta e da procura.

Devemos levar ainda em consideração, segundo Gustavo Cerbasi (apud THEODORO, 2011, p. 70), que o “custo do dinheiro no Brasil inviabiliza as operações de crédito”, pois o acesso ao crédito no país vem sempre acompanhado de altas taxas de juros, que podem gerar montantes impagáveis. Por isso, sempre devemos refletir a importância e a necessidade de se utilizar o crédito com consciência e muita responsabilidade, pois o mesmo quando utilizado de forma consciente traz benefícios; mas quando utilizado com negligência, principalmente por aqueles indivíduos-consumidores desinformados e que não dispõem ainda de uma boa educação financeira, pode causar endividamentos exacerbados.

Concordamos ainda com Cerbasi (apud THEODORO, 2011, p. 70) quando nos diz que:

Há anos o Brasil é um dos melhores países do mundo para se investir. Os juros não caem, em grande parte porque há muitas famílias e empresas endividadas. O dinheiro é escasso e custa caro. (CERBASI, 2010).

Outro fator importante que também devemos levar em consideração para termos juros de empréstimos bancários altíssimos e quase impagáveis em nosso país é a vulnerabilidade da nossa economia. Como nos afirma Ewald (2003, p. 30) quando relata que:

Os juros no Brasil são muito altos para atrair especuladores internacionais, mas eles deveriam ser baixos para atrair apenas investidores externos. Daí, com essa desculpa esfarrapada, quem cair nas malhas dos bancos vai ficar mal de vida, muito mais ainda quem estiver endividado no CHEQUE ESPECIAL ou nos JUROS DOS ROTATIVOS DE CARTÃO DE CRÉDITO, correndo na frente de uma bola-de-neve.

Ou seja, devemos ter sempre consciência e cuidado com o “poder dos juros compostos¹⁴”, pois eles podem fazer com que as dívidas ou empréstimos cresçam exponencialmente e se tornem quase impagáveis.

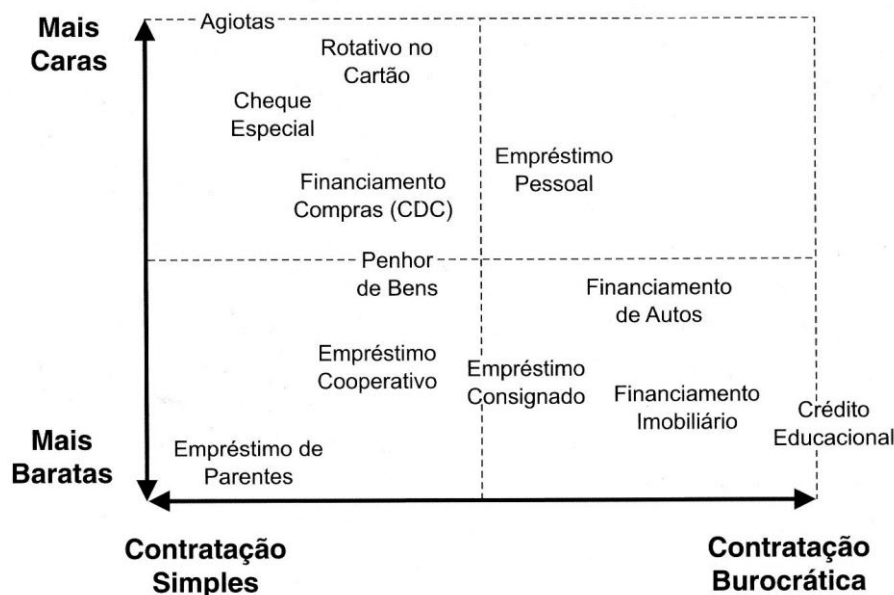
1.2- A importância do Crédito

Usar ou não usar o crédito, é sempre uma questão que gera muita polêmica e discussão, mas concordamos com Cerbasi (2009, p. 89) quando nos afirma que:

Crédito não é veneno e nem faz mal a saúde financeira. Crédito é uma benção, um privilégio dos que podem contar com ele para custear eventualidades ou mesmo para realizar desejos sem resultar em desmantelamento de sua estratégia de previdência ou de suas oportunidades de investimento. Usar empréstimos e financiamentos de vez em quando não só traz a oportunidade de conhecer esse serviço financeiro como também cria um histórico interessante para futuras negociações com seu gerente ou analista de crédito.

Cabe ressaltar que no sistema financeiro nacional há várias modalidades de crédito. A seguir iremos expor um diagrama que mostra na Figura 1 a relação que há entre o custo e a complexidade de contratação das mesmas.

Figura 1: Diagrama da relação entre o custo e a complexidade das diferentes modalidades de crédito.



Fonte: Gustavo Cerbasi (2009, p. 95).

¹⁴ Segundo Albert Einstein: “A força mais poderosa do universo é a dos juros compostos”.

Notamos que esses produtos tipicamente financeiros, estão muito presentes em nossas vidas cotidianas, e seguem “uma diagonal lógica, do canto inferior direito do diagrama para o canto esquerdo superior” (CERBASI, 2009, p. 96). Seguindo esta diagonal, observamos que os produtos que nos darão mais trabalho para contratá-los, devido a sua burocracia e especificidade, nos premiam com um custo menor ou com taxas de juros mais baratas. Destacamos que a alternativa “Empréstimo de Parentes” ou até mesmo de amigos, situada no canto inferior esquerdo desse diagrama, foge totalmente a essa regra da diagonal lógica exposta por Cerbasi (2009), pois o mesmo não tem burocracia e paga-se, ou não, juros mais barato do mercado, mas sempre tem que passar por um grau de constrangimento muito elevado, fazendo que a maioria das pessoas desista rapidamente dessa modalidade de crédito.

Segundo Cerbasi (2009, p. 97) “a escolha de um tipo de empréstimo ou financiamento deve levar em consideração as perdas que você estará sujeito caso não consiga honrar o compromisso de pagamento”. Por isso, antes de escolher qualquer tipo de modalidade de crédito é necessário analisar bem todas as suas possibilidades e só assumir o risco se o grau de certeza de pagamento for elevado, pois ao se tornar inadimplente da mesma, poderá ainda ficar sem o bem adquirido, como no caso de financiamento de moradia, carros e motos, e também sem os valores já pagos até aquele momento.

Existem ainda diferenças básicas entre as modalidades de crédito, como por exemplo: em financiamentos e empréstimos. Principalmente, quando se referem aos quesitos de disponibilidades do crédito e o nível de juros a ser cobrado nessas operações. Segundo Cerbasi (2009):

Financiamentos são meios de se tomar dinheiro emprestado para pagar um bem ou serviço específico, como casas, automóveis, computadores, um serviço de reforma da casa ou um curso de pós-graduação. A destinação específica do dinheiro emprestado dá aos bancos a certeza de que o dinheiro será bem usado, o que facilita a aprovação do crédito. Além disso, quanto maior a certeza de que o banco não ficará sem receber, mais barato será o crédito, pois não há necessidade de ratear, entre os bons pagadores, o custo dos inadimplentes. Por isso, as alternativas de financiamentos mais baratas são aquelas em que a propriedade do bem fica com a instituição financeira enquanto o contrato de financiamento não é totalmente quitado, como no financiamento de imóveis e de automóveis. Outra modalidade de custo baixo é o financiamento de obras e de educação. Normalmente, a liberação do crédito para essas modalidades é feita aos poucos, à medida que avança a obra ou evolui o curso. Se a obra é interrompida ou se o aluno passa a tirar notas abaixo da média, a liberação do crédito é suspensa e a instituição financeira não corre o risco de perder todo o valor dedicado

àquele contrato. Com menos perda, o preço final ao consumidor fica menor. (CERBASI, 2009, p. 94)

Então;

Empréstimos por sua vez, carecem das garantias típicas dos financiamentos. São oferecidos para cobrir necessidades de curto prazo de recursos, normalmente por alguém que sofreu alguma perda inesperada, falhou nos planejamentos ou foi negligente em suas escolhas. Do ponto de vista do crédito, quem recorre a um empréstimo está com problemas, uma situação bem diferente daqueles que buscam financiamentos: quem decide pela compra de bens de grande valor ou pela contratação de serviços normalmente está em uma boa situação de renda e carreira. Esse é mais um fator para tornar os empréstimos modalidades mais cara de crédito. (CERBASI, 2009, p. 95)

Concordamos também com os dizeres de Cerbasi (2009, p. 95) que “Fazendo uso do bom senso, ao tomar recursos emprestados, você deveria considerar sempre alternativas mais baratas”. Voltando assim ao nosso debate anterior, sobre o seu diagrama da relação que há entre o custo e a complexidade de contratação da ofertas de crédito.

Usar esses tipos de crédito com consciência, responsabilidade e de forma equilibrada, pode fazer com que você fuja provavelmente das altas taxas de juros e do alto grau de endividamento. No entanto, não podemos deixar de considerar todas essas opções de créditos, principalmente em situações inesperadas e eventuais, pois realizar dívidas conscientes pode trazer um aumento na sua qualidade de vida e de seus familiares, desde que as mesmas não afetem diretamente sua segurança financeira e nem pesem muito no seu orçamento, ou ainda, sobrecarreguem demais o seu planejamento financeiro, ao realizar o pagamento mensal das parcelas contratadas.

Um aspecto importante que devemos levar em consideração também antes de contrairmos qualquer dívida é de observarmos o patamar que se encontram as taxas de juros naquele momento e o custo efetivo total das mesmas junto a outros encargos financeiros cobrados sobre essas operações de crédito, tanto pelas instituições financeiras como pelo próprio governo federal, através de taxas administrativas e/ou tributos como o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), que atualmente passou de 1,5% para 3% do total a partir de janeiro de 2015.

O cenário atual nos mostra ainda, através da imprensa nacional, que há um grande número de indivíduos-consumidores endividados em nosso país, pois juntando os seus endividamentos e de suas famílias isso já compromete boa parte de suas rendas totais líquidas mensais. A reportagem do Jornal “O Estado de São

Paulo”, do dia 19 de março de 2012, confirma e nos revela alguns desses dados estatísticos sobre a atual situação financeiro-econômica dos brasileiros, que já se tornou motivo de preocupação por parte da sociedade e do próprio governo, pois suas dívidas naquele momento já haviam chegado ao nível mais alto da história:

Pessoas físicas devem cerca de R\$ 715,2 bilhões aos bancos em operações como o microcrédito, o cheque especial, crédito imobiliário e de veículos, passando pelo caro cartão de crédito. Dados do Banco Central revelam que cada brasileiro deve atualmente 41,8% da soma dos salários de um ano inteiro, um recorde.

Diante dessa situação, usaremos alguns parâmetros relatados por Teixeira & Coutinho (2013), durante o seu Minicurso no XI Encontro Nacional de Educação Matemática (XI ENEM), realizado em julho de 2013 na cidade de Curitiba - PR, sobre “Finanças Pessoais”, para discutir esse índice de endividamento pessoal ou familiar, que a razão entre dívidas totais do mês pela receita líquida mensal, considerando que:

- Até 30% ou um terço da renda – a situação está com uma parcela administrável pela maioria da população. Apesar de o ideal é não ter dívidas;
- Entre 30% e 35% da renda – o importante é trabalhar para reduzir as dívidas, mantendo-as dentro do máximo administrável e da filosofia do item anterior;
- Entre 35% e 40% da renda – é necessário reduzir as dívidas imediatamente, ou corre-se o risco de inadimplência e problemas em caso de emergências;
- Acima de 40% da renda – com quase metade da renda comprometida, fica quase impossível honrar todos os compromissos financeiros e o efeito “bola de neve” dos empréstimos e financiamentos pode transformar a situação em um verdadeiro caos. Reavalie toda a sua situação financeira e reduza suas dívidas.

Após a exposição dos parâmetros acima, devemos ficar mais atentos a nossa vida financeiro-econômica para tentarmos conseguir ter e manter um planejamento financeiro equilibrado e se possível sem dívidas, através do seu principal instrumento de controle o orçamento pessoal, doméstico e familiar.

Vale ressaltar também que o alto de grau de endividamento ou superendividamento da renda pode acarretar na situação de inadimplência, consequência que é diretamente prejudicial à saúde financeiro-econômica do indivíduo-consumidor e às vezes de toda sua família, pois os retiram do mercado,

diminuem seu poder de compra e ainda os impedem de realizar novos investimentos.

De acordo com o gerente de indicadores de mercado da Serasa Experian, Luiz Rabi (apud BARROSO, 2013, p. 32), “Crédito é bom, mas ainda não aprendemos a apreciá-lo com moderação”, por isso, ressaltamos que a falta de uma “boa” educação financeira pode encurtar drasticamente o caminho entre o endividamento e a inadimplência.

Diante desses fatores, devemos ficar atentos, segundo Rabi (apud BARROSO, 2013, p. 32), “aos primeiros sinais que apontam como um endividado pode acabar se tornando um inadimplente”, são eles: i) Ser dependente do cartão de crédito para pagar todas as contas; ii) Possuir vários cartões de crédito com vencimento em datas diferentes; iii) Refinanciar faturas do seu cartão, pagando sempre o mínimo; iv) Entrar de novo no cheque especial na metade do mês; e v) Ter mais de 60% da renda ou receita comprometida com parcelas das dívidas.

Atualmente é de suma importância manter o controle e honrar todos os nossos compromissos financeiros nos prazos previstos e negociar possíveis atrasos, e ainda ter um bom orçamento para tentar se planejar para um futuro melhor e mais seguro; só que para isso tudo acontecer requer de nós primeiro aprendizado, disciplina e uma atitude diferenciada perante a atual saúde financeiro-econômica que estamos vivenciando e a que queremos ter.

Concordamos com Barroso (2013, p. 73), ao citar Eduardo Giannetti (2005) e suas duas situações: a credora e a devedora, respectivamente, através dos dizeres: “Pagar agora e desfrutar depois?” e “Desfrutar agora e pagar depois?”. Ambas são escolhas que exigem discussões acerca do cenário econômico, para que o indivíduo possa estar ciente de suas decisões e não seja influenciado por propagandas que oferecem um produto para pagamentos parcelados ‘sem juros’. Ressaltamos que tais situações e escolhas intertemporais são importantíssimas para balizar nossa atual situação financeiro-econômica e também nossas futuras decisões de consumo.

Essas situações nos colocam à prova, principalmente quando nos referimos aos conhecimentos financeiros já abordados neste texto, pois testam a nossa resistência a tantas ofertas e anúncios promocionais “tão tentadores” ao consumo; os quais vêm sendo vinculados de maneira exaustiva pela publicidade desses produtos, em todos os meios de comunicação, para que consumamos mais e mais sem limites ou controle algum.

Entretanto, buscamos neste texto discutir alguns aspectos e/ou pontos de vista favoráveis em se ter uma vida financeira sempre equilibrada, pois “equilíbrio e bom senso” são tudo na hora de se tomar grandes e pequenas decisões financeiro-econômicas. E, conseqüentemente, buscamos também discutir estratégias de organização e/ou controle financeiro para que os devedores não atinjam essa etapa cruel da inadimplência e consigam assim sair gradativamente desta situação devedora, limpando primeiro os seus respectivos nomes na praça com a redução de suas dívidas à zero ou quase zero, e assim permaneçam daí em diante.

É nesse contexto de grande turbulência que o papel da Educação Financeira aparece e vislumbra com a falta de conhecimentos básicos sobre finanças como um todo por grande parte da população, e que na maioria das vezes também não as levam a tomar as melhores decisões – mais sensatas e cautelosas. Isto se percebe no insucesso e na frustração de boa parte desses indivíduos-consumidores desinformados que realizaram algumas dessas operações de crédito, atendendo somente aos apelos do consumo, sem levar em conta todos os outros aspectos financeiro-econômicos e fatores necessários de risco e retorno desses investimentos ao longo do tempo contratado, seja o mesmo de curto, médio ou longo prazo.

A Educação Financeira que debatemos é fundamental para que o cidadão, indivíduo-consumidor compreenda de fato a importância que tem as finanças pessoais, domésticas e familiares no seu cotidiano. E que através de um “bom” planejamento financeiro, ele possa realmente usufruir de forma racional de todos os seus recursos (ganhos ou receitas), entrelaçados as suas despesas (gastos), com um objetivo maior de se obter uma melhor qualidade de vida para si e sua família hoje, amanhã e dias futuros, tendo em vista que já há um aumento significativo na expectativa de vida de nossa geração.

Concordamos com as afirmações da OCDE (2004) sobre a relevância da Educação Financeira para todos os indivíduos-consumidores de bens e serviços:

Educação financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas. (OCDE, 2004, p. 223).

E com os dizeres sobre a Educação Financeira e sua relevância para toda a população, apresentada por Valdevino et al (2013, p. 79) ao afirmar que:

A educação financeira é um assunto essencial na vida de qualquer pessoa, independentemente do fator profissional, bem como do patamar salarial ou social. Apesar de ser um assunto relevante para todas as camadas sociais e faixas etárias, a população brasileira ainda é carente desse tipo de educação, uma vez que esse tema é pouco debatido nas escolas.

Acreditamos que através de vários debates e discussões sobre o tema educação financeira, no seio familiar e nas escolas, é possível formar cidadãos mais conscientes e bem preparados para participarem do desenvolvimento econômico e social de nosso país. E, provavelmente, também estarão mais aptos para tomarem suas próprias decisões financeiro-econômicas, perante a atual necessidade de sempre se ter e manter um planejamento financeiro equilibrado – seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar.

1.3- A importância do Planejamento Financeiro

A falta de um “bom” planejamento financeiro pode acarretar em vários problemas financeiro-econômicos, que no âmbito familiar os seus reflexos podem se agravar e ficar ainda mais sérios do que aparentam ser, podendo até ocasionar: instabilidade conjugal, endividamentos precoces, desentendimentos familiares, degradação dos valores éticos, doenças psicossomáticas como estresse, depressão e outras ligadas a fatores emocionais, comprometendo assim todo o convívio familiar e a sua qualidade de vida.

Outro fator relevante sobre planejamento financeiro e finanças pessoais, domésticas e familiares que devemos ressaltar aqui é o fato de se tentar esconder a real situação financeiro-econômica que cada indivíduo-consumidor está vivenciando naquele momento do(a) parceiro(a) e de seus familiares; pois isso também pode ocasionar além de brigas conjugais e outros males, até uma atitude mais drástica como uma separação definitiva desse casal através do divórcio; como nos informa o Instituto Gallup: “que 40% dos casos de divórcio, nos Estados Unidos, tem o dinheiro como o principal motivo das brigas que levaram a separação” (VOCÊ S/A, 2010).

Levando em consideração, que “Economia é a ciência que estuda a escassez de recursos” e “Orçamento é a peça mais importante de ajuda na administração da

escassez de recursos” (EWALD, 2003, p. 8), devemos considerar que todas as providências envolvendo a elaboração e o acompanhamento de um orçamento pessoal, doméstico e familiar são importantes para a saúde financeiro-econômica de cada indivíduo-consumidor e sua respectiva família.

Ressaltamos que neste texto vamos expor um pouco de nossas reflexões em torno da discussão e consolidação da necessidade de sempre se ter e manter em mãos um “bom” planejamento financeiro e se possível equilibrado. Mas para isso acontecer é necessário recorrermos ao seu principal instrumento de controle: o Orçamento Doméstico, onde englobam e entrelaçam todos os nossos ganhos e gastos pessoais, domésticos e familiares; para podermos de fato sempre desenvolver planos e estratégias visando alcançar metas e objetivos previamente estabelecidos a curto, médio e longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida hoje, amanhã e dias futuros, sem situações truculentas em sua saúde financeiro-econômica.

Um “bom” planejamento financeiro sempre é um guia essencial nos dias de hoje, amanhã e dias futuros, frente a esta nova sociedade líquido-moderna de consumo e a sua falta podem nos levar a uma situação de endividamento precoce – parecida com a que vem ocorrendo com a maioria das famílias brasileiras em geral, após essa grande explosão de ofertas de crédito disponível no mercado e seus atuais desdobramentos.

Diante de vários autores sobre esse mesmo assunto em questão, escolhemos Luís Carlos Ewald e Gustavo Cerbasi para nossa discussão sobre planejamento financeiro e finanças pessoais, domésticas e familiares. E que, conseqüentemente, adotaremos suas definições sobre “Economia e Orçamento Doméstico” e o que um “bom planejamento financeiro” deve conter e qual seria a sua real importância para todos nós – indivíduos-consumidores de bens e serviços (KISTEMANN JR., 2011).

Nesse atual cenário de grandes influências, todos os indivíduos-consumidores junto a seus familiares devem sempre refletir que para se ter e manter um “bom” planejamento, precisa ser mais vigilantes e aplicados na difícil tarefa de se gerenciar “bem” todos os seus recursos (receitas ou ganhos) e despesas (gastos) mensais como se fossem uma empresa. E isto requer de todos os envolvidos muita coerência, controle e disciplina, pois somente com grande empenho e determinação poderemos alcançar bons resultados, que conseqüentemente nos trará alguns benefícios futuros assim como para toda sociedade.

Nesse sentido, comungamos com as recomendações de Ewald (2003, p. 10):

Recomenda-se grande força de vontade e muita disciplina em busca do que se pretende, o que certamente poderá compensar o esforço... A todos bastante sucesso nessa empreitada.

Segundo Cerbasi (2013), devemos também ter inicialmente o conhecimento de todos os fatores relevantes para se fazer um bom planejamento financeiro; são eles: i) os valores de todas as receitas e despesas; ii) seus objetivos e metas; e iii) suas prioridades.

A definição desses objetivos e metas será o ponto de partida para que cada um dos indivíduos-consumidores e suas respectivas famílias possam iniciar o seu próprio planejamento financeiro, através é claro de um instrumento de controle essencial denominado orçamento doméstico. Entretanto, esses objetivos e metas podem ser alcançados a curto, médio e longo prazo, dependendo do empenho e envolvimento de cada um e de todos os membros dessa família participante neste processo.

Concordamos com Oliveira (2012), sobre a importância de se ter objetivos na hora de se fazer um planejamento e utilizar dessas estratégias para enfrentar as situações de oportunidades e dificuldades:

A maioria das pessoas trata suas finanças procurando gastar menos do que ganha. Este é apenas um dos aspectos do planejamento. É necessário, entre outros aspectos, estabelecer objetivos, sem os quais a pessoa age como um barco sem rumo.

A vida produtiva tem várias fases, cada uma das quais apresenta seus desafios. Através do planejamento é possível identificar as oportunidades e dificuldades de cada uma, e definir, antecipadamente, estratégias para enfrentar cada situação (OLIVEIRA, 2012, p. 83).

Percebemos também a importância de se incluir os “sonhos e desejos” no seu planejamento financeiro, seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar, com um valor fixo já preestabelecido para se poupar todo mês a fim de conseguir realizar esses seus objetivos e metas, relacionados com esses sonhos e desejos, pois devemos primeiramente estabelecer compromissos consigo mesmos e depois com os outros. Mas antes de tudo, devemos fazer um simples cálculo matemático de quanto custa esse(s) sonho(s) e desejo(s) e em quantos meses pretendemos realizá-lo(s), para se achar esse valor fixo mensal preestabelecido a se economizar que mencionei anteriormente.

Objetivos e metas claras, realistas e flexíveis são também uma peça fundamental para se alcançar os mesmos, mas fazemos aqui um alerta que não adianta as famílias definirem coisas inviáveis financeiramente, que não as alcançaram. E ainda podem deixá-las mais frustradas e desanimadas, do que já estão, ao constatarem que não conseguirão realizar esses seus sonhos e desejos tão almejados dentro de um planejamento equivocado e sem um controle direto e perspicaz de suas finanças, sejam as mesmas: pessoais, domésticas e familiares.

Segundo Theodoro (2008, p. 1):

“Com o advento da globalização e a estabilização da inflação, criaram-se várias possibilidades de pessoas quaisquer classes sociais terem acesso a bens de consumo, bem como obtenção de créditos com mais facilidade, o qual gera um ciclo consumista, podendo com isso proporcionar às essas pessoas desavisadas, experiências desagradáveis no campo das finanças pessoais”.

E como consequência desse fato, podem ocorrer diversos males que afetam diretamente a saúde financeiro-econômica desses indivíduos-consumidores, provocando assim um desequilíbrio nas suas contas orçamentárias do seu planejamento financeiro.

Percebemos ainda que essa situação de descontrole financeiro pode levar as famílias e cada um de seus membros desavisados a um endividamento maior ainda do que às vezes já estão, pois as “ciladas” financeiras estão por aí prontas para pegá-los nas mais diversas situações cotidianas. Mesmo que o objetivo seja apenas de sanar seus orçamentos através do uso recorrente que os mesmos fazem nessa hora de sufoco desses créditos rápidos, como os de empréstimos, limites do cheque especial e dos cartões de crédito, e às vezes depois não conseguem honrar todos os seus compromissos, pois estes tipos de empréstimos rotativos pagam juros altíssimos e podem virar uma “bola de neve” impagável.

1.4- Planejamento Financeiro e Orçamento Doméstico

Após abordarmos um pouco sobre essa atual realidade que está passando a maioria das famílias brasileiras e seus componentes, partiremos então para o nosso próximo passo, que é o de refletirmos mais a importância que se tem no âmbito financeiro-econômico o fato de termos o nosso próprio planejamento financeiro

atrelado a um orçamento doméstico, identificando para isso todas as nossas receitas e despesas diárias, semanais e mensais.

Segundo Cerbasi (2005, p. 85):

É preciso, então, estabelecer uma forma de se controlar melhor o destino de seu dinheiro. Estou certo de que, se nunca fez um controle efetivo de todos os seus gastos, você se surpreenderá ao fazê-lo pela primeira vez.

O controle das finanças pessoais, domésticas e familiares é necessário para todos, sem levar em consideração a classe social, o salário ou o nível educacional. E o uso de uma planilha orçamentária, seja ela impressa no papel ou no formato digital, de orçamento doméstico mensal sempre será um ótimo instrumento para se detalhar e discutir verdadeiramente todas as receitas e despesas ou ganhos e gastos de uma família, como nos mostra os “exemplos-modelo” abaixo, Figuras: 2, 3 e 4, que utilizamos em nossa pesquisa. Essas planilhas também podem facilitar a identificação de algumas despesas desnecessárias, fúteis e supérfluas, assim como os pequenos gastos diários que acabam consumindo toda a nossa receita que deveria sobrar pelo menos um pouquinho no final de cada mês, para despesas extras e inesperadas ou mesmo para se fazer algum investimento.

1.4.1- Planilhas Orçamentárias e seus elementos

Em nossos debates sobre o uso de planilha orçamentária referente a orçamento doméstico mensal, ressaltamos que há alguns elementos básicos e estruturais que sempre devem aparecer e compor as mesmas para torná-las mais completas, como por exemplo: as receitas fixas e variáveis; e as despesas fixas, variáveis e eventuais. Além é claro de suas subdivisões, feitas segundo vários autores e principalmente as elaboradas por nossos principais informantes Luis Carlos Ewald (2003) e Gustavo Cerbasi (2013), que tomaremos como base e referência maior sobre esse assunto em questão.

Agora veremos alguns exemplos-modelo de planilhas orçamentárias:

- Exemplo de uma planilha orçamentária no formato impresso (composta por duas páginas).

Figura 2: Planilha de Orçamento Doméstico (1ª página)

Planilha de Orçamento Doméstico: Mês / Ano: _____ / _____	
Adaptada para nossa pesquisa – Fonte: http://alessandrafranco.com.br/planilha-fantastica	
<p>RECEITAS</p> <p>Salário Bruto 1 R\$ _____</p> <p>(-) INSS (-) _____</p> <p>(-) I.R. na fonte (-) _____</p> <p>(-) Outros (-) _____</p> <p>Salário Líquido 1 R\$ _____</p> <p>Salário Bruto 2 R\$ _____</p> <p>(-) INSS (-) _____</p> <p>(-) I.R. na fonte (-) _____</p> <p>(-) Outros (-) _____</p> <p>Salário Líquido 2 R\$ _____</p> <p>Pensão R\$ _____</p> <p>13º Salário / Férias R\$ _____</p> <p>Bônus / Extras R\$ _____</p> <p>Renda de aplicações R\$ _____</p> <p>Outras Receitas R\$ _____</p> <p>Receita Líquida R\$ _____</p> <p>(Salário Líquido 1 + Salário Líquido 2 + Pensão + 13º Salário Líquido / Férias + Bônus / Extras + Rendas de Aplicações + Outras Receitas como: aluguéis e outros)</p>	<p>DESPESAS COM MORAR</p> <p>Aluguel / Prestação R\$ _____</p> <p>Condomínio R\$ _____</p> <p>Manutenção R\$ _____</p> <p>Impostos/Seguros R\$ _____</p> <p>Água / Luz / Gás R\$ _____</p> <p>Telefone fixo e móvel R\$ _____</p> <p>Internet R\$ _____</p> <p>TV por assinatura R\$ _____</p> <p>Empregados R\$ _____</p> <p>Lavanderia R\$ _____</p> <p>Bens Adquiridos R\$ _____</p> <p>Outros R\$ _____</p> <p>Total R\$ _____</p>
<p>TABELA DE APURAÇÃO DO SALDO FINAL COM TODOS OS TOTAIS</p> <p>Receita Líquida R\$ _____</p> <p>Despesas com:</p> <p>Morar R\$ _____</p> <p>Comer R\$ _____</p> <p>Vestir R\$ _____</p> <p>Ir e Vir R\$ _____</p> <p>Cuidados Pessoais R\$ _____</p> <p>Saúde R\$ _____</p> <p>Estudar R\$ _____</p> <p>Lazer R\$ _____</p> <p>Desp. Financeiras R\$ _____</p> <p>Despesas Totais R\$ _____</p> <p>SALDO FINAL R\$ _____</p> <p>(Receita Líquida - Despesas Totais)</p>	<p>DESPESAS COM COMER</p> <p>Supermercado R\$ _____</p> <p>Feira R\$ _____</p> <p>Açougue R\$ _____</p> <p>Padaria R\$ _____</p> <p>Cafés R\$ _____</p> <p>Lanchonete R\$ _____</p> <p>Refeições R\$ _____</p> <p>Outros R\$ _____</p> <p>Total R\$ _____</p>
	<p>DESPESAS COM VESTIR</p> <p>Roupas de homem R\$ _____</p> <p>Roupas de mulher R\$ _____</p> <p>Roupas de criança R\$ _____</p> <p>Calçados de homem R\$ _____</p> <p>Calçados de mulher R\$ _____</p> <p>Calçados de criança R\$ _____</p> <p>Outros R\$ _____</p> <p>Total R\$ _____</p>

Fonte: Disponível em: <http://alessandrafranco.com.br/planilha-fantastica>.
Acesso em: 06 mar 2014

Figura 3: Planilha de Orçamento Doméstico (2ª página)

DESPESAS COM IR E VIR		DESPESAS COM ESTUDAR	
Passagens (ônibus/metrô)	R\$	Colégio / Faculdade	R\$
Táxi / Vans	R\$	Material Escolar	R\$
Prestação do(s) Veículo(s)	R\$	Uniforme	R\$
Estacionamento	R\$	Merenda / Mesada	R\$
Combustível	R\$	Cursos	R\$
Seguro de Veículo(s)	R\$	Livros / Apostilas	R\$
Oficina / Revisões	R\$	Jornais e Revistas	R\$
IPVA / Taxas de Lic.	R\$	Outros	R\$
Seguro DPVAT	R\$	Total	R\$
Multa(s)	R\$		
Limpeza do(s) Veículo(s)	R\$		
Outros	R\$		
Total	R\$		
DESPESAS COM CUIDADOS PESSOAIS		DESPESAS COM LAZER	
Corte / Escova	R\$	Clube	R\$
Manicure	R\$	Restaurante	R\$
Depilação	R\$	Cinema	R\$
Xampu / Cremes	R\$	Teatro	R\$
Barba / Cabelo	R\$	Shows / Eventos	R\$
Academia	R\$	Shopping	R\$
Outros	R\$	Viagens / Passeios	R\$
Total	R\$	Livraria	R\$
		Locadora	R\$
		CD's / DVD's / Games	R\$
		Outros	R\$
		Total	R\$
DESPESAS COM SAÚDE		DESPESAS FINANCEIRAS	
Seguro Saúde	R\$	Imposto de Renda a Pagar	R\$
Seguro de Vida	R\$	Juros de Empréstimos Bancários	R\$
Médicos	R\$	Juros de Cheque Especial	R\$
Psicólogo	R\$	Juros de Cartão de Crédito	R\$
Dentista	R\$	Anuidades de Cartão de Crédito	R\$
Fisioterapia	R\$	Multas por atrasos diversos	R\$
Exames	R\$	Tarifas Bancárias	R\$
Farmácia	R\$	Outras	R\$
Outros	R\$	Total	R\$
Total	R\$		
RECEITAS		DESPESAS	
R\$	menos	R\$	igual a um
	-		=
			SALDO
			R\$

Fonte: Disponível em: <http://alessandrafranco.com.br/planilha-fantastica>.
Acesso em: 06 mar 2014

- Exemplo de uma planilha orçamentária no formato digital (MICROSOFT EXCEL).

Figura 4: Planilha Digital de Orçamento Doméstico (apenas uma parte de sua interface)

1	ORÇAMENTO DOMÉSTICO												TOTL ANO
2	MESES DO ANO												
3	jan/13	fev/13	mar/13	abr/13	mai/13	jun/13	jul/13	ago/13	set/13	out/13	nov/13	dez/13	
25	HABITAÇÃO												
26	Aluguel / Prestação												
27	Condomínio												
28	IPTU + Taxas Municipais												
29	Conta de energia												
30	Conta de água												
31	Conta de gás												
32	Telefone fixo												
33	Telefones celulares												
34	Internet												
35	TV por assinatura												
36	Supermercado												
37	Feira												
38	Padaria												
39	Empregados												
40	Lavanderia												
41	Outros												
42													
43													
44	SAÚDE												
45	Plano de Saúde												
46	Médicos e terapeutas												
47	Dentista												
48	Medicamentos												
49	Outros												
50													
51	TRANSPORTE												
52	Prestação												
53	IPVA + Seguro Obrigatório												
54	Seguro												
55	Combustível												
56	Estacionamentos												
57	Lavagens												

Fonte: Site Mais Dinheiro.com, desenvolvida por Gustavo Cerbasi.
Acesso em: 03 jan 2014

Segundo Ewald (2013) e Cerbasi (2013) os elementos básicos e estruturais, junto a suas subdivisões, conforme as figuras 2, 3 e 4, que devem sempre aparecer e compor uma planilha orçamentária referente a orçamento doméstico mensal são:

- Receitas Fixas (Proventos de salários, aluguéis e pensões);
- Receitas Variáveis Tributadas (Rendas de aplicações);
- Receitas Variáveis Não Tributadas (13º Salário Líquido, Férias, Bônus e Extras);
- Receita Total (Total das Receitas Fixas + Total das Receitas Variáveis Tributadas e Não Tributadas);
- Despesas Fixas com:
 1. Habitação: Aluguel ou Prestação do Imóvel, Condomínio, IPTU + Taxas Municipais, Seguro Residencial, Conta de energia elétrica, Conta de água, Conta de gás, Conta de telefone fixo, Conta de telefones móveis ou celulares, Conta de internet, Conta de TV por assinatura, Supermercado, Açougue, Feira, Padaria, Restaurante, Empregados, Lavanderia, Bens Adquiridos, Outros;
 2. Saúde: Plano de Saúde Médica ou Odontológica, Medicamentos, Seguro de Vida, Outros;

3. Transportes: Prestação do(s) veículo(s), IPVA + Seguro Obrigatório, Seguro(s), Multa(s), Manutenção dos veículos: Combustível + Estacionamento(s) + Lavagens + Revisões Mecânicas, Passagens (Ônibus, Metrô, Trem, Táxi), Outros;

4. Despesas Pessoais: Higiene Pessoal (unha, depilação e etc), Comésticos, Cabelereiro, Vestuário, Academia, Esportes, Tarifas Bancárias, Anuidades dos Cartões de Crédito, Pensões, Mesadas, Dízimos, Imposto de Renda, Outros;

5. Educação: Escola(s) ou Faculdade(s), Cursos, Material Escolar, Uniformes, Merendas, Outros;

- Despesas Variáveis com:

1. Lazer: Clubes, Restaurantes, Cafés, Bares, Boates, Cinemas, Teatros, Shows ou Eventos, Livros, Jornais, Revistas, Locadora, Games, Mídias e Acessórios, Passagens, Hospedagens, Passeios, Outros;

2. Faturas dos Cartões de Crédito, Gorjetas ou caixinhas, Doações;

- Despesas Eventuais com

1. Saúde: Médicos ou Terapeutas esporádicos, Dentistas, Farmácia ou Medicamentos, Outros;

2. Correios, Presentes, Dedetização, Gastos extras com Férias;

3. Manutenção e reparos eventuais da residência ou do(s) veículo(s);

- Despesa Total (Total das Despesas Fixas + Total das Despesas Variáveis + Total das Despesas Eventuais);

- Resultado Final ou Saldo Final (Receita Total – Despesa Total).

Após conhecermos todos esses elementos, que deveriam sempre aparecer e compor uma planilha orçamentária mensal, vamos debater mais sobre o que é um orçamento doméstico e qual sua real importância para um bom planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar.

Segundo Ewald (2003, p. 36), em pesquisas recentes nos apontam que a estrutura orçamentária ideal de uma família brasileira padrão deve ter as suas despesas distribuídas da seguinte maneira: “30% para Moradia, 25% para Alimentação, 12% para Saúde e Higiene Pessoal, 15% para Transportes, 8% para Educação e Cultura, 5% para Lazer e 5% para Gastos Diversos”.

Mas segundo a Fundação Getúlio Vargas (apud Oliveira, 2011, p. 12) a família padrão brasileira hoje gasta: “32% em habitação e moradia, 28% em

alimentação, 10% em saúde e cuidados pessoais, 12% em transporte, 9% em educação e cultura, 5% em vestuário e 4% em diversos”.

Notamos claramente que há uma divergência entre esses índices percentuais acima citados, sobre a distribuição percentual ideal das despesas de uma família brasileira padrão em sua estrutura orçamentária e o que realmente vem gastando, e isto deve estimular os indivíduos-consumidores a conhecer e calcular quais são os próprios índices e em que realmente vêm gastando mais ou menos os seus orçamentos domésticos.

Ressaltamos ainda que essas diferenças nos índices ocorrem conforme os objetivos e metas familiares vão mudando ao longo da vida, pois em cada fase existe seus próprios desafios, além é claro de sua própria formação intelectual e seus hábitos e costumes que atualmente vêm praticando no âmbito social, econômico e financeiro.

1.4.2- Orçamento e Economia Doméstica

Para entendermos ainda melhor essa ideia de orçamento doméstico e também economia doméstica, usaremos dos conceitos expostos por Ewald (2003, p. 11), quando afirma que:

O Orçamento Doméstico é o principal instrumento para se fazer o Planejamento Financeiro para hoje, amanhã e dias futuros. E é utilizado como ferramenta para se planejar um equilíbrio entre as receitas e as despesas nas contas do “lar doce lar”.

Economia Doméstica é a administração das contas do lar.

Ambas as definições costumam ser muitas vezes desconhecidas ou ignoradas pela maioria das pessoas e suas famílias, provocando assim um descontrole nessas contas domésticas ou do “lar doce lar” antes mesmo do mês acabar; fato que acarreta a entrada no cheque especial ou em outra forma de crédito rotativo.

De acordo com Cerbasi (2013), alguns pontos, como já mencionados, são essenciais na hora de fazer ou montar um planejamento financeiro, tais como: controle de gastos, estabelecimento de objetivos e metas, disciplina com investimentos, ajustes referentes à inflação e mudanças de renda, administração do que se possui ou conquistou.

Comungamos também com os outros comentários um tanto incentivadores, feitos por Cerbasi (2013) sobre esse assunto:

Antes de tudo é sempre importante lembrar: Um orçamento não é para gastar menos; e sim para gastar melhor.
Ter sucesso financeiro não se resume a cortar gastos e poupar; está relacionado a gastar bem o seu dinheiro.

Segundo Cerbasi (2005, p. 85), devemos sempre levar em consideração que o importante é “gastar menos do que se ganha”, ou seja, então não devemos só focar no tanto que se ganha, mas sim no tanto que se gasta, pois quando falamos de orçamento e planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar não se trata só de gastar menos e sim de gastar melhor o que se ganha.

Esta mesma ideia de orçamento, já elucidada, deverá ser seguida no orçamento doméstico que também nos impõe condições, limites, metas e objetivos a serem alcançados, tendo em vista a atual e real situação financeiro-econômica em que nos encontramos e a que sempre queremos, melhor e com as estratégias desejáveis que nos leve ao tão sonhado equilíbrio financeiro de nossas contas no âmbito pessoal, doméstico e familiar. Surge daí à necessidade de termos sempre em mãos o nosso planejamento financeiro, seja o mesmo diário, semanal ou mensal – o mais utilizado.

O tão sonhado sucesso financeiro, todos queremos, mas para alcançá-lo precisamos de muita disciplina e força de vontade para podermos gastar bem o nosso dinheiro. O esforço não se resume a só cortar os gastos e poupar, mas sim de ver qual a melhor hora e maneira de se efetuar aqueles gastos dentro de um orçamento pré-estabelecido ou em desenvolvimento. Esse orçamento nos remete a uma superação de nossos desejos e vontades que surge a todo o momento, para um consumo realmente necessário, útil, indispensável e imprescindível de bens e serviços.

Concordamos com as ideias de Cerbasi (2005, p. 84) ao nos afirmar que “A chave do sucesso financeiro está na capacidade de investir parte do que você ganha hoje”, ou seja, nos induz a sempre respeitarmos o nosso orçamento, buscando gastar menos do que se arrecada, para aplicar essa diferença em investimentos e obter retornos financeiros além de receitas ou ganhos atuais, proporcionando assim um futuro melhor e mais seguro.

Segundo Teixeira e Coutinho (2013):

Inteligência Financeira, nada mais é do que multiplicar os recursos, agindo com equilíbrio entre razão e emoção, assumindo o poder que cada um possui de escolher, adquirindo novas informações e conhecimentos e desenvolvendo sua criatividade para transformar recursos. Também é saber eliminar gastos desnecessários, evitando desperdícios e o uso de crédito indevidamente, buscando a razão para evitar compras desnecessárias feitas por impulso.

Percebemos também que, hoje em dia, há várias pessoas que simplesmente compram por “impulsos consumistas”, e para evitarmos essas situações de um consumo exagerado e desnecessário de bens e serviços, deveríamos sempre refletir a real necessidade de cada produto que compramos e também nos fazer, interiormente, três perguntas essenciais antes de realizarmos qualquer compra, e só de fato efetuar a mesma se respondermos sim para todas elas.

As perguntas ditas essenciais ou até “mágicas” por alguns autores, a fim de se evitar o consumismo ou compras extremamente supérfluas, são: i) Será que eu preciso comprar isso mesmo?; ii) Tem que ser agora, nesse momento?; iii) Será que este gasto é mais necessário do que outros?. No entanto, elas também já foram apresentadas e discutidas com outros propósitos relacionados a uma melhor administração ou controle das finanças pessoais, abordando para isso situações-problema específicas onde ocorrem questões ligadas ao descontrole financeiro através de simples realização de sonhos e desejos sem um prévio planejamento financeiro.


Atualmente, podemos dizer que as mesmas foram incorporadas resumidamente como “Dica” pelo Programa Bolsa-Família do Governo Federal, para se estimular os seus beneficiários a refletirem melhor toda essa questão onde os envolvem como atuais indivíduos-consumidores de bens e serviços. E isto é fácil de verificar, pois a seguir mostramos na Figura 5 um extrato ou comprovante de pagamento do mês de maio de 2013 desse respectivo programa.

Entretanto, ressaltamos aqui que o nosso objetivo é bem diferente do que os internautas estavam querendo com o uso e a divulgação desta imagem na rede social do “Facebook”, pois lá os mesmos só queriam discutir assuntos relacionados a questões monetárias sobre o respectivo valor pago pelo governo às famílias brasileiras. E queremos é dar um destaque maior nesse extrato, através de nosso grifo, às três perguntas incorporadas por esse respectivo programa como “dica” aos seus beneficiários, por isso então achamos melhor expor a imagem original sem os

respectivos valores, que não atendem aos nossos anseios e as discussões deste trabalho.

Figura 5: Extrato do Programa Bolsa-Família (Referência: Maio/2013)

REFER.	BENEFÍCIO	VALOR
05/2013	PROGR AUX EMERG FINAN	██████,00
05/2013	BOLSA FAMILIA	██████,00
05/2013	BOLSA FAMILIA/JOVEM	██████,00
VALOR TOTAL :		██████,00


 ESTE RECIBO É VÁLIDO COMO COMPROVANTE DE PAGAMENTO

DICA DO BOLSA-ANTES DE COMPRAR QUALQUER COISA FAÇA TRES PERGUNTAS A VOCE MESMO, -EU PRECISO MESMO -TEM QUE SER AGORA -ESTE GASTO E MAIS NECESSARIO QUE OUTROSCOMPRE SE REDONDER SIM PARA AS TRES

Fonte: Site Facebook.com – Imagem compartilhada por vários internautas (sem o nosso grifo e com os seus respectivos valores).
Acesso em: 10 jun 2014

Para garantir a eficiência de um bom planejamento financeiro é necessário segundo Cerbasi (2009, p. 21) “primeiro garimpar suas contas em busca de sobras de recursos” e também rever seus hábitos de consumo, para depois então engajar-se na grande missão que é controlar as suas despesas com o único propósito de se atingir suas metas e seus objetivos previamente estabelecidos em seu orçamento.

Nesse sentido, para se administrar melhor o orçamento doméstico junto às suas finanças pessoais, domésticas e familiares é preciso ter muita organização e disciplina, e também contar com um bom planejamento financeiro, o qual sempre nos deve levar a exclusão de gastos desnecessários ou de menor relevância para se fazer frente a outras despesas futuras, inesperadas e urgentes, que podem surgir.

Devemos também incluir nessa discussão sobre planejamento financeiro e orçamento doméstico mensal “os ativos e os passivos”. Em uma linguagem mais

clara, e sem os conceitos formais de economia, podemos dizer que “os ativos” é tudo aquilo que coloca dinheiro no seu bolso, como por exemplo, um investimento ou uma aplicação que renda juros mensais; e “os passivos” é o oposto, ou seja, é tudo aquilo que retira dinheiro do seu bolso, como por exemplo, um bem material – carro zero km, que não é usado para gerar renda ou lucro, mas lhe dá gastos mensais e ainda sofre uma depreciação no seu valor de mercado.

Segundo Cerbasi (2009, p. 37) “listar só os seus gastos, ajuda pouca coisa”, o importante é seguir uma prática de orçamento doméstico que consiste em pelo menos oito atividades distintas. São elas:

1. Ter disciplina para anotar ou guardar comprovantes de gastos;
2. Organizar os gastos para ter uma clara noção de seu padrão de consumo;
3. Comparar a evolução do padrão de consumo ao longo do tempo;
4. Refletir sobre a qualidade de suas escolhas;
5. Estipular alterações no padrão de consumo, visando obter mais qualidade;
6. Policiar suas novas escolhas para garantir que sejam praticadas;
7. Estimular as consequências de suas escolhas, como o patrimônio ou a poupança formada ao final de ano – essa é uma de minhas pequenas diversões pessoais a cada início de ano;
8. Usar o orçamento atual como base para simular situações extremas, como a perda da renda ou recebimento de um grande valor em dinheiro

Para que seu orçamento doméstico seja realmente eficaz e lhe traga os resultados esperados (e também conquistas inesperadas) é preciso, segundo Cerbasi (2009, p. 38), “incluir também algumas outras ações”, tais como:

- i) dedique tempo à construção da sua planilha orçamentária;
- ii) procure ordenar os gastos dentro de cada grupo ao qual eles pertencem (Alimentação, Transporte, Habitação etc.) e na ordem cronológica em que as contas são pagas no mês;
- iii) sua planilha deve ser periodicamente revisada, para que o aprendizado cotidiano seja agregado a seu modelo de controle;
- iv) reúna a família para discutir quais gastos são mais necessários e prioritários naquele momento e no futuro.

Segundo Ewald (2003, p. 13), para se chegar a um fidedigno orçamento doméstico mensal é necessário passar por três fases distintas: i) Avaliação, na base do “chute”, do valor das despesas que a família acha que estão sendo feitas durante um mês; ii) Acompanhamento e apuração no mês seguinte das despesas realmente efetuadas; e iii) Avaliação, programação de possíveis cortes e previsão dos valores que poderão ser gastos no mês seguinte. Esse será o Orçamento Doméstico que

deverá ser respeitado e valer daí para frente, todos os meses, com acompanhamento e ajustes esporádicos.

O Orçamento Doméstico, para Cerbasi (2009, p. 45) “é uma trilha, não um trilho”, contudo, ele não pode engessar todas as suas tomadas de decisões, é preciso sempre ter consciência e bom senso para manter o equilíbrio financeiro, principalmente quando for tomar uma decisão financeira de consumo de bens e serviços, pois é assim que você conseguirá pagar todas as suas contas em dia e quem sabe até pode sobrar um pouquinho para fazer algum investimento, mesmo que a escolha não seja a melhor – “investir mal é melhor do que não investir”. (CERBASI, 2009, p. 21).

1.5- Investimento

Saber investir significa, segundo Tommasi e Lima (2007, p. 202), “escolher a melhor alternativa de aplicação para atingir seus objetivos. Para isso, você deve estar ciente de quais opções de investimento existem no mercado e quais delas se encaixam melhor ao seu perfil. Portanto o acesso a informação é fundamental”.

Mas somente informações não bastam, é preciso também analisar a relação que há entre o risco e retorno dessas opções de investimento com muita cautela e responsabilidade, pois algumas delas além de não serem as mais ideais e seu perfil financeiro-econômico, podem ainda trazer algumas “dores de cabeça” inesperadas, como: baixa rentabilidade na aplicação ou ter que esperar um prazo maior do que se imaginava, devido à liquidez do próprio investimento escolhido, para ter de volta seus investimentos iniciais junto com seus rendimentos do período.

Além disso, ressaltamos que sobre alguns tipos de investimentos e/ou aplicações incidem certos custos de operação, como o IOF, o Imposto de Renda, taxas de administração e de custódia, fazendo assim com que o investidor (re)pense algumas de suas intenções, atitudes ou tomadas de decisão relativas aos mesmos. E para se analisar a viabilidade de um investimento, se faz necessário considerar todas essas variáveis e o seu próprio perfil de investidor, assim como suas particularidades quanto ao risco, retorno e liquidez de tais aplicações a ser escolhida.

Entretanto, há também diversos perfis de investidor, os mais comuns segundo vários autores, são: o conservador, o moderado e o arrojado. O conservador é

aquele avesso ao risco e sente-se desconfortável com as oscilações dos preços, assim como não suporta ver o seu patrimônio diminuir e às vezes abre mão de rentabilidade em troca de tranquilidade. O moderado, até tolera certo risco e aceita flutuação dos preços, em troca de um ganho mais compensador, mas mesmo assim não se expõe aos altos riscos. O arrojado é um investidor típico de renda variável, pois aceita grande quantidade de risco, inclusive de perdas de capital, e é movido pelas perspectivas futuras e expectativas de retornos acima da média.

Mas segundo Cerbasi (2004, p. 12 e 13) podemos ainda expor outros cinco tipos de personalidades nessa relação com o dinheiro, assim como os seus pontos fortes e fracos separadamente. São eles:

1. **Poupadores:** sabem que é importante guardar e, por isso, não se importam nem um pouco em restringir ao máximo os gastos atuais, para poupar o que for possível e conquistar a independência com muito dinheiro. Nem sempre suas intenções são compreendidas; frequentemente recebem críticas por serem mesquinhos ou avarentos, verdadeiros "Tios Patinhas". **Pontos fortes:** disciplina e capacidade de economizar. **Pontos fracos:** conformismo com um padrão de vida simples, restrições a novas experiências.
2. **Gastadores:** para estes, a vida é medida pela largura, não pelo comprimento. É importante viver bem hoje, pois o amanhã pode não existir. Gastam toda a renda, às vezes um pouco mais. Gostam de ostentar, destacam-se pelas roupas caras, não se sentem incomodados em encarar um financiamento se o objetivo é ser feliz. A poupança acumulada, quando existe, é só para a próxima viagem. Seu estilo de vida faz sucesso entre os amigos. **Pontos fortes:** hábitos pouco rotineiros, abertura a novas tendências, muitos hobbies. **Pontos fracos:** insegurança em relação ao futuro, dependência extrema da estabilidade no emprego, aversão a controles, orçamentos e contas.
3. **Descontrolados:** não sabem quanto dinheiro entra nem percebem quando sai da conta. A cada mês, parece que o dinheiro dura menos. Estão sempre cortando gastos, mas nunca é o suficiente. Usam com frequência o cheque especial ou pagam a conta do cartão de crédito apenas parcialmente, por falta de fundos. Em casa, não há a menor chance de se sentarem e se organizarem, pois têm coisas mais importantes para fazer. **Pontos fortes:** é possível identificar algum? **Pontos fracos:** indisciplina, propensão a conflitos, pagamento desnecessário de juros, desorientação.
4. **Desligados:** gastam menos do que ganham, mas não sabem exatamente quanto. Poupam o que sobra, quando sobra. Viajam ou trocam de carro quando atingem um valor mais alto nos investimentos. Se não têm dinheiro na conta, parcelam a compra. Quando os extratos do banco chegam, vão para a gaveta sem ao menos ser abertos. A fatura do cartão de crédito é uma surpresa todo mês. Sempre acham que ainda é cedo para pensar em aposentadoria. **Pontos fortes:** folgas financeiras, espaço para reduzir gastos, se necessário. **Pontos fracos:** incapacidade de estipular e atingir objetivos, resistência a planos que exijam disciplina.
5. **Financistas:** são rigorosos com o controle de gastos, com o propósito de economizar. Nem sempre o objetivo é poupar; às vezes pretendem acumular para poder comprar mais pagando menos. Elaboram planilhas, andam com calculadora e lista de compras nos supermercados e shoppings, fazem estatísticas e projeções com quantidades e frequência impressionantes. Entendem de investimentos, juros e inflação e são

procurados por amigos e parentes para orientações. **Pontos fortes:** facilidade de desenvolver planos e colocá-los em prática, seleção crítica de investimentos, capacidade de empregar melhor o dinheiro. **Pontos fracos:** em geral são boicotados pela família, que não se conforma com tantas minúcias; se não souberem se fazer entender, tornam-se uns chatos.

Entretanto, Cerbasi (2009, p. 155) aponta outra questão ao afirmar que: “poupar não é o mesmo que investir. Quem poupa não necessariamente enriquece. Investir é multiplicar suas reservas financeiras” e ainda, completa sua fala dizendo “Sem bons planos, não há boas conquistas”. Para isso não ocorrer em nossas vidas devemos sempre ter e manter em mãos um bom planejamento financeiro de nossas receitas, despesas e investimentos.

Por esse motivo devemos ressaltar que o essencial é sempre saber exatamente o que está fazendo com as sobras de dinheiro. Segundo Cerbasi (2009, p. 156):

Independente da escolha que fizer para seus investimentos, você se sentirá mais seguro se permanecer informado, conhecer as características de risco e rentabilidade, acompanhar de perto seus ganhos, apurar com precisão os tributos a pagar e manter-se em dia com a Receita Federal.

Ou seja, você deve acompanhar bem de perto todos os seus investimentos, pois não há investimento ruim, o importante é acompanhar e analisar toda a sua evolução ao longo do tempo estabelecido.

Grande parte dos problemas financeiro-econômicos que afetam a maioria dos indivíduos-consumidores e suas famílias, são provocados pela falta de informação e conhecimentos básicos em relação aos produtos financeiros disponíveis no mercado e sobre como administrar melhor a sua própria vida financeira perante tais fatos. Para reverter essas situações peculiares é necessário ter muita organização, planejamento, disciplina e boa vontade para cumprir esse desafio, que poderá também exigir dos mesmos uma maior competência financeira para analisar criticamente as melhores alternativas oferecidas pelo mercado e só então tomar uma decisão mais coesa rumo a esta nova caminhada. Segundo Tommasi e Lima (2007, p. 239):

Somos nós que administramos nossas finanças e não o contrário, pois nosso padrão de vida, tanto hoje como no futuro, depende muito mais das atitudes que tomamos ao longo da vida do que do destino. O dinheiro não deve ser encarado como o mestre que orienta nossas decisões, mas sim como um meio que, se bem administrado, pode nos permitir alcançar nossos sonhos.

Entretanto, é necessário estar atento aos objetivos de vida e tentar cumprir de forma inteligente as metas já previamente estabelecidas no nosso planejamento financeiro, atrelado ao seu principal instrumento de controle: o orçamento doméstico. E se tudo der certo e algo sobrar, é indicado investir essa diferença, que não é só para guardar o dinheiro, mas sim buscar multiplicá-lo, e com essa quantia um pouco maior no futuro podemos até realizar alguns de nossos sonhos ou comprar algo à vista sem precisar fazer o parcelamento do mesmo.

Concordamos também com Tommasi e Lima (2007, p. 240) que o grande segredo do sucesso financeiro é

(...) saber que você talvez não alcance tudo o que quer, no presente, para permitir obter seus objetivos de longo prazo. Entender este conceito equivale a compreender o legado dos grandes estrategistas: vencer uma batalha não é suficiente; você precisa vencer a guerra.

Mais do que se curvar aos instintos consumistas de nossa sociedade – o que, convenhamos, não é fácil – você precisa mostrar personalidade e determinação para pensar no que é melhor para você no todo, o que inclui presente e futuro. Portanto, não acredite naqueles que pregam que planejar não é importante, mas tenha a convicção de que é possível viver melhor sabendo administrar suas finanças.

Desse modo, não se esqueça de que economizar ou poupar agora significa o adiamento de uma decisão de consumo que pode fazer toda a diferença dentro de um cenário de juros elevados. Porém, isso exige hoje sacrifícios e esforços em gastar menos do que se ganha, mas poderá ser recompensado futuramente com o alcance mais rápido de objetivos pessoais, domésticos e familiares.

1.6- Planejamento Financeiro: algumas dicas para alcançá-lo

Segundo Tommasi e Lima (2007, p. 241), é necessário seguir “algumas dicas para que seu planejamento financeiro funcione melhor” e facilite muito a sua empreitada de se alcançar suas metas e objetivos de curto, médio e longo prazo. São elas:

1. Organize suas despesas por datas de vencimento e pague suas contas em dia;
2. Pague sua fatura de cartão de crédito integral, se não for possível pague ao menos o mínimo, e não incorra em mais gastos no cartão;
3. Analise seus extratos com atenção e não descarte a possibilidades de erros;

4. Acumule uma reserva financeira igual ou superior a três meses de despesas correntes;
5. Siga à risca seu planejamento orçamentário, pense nele como se fosse uma dieta;
6. Não atrase o pagamento de prestações e procure manter um histórico de crédito positivo;
7. Se não estiver poupando, reveja seu padrão de vida;
8. Poupe regularmente, primeiro para montar uma reserva de emergência, e depois para garantir seu futuro;
9. Faça um planejamento fiscal de seus investimentos, isso favorece acúmulo do patrimônio;
10. Mantenha-se informado, pois conhecimento vale ouro, sobretudo ao investir!

Já vimos que conhecer e executar cada passo do planejamento financeiro, segundo Tommasi e Lima (2007, p. 239), “nos coloca na posição de controle. Pessoas bem sucedidas são aquelas que acompanham de perto sua situação financeira, mas que sempre encontram tempo para viver suas vidas na plenitude, dentro do que seus recursos permitem”.

Por isso concordamos com Cerbasi (2009, p. 181) quando nos diz “acredite que você é capaz de fazer todas as mudanças necessárias para melhorar sua vida, mas, mais importante do que acreditar, aja nesse sentido”, pois o ato de se planejar sua vida financeiro-econômica só depende exclusivamente de você e já seria um bom começo para se alcançar essas mudanças tão almeçadas por você e sua respectiva família. Mas lembre-se que “poupar demais é tão perigoso quanto não poupar” (CERBASI, 2009, p. 183), por isso é importante ter uma vida equilibrada e organizada financeiramente, pois “pessoas mais organizadas inevitavelmente erram menos em suas escolhas” (CERBASI, 2009, p. 185).

Nestas duas últimas décadas, o país passou por grandes transformações na área econômica, saindo de um período de hiperinflação para uma estabilidade da moeda com o Plano Real. Fatores que influenciaram diretamente a ampliação do consumo acompanhada por um aumento de acesso ao crédito, mas tudo isso também levou a uma outra situação preocupante, que é o aumento significativo do número de endividados, superendividados e inadimplentes em nosso país.

Talvez uma das causas que levaram esses indivíduos-consumidores a se tornarem devedores por mais tempo que eles mesmos esperavam ou previam e, conseqüentemente, se tornaram assim endividados, superendividados e até inadimplentes tenha sido a constante falta de planejamento financeiro. Mas em muitos casos é também devido a pouca familiaridade com essas facilidades das

ofertas de crédito financeiro e também com a matemática implícita nessas transações financeiras (KISTEMANN JR., 2011).

Para Kistemann Jr. (2011, p. 43), “cada cidadão deve ter possibilidade de ler e produzir significados acerca das ferramentas que regem as ações e transações econômicas, para que possa escolher que decisão deve tomar”. Em nossa investigação procuramos mostrar as maneiras distintas que cada um produz seus próprios significados e tomam suas decisões financeiro-econômicas mensais, perante as nossas discussões sobre ações de consumo e situações de planejamento pessoal, doméstico e familiar. Depois utilizamos para análise desses dados coletados o conceito de *Leitura Plausível*, do MCS, apresentado por Lins (1999, p. 93) que nos diz que “toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível”.

Concordamos também com Barroso (2013, p. 52-53), ao nos dizer que

(...) as operações de linhas de crédito como cheque especial, crédito pessoal, crédito consignado, e ainda cartão de crédito, que estão disponíveis para todos os indivíduos possuidores de uma conta corrente em um banco, também estão ausentes nos textos. Acreditamos que, esse ambiente da Microeconomia é repleto de situações geradoras da produção de significados dos objetos financeiro-econômicos.

Tais situações devem ser mais debatidas e pesquisadas, para podermos tentar unificar alguns discursos e conceitos a respeito desse mesmo tema em constante discussão por vários autores, em perspectivas iguais ou parecidas.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que nos define a sociedade de consumidores, como sendo: “o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (BAUMAN, 2008, p. 71) e ainda nos propõem uma discussão sobre esses vários cenários em constante modificação, onde coloca como centro das atenções: o indivíduo-consumidor e sua família.

Nesta nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo promotores de mercadorias e também as próprias mercadorias que promovem, desta forma, e assim é modelado um novo espaço de relações denominado “mercado de consumo”. Nesse novo ambiente, os indivíduos-consumidores são sempre induzidos a seguirem um estilo de vida com conquistas materiais, que julgam prazerosas e dignas de produzir felicidade e conseqüentemente o consumir

virou uma qualidade de vida e uma necessidade humana que alivia o estresse perante os problemas corriqueiros da vida em sociedade.

Mas tenhamos bastante cuidado e fiquemos atentos a esse último item relatado acima, pois consumir só para se adquirir status, como nos diz Ewald (2003), “é outra bobeadas que deve ser evitada”, e é preciso ter cuidado com o que se gasta para se dar um melhor destino ao dinheiro que sobra ou ainda se tem. “A procura do equilíbrio é tarefa inglória, exigindo de nós uma mudança comportamental e um total controle interno e externo sobre nossos impulsos consumistas” (EWALD, 2003, p. 37), ou seja, seria o nosso consumo desmesurado, compulsivo e irracional de algumas quinquilharias que não são necessárias naquele momento, mas sim alavancados pelas atuais apelações áudio visuais e consumistas do mundo moderno.

Estes fatores, que estimulam a um consumo constante, às vezes, não são percebidos pela maioria da população, mas estão em todos os lugares e momentos da vida cotidiana. E se manifestam de várias formas, como através simples de propagandas de marketing que ficam nos cercando e até nos fazem (in)conscientemente diversos apelos áudio visuais e consumistas em todos os meios atuais de comunicação.

Com essa tentativa da publicidade em colocar nas mentes de indivíduos-consumidores, o desejo, à vontade e a necessidade de ter “isso ou aquilo e aquilo mais” por status, muitas das vezes leva a um consumo exagerado e desnecessário de certos bens e serviços, comprometendo assim o planejamento financeiro, além de estourar ou desequilibrar o orçamento doméstico; tema que aqui iremos debater exaustivamente e sempre será posto em discussão sobre seus vários aspectos e formas de se olhar para o mesmo.

Bauman (2008) afirma que o consumo é: “uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos” (BAUMAN, 2008, p. 37); e que o consumismo é: “é um arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel

importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vidas individuais” e que “de maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade” (BAUMAN, 2008, p. 41).

As atividades de consumo, de acordo com Bauman, estão moldando as diversas formas de vida e aos padrões de relações humanas na sociedade de consumidores, que tem por um lado à mercadoria como núcleo das práticas diárias e por outro, uma orientação permanente para que o modelo a ser seguido esteja sempre vinculado ao ato de consumir. E que as relações sociais estão sendo mediadas pelo consumo, porém não de consumo de produtos, mas também de hábitos, valores e aparências, onde as redes sociais estão se apresentando como os mais novos canais dessa mediação, fato que no passado, era de responsabilidade de outros meios de comunicação, como os jornais, o rádio e a TV.

Atualmente este cenário ultrapassa a vida familiar, pois atinge essa sociedade de consumo, que segundo Bauman (apud D’Aquino e Maldonado¹⁵, 2012, p. 9) é:

(...) a única que oferece a felicidade aqui mesmo, na Terra, porque “vende” a ideia de que, para ser feliz, a pessoa precisa ter determinadas coisas. E aí é claro que o mercado de publicidade se concentra nesse ponto. O que se revela, então, é um aspecto cruel que não existia há algumas décadas: o foco nas crianças como consumidores. Os produtos lhes são oferecidos diretamente. Como desde cedo essas crianças estão diante da televisão, do computador, enfim, diante de algum tipo de veículo de comunicação de massa, elas são bombardeadas rotineiramente com mensagens tais como: Você tem que ter isso, você tem que ter aquilo, e aquilo mais.

Isto mostra, que a atual realidade está cheio e rodeado de apelações áudio visuais e consumistas do mundo moderno, que a todo o momento tentam seduzir e influenciar as tomadas de decisões financeiro-econômicas frente às situações de planejamento e consumo, das quais a maioria delas podem estar diretamente relacionadas aos nossos gastos pessoais, domésticos e familiares. E essa nova sociedade de consumo está hoje se baseando justamente na criação de situações nas quais os desejos são contínuos e insaciáveis, para que cada vez mais se vá consumindo sem sequer pensar no dia de amanhã e também em um consumo mais responsável e consciente.

¹⁵ Autoras do livro “Educar para o consumo: Como lidar com os desejos de crianças e adolescentes”.

Diante desse cenário de grandes influências midiáticas, é necessário ainda mais a nossa observação do comportamento de nossos sujeitos de pesquisa perante tudo isso que está acontecendo, pois suas decisões financeiro-econômicas particulares podem estar sendo influenciadas devido a vários problemas, inclusive os de ordem financeiro-econômica relacionados intimamente às questões recorrentes hoje em dia, como: o consumo exagerado, os gastos excessivos, o desperdício constante, o endividamento familiar, a inadimplência e a falta de capacidade de ter e manter um planejamento financeiro equilibrado.

Por outro lado, devemos estar ciente também que já é conhecido e recorrente o uso que a sociedade faz de empréstimos, de compras em prestações mensais, de cartões de crédito e do cheque especial, como recursos extras para a complementação de seus rendimentos mensais, tornando possível assim adquirir alguns serviços e bens de consumo, que de outra forma às vezes não conseguiriam.

Sendo assim, percebemos que discutir tais questões como: planejamento financeiro, consumo e consumismo, orçamento e economia doméstica é importante na gestão financeira pessoal, doméstica e familiar, de nossos sujeitos de pesquisa “seres consumidores de bens e serviços”.

Esses temas ao serem retratados levaram a situações correlacionadas aos objetos financeiro-econômicos, que podem ser de grande ajuda no disparador de nossas conversas durante alguns dos módulos-encontros de nossa pesquisa e sobre como usar o pensamento financeiro, ou seja, como operar com todos esses objetos reconhecendo que os juros pagos em uma compra parcelada é sempre maior que os juros recebidos em uma aplicação de investimento. E ainda, como planejar o destino de suas receitas (ganhos) ou renda líquida perante um orçamento pessoal, doméstico e familiar já apertado ou não por várias despesas (gastos), onde valores para o consumo são pré-estabelecidos e sofrem alterações a todo o momento ao longo de sua execução, pois imprevistos acontecem todos os dias.

Tudo isso foi realizado de acordo com a metodologia da pesquisa que vamos expor mais adiante nesse texto. E ainda, abordaremos também uma análise de resultados dos dados coletados à luz do nosso referencial teórico; culminando com nossas considerações sobre a pesquisa.

2- REVISÃO DE LITERATURA

2.1- Introdução

Neste capítulo, apresentamos à revisão de literatura, composta por alguns trabalhos de investigação que abordam como tema central a Educação Financeira nas várias vertentes e propostas de intervenção, que nos auxiliaram na composição e também na delimitação do nosso trabalho perante todo esse processo de produção do conhecimento científico.

A cada trabalho pesquisado e analisado, além da elaboração do resumo e dos comentários pontuais acerca do seu teor, tentou-se ainda identificar também a questão ou as questões centrais abordadas pelo respectivo autor.

Atualmente, há uma carência de trabalhos, publicações e pesquisas relacionados ao tema de Educação Financeira integrada à Educação Matemática, principalmente no cenário brasileiro, quando nos referimos aos atuais conteúdos disponíveis em todos os setores de acesso e divulgação dos respectivos sites das instituições superiores federais e particulares de ensino e de órgãos relacionados à pesquisa do governo federal, que conseqüentemente são interligados aos demais sites de “busca na internet” a esses tipos de artigos e textos acadêmicos, como por exemplo os sites: <http://scholar.google.com.br/> (Google Acadêmico) e <http://periodicos.capes.gov.br/> (Periódicos da CAPES). E o que se encontra muitas vezes são apenas obras ligadas à área econômica e da administração ou da gestão financeira pessoal e familiar, não havendo qualquer interligação com ambiente escolar e a área de Educação Matemática.

Assim, podemos perceber claramente que o enfoque dado às essas discussões não escolares encontradas sobre Educação Financeira fica muito restrito e gira apenas em torno das questões matemáticas de âmbito financeiro-econômico, relacionadas somente ao dinheiro e ao consumo, tentando estimular seus leitores, através de alguns exemplos, a sanar suas dívidas, equilibrar seus orçamentos e acumular riquezas em aplicações ou investimentos como: poupança, fundos de ações, previdência complementar e diversos outros; sem discutir e levar em consideração de forma mais abrangente todos os outros aspectos sociais, financeiros e econômicos envolvidos nessas discussões.

Essa situação de escassez ou carência é preocupante, pois realizamos uma ampla busca em sites e em ambientes específicos da área de Educação Matemática objetivando encontrar temas relacionados ao que de fato investigamos e pouco foi encontrado. Principalmente, no que diz respeito ao nosso trabalho, que está centrado em gerar cidadãos mais conscientes, críticos e atuantes na discussão de estratégias relacionadas às suas tomadas de decisão financeiro-econômicas e de suas famílias, membros de uma nova e atual sociedade líquido-moderna de consumo, perante as suas “reais” situações de consumo e o seu atual planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar, além é claro do seu principal instrumento de controle o orçamento doméstico.

No entanto, cada cidadão ou indivíduo-consumidor é capaz de desenvolver habilidades para melhorar sua qualidade de vida e a de seus familiares, a partir da aquisição de novos hábitos de consumo e tomadas de decisões mais sensatas e coerentes com a sua atual realidade financeiro-econômica que está vivenciando. Mas para isso acontecer, é necessário que em algum momento de suas vidas reservem um tempo só para se organizar financeiramente ou para participar de discussões coletivas, sobre a educação financeira e seus principais temas tão pertinentes a nossa vida financeira diária.

Os conceitos da Matemática Financeira são ferramentas que possibilitarão um impulso inicial às várias discussões que queremos trazer à tona sobre Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica e outras atividades relacionadas aos gastos financeiros em geral das famílias brasileiras. Entretanto, não estamos preocupados aqui em querer tecer nenhum julgamento em relação à tomada de decisões dos indivíduos-consumidores e suas famílias, mas sim queremos trazer aos seus conhecimentos, situações e modos de pensar às vezes não muito difundido pelas atuais instituições financeiras e mídias em geral.

Nos últimos tempos, o tema “Educação Financeira” tem sido alvo constante de vários debates e reportagens na imprensa brasileira, principalmente, aqueles relacionados à falta de planejamento financeiro por grande parte da população e à questão do alto índice de endividamento das famílias brasileiras. Mas nesses debates, só entram em cena alguns experts em consultoria financeira, reconhecidos nacionalmente ou não, para atuarem como convidados especiais, que buscam sempre despertar e motivar a conscientização social dos indivíduos-consumidores e de seus familiares para um maior controle financeiro de suas receitas e despesas ou

de seus ganhos e gastos, como a única forma ou alternativa viável para se resolver todos os seus atuais problemas de alto índice de endividamento ou superendividamento e do descontrole financeiro.

Na maioria das vezes, notamos que esses especialistas financeiros são formados inicialmente nas mais variadas áreas do conhecimento e em algum momento de suas vidas resolveram se especializar em consultoria financeira, tornando assim experts nesse assunto e também autores consagrados por seus famosos livros de auto-ajuda sobre os temas ligados diretamente as finanças pessoais e/ou investimentos.

O conteúdo da maioria desses livros de auto-ajuda financeira, nós sugere afirmar que sempre obedecem a uma mesma perspectiva central de se orientar seus leitores sobre a forma correta de gerir seus recursos, controlar seus gastos financeiros: pessoais, domésticos e familiares e como fazer seus investimentos em aplicações rentáveis como: poupança, fundos de ações e outros.

Por isso, ressaltamos aqui que há um grande interesse por parte da população brasileira formada por indivíduos-consumidores em “saber mais e mais” sobre os temas financeiros, para os mais variados fins e um deles poderia ser a própria gestão financeira de seus recursos, como nos afirma Campos (2012, p. 33) ao fazer esse comentário: “que muitas pessoas estão buscando orientações na gestão de suas finanças diante de dificuldades financeiras, ou mesmo com a perspectiva de ampliar patrimônio”.

Apesar de alguns assuntos financeiros ainda parecerem “tabus” quando nos reportamos aos âmbitos familiares e escolares, esse assunto deveria ser encarado e discutido com mais naturalidade e uma maior frequência, pois devemos atender aos anseios desse grande número de leitores interessados por essa temática financeira abordada nessas obras literárias de auto-ajuda ou terapia financeira.

Esse mercado de livros de auto-ajuda ou terapia financeira vem crescendo e se expandindo tanto ano a ano, que já podemos encontrá-los até em locais, antes não explorados, de destaque nos supermercados, isso mesmo, aí pertinho de sua casa e não mais apenas nas grandes livrarias. Situação que nos fazem pensar e refletir sobre a importância da discussão financeiro-econômica sobre tais temas, desde cedo no âmbito familiar e escolar e que os mesmos devem ser tratados com total naturalidade para uma melhor conscientização de todos.

Tomamos como nossa referência uma obra, do consultor financeiro Luís Carlos Ewald, publicada em 2003, intitulada Sobrou Dinheiro!: lições de economia doméstica, que vem acompanhada no seu apêndice do Código “Brasileiro” de Defesa do Consumidor – Lei nº 8078, de 11/09/1990. Ewald retrata nesse livro os conceitos básicos da Administração das Contas do “Lar Doce Lar”, sob vários aspectos, contribuindo assim para a busca de um equilíbrio no Orçamento Doméstico das famílias brasileiras – tema central deste livro.

Inicialmente o autor nos afirma que “todas as famílias, mesmo sem prestar atenção, têm que administrar as contas da casa, senão a coisa fica feia: antes do fim do mês o dinheiro acaba e restam contas para pagar” (Ewald, 2003, p. 7). Surgindo daí a necessidade básica de sempre se orçar e planejar os gastos em função da receita, com muita cautela e responsabilidade, pois quando lidamos com o controle do orçamento doméstico devemos colocar lado a lado “o que ganhamos e o que gastamos para ver se sobra algum dinheiro”.

Segundo Ewald (2003), Economia Doméstica é “a administração das contas da casa” e tudo gira em função do Orçamento Doméstico; que é “o principal instrumento para se fazer o Planejamento Financeiro para hoje, amanhã e dias futuros. É utilizado como ferramenta para se planejar um equilíbrio entre as Receitas e as Despesas nas contas do ‘lar doce lar’” (Ewald, 2003, p. 11). O autor também destaca a importância que tem o Planejamento Financeiro em nossas vidas e afirma ser “fundamental para uma Família que pretende ter as contas em dia e com isso levar uma vida sem estresse”.

Nesta obra, o orçamento é percebido como uma peça importante na administração de receitas ou recursos contribuindo assim para um planejamento antecipado das despesas ou gastos e o estabelecimento prévio de metas e prioridades. Mas no caso das famílias brasileiras, o Orçamento Doméstico, apesar de ter grande importância, é muitas vezes ignorado pela maioria delas ou até mesmo desconhecido, resultado: é muito comum as despesas familiares fugirem do controle e sempre faltar dinheiro antes do mês acabar, surgindo daí uma situação de descontrole financeiro e de dívidas mensais que podem ainda provocar a necessidade de busca por créditos rápidos, como os limites do cheque especial e do cartão de crédito, que pagam altas taxas de juros mensais e podem às vezes virar uma “bola de neve” impagável.

Para Ewald (2003, p. 13) é sempre importante e necessário passar por três fases distintas para se chegar a um fidedigno orçamento doméstico mensal, são elas: i) Avaliação, na base do “chute”, do valor das despesas que a família acha que estão sendo feitas durante um mês; ii) Acompanhamento e apuração no mês seguinte das despesas realmente efetuadas; e iii) Avaliação, programação de possíveis cortes e previsão dos valores que poderão ser gastos no mês seguinte. Após passar por essas três fases, será o Orçamento Doméstico “ideal” que deverá ser seguido e valerá daí para frente, todos os meses, com alguns ajustes pontuais e um fiel acompanhamento bem de perto.

Ewald (2003, p. 36) ainda expõem um modelo de estrutura orçamentária de uma família brasileira padrão, que deveriam ter suas despesas mensais distribuídas da seguinte forma: “30% para Moradia; 25% para Alimentação; 12% para Saúde e Higiene Pessoal; 15% para Transporte; 8% para Educação e Cultura; 5% para Lazer e 5% para Gastos Diversos”. Mas é claro que esses índices percentuais dos gastos podem variar de acordo com o tamanho da família, a classe social, os objetivos e as metas já pré-estabelecidos por ela naquela fase ou ciclo da vida.

O autor fala ainda sobre Índices Oficiais da Economia Brasileira e o cuidado que se deve ter ao planejarmos as compras domésticas nos supermercados, nas feiras livres, no açougue e na peixaria ao lado de casa; e como deveríamos pagá-las: à vista, com cartão de débito, com cheque pré-datado ou com cartão de crédito.

E no final apresenta no apêndice: algumas planilhas orçamentárias, tabelas financeiras, listas de compras agrupadas por grupos alimentícios e o famoso Código de Defesa do consumidor, na íntegra.

A temática de nosso trabalho encontra-se inserida no subgrupo de pesquisa do NIDEEM, intitulado GRIFE/UFJF, sob a orientação do Professor Doutor Marco Aurélio Kistemann Júnior. E, antes de adentrarmos na pesquisa em questão, gostaríamos de destacar que este trabalho não é parte isolada, ou seja, há ocorrência de outros trabalhos neste mestrado profissional, que também retratam a questão “Financeira”, mediante outros pontos de vista e interesses.

Em seguida, apresentaremos as pesquisas do GRIFE/UFJF que já foram defendidas sob a orientação do professor Dr. Marco Aurélio Kistemann Júnior. São elas:

A pesquisa de Reginaldo Ramos de Britto (2012), intitulada de “**Educação Financeira: uma pesquisa documental crítica**”, teve dois propósitos que se

aproximam, representando em verdade duas expressões de uma mesma iniciativa. Por um lado, assume como estratégia estabelecer reflexão crítica às propostas atuais sobre Educação Financeira as quais qualificamos como dirigidas ao Mercado e à domesticação dos indivíduos. Por outro lado, pretende contribuir para que propostas alternativas possam emergir no campo de investigação em Educação Matemática como um todo, mas principalmente, a Educação Matemática Crítica. Além disso, olha cuidadosamente para inserção dessa proposta nos currículos no Brasil, refletir criticamente sobre o que chamamos de “Processo de Legitimação da Educação Financeira”. Este consiste num conjunto de asserções, não des-intencionadas, sobre a necessidade que os indivíduos dominem, na modernidade líquida, competências que lhes permitam dentre outras coisas, utilizar “melhor” produtos financeiros, transformando-se, em melhores consumidores.

A pesquisa intitulada **“Matemática Financeira e Tecnologia: espaços para o desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos da educação de jovens e adultos”**, de Luciano Pecoraro Costa (2012), proporciona aos estudantes, além de conteúdos pertinentes à disciplina, a emersão, em caráter reflexivo. Toma como prerrogativa, as características da Educação Matemática Crítica, de Ole Skovsmose, em que conseqüentemente acarretam reflexões de cunho social, perante questões relacionadas à Cidadania, descritas nas obras de Nilson José Machado. A pesquisa foi realizada num colégio público estadual da cidade de Miguel Pereira/RJ, com alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. A fim de aglutinar aos aspectos de criticidade e cidadania, foram incorporadas ferramentas tecnológicas, calculadora e computador, como meio de intencionar a inclusão digital, e paralelamente, como instrumento auxiliador diante de tomadas de decisão.

A pesquisa realizada por André Bernardo Campos (2013) intitulada: **“Investigando como a Educação Financeira Crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos-consumidores (JIC’S)”**, teve como objetivo a promoção de uma postura crítica por parte dos jovens-indivíduos-consumidores em relação a situações de consumo. Por meio de algumas situações-problemas, busca promover discussões reflexivas e oferecer acesso a informações para a tomada de decisões. Para tal, o autor combina em sua análise das atividades, os dois paradigmas da sala de aula, paradigma do exercício e o cenário para investigação, com os três tipos de referências de Skovsmose (2000):

referência à matemática, referência à semi-realidade e referência à realidade, apoiando-se ainda no Modelo de Campos Semânticos de Romulo Campos Lins.

Dejair Franck Barroso (2013) investiga **“Uma proposta de curso de serviço para a disciplina Matemática Financeira na graduação de Administração mediada pela produção de significados dos alunos”** e se inquietou com a produção de significados dos alunos do curso de Administração de uma Instituição Superior de Ensino de Minas Gerais na disciplina Matemática Financeira, por meio de situações-problema de consumo na sociedade líquido-moderna. Teve como objetivo propor diretrizes para um curso de serviço, direcionado para o público dos cursos de Administração e Economia.

A pesquisa realizada por Amanda Fabri Resende (2013) intitulada **“A educação financeira na educação de jovens e adultos: uma leitura da produção de significados financeiro-econômicos de dois indivíduos-consumidores.”**, analisou, pelo Modelo dos Campos Semânticos, a relação que envolve a Educação Financeira e a preparação do indivíduo para situações que envolvam consumo, apresentando parâmetros que correlacionam consumo e o gênero do consumidor. Além de situar a relação dos indivíduos consumidores perante a sua atual sociedade, que gradualmente passam de produtores – a fase “sólida” – orientada para o acúmulo de bens duráveis, resistentes e imunes ao tempo, na qual a satisfação residia “na promessa de segurança a longo prazo, não no desfrute imediato de prazeres” (BAUMAN, 2008, p. 43 apud RESENDE), para a sociedade de consumidores – a fase “líquida” –, que se apresenta como “um ambiente inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo” (BAUMAN, 2008, p. 45 apud RESENDE), o desejo humano se transforma “de principal ativo do sistema em seu maior risco” (BAUMAN, 2008, p. 44 citado por RESENDE, 2013, p. 59).

A pesquisa concretizada por Neil da Rocha Canedo (2014), **“Ambientes de Modelagem pela ótica da Teoria da Atividade: um novo olhar sobre o convite”**, analisou as dinâmicas dos ambientes de modelagem por meio de um referencial teórico-metodológico e noções categorias apoiados na teoria da atividade. O contexto são salas de aula de matemática das séries finais do ensino fundamental de uma escola publicado com características rurais onde o autor atua como professor. A pesquisa insere-se numa proposta mais geral de investigar as possibilidades de inserção da educação financeira nesse nível de ensino por meio da modelagem.

A pesquisa **“Saindo da Zona de Conforto”: Investigando as Ações e as Tomadas de Decisão de Alunos-Consumidores do 8º Ano de Ensino Fundamental em Situações-Problema Financeiro-Econômicas”** de Luciana Cordeiro Dias (2015), teve como proposta investigar as ações e a produção de significados dos alunos de 8ºs anos do Ensino Fundamental em atividades em grupo numa escola pública municipal de Juiz de Fora – MG. Diante de diversas situações-problemas, planejadas em forma de cenários de investigação, sobre temas ligados a saúde e alimentação, sustentabilidade, planejamento financeiro, consumo consciente de embalagens e interpretação dos dados contidos na mesma.

A pesquisa de Wesley Carminati Teixeira, **“A Inclusão da Educação Financeira em um Curso de Serviço de Matemática Financeira para Estudantes de um Curso de Administração”**, teve como proposta investigar a produção de significados dos alunos de um curso de Administração perante as diversas situações-problemas de consumo e planejamento financeiro, ligadas a sua própria economia doméstica. Assim como, despertar também o interesse de todos por temas diretamente ligados a sua realidade financeiro-econômica fora do ambiente escolar, e não somente ficar nas grandes análises teóricas da economia nacional e/ou mundial, sem se perceber o que de fato acontece ao seu redor ou perto de você nestes períodos de crise financeira.

As próximas pesquisas relacionadas com a temática da “Educação Financeira Escolar” que se seguem, são de outro grupo de estudos desse mestrado profissional, orientadas pelo professor Dr. Amarildo Melchades da Silva (NIDEEM/UFJF). Seu grupo de estudos atualmente vem trabalhando num projeto de pesquisa e desenvolvimento em Educação Matemática que tem como objetivo investigar a inserção da Educação Financeira nas escolas brasileiras como um tema transversal no currículo de Matemática da Educação Básica. São elas:

A **“Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: Uma Análise da Produção de Significados”** é o título da pesquisa, de cunho qualitativo, desenvolvida por Marcelo Bergamini Campos (2012). Nesta investigação, o autor discute a relevância da Educação Financeira no contexto atual além de apontar elementos que podem contribuir com a formação matemática do educando. Produziu-se um conjunto de tarefas referenciadas teoricamente que foram aplicadas a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para analisar os significados produzidos a partir destas tarefas, tomou-se como base teórica o Modelo dos Campos

Semânticos. O Produto Educacional, direcionado ao professor de Matemática, está diretamente associado aos objetivos desta investigação.

A pesquisa “**Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º ano do Ensino Fundamental**”, de Luciana Borges Losano (2013) teve como objetivo a elaboração um produto educacional constituído por um conjunto de tarefas de Educação Financeira para aplicação em salas de aula de matemática do 6º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa, de cunho qualitativo, faz parte de uma proposta de inserção da Educação Financeira como tema transversal ao currículo de Matemática da Educação Básica; e toma como base teórica o Modelo dos Campos Semânticos e as ideias presentes em Vygotsky e Leontiev.

O trabalho de pesquisa “**Design de Tarefas de Educação Financeira para o 8º ano do Ensino Fundamental**”, de Márcio Carlos Vital (2014), teve o desafio inicial de definir qual Educação Financeira queremos propor para as salas de aulas de matemática do ensino fundamental e desenvolver tarefas capazes de possibilitar aos alunos a produção de significados quando expostos a situações que necessitam de tomadas de decisões financeiras.

“**Educação Financeira Escolar: Orçamento Doméstico**” é o título da pesquisa de Raquel Carvalho Gravina (2014), teve o mesmo desafio inicial que o trabalho anterior e também segue os mesmos passos, mas com o objetivo já definido que é produzir tais tarefas estando referenciadas teoricamente no Modelo Teórico dos Campos Semânticos, para aplicação em salas de aula de matemática do 7º ano do Ensino Fundamental. O projeto é parte de uma proposta de inserção da Educação Financeira como tema transversal no currículo de Matemática da Educação Básica. Adota como base teórica o Modelo dos Campos Semânticos, nas ideias presentes em Vygotsky e Leontiev. A pesquisa tem como finalidade a elaboração de um produto educacional que se constituirá num conjunto de tarefas para utilização pelos professores de matemática em sala de aula.

A pesquisa realizada por Andréia Stambassi (2015), “**Sobre a Formação de Professores em Educação Financeira Escolar**”, trata-se de uma proposta de trabalho que busca investigar a formação dos professores da Educação Básica, que irão lecionar o assunto Educação Financeira na escola como parte de se educar matematicamente os estudantes deste nível de ensino. A pesquisa se caracteriza ainda por uma abordagem qualitativa de investigação que será a de acompanhar a elaboração e execução de uma proposta de Curso de Especialização em Educação

Financeira Escolar através da observação participante. Sua análise se pautará nas informações coletadas na pesquisa de campo e na produção de significados dos professores cursistas, que deverá ser feita com base nas categorias propostas pelo Modelo dos Campos Semânticos. O produto educacional resultante é uma proposição de um curso de formação continuada de professores, nas modalidades especialização ou atualização em Educação Financeira Escolar.

2.2 - Investigações Realizadas

A seguir, apresentamos alguns trabalhos separados por titulações em que têm trazido consideráveis contribuições às discussões centradas na Educação Financeira e possuem afinidades, e também, pontos de vista semelhantes com o nosso tema: “A Educação Financeira em um Curso de Orçamento e Economia Doméstica para Professores: Uma Leitura da Produção de Significados Financeiro-Econômicos de Indivíduos-Consumidores”.

2.2.1- Teses

A tese **“Sobre a Produção de Significados e a Tomada de Decisão de Indivíduos-Consumidores”**, de Marco Aurélio Kistemann Júnior (2011), que teve como objetivo responder à seguinte pergunta: “Em que medida, num cenário líquido-moderno, os indivíduos-consumidores tomam suas decisões de consumo e que significados produzem quando lidam com objetos financeiro-econômicos?”. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, baseou-se na análise documental, montagem do perfil do indivíduo-consumidor, entrevistas semi-estruturadas e pesquisa bibliográfica. O pesquisador estava norteado pelas ideias da Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose, uma vez que durante toda a investigação tinha como proposta:

(...) não só desenvolver nos indivíduos-consumidores habilidades de cálculos matemáticos, estratégias formatadas de tomadas de decisão, mas, sobretudo, promover a participação crítica desses indivíduos nas mais variadas esferas de atuação social, refletindo sobre os panoramas financeiro-econômicos e produzindo significados que promovam o entendimento da Matemática, que permeia o lócus e as relações sociais e econômicas. (KISTEMANN JR., 2011, p. 95)

Ainda, de acordo com Kistemann Jr. (2011, p. 30):

Entendemos que a sociedade do século XXI não pode prescindir de discutir uma educação financeira, bem como significados em torno de ideias, que se embasam em práticas conscientes de consumo, planejamento financeiro, tomada de decisões acerca de ações praticadas pelo indivíduo-consumidor, quando almeja adquirir um produto no qual deverá ter conhecimento para não ser ludibriado, bem como, adquirir hábitos que propiciem a arte de manejar criticamente os objetos matemáticos de cunho financeiro-econômicos.

Também lançou mão do Modelo dos Campos Semânticos proposto por Lins (1999) para embasar teoricamente suas análises, uma vez que julga ser importante “ouvir aquele que consome, de que forma o faz e porque suas tomadas de decisões muitas vezes são guiadas por outros que não o próprio consumidor” (KISTEMANN JR., 2011, p. 29). Assim, o pesquisador voltou suas preocupações à “qualidade da tomada de decisão do indivíduo, que instrumentos matemáticos são utilizados (ou não), que outros instrumentos são utilizados para efetuar o ato do consumo” (KISTEMANN JR., 2011, p. 28).

Além disso, utilizou também dos modelos da Sociologia, Psicologia e Economia para descrever ideias relativas ao capitalismo e a sociedade de consumo, investigando modelos, sejam eles econômicos ou de outra natureza.

O trabalho de Kistemann Jr. (2011), tem muitos pontos de convergência com nossa pesquisa. Entre outros, podemos citar a visão do autor ao propor caminhos alternativos para que se tenham ações de consumo mais críticas e conscientes. Para tal, estabelece o termo Matemacia Financeiro-Econômica, definido como sendo “(...) a habilidade de análise e reflexão com a decorrente tomada de decisão acerca de situações de consumo” (KISTEMANN JR., 2011, p. 97). Além deste, cunha o termo Privilégio de Acesso a Informações (PAI), referindo-se a um conhecimento que permite a uma minoria controlar as massas.

Nesse sentido, entendemos que preparar cada indivíduo-consumidor para vivenciar uma cidadania crítica seja propiciar a cada um deles o acesso às regras do jogo financeiro-econômico, maior clareza nas propostas e mais visibilidade do ambiente em que ocorre o jogo das ações de consumo. Cada cidadão deve ter possibilidade de acesso às ferramentas, que regem as ações e transações econômicas, para que possa escolher que decisões deve tomar. (KISTEMANN JR., 2011, p. 97)

Ressalta a importância da Matemacia em dar suporte aos indivíduos-consumidores – no viés financeiro-econômico, perante as suas ações de consumo e tomadas de decisão com mais autonomia.

No viés financeiro-econômico, entendemos que a Matemacia pode dar suporte a cada indivíduo-consumidor no momento em que este, em suas ações de consumo, comece a lidar com os discursos do marketing, com a matemática financeira intrínseca nas transações de financiamento, compra e venda, propiciando a este indivíduo uma leitura da situação que lhe forneça elementos para sua tomada de decisão com um grau de autonomia. (KISTEMANN JR., 2011, p. 109)

Segundo o autor de posse dos conhecimentos dessa Matemacia, os indivíduos-consumidores poderão tomar as melhores decisões financeiro-econômicas para si, sua família e o meio social em que está inserido.

Almejamos que de posse da Matemacia, o indivíduo-consumidor tome suas decisões de consumo, de acordo com suas condições financeiras, refletindo sobre essas decisões e sabendo as consequências dessas decisões e até que ponto elas atingem o próprio indivíduo-consumidor e o meio em que este está inserido. (KISTEMANN JR., 2011, p. 109)

Como conclusão, a pesquisa mostra que o valor das parcelas mensais é mais relevante do que as taxas de juros cobradas, neste ou naquele tipo de financiamento, para a tomada de suas decisões financeiro-econômicas. Isso ocorre porque eles estão mais preocupados se os valores dessas parcelas vão caber em seus orçamentos mensais do que com os juros nelas acrescidos.

Além disso, os indivíduos-consumidores relataram que diante da facilidade de tanto crédito acabam consumindo mais do que realmente precisam ou necessitam naquele momento. Surpreendentemente, isso acontece mesmo em tempos de fortes questionamentos sobre a sustentabilidade do nosso planeta, pois a maioria de seus entrevistados diz não estar preocupados com o meio ambiente ao tomarem suas decisões de consumo; o que pesa para eles na hora do consumo são os itens: i) preços dos produtos e ii) a parcela mensal a se pagar por esses bens e serviços.

O estudo mostrou ainda outro resultado preocupante, pois sua pesquisa contou com a participação de sete sujeitos de pesquisa, dos quais três se especializaram e cursam mestrado/doutorado na área de Educação Matemática ou Matemática e os outros quatro indivíduos-consumidores têm no mínimo doze anos de escolarização, com formação específica nas áreas de humanas ou de saúde. E o autor constata que mesmo tendo acesso aos mais refinados conceitos de Matemática, em especial de Matemática Financeira, os primeiros três indivíduos-consumidores utilizam tão somente conceitos triviais ou básicos de Matemática para

tomarem suas decisões de consumo em suas ações de consumo, que é o mesmo conhecimento utilizado pelos outros sujeitos de pesquisa.

Isso nos leva a ponderar sobre “as matemáticas” presentes nas graduações de Matemática e a constatação de Kistemann Jr. vai ao encontro do que acreditamos e nos dá o suporte necessário para continuarmos nossa busca sobre como os indivíduos-consumidores de bens e serviços tomam suas decisões financeiro-econômicas frente às situações reais de consumo.

Para finalizar, o pesquisador propõe a criação de um curso de extensão universitária na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) voltado para a comunidade, sobretudo aos professores de Matemática, fazendo uso da Matemática Financeiro-Econômica.

2.2.2 – Dissertações

A dissertação “**A educação econômico-financeira na formação profissional: uma análise diagnóstico-propositiva**”, de Flavio Roberto Faciolla Theodoro (2011), sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Colenci Júnior (CEETEPS), trata-se de investigação qualitativa com opção por pesquisa documental e comparativa com a realidade, que teve como objetivo mostrar que através da formação escolar o indivíduo poderá tomar decisões mais racionais e disciplinadas no âmbito financeiro.

Inicialmente, o pesquisador traz para o seu trabalho a conceituação e as definições da Educação Financeira através de algumas publicações científicas sobre o assunto e, sobretudo, na visão da OCDE; onde são elencadas as ações e propostas públicas e privadas que estão sendo desenvolvidas com relação ao assunto. Em seguida são vistos os aspectos históricos que determinam a relação entre educação e trabalho. E aborda a questão dos investimentos no Brasil, onde é feito uma análise dos principais tipos, suas perspectivas e sua importância para o planejamento financeiro pessoal.

Além disso, buscou entender a compreensão dos aspectos teóricos relacionados à Educação Financeira através das leis econômicas, dos conceitos contábeis, da matemática financeira e, sobretudo, dos aspectos comportamentais da sociologia e psicologia, pois demonstram as relações de consumo e dão suporte técnico e prático à proposta de um conteúdo estruturado sobre Educação Financeira

servindo como base para implementação desse assunto nos cursos de formação profissional.

Através da revisão de literatura, da legislação e da documentação relacionada ao tema buscou-se trabalhar a hipótese de que a disciplina e a racionalidade no trato das finanças pessoais podem ser adquiridas através da formação escolar.

Na busca de dados mais precisos a respeito dessa conjectura, o autor realizou uma pesquisa de campo com 75 alunos do ensino técnico de uma instituição pública de ensino profissional, onde a idade dos participantes era entre 19 e 34 anos, com a pretensão de ilustrar os dados obtidos na pesquisa teórica.

Sua finalidade durante a pesquisa de campo foi verificar o comportamento dos alunos com relação ao tratamento das suas finanças, que retratasse os hábitos, as responsabilidades e as opiniões sobre a Educação Financeira no Brasil. Buscando através desses dados observarmos se havia algum planejamento nas suas decisões de consumo e investimentos, a relação com a qualidade de vida e as informações que possuíam sobre finanças pessoais, por meio de um questionário contendo sete questões fechadas do tipo “sim” ou “não”, dentre elas apenas duas ofereciam opções com possibilidades de escolher mais de uma resposta.

Diante de todos os dados pesquisados, os resultados obtidos levaram ainda o pesquisador concluir que a maior parte das pessoas hoje em dia tem dificuldades em se planejar suas finanças, não tem poupança ou investimento e vem apresentando recordes de inadimplência e endividamento. E apresenta algumas propostas com base na pesquisa para se melhorar os níveis de endividamentos e de planejamento financeiro entre a população

Na dissertação **“A Educação Financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular”**, de João Ricardo Amadeu (2009), sob a orientação do Profa. Dra. Ivone Tambelli Schmidt (UNOESTE), apresenta como objetivo principal, contribuir com os estudos sobre Educação Financeira, destacando sua influência nas decisões de consumo e investimento, além de buscar saber se os alunos usam os conhecimentos adquiridos nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Matemática, de maneira concreta no seu campo pessoal. O autor verificou a importância que esses alunos dão para uma possível introdução da disciplina de Educação Financeira na grade curricular de seus cursos e de que forma esta disciplina deveria ser ministrada. Para atingir seus objetivos, Amadeu

elaborou um questionário com 25 questões de múltipla escolha, para ser aplicado aos alunos, que abrangia as seguintes questões: nível de conhecimento sobre Educação Financeira; atitude dos indivíduos em relação às decisões financeiras; nível de interesse para inserção da disciplina de Educação Financeira na grade curricular dos cursos e qual seria o método de preferência dos entrevistados: tradicional ou com o uso de planilhas eletrônicas.

Em suas conclusões, o autor afirma que o conhecimento dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de conhecimento sobre Educação Financeira. Com relação às atitudes, Amadeu afirma que o nível de conhecimento sobre finanças influencia na qualidade das decisões financeiras tomadas pelos alunos. O que mais deixou Amadeu satisfeito foi que 99,32% dos alunos entrevistados responderam ser importante a inserção de uma disciplina específica de Educação Financeira na grade curricular de seus cursos.

A dissertação **“Educação Matemática: Matemática & Educação para o Consumo”** de Valéria de Carvalho (1999), sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Domite Mendonça (UNICAMP), originou-se de uma reflexão cuidadosa sobre a finalidade dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ao apresentar os chamados temas transversais. A pesquisadora também estava preocupada com a utilização de novos recursos de ensino que buscavam contribuir na dinâmica do processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, ela organizou uma proposta de intervenção na formação profissional de dois professores de Matemática, focada na questão da Educação para o Consumo e no uso do vídeo em aulas de Matemática. Sua pesquisa é caracterizada como qualitativa analítico-descritiva e interventiva, na qual os professores se engajaram refletindo teoricamente, construindo atividades e avaliando a implementação dessas em sala de aula. Foram feitas entrevistas gravadas em áudio com os professores, nas quais relataram suas expectativas, atitudes e reações em relação ao processo vivenciado, de modo que a partir dessas entrevistas foi possível avaliar a natureza de caráter interventivo na formação desses profissionais, no contexto desse projeto de ensino.

De acordo com Carvalho (1999, p. 1),

O papel que se tem procurado conferir à Educação Matemática na construção da cidadania supõe que se explicitem suas contribuições para o atendimento a demandas de uma inserção autônoma e crítica dos alunos na

sociedade de consumo. Nesse sentido, é necessário que o ensino da Matemática colabore na constituição de sujeitos preparados para um mercado de trabalho diferenciado, para novos padrões de consumo e para outras exigências no exercício da cidadania. Por esse motivo, a escola não pode se furtar à responsabilidade de promover a educação para o consumo, provocando reflexões, dando acesso a informações e instrumentalizando sua comunidade para as tomadas de decisão.

Além disso, segundo a pesquisadora,

(...) os professores, sujeitos potenciais da mediação que subsidia essa educação para o consumo, não estão, eles próprios, preparados para a realização dessa função. A formação que boa parte desses professores teve, nesse campo, resume-se a uma abordagem livresca da matemática comercial e financeira, sem qualquer reflexão para as condições reais de consumo. Dessa maneira, faltam-lhes tanto o instrumental matemático para lidar com as situações do cotidiano econômico, quanto informações referentes ao Código de Defesa do Consumidor, bem como uma prática de reflexão que lhes permita avaliar a repercussão da inter-relação desse conhecimento na vida social deles. (CARVALHO, 1999, p. 1)

Diante dessa situação, Carvalho (1999) formula sua questão de investigação: “Que contribuições para a formação profissional de professores de matemática poderiam trazer a elaboração e discussão de uma proposta pedagógica orientada para a Educação do consumidor e mediada pelo uso do vídeo?”.

Suas investigações também se aproximam de alguns módulos-encontros do nosso trabalho, quando se trata do estudo de alguns artigos do Código de Defesa do Consumidor (CDC) em certas situações-problemas, pois comungamos do mesmo pensamento que a pesquisadora nos traz em seu trabalho, quando nos afirma que apoiados no CDC, na pesquisa de mercado e nos conhecimentos matemáticos envolvidos podem-se formular atividades que orientem os alunos— para nós indivíduos-consumidores, na tomada de decisões de consumo. Mas só formular essas atividades acreditamos que não é o suficiente, e, menos ainda, quando estas só têm a capacidade de orientar no sentido de dar soluções, diretrizes. Mas concordamos com a pesquisadora ao defender que é necessário um ambiente onde os alunos possam, pautados também, mas não somente, em situações-problemas, desenvolver uma postura mais reflexiva, possibilitando, entre outros aspectos, rever suas ações enquanto consumidor.

A pesquisa de Carvalho (1999) corrobora com nosso estudo ao apontar argumentos de que “para vermos criticamente uma imagem, precisamos questionar essa imagem e procurar compreender sua mensagem e, principalmente, distinguir e analisar o que ela sugere e o que deixa implícito” (CARVALHO, 1999, p. 23), vem

assegurar uma de nossas intenções, que é fazer o uso de imagens e do vídeo como um de nossos principais recursos, a ser utilizado nos módulos-encontros de nossa pesquisa, para iniciar nossos debates e reflexões sobre Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica.

Carvalho (1999, p. 60) ainda ressalta que “(...) a forma como os elementos do cotidiano são apresentados nos meios de comunicação abre um espaço educacional para enfocarmos questões como: i) a educação para o consumo; ii) a ética; e, iii) a introdução de noções de cidadania”.

Mas, segundo Carvalho (1999), não podemos esquecer também de ressaltar que

(...) a contribuição da matemática nas tarefas que lidam com o dinheiro não reside apenas em apoiar as ações do cálculo correto, no que se refere a especificações de determinadas somas ou casos como troco ou pagamento de um total no caixa. Diversos conceitos e procedimentos da matemática são acionados para entendermos nossos holerites (contracheques), calcular ou avaliar aumentos e descontos nos salários, aluguéis, mercadorias, transações financeiras, entre outros. A relação entre o preço explícito e as taxas, em geral, nele embutidas, ainda não está devidamente declarada nas ações e relações de consumo, tantas vezes presentes em nosso dia-a-dia. (CARVALHO, 1999, p. 61).

Como conclusão, Carvalho (1999) explicita, especificamente em relação ao papel desempenhado pelo uso do vídeo, que este

(...) pode ser um disparador de reflexões e aprendizagem, que pode provocar conflitos cognitivos e influenciar as crenças dos professores. O vídeo, a priori, motivou muito o professor e despertou na professora insegurança, propiciando à mesma uma postura de análise crítica sobre o papel de vídeos em sala de aula. Além disso, cabe destacar que trabalhar com vídeos, fazendo análise crítica deste material, é um tópico ausente na formação inicial e continuada do professor de matemática. (CARVALHO, 1999, p. 138).

E ressalta sua importância na construção do saber humano, ao afirmar que

O vídeo educa, gera comportamentos, forma opiniões e muda ou mantém as relações sociais. Quanto maior seu poder de persuasão, maior seu poder de transformação ou manutenção do status da sociedade. A educação em geral e a educação matemática em particular precisam aprender a incorporar este poder e canalizá-lo para a construção do saber do homem e da sociedade. (CARVALHO, 1999, p. 143).

Mas, segundo a autora, conclui-se que “existem vários fatores que fragilizam as decisões do consumidor diante de situações que envolvam a análise e escolha de planos de pagamento. Destacamos o fato da população em geral não ter clareza de como transportar o dinheiro ao longo do tempo. A este fato se somam os cálculos

não imediatos envolvidos na análise das taxas de juros embutidas em diferentes planos de pagamento. Estas dificuldades poderiam ser superadas pela democratização do acesso e conhecimento do uso de ferramentas computacionais (ou calculadoras financeiras) no dia-a-dia do consumidor, em conjunto com uma reflexão crítica, pesquisa e planejamento antes do ato da compra”. (CARVALHO, 1999, p. 145).

Ao final de sua pesquisa podemos constatar ainda que com “o uso de multimeios” (TV, vídeo, filmadora, computador, folhetos publicitários e promocionais, jornais e revistas) associados aos temas que são a força motriz da sociedade hoje, poderá tornar o ensino da matemática mais atraente e envolvente tanto para professores, quanto para alunos. Conseqüentemente, a aprendizagem de matemática torna-se um processo mais significativo, gerando a possibilidade de desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e cidadã. (CARVALHO, 1999, p. 149).

2.2.3 – Monografias

A monografia “**Finanças Pessoais**” de Luciana Silva Ramos de Oliveira (2011), sob a orientação da Profa. Ana Claudia Morrissy (Universidade Candido Mendes), apresenta as vantagens e os benefícios que poderão ser alcançados com um bom planejamento das finanças pessoais, determinando assim de formas claras e adequadas as suas reais necessidades, já que o principal motivo para o descontrole dessas finanças pessoais e do orçamento familiar é gastar mais do que se ganha.

Segundo a autora, um dos objetivos deste estudo foi demonstrar que para se ter um equilíbrio da economia doméstica é necessário saber distinguir as necessidades dos desejos, pois com o aumento do crédito, dos impulsos consumistas e do descontrole orçamentário das famílias essa missão se torna cada vez mais difícil e passam a ser fatores preocupantes para todo o “bem estar” da economia no Brasil.

Nesse sentido, vale a pena entender melhor o objetivo principal desse trabalho, que é demonstrar numa linguagem clara e de fácil compreensão, que qualquer pessoa pode ter e manter um controle financeiro pessoal para não sofrer impactos nem surpresas em seu orçamento familiar. E que a pesquisa de

orçamentos domésticos visa aprimorar o controle das despesas e receitas familiares, estimulando assim o ato de poupar para se alcançar e realizar sonhos, como o tão sonhado equilíbrio financeiro de suas contas.

Concordamos com Oliveira (2011, p. 8), quando nos diz que

Planejamento Financeiro é um processo fundamental para o controle das receitas, despesas, investimentos, e de seus patrimônios determinando as atividades e recursos necessários à sua execução. Um bom planejamento financeiro pessoal e familiar auxilia ao indivíduo que visa o aumento de qualidade de vida através do conhecimento de suas finanças, é preciso plantar hoje para colher bons frutos no futuro.

Concordamos também quando a autora nos ressalta essa importância do Planejamento Financeiro em nossas vidas, principalmente ao mencionar que a sua falta atrelada a incipiência de um Orçamento Doméstico, pode nos levar a um fracasso financeiro, que vai desde o comprometimento significativo de nossa renda mensal para pagamento das contas até mesmo o adiamento por prazo indeterminado da realização de alguns de nossos sonhos.

Oliveira (2011) ressalta ainda que “a montagem de um orçamento doméstico é uma tarefa que exige muito planejamento e traz a necessidade de prever o futuro a fim de evitar problemas financeiros”. (OLIVEIRA, 2011, p. 9). E que não basta apenas equilibrar as receitas e as despesas, é preciso também garantir uma sobra de 10% para as futuras emergências e imprevistos que podem acontecer.

Depois a autora expõe sua classificação e categorização para as despesas mensais, agrupando-as em: Habitação, Saúde, Alimentação, Educação, Transporte, Lazer, Despesas Financeiras e Diversos; e são apresentadas junto com sua tabela orçamentária, que é muito parecida com as famosas planilhas de Orçamento Doméstico de Ewald (2003) e de Cerbasi (2013) – autores consagrados nesse assunto.

No final, Oliveira (2011, p. 29) afirma que a Educação Financeira dos brasileiros “não é parte do universo educacional familiar, tampouco escolar, assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro, nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com grandes repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país.” E afirma ainda que, em linhas gerais, uma Educação Financeira apropriada deve abarcar quatro pontos essenciais em suas discussões, são eles: i) Como

ganhar dinheiro, ii) Como usar o dinheiro, iii) Como poupar e iv) Como doar tempo, talento e dinheiro.

Como conclusão, explicita que para ocorrer um bom controle das finanças pessoais e familiares deverá envolver todas as pessoas da sua família, uma vez que todas serão beneficiadas pelos resultados. E que o Planejamento e a reorganização financeira pessoal é antes de tudo uma mudança de comportamentos e atitudes diante da vida pessoal, familiar e profissional.

A monografia **“A Educação Financeira e o Processo de Desenvolvimento Econômico do País”** de Lilian Luisa Brito Bueno (2010), sob a orientação da Profa. Ms. Vilma da Silva Santos (Universidade de Taubaté), apresenta um debate sobre os quesitos básicos para o desenvolvimento econômico de um país e de sua população. Esses quesitos perpassam pelo processo de aumento do capital humano, dos níveis de educação – principalmente a Educação Financeira, saúde, competência técnica dos trabalhadores e a transferência dessa força para setores com maior conteúdo tecnológico, o que implica em salários mais elevados.

Segundo a autora, o objetivo do trabalho foi destacar a importância da educação financeira no contexto educacional e familiar, pois ambos podem contribuir de forma eficaz com o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos, para que eles possam tomar decisões mais acertadas e fazer uma boa gestão de suas finanças pessoais. Essa habilidade também pode contribuir para que haja uma maior integração entre indivíduo e sociedade, propiciando assim bem-estar, além disso, os indivíduos bem informados ajudam a criar um mercado mais competitivo e eficiente. Nesse contexto, podemos verificar ainda o intuito de se obter o conhecimento necessário para a tomada de decisões financeiras conscientes e mais responsáveis, que propiciem a participação de todos os cidadãos no processo de desenvolvimento econômico do país.

De acordo com Bueno (2010), que “Atualmente, muitas famílias têm seu orçamento familiar comprometido pelo impulso de comprar imediatamente o que querem, em detrimento da possibilidade de planejarem a compra ao longo do tempo. Por isso, a conscientização do orçamento familiar bem administrado deve ser objetivo, compreendido por todos os membros da família”. (BUENO, 2010, p. 13).

Concordamos ainda com Bueno (2010, p. 16), quando nos diz que

Isso ocorre muitas vezes pela falta da adoção de princípios básicos de planejamento e controle financeiro, que possibilitam alcançar mais rapidamente, e sem gastar tanto, alguns dos objetivos de consumo. O planejamento e o controle financeiro possibilitam, também, maior folga no orçamento, o que, em última instância, traz mais tranquilidade à pessoa.

Concordamos também com a autora quando nos ressalta a importância do papel da educação financeira, neste contexto, pois é através dela que as pessoas podem encarar o dinheiro “como um instrumento que pode ajudar a melhorar a sua qualidade de vida, bem como a do país”. (BUENO, 2010, p. 15).

Nesse contexto, Bueno (2010) analisou-se a participação voluntária de um grupo de doze pessoas com idade entre vinte e quarenta anos, que não receberam educação financeira na infância ou em qualquer fase da vida, no Jogo Cashflow, criado pelo investidor Robert Toru Kiyosaki, autor do best seller ‘Pai Rico Pai Pobre’.

Esse Jogo Cashflow, “fluxo de caixa” em inglês, é um jogo pedagógico e educativo, lançado em português no ano 2000, que ensina os praticantes a ter disciplina, a dar valor ao dinheiro e a traçar objetivos e metas. O jogo consiste num tabuleiro colorido de Banco Imobiliário e possui duas pistas: uma interna e outra externa. O objetivo do jogo é sair da pista interna, que o autor chama de Corrida dos Ratos e alcançar a pista externa ou Pista de Alta Velocidade, que simula o jogo dos ricos na vida real. Para conseguir esse objetivo o jogador deve comprar ativos suficientes que equivalem aos gastos mensais; deve ter rendimentos suficientes para pagar suas contas sem depender do salário. Já ao entrar no circuito da pista 2, de alta velocidade, o único objetivo do jogador é atingir a realização do sonho que foi previamente escolhido antes do início do jogo.

Segundo Kiyosaki (2000), o Jogo Cashflow se destina a oferecer a cada jogador um feedback pessoal. Seu objetivo é apresentar opções, não tanto pelo que acontece, mas pelas soluções financeiras diferentes que uma pessoa pode imaginar para transformar um real em milhares de reais e pela criatividade a serviço da solução de problemas financeiros. Para isso, o jogador deve desenvolver a inteligência financeira. A coluna dos ativos dos ricos, no caso o circuito da pista 2, gera renda mais do que suficiente para cobrir as despesas, com o saldo reinvestido na coluna dos ativos. A coluna dos ativos continua crescendo e a renda gerada

crece com eles: o resultado é o enriquecimento dos ricos, que ficam cada vez mais ricos.

Kiyosaki (2000) ressalta ainda “o que importa não é quanto dinheiro uma pessoa ganha, mas quanto dinheiro ela poderá conservar, uma vez que são os ricos que adquirem ativos, e os pobres e a classe média são os que adquirem obrigações. Um ativo é algo que disponibiliza dinheiro, já um passivo é algo que tira dinheiro do bolso”.

Neste estudo, de acordo com Bueno (2010, p. 16), o intuito foi “verificar o comportamento financeiro dos doze jogadores frente a decisões financeiras pessoais, o que significa qualquer tipo de escolha que envolva recursos finitos, tomada com base em regras e variáveis financeiras que regulam o mercado, e que possibilitam viver sem sobressaltos financeiros que podem gerar problemas não só pessoais, como também ao desenvolvimento do país”.

Durante o trabalho, Bueno (2010, p. 24) afirma ainda que “Planejamento Financeiro é um processo racional de administrar a renda, os investimentos, as despesas, o patrimônio e as dívidas, objetivando tornar realidade os sonhos, desejos e objetivos. É o planejamento financeiro que define as linhas de investimento e financiamento”.

No final de seu trabalho, Bueno (2010, p. 48), constata também que “a educação financeira é à base de uma situação financeira desejável, saudável. Quanto antes se aprender e praticar os ensinamentos financeiros, mais as pessoas terão subsídios para analisar racionalmente e adotar outras atitudes que resultem em mais preparo para avaliar situações de risco em investimentos, empréstimos e outras transações financeiras no seu dia a dia, que não venham no futuro a comprometer a vida pessoal nem o desenvolvimento econômico do país”.

2.2.4 – Artigos

O artigo “**A importância do Planejamento Financeiro**” de Donizete Cosme Oliveira (2012), com área temática: Administração (Revista Intellectus Ano VIII, Nº 20), apresenta um trabalho que tem como objetivo principal consolidar a necessidade do planejamento pelas organizações, pois através dele pode se alcançar suas metas e objetivos.

Inicialmente o autor define planejamento financeiro como sendo “o guia para as empresas, podendo assim desenvolver os planos de curto e longo prazo com sucesso” (OLIVEIRA, 2012, p. 75), e apresenta suas principais características. Mas adiante, ressalta ainda a sua importância no contexto pessoal e empresarial, e principalmente as suas inúmeras vantagens para se ter um plano financeiro bem concebido e tecnicamente bem adequado, ou seja, um plano viável e coerente com a sua atual situação financeira vivenciada e a desejada.

As vantagens apresentadas sobre planejamento financeiro, neste artigo, podem ser sintetizadas em quatro itens a seguir: i) Disciplina nas operações, ii) Distinção entre o necessário e o supérfluo, iii) Senso de responsabilidade em relação ao lucro previsto e iv) Prática de "administrar por exceção", sendo que o último merece nosso destaque ao referir-se a uma técnica de planejamento que permitirá identificar os pontos fracos da empresa, através da comparação entre o real e o orçado, possibilitando assim uma imediata correção dessas deficiências.

O autor ainda frisa algumas condições básicas e ideais para o sucesso empresarial e comenta os principais eventos que podem originar uma necessidade de planejamento financeiro, são eles:

- compra ou venda de negócios de família;
 - crise financeira;
 - herança ou repartição de bens;
 - mudanças na carreira profissional;
 - planejamento para filhos (nascimento, adoção, educação);
 - planejamento para aposentadoria;
 - preparação para casamento, separação;
 - recebimento de grande soma de dinheiro ou inesperada queda financeira.
- (OLIVEIRA, 2012, p. 82)

E ressalta a importância do planejamento das finanças, ao afirmar que o mesmo “não visa apenas o sucesso financeiro, ele é relevante para o sucesso pessoal e profissional. O gerenciamento adequado das finanças é o diferencial entre sonhadores e realizadores”. (OLIVEIRA, 2012, p. 82).

Mas, segundo o autor, alguns equívocos ainda são cometidos a respeito de planejamento financeiro, os mais comuns são:

- Confundir Planejamento Financeiro com Investimentos;
- Esperar momentos de crise para tomar a iniciativa de fazer o Planejamento Financeiro;
- Esperar retornos irreais para seus investimentos;
- Não estabelecer objetivos financeiros mensuráveis;

- Pensar que Planejamento Financeiro é a mesma coisa que planejamento para aposentadoria;
- Pensar que Planejamento Financeiro é para quando ficarem velhos;
- Pensar que Planejamento Financeiro é Planejamento Tributário;
- Pensar que Planejamento Financeiro é somente para quem possui muito dinheiro;
- Pensar que utilizar os serviços de um Consultor Financeiro, significa perder o controle de suas finanças pessoais;
- Tomar uma decisão financeira sem entender seus efeitos em sua situação financeira global. (OLIVEIRA, 2012, p. 82)

Como conclusão, Oliveira (2012) define

Planejamento financeiro é um processo racional de administrar sua renda, seus investimentos, suas despesas, seu patrimônio, suas dívidas, objetivando tornar realidade seus sonhos, desejos e objetivos, tais como: casa própria, poupar para a educação dos filhos, fazer a viagem dos sonhos, investir de acordo com o perfil pessoal, ser bem sucedido na carreira profissional, reduzir impostos, tornar-se empresário, aposentar-se confortavelmente, planejar e administrar testamento, partilha. (OLIVEIRA, 2012, p. 83).

E nos faz um alerta ao afirmar que “a maioria das pessoas trata suas finanças procurando gastar menos do que ganha. Este é apenas um dos aspectos do planejamento. É necessário, entre outros aspectos, estabelecer objetivos, sem os quais a pessoa age como um barco sem rumo”. (OLIVEIRA, 2012, p. 83). Comentário muito parecido com o de Gustavo Cerbasi (2005, p. 85) quando também nos diz que o importante não é só “gastar menos do que se ganha” e sim de gastar melhor o que se ganha, pois quando falamos de orçamento e planejamento financeiro devemos sempre ter em mente um foco nos objetivos e metas pré-definidos para podermos alcançá-los, sem é claro perder o rumo.

No final de seu artigo, o autor ainda nos afirma que “a vida produtiva tem várias fases, cada uma das quais apresenta seus desafios. Através do planejamento é possível identificar as oportunidades e dificuldades de cada uma, e definir, antecipadamente, estratégias para enfrentar cada situação. (OLIVEIRA, 2012, p. 83). Comentário que podemos correlacionar com o de Theodoro (2011, p. 54) em sua dissertação ao expor, apoiado em Halfeld (2001), uma discussão sobre a questão do planejamento, poupança e “o ciclo de vida do indivíduo e das famílias tem grande peso na decisão de consumo, pois em cada fase da vida há uma demanda diferente de acordo com as necessidades”.

O artigo “**A contribuição da Educação Financeira para a formação de Investidores**” de Douglas Tavares Borges Leal e Sheila de Melo (2008), com área temática: Ensino de Administração (XI SEMEAD, FEA-USP), surge em decorrência

das constatações sobre as características de consumo e endividamento da população e busca-se neste estudo analisar a relação entre o nível de educação financeira e o grau de qualidade do planejamento pessoal, sendo que o estágio de investimento foi considerado como uma de suas variáveis fundamentais.

Assim, sem abster-se do problema de distribuição de renda no Brasil, os autores realizam a contraposição da tendência a investir dos envolvidos em finanças e com formação acadêmica mais elevada com aqueles que apresentam trajetória distinta. Foram levantados os principais indicadores sociais a respeito de renda, com base em dados divulgados pelo IBGE a fim de apoiar a análise da amostra coletada. O método adotado foi o da pesquisa exploratória, com aplicação de questionário em algumas cidades brasileiras e análise estatística dos dados.

Verificou-se que o nível de formação tem uma influência relativamente média (55%) no grau de investidor, assim como a área de atuação (55%). Por sua vez, a conjugação média do nível de formação com a área de atuação explica razoavelmente bem (66%) o grau de investidor. Do total da população da pesquisa, 54% foram classificados como não investidores, 28% como investidores de nível básico, 12% intermediário e, apenas 6% sofisticado.

Os autores concluem que consideram fundamental a busca por propostas de melhoria que levem em conta a substancial relação existente entre o nível de formação conjugado com a área de atuação e a qualidade do planejamento financeiro pessoal da população.

O artigo **“A influência da Educação Financeira nas decisões de consumo e investimentos dos indivíduos”** dos autores Cintia Retz Lucci, Sabrina Arruda Zerrenner, Marco Antonio Guimarães Verrone e Sérgio Cipriano dos Santos (2006), com área temática: Ensino de Administração (IX SEMEAD, FEA-USP), surge da reflexão sobre um mundo de numerosos e variados produtos financeiros (cheque especial, cartão de crédito, financiamentos e leasing, crédito direto ao consumidor, poupança, fundos de investimentos, etc.), as pessoas devem estar preparadas para lidar com situações cada vez mais complexas ao desejarem adquirir um bem ou serviço.

Dessa forma, a questão exposta pelos autores era se a formação financeira influencia nas decisões de consumo e investimento? E o seu problema de pesquisa relaciona-se à qualidade da tomada de decisões dos indivíduos no tocante a

aspectos financeiros e, também, se a deficiência de conhecimentos seria a responsável pela tomada de decisões não otimizadas.

Portanto, este artigo aborda o tema Educação Financeira com o objetivo de verificar se os conhecimentos aprendidos de administração financeira fazem com que os indivíduos se tornem mais conscientes sobre suas decisões financeiras; e, principalmente, se isso se traduz em suas atitudes triviais no campo pessoal; que podemos considerá-las de consumo na sociedade líquido-moderna, extrapolando assim as paredes da sala de aula e respectivamente os muros da escola.

A abordagem multidisciplinar que baseou este trabalho era uma tentativa de compreender a relação entre a formação universitária do aluno e sua atitude efetiva em relação a assuntos financeiros. Tratando-se assim de temas de estudo relativamente comum em países de economia mais desenvolvida, destacando-se a preocupação em conscientizar as pessoas sobre a necessidade de formação de poupança para a aposentadoria.

Os autores apresentaram ainda que na análise de dados, indica que o nível de conhecimento dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de educação financeira, no que tange somente o número de disciplinas ligadas à área de finanças cursadas na graduação. E sobre atitudes financeiras perante as “reais” situações de consumo confirmaram, como já era esperado, que o nível de conhecimento influencia a qualidade das decisões financeiras tomadas pelas pessoas.

Em alguns casos, como no exemplo da poupança para aposentadoria, os autores ressaltaram que o domínio do conceito não implica necessariamente em sua aplicação prática, mas pelo menos em uma consciência quanto à necessidade de prevenção. No que se refere à rolagem de dívidas de cartão de crédito, a aplicação prática é coerente com o conceito correto. Além disso, a maioria mostrou-se consciente sobre a existência de custos em uma dívida, além do valor devido em si.

Portanto, para essa amostra, concluíram que o conhecimento dos conceitos sobre finanças aprendidos na universidade influencia positivamente na qualidade da tomada de decisões financeiras, mesmo sem uma avaliação da qualidade do ensino.

Ressaltaram no final do artigo uma limitação deste trabalho, que é a dificuldade em se mensurar, seja por meio de questões, seja com os resultados já obtidos, a fração da educação financeira não decorrente das disciplinas cursadas na graduação; ou seja, o quanto do nível de conhecimento decorre da educação

financeira obtida em outras fontes além da universidade. E afirmaram também que os resultados apresentados neste trabalho são preliminares e, servirão para balizar a segunda fase de análises, cujo foco principal será buscar elementos referentes a outros fatores que influenciam as decisões financeiras, além do conhecimento específico.

O artigo “**Administração e Educação Financeira a partir do Orçamento Familiar**” de Antônio Luis Sozza e Marines Luiz Guerra Dotto (2010), com área temática: Educação, (Revista O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense – Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Volume 1), sintetiza o trabalho pedagógico desenvolvido no PDE 2010, nas disciplinas técnicas da grade curricular de ensino do curso Médio Integrado em Administração, sobre o tema Educação Financeira, com ênfase no Orçamento Familiar – que em nosso trabalho chamamos o mesmo de Orçamento Doméstico.

Esse trabalho pedagógico representa, segundo os autores, um planejamento efetivado com alunos, cuja base foi o estudo teórico sobre os diferentes elementos que compõem o tema “Educação Financeira”. A escolha desse tema estava atrelada à percepção de que as pessoas não conseguem administrar seus próprios ganhos. E essa lógica é a mesma no universo familiar e particular desses alunos: é preciso administrar o próprio dinheiro.

Os autores fizeram uma revisão teórica sobre o assunto e depois organizaram um plano de aula sobre Orçamento Familiar para o curso Médio Integrado em Administração, no Colégio Estadual Rui Barbosa, Ensino Médio e Profissional, Formosa do Oeste, PR. Foram ministradas 20 horas-aulas onde os alunos refletiram sobre o seu comportamento enquanto consumidores, enfocando a necessidade do controle do orçamento financeiro familiar para o curso Médio Integrado em Administração. Com essa sequência didática também se observou as características próprias do curso e reflexão sobre a relação histórica entre educação, trabalho e cidadania, na perspectiva de uma sociedade pós-moderna, baseada no consumo.

Utilizaram dos conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005, 2007, 2008), que em seus estudos sobre identidade, consumo e modernidade tardia, trabalha com os efeitos da globalização na vida das pessoas, em especial dos consumidores, para definir o novo conceito de trabalho humano, que é organizado nesta rede constante que se estrutura em torno de compras, ou seja, todo o fazer humano se baseia no consumo. Demonstrando assim que “a sociedade de consumo

é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo somos clientes e mercadorias”. (BAUMAN, 2005, p. 98).

A reflexão proposta teve como parâmetro, segundo os autores, o fato de que o apelo ao consumo cria uma nova identidade para os indivíduos nos últimos anos. E afirmaram que “esse desejo de gastar é uma das causas do endividamento e descontrole do Orçamento Familiar, sobretudo na classe média”.

Além disso, Sozza e Dotto (2010) usufruíram neste artigo das outras reflexões propostas por Bauman (2005) a todos os leitores que são, conseqüentemente, consumidores; e afirmaram que o consumo é posto como uma forma de fuga ou como um sentimento de “pertença”, ou seja, consumindo um produto a pessoa sente-se parte da comunidade. Abordaram ainda a modernidade sob a visão desse sociólogo polonês, para definir o que afetou seriamente a constituição “identitária” do ser humano nessa nova sociedade líquido moderna. Vários são os elementos que deixam as pessoas confusas quanto a “quem somos ou o que queremos ser (ou com quem queremos parecer)”. “Somos uma sociedade de homens sem-vínculo” (BAUMAN, 2005, p. 69).

Definiram a importância da Educação Financeira, segundo a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2004, p.223), que reside em:

Educação Financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas. Os mercados de capitais estão se tornando mais sofisticados, e novos produtos, cujos riscos e retornos não são de imediato discernimento, são oferecidos. Os consumidores possuem, atualmente, acesso a uma maior diversidade de instrumentos de crédito e de poupança, disponibilizados por uma grande variedade de canais, desde serviços on-line de bancos e de corretoras, até organismos que oferecem aconselhamento e suporte financeiro às famílias de baixa renda.

Ressaltaram depois a importância “do planejamento e da estratégia” para se chegar a um resultado, seja nas empresas ou na vida particular. E esse controle seria para eles a Administração. Para fazer com que os alunos percebam esses conceitos de planejamento, estratégia e administração propuseram que o orçamento doméstico seja o primeiro passo para fazê-los administradores “reais” do próprio dinheiro, trazendo assim o conteúdo para a sua realidade e utilidade prática. Afirmaram que o mundo atual pede por essa educação e compreendem essa necessidade como parte de uma educação mais cidadã.

Sozza e Dotto (2010) afirmam que orçamento é “planejar onde, como e quanto se vai gastar o seu dinheiro. É fazer levantamento de preços e onde gastar, qual a porcentagem que cada item vai requerer”. (SOZZA E DOTTO, 2010, p. 8). E quando se está em família, o orçamento é tido como familiar e segundo o site do Instituto STRINGHINI (2011) o objetivo dele “é dar uma visão dos negócios familiares e facilitar a correta utilização das receitas (recebimentos) para aplicação adequada desses recursos (despesas/investimentos)”.

Depois expõem as idéias de Rocha e Vergili (2007, apud, SOZZA; DOTTO, 2010, p. 9), com um passo a passo para separar as metas e gastos da família de curto e longo prazo. E que indicam também as outras prioridades para serem analisadas, tais como:

1. Não comprar por impulso;
2. Pesquisar antes de comprar;
3. Cuidado com os preços das roupas e acessórios de marca;
4. Planejar sempre antes o que vai gastar;
5. Prestar atenção às informações sobre o produto;
6. Buscar por empresas que respeitem ao meio ambiente;
7. Buscar sempre pelos direitos dos consumidores;
8. Buscar sempre por melhores preços e possíveis descontos;
9. Peça sempre pela garantia;
10. Cuidado com as propagandas mirabolantes (ROCHA E VERGILI, 2007, p.8).

Além dessas estratégias, Sozza e Dotto (2010) nos apresenta outras características e definições de orçamento familiar e passa a apresentar os limites e desafios do ensino profissionalizante no contexto histórico e na atualidade, fazendo uma reflexão sobre a necessidade de cursos profissionalizantes e o papel da escola que precisa sempre estar atenta a como encaminhar o educando para esse mercado de trabalho, pois a mesma faz parte desse círculo social.

No final do artigo, os autores concluíram que o tema é abrangente, faz parte do controle individual e deve ser trabalhado pedagogicamente. Mais do que administrar empresas diversas, é necessário aprender a administrar a própria vida e é função desse curso de Administração Integrado ao Ensino Médio propiciar essa aprendizagem, trabalhando de forma prática as competências necessárias ao bom administrador. Também se constatou que os cursos profissionalizantes precisam, didaticamente, trazer seus conteúdos teóricos para a realidade dos alunos. Esse é um desafio para todos os campos do conhecimento e o Programa de

Desenvolvimento Educacional (PDE) representou um espaço para esse aprofundamento.

O artigo **“Educação Financeira: a eficiência do Planejamento Orçamentário Familiar”** de Luci Nychai e Ana Lúcia Soares Gonçalves (2007), com área temática: Economia (UNICENTRO), foca na educação financeira familiar e tem como objetivo central aplicar e explorar a eficiência do planejamento orçamentário familiar como instrumento de estruturação e equilíbrio financeiro da família.

Os autores iniciam caracterizando Planejamento Orçamentário Familiar como sendo o controle entre as despesas e as receitas da família. Depois configuram um primeiro passo para se alcançar o equilíbrio do orçamento, a partir das escolhas de objetivos e metas referentes aos gastos domésticos. E para que as famílias possam empreender um planejamento do orçamento familiar faz-se necessárias técnicas apropriadas e muita disciplina no seu dia-a-dia, para conseguir o controle de seus gastos. Uma delas é o registro detalhado de todas as despesas com a finalidade de identificar onde é possível reduzir ou minimizar certos gastos, e conseguir sair de situações de endividamento ou até mesmo iniciar um investimento, como a poupança.

Os resultados dessa pesquisa evidenciaram que a educação pelo planejamento orçamentário familiar exige muita disciplina de todos os membros familiares, contudo é a forma mais eficaz de promover o equilíbrio entre as receitas e despesas possibilitando assim poupança, investimento, lazer e bem estar familiar.

2.2.5 – Comentários

Nossa revisão de literatura evidenciou alguns pontos importantes. Mas percebemos que ainda existem poucos trabalhos, publicações e pesquisas voltadas para o nosso tema de pesquisa no cenário brasileiro, principalmente os relacionados à temática da Educação Financeira integrada à Educação Matemática ou até mesmo a Educação, e foi por esse motivo que recorreremos acima a outras áreas do conhecimento, como: Administração, Economia e Ciências Sociais; e os apresentamos por causa de suas relevâncias com o nosso tema de pesquisa.

De modo geral, esses trabalhos foram essenciais para nos mostrar o caminho que deveríamos percorrer durante esta construção do conhecimento acadêmico em nossa investigação. Além de nos revelar também suas ideias, considerações e

contextos financeiro-econômicos que foram desenvolvidos e analisados nas suas respectivas pesquisas de campo em relação ao tema central de nossas discussões – a Educação Financeira.

Entretanto, a diversidade de temas e preocupações apresentadas nesses trabalhos, que hoje em dia estão diretamente relacionados à discussão da Educação Financeira e seus subitens, nos ajudaram a refletirmos melhor nossos objetivos e a delimitarmos nossa pesquisa, assim como fazer escolhas mais sensatas para o desenvolvimento de todo o nosso processo, através, por exemplo, de atividades e situações-problema que realmente envolvessem questões financeiro-econômicas e tomadas de decisão frente às mais variadas ações de planejamento e consumo da vida cotidiana.

3 - EMBASAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, abordamos o foco, a fundamentação teórica deste trabalho e a nossa posição do que se entende por produção de significados. Logo depois, é apresentada a questão de investigação.

Com o propósito de investigar os significados produzidos, através de vários fatores que influenciam, positivamente e/ou negativamente, a tomada de decisão dos nossos sujeitos de pesquisa – “indivíduos-consumidores de bens e serviços” (KISTEMANN JR., 2011) sobre os seus gastos pessoais, domésticos e familiares, frente a esta nova sociedade líquido-moderna de consumo.

As escolhas e tomadas de decisões dos nossos sujeitos de pesquisa e suas produções de significados foram balizadas nas premissas do Modelo dos Campos Semânticos (MCS), cujas ideias básicas foram desenvolvidas por Lins (1994), dentre outras obras, assim como por Silva (2003), com seu método de *leitura plausível*, permitindo assim ler essas produções de significados dos sujeitos sobre objetos constituídos no interior de uma atividade.

3.1- O Referencial Teórico: pressupostos

O referencial teórico utilizado para as análises da nossa pesquisa de campo foi o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) desenvolvido pelo educador matemático Romulo Campos Lins, a partir de sua tese de doutorado com o título: “A framework for understanding what algebraic thinking is” (Um quadro de referência para entender o que é pensamento algébrico), submetida à Universidade de Nottingham em 1992, e amplamente utilizado nas pesquisas orientadas, desde o ano de sua formulação.

Apesar de as ideias do Modelo dos Campos Semânticos, a princípio, estarem ligadas diretamente a busca de Lins por um suporte teórico para seus estudos sobre álgebra e pensamento algébrico, e isso nos poderia fazer pensar que o modelo somente pode ser utilizado em estudos e pesquisas relacionados com essa área da Matemática, mas na verdade não é isso que ocorre, pois podemos também usá-lo e aplicá-lo em qualquer outra situação onde ocorra a produção de significados.

Esse Modelo dos Campos Semânticos é um modelo epistemológico utilizado para fins de estudos e pesquisas nas diversas áreas de conhecimento. Através dele, podemos entender a produção de significados para um objeto, buscando observar aquilo que o sujeito efetivamente diz sobre ele em uma tarefa proposta.

Para Romulo Campos Lins, idealizador do MCS, o “Modelo se constitui em algumas noções e nas relações entre elas, pensado como um quadro de referência, a partir do qual, o que vai existindo é tratado. O Modelo existe apenas enquanto está em movimento. Estudar o MCS é usá-lo” (ANGELO, 2012).

Acreditamos ainda que a utilização do Modelo dos Campos Semânticos coloca-se como um ato importante para se pensar e refletir algumas atitudes e questões relacionadas à Educação e a Educação Matemática, principalmente na hora de se interpretar amplamente todos os dados coletados em uma pesquisa de campo sob a forma qualitativa. E é sob esse enfoque que o modelo será usado em nosso trabalho.

O MCS é o suporte teórico para o estudo da produção de significados a partir da leitura de objetos de aprendizagem, que no nosso caso são os objetos financeiro-econômicos correlacionados a algumas discussões e situações-problema de consumo e planejamento propostas em oito módulos-encontros sobre os temas: Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica, além de outras atividades relacionadas aos gastos financeiros em geral das famílias brasileiras, frente a esta nova sociedade líquido-moderna de consumo.

As concepções deste modelo foram fundamentais para fazermos a leitura da produção de significados dos nossos sujeitos de nossa pesquisa – indivíduos-consumidores de bens e serviços, que no caso são todos professores de uma mesma escola pública, a respeito daquilo que eles tinham a nos dizer sobre suas ações de consumo e tomadas de decisão financeiro-econômicas cotidianas.

Segundo Kistemann Jr. (2011, p. 176):

No contexto da tomada de decisão de indivíduos-consumidores quando estes realizam suas ações de consumo, afirmamos que não há o consumidor que toma decisões racionais ou irracionais simplesmente, mas o consumidor que toma decisões de acordo com seu conhecimento (matemático ou não) e que sofre as consequências de seus atos de consumo numa sociedade globalizada e fortemente marcada pelos pressupostos do mercado econômico.

Assim a seguir apresentamos o detalhamento sobre nossos pressupostos teóricos sustentados pelo Modelo dos Campos Semânticos. No entanto, inicialmente

já concordamos com as ideias de Barroso e Kistemann Jr. (2013, p. 475) ao exemplificar como seria o uso do Modelo em sala de aula:

(...) o professor ensina conceitos matemáticos na medida em que ouve o que seus alunos falam desses conceitos, ao passo sobre os mesmos, ou seja, produzem significados para os conceitos apresentados que os alunos podem aprender Matemática e seus conceitos no momento em que falam. Uma total inversão no ensino e aprendizagem na sala de aula de Matemática.

Os principais elementos do MCS, de acordo com Lins (1999), são o significado, conhecimento, interlocutores, núcleo/estipulações locais, objetos e outras noções como a atividade, o espaço comunicativo, o texto e legitimidade.

Segundo Lins (1999, p. 87), “Conhecimento é uma crença-afirmação junto com uma justificação”, onde podemos relacionar a crença-afirmação como algo em que o sujeito enuncia e acredita, e a justificação como aquilo que este sujeito entende e foi lhe autorizado a dizer o que diz.

Silva (2003) explica a noção de conhecimento apresentada por Lins (1999):

O sujeito acredita naquilo que está afirmando, o que implica que ele acredita estar autorizado a ter aquela crença. Mas não é suficiente que aquela pessoa acredite e afirme; é preciso também que ela justifique suas crenças-afirmações para que a produção de conhecimento ocorra. Porém, o papel da justificação não é explicar a crença-afirmação, mas tornar sua enunciação legítima, o que faz com que as justificações tenham um papel central no estabelecimento do conhecimento do sujeito. (SILVA, 2003, p. 6)

Essa noção de conhecimento também pode ser entendida como algo que surge a partir da enunciação, da fala e da justificação daquilo que se acredita ser real pelo sujeito. Portanto, a sua fala sempre traz consigo uma oportunidade de organização de suas ideias adquiridas no meio social e cultural em que está inserido, cujos compartilhamentos interpessoais fundamentam a sua produção. O papel da justificação seria então produzir legitimidades para essa enunciação.

Podemos então dizer que o processo de produção do conhecimento está diretamente relacionado à capacidade do sujeito de falar e expor seu pensamento – seja através de sons, gestos, escritas ou rabiscos de todo tipo. E quando uma enunciação sobre um objeto acontece, o que se diz efetivamente sobre esse objeto no contexto de uma atividade é denominado significado.

Segundo Lins (1997) falar sobre um objeto é produzir significados sobre este objeto, isso quer dizer que toda produção de significado implica em produção de conhecimento. O conhecimento não está em nenhum texto ou enunciado, mas sim

na enunciação de um texto ou de um enunciado, feita por um sujeito que produz significados para esse texto ou esse enunciado.

Para produzir conhecimentos o sujeito aplica seu modo de pensar ao objeto de estudo e produz crenças-afirmações e justificações sobre ele. Traz ainda uma visão pessoal na interpretação do mesmo e o coloca de acordo com suas experiências, seu contexto social e histórico, de forma própria e pessoal.

Assim, de acordo com Lins (1999), nenhum conhecimento vem ao mundo ingenuamente, isto é, aquele que o produz, que o enuncia, já fala em uma direção, para alguém, este alguém é o interlocutor, na qual o que ele diz, e com a justificação que tem pode ser dito, de modo que essa direção representa uma legitimidade que internalizou o sujeito. Um dos pressupostos do MCS é de que todo conhecimento produzido é verdadeiro para quem o produz, simplesmente porque a legitimidade da enunciação/justificação se estabelece no processo de uma atividade.

Esclarecendo um pouco mais, de acordo Barroso e Kistemann Jr. (2013, p. 475), justificação no MCS não é justificativa, não é explicação para o que o sujeito diz, é apenas o que esse sujeito do conhecimento (aquele sujeito que o produz, que o enuncia) acredita (crença) e que o autoriza a dizer o que diz (afirmação) sobre algo no processo de uma atividade matemática, por exemplo, e que, muitas vezes, passa despercebido pelo professor centrado em seu ensino e que pouco abre espaço para as justificações de seus alunos.

Para o MCS a ideia de objeto caracteriza-se como sendo qualquer coisa sobre a qual um sujeito está enunciando, por exemplo, as taxas de juros ou o dinheiro. O objeto, sobre o qual o sujeito fala, não está previamente constituído, ele é exatamente aquilo que se constitui durante a fala do sujeito a partir de um resíduo de uma enunciação (conceitos, teorias, textos, situações-problema, algo escrito num parágrafo de um livro, e tudo mais).

Quanto à ideia de significado no MCS é tudo aquilo que um sujeito pode, e de fato diz, no interior de uma atividade na direção de um objeto. Entretanto, cabe se frisar aqui que “não é tudo que pode ser dito (pelo sujeito), já que qualquer dada cultura aceita alguns, mas nunca todos os modos possíveis de produzir significado”. (LINS e GIMENEZ, 1997, p. 143).

Segundo Santos (2007, p. 52):

(...) enquanto uma pessoa está produzindo significados, faz algumas afirmações que não sente necessidade de justificar porque as toma como válidas, dispensando outras justificações. Essas são crenças-afirmações que são chamadas de estipulações locais.

Mas para Lins (1999), a noção de estipulações locais (afirmações) é utilizada para afirmar que localmente (no interior de uma atividade) as justificações funcionam como verdades absolutas (como o dado), não precisando, portanto, elas próprias (as justificações) ser justificadas. Podemos dizer então que os sujeitos operam no interior das atividades com base em seus conhecimentos e em suas estipulações locais.

Ressaltamos ainda que o conceito de Campo Semântico, pode ser definido como “a atividade de produzir significado em relação a um certo núcleo” (SILVA, 1997, p. 14). E a ideia de núcleo, segundo Lins (1999), é “um conjunto de estipulações locais que estão em jogo em determinado momento, dentro de uma atividade”.

O núcleo, no sentido proposto pelo MCS, não é dado a priori e não se refere a algo estático, a um conjunto de coisas. Refere-se a todo um processo que se constitui no interior de atividades e se dissipa ao final delas, pois em uma outra atividade, um novo núcleo se constitui, novas estipulações são incluídas e antigas estipulações que vinham sendo adotadas até então, são abandonadas. Entretanto, devemos identificar em relação a que são produzidos os significados, ou seja, o que o sujeito ou pessoa que está envolvida no processo toma como dado, como coisas que não precisa justificar.

Em Lins (1999) encontramos a importância de investigarmos a produção de significados ao dizer: “Para mim, o aspecto central de toda aprendizagem humana – em verdade, o aspecto central de toda cognição humana – é a produção de significados” (LINS, 1999, p. 86).

E mais, de acordo com Lins (2012, p. 23) “o uso da leitura plausível é útil nas situações de interação, como são todas as situações envolvendo ensino e aprendizagem”, pois ela nos permite e tem, no MCS, por objetivo “mapear o terreno”, ao mesmo tempo, que trata de saber onde o sujeito está. Lins explica ainda que a leitura é plausível porque “faz sentido”, “é aceitável num dado contexto”, “parece ser

que é assim”, de modo que uma *leitura plausível* opõe-se a uma leitura pela falta, ou seja, ela indica um processo no qual o todo do que um sujeito acredita no que diz faz sentido para este sujeito.

Segundo Silva (2003, p. 54), “o caminho para uma leitura plausível é buscar fazer uma leitura do outro através de suas legitimidades, seus interlocutores, compartilhando o mesmo espaço comunicativo”. Desta forma, pretendemos ler o que os nossos sujeitos de pesquisa dizem, quando operam com objetos financeiro-econômicos nas situações problema de consumo e de planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar.

Entretanto, a fim de se estabelecer uma *leitura plausível* dos nossos sujeitos de pesquisa nas situações-problema de consumo e planejamento, faremos uso do MCS que norteará todas as nossas investigações e conseqüentemente legitimará a produção de significados desses nossos sujeitos, sem promover o preconceito de um caminho único na tomada de decisão. Assim, destacamos também segundo Barroso (2013, p. 110) que “o objetivo da leitura plausível não é olhar para o erro quando os sujeitos respondem uma situação-problema, mas compreender sua justificativa”.

Para Kistemann Jr. (2011), podemos fazer o uso do método de *leitura plausível* para identificar, qualitativamente, o *modus operandi* de indivíduos-consumidores em suas estratégias de decisão em situações de consumo por meio dos significados por eles produzidos mediante situações-problema apresentadas. As situações de consumo são vistas, assim, como atividades no interior das quais os significados são produzidos.

Nossa proposta de pesquisa ainda consiste de uma análise qualitativa dos *modus operandi* de cada participante – indivíduo-consumidor de bens e serviços na sociedade de consumo, frente as suas tomadas de decisões durante nossas discussões e situações-problemas a serem debatidas.

Nesse estudo exploramos também as várias questões relacionadas ao cotidiano desses nossos sujeitos de pesquisa, sendo os mesmos todos donos ou donas de casa que participavam ativamente da elaboração e execução de um orçamento pessoal, doméstico e familiar; e o *modus operandi* de suas escolhas, por exemplo, nas formas de pagamento de suas despesas diárias, semanais e mensais, e o motivo pelo qual preferem fazê-la daquela forma.

Aplicamos inicialmente e durante a nossa pesquisa entrevistas semi-estruturadas, onde discutimos os vários interesses dos nossos sujeitos de pesquisa pelo tema de nossas atividades a serem desenvolvidas durante os nossos módulos-encontros e suas expectativas futuras de vida após iniciarmos essas discussões através de debates coletivos. Todas as respostas colhidas em nossos oito módulos-encontros, foram vistas como significados produzidos e as analisamos com as lentes do MCS, mas não fechamos os nossos olhos para outras categorizações que poderiam emergir e nos ajudar na análise criteriosa de tais significados.

A análise de todas essas informações ou dados coletados durante a pesquisa de campo, por meio de escritas, gravações de áudio e vídeo sobre o que nossos sujeitos pesquisados tinham a nos dizer sobre suas ações de consumo e tomadas de decisão financeiro-econômicas cotidianas foi balizada pelo método da *leitura plausível* dos significados produzidos por eles, e de acordo com a fundamentação teórica do Modelo dos Campos Semânticos.

3.2 - A questão de investigação

A nossa questão de investigação, está diretamente ligada ao tema de nossa pesquisa “A Educação Financeira em um Curso de Orçamento e Economia Doméstica para Professores: Uma Leitura da Produção de Significados Financeiro-Econômicos de Indivíduos-Consumidores”, e foi feita através de uma pergunta diretriz: “Como ter e manter um orçamento doméstico equilibrado numa sociedade líquido-moderna de consumo?”, a qual nos norteou como um fio condutor durante todo esse processo.

Para tentarmos responder essa pergunta diretriz, fizemos várias discussões e reflexões sobre algumas ações de consumo e planejamento através de situações-problema propostas em nossos oito módulos-encontros sobre os seguintes temas: Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica, além de outras atividades relacionadas aos gastos financeiros em geral das famílias brasileiras.

Tendo em vista que o nosso tema de pesquisa é de grande abrangência, durante o andamento de nossa pesquisa de campo tivemos muitas surpresas que nos remeteram a um debate mais detalhado e específico sobre cada enfoque do tema a ser pesquisado e da questão de investigação, de forma abrangente e

profunda, com o intuito de sempre esclarecer e sanar qualquer dúvida que poderia aparecer durante nossos módulos-encontros – mesmo as mais simples relacionadas ao significado de alguma sigla qualquer até àquelas dúvidas que envolvam cálculos financeiros mais avançados, junto ao coletivo de nossos pesquisados “indivíduos-consumidores de bens e serviços”.

Assim, nossa questão de investigação buscou entender melhor como os indivíduos-consumidores fazem e executam o próprio planejamento financeiro, atrelado ao uso de seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico. Além de se investigar também as suas atuais ações financeiro-econômicas, que estão diretamente ligadas às tomadas de decisão em relação ao consumo e ao planejamento.

No final da pesquisa elaboramos um produto educacional, em forma de “livreto didático”, que poderá auxiliar a todos interessados nesse tema, como entender e compreender melhor a real importância de sempre, que possível, discutir tais questões relacionadas às situações financeiro-econômicas de consumo de bens e serviços para uma Educação Financeira mais consciente e só assim poderão perceber como é relevante sempre ter e manter um bom planejamento financeiro – seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar; pois é através dele e de seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico que podemos desenvolver planos e alcançar metas e objetivos a curto, médio ou longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida hoje, amanhã e dias futuros para si e seus familiares.

No capítulo seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos escolhidos para esta investigação, além de relatar também como foi sua caracterização de cunho qualitativo, o contexto em que foi desenvolvida, os sujeitos de pesquisa e as atividades que foram realizadas durante os nossos oito módulos-encontros.

4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos escolhidos para esta investigação, com o objetivo de se relatar como foram desenvolvidas as nossas etapas da pesquisa de campo; começando assim pela sua caracterização como de cunho qualitativo, o contexto em que ela foi desenvolvida, e logo após os nossos sujeitos de pesquisa e as atividades que foram realizadas durante todos os nossos módulos-encontros.

4.1 - Caracterização da Pesquisa

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, pois a intenção foi descrever e interpretar desde o início o objeto de estudo em seu contexto contemporâneo, numa tentativa de compartilhar significados com os outros.

Concordamos com Moreira e Caleffe (2006), que a pesquisa qualitativa deve ter rigor na técnica escolhida, pois não é uma simples coleta de opiniões dos pesquisados. Em termos metodológicos, esses mesmos autores, Moreira e Caleffe (2006, p. 63 e 64), nos esclarecem que:

- O pesquisador acredita que os dados/informações devem ser coletados no ambiente natural;
- O pesquisador inicia o trabalho de campo com um conjunto geral de problemas em mente e também com uma estrutura teórica;
- O pesquisador é o principal instrumento de coleta de dados, tem de ser capaz de reconhecer, classificar e distinguir as sutilezas do significado que emerge;
- O pesquisador seleciona as ferramentas e técnicas para ajudá-lo a coletar e gravar os dados: a) na observação participante; b) nas entrevistas (estruturadas, semi-estruturadas e não estruturadas); c) em diários (registros contínuos da pesquisa de campo); d) memórias analíticas (interpretações indutivas emergentes enquanto ainda está executando a pesquisa de campo); e e) gravação de vídeos (para análises mais profundas).

Seguindo essas orientações metodológicas, iniciamos nossa pesquisa de campo no ano de 2013 fazendo uma apresentação de forma geral e detalhada sobre toda a sua relevância, a todos os presentes: professores e funcionários de uma escola pública estadual do município de Juiz de Fora – MG, durante uma de suas reuniões gerais realizada num sábado de manhã, no dia 23 de novembro, onde

esteve também presente o meu orientador e alguns membros do nosso grupo de estudos GRIFE/UFJF, para engrandecer essa nossa discussão.

Nessa apresentação geral discutimos algumas das questões e situações financeiro-econômicas correlacionadas aos nossos temas de pesquisa: Consumo, Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica; com intuito de despertar o interesse e a curiosidade de todos os presentes a se tornarem os nossos sujeitos de pesquisa e a buscarem mais informações e esclarecimentos sobre esses temas apresentados, que iríamos debater constantemente durante toda a nossa pesquisa de campo, de forma coletivamente ou em grupos menores, se assim preferirem.

As questões apresentadas neste dia foram às seguintes:

- Como está sua saúde financeira?
- Você tem uma vida financeira equilibrada?
- Você planeja todos os seus gastos financeiros?
- Você consegue controlar o seu orçamento?
- Você tem dívidas? Elas são boas ou ruins?

As situações financeiro-econômicas relacionadas aos nossos temas de pesquisa que também foram apresentadas são:

- Controla seus gastos?
- Tem gastos excessivos ou compulsivos?
- Pratica um consumo consciente?
- Tem sempre desperdícios?
- Compra com pagamento à vista ou a prazo?
- Organiza seu orçamento doméstico?
- Controla suas receitas e despesas?
- Faz algum investimento?
- Economiza para investir ou poupa para realizar sonhos?

Durante essa apresentação de nossa pesquisa fizemos também um convite especial a todos os presentes: professores, coordenadores, secretários e auxiliares de serviço geral dessa escola, a se tornarem os nossos sujeitos de pesquisa e explicitamos com mais detalhes a justificativa, os objetivos e a formalização que iríamos utilizar durante toda a pesquisa, através do uso de um termo de compromisso ético individual que seria assinado por cada um de nossos sujeitos de pesquisa (modelo utilizado encontra-se no apêndice A), autorizando assim o uso das

suas informações prestadas durante todos os nossos módulos-encontros de pesquisa, mas preservando-se sempre em sigilo as suas identidades conforme seus pseudônimos escolhidos.

Mas no final desta apresentação, constatamos que nove professores ficaram muito interessado em participar de nosso curso de Orçamento e Economia Doméstica e já fizeram a sua pré-inscrição em 2013, sendo que só iríamos começá-lo em fevereiro de 2014. Entretanto, os outros funcionários desta escola foram novamente convidados no início do ano letivo de 2014, mas optaram em não participar de nossos módulos-encontros.

No primeiro semestre de 2014, iniciamos nossos trabalhos de campo com a realização de uma entrevista de preenchimento individual, mas com debates coletivos sobre cada uma das perguntas já pré-estabelecidas na ficha-questionário 1 (encontra-se no apêndice B), durante a parte inicial de nosso primeiro módulo-encontro e outra atividade no restante do tempo, e em seguida mais quatro módulos-encontros de nossa pesquisa com nove professores dessa escola pública estadual de Juiz de Fora – MG; ocorridos depois das reuniões pedagógicas desta escola que geralmente são quinzenais e realizadas nas manhãs de sábado, cujo pesquisador também é professor e participa das mesmas.

No segundo semestre de 2014, realizamos mais uma entrevista de preenchimento individual correlacionada aos seus perfis econômicos, com perguntas também já pré-estabelecidas na ficha-questionário 2 (encontra-se no apêndice C), mas sem debates coletivos pois a mesma foi realizada com cada um dos participantes separadamente e sem o uso do gravador de áudio e vídeo.

Também realizamos nesse mesmo semestre, mais três módulos-encontros com novos horários, devido à nova disposição desta reunião pedagógica, que agora tinha duas opções de horários para participar da mesma, de manhã ou à tarde, dividindo assim o seu grupo total de professores, e conseqüentemente, os nossos sujeitos de pesquisa.

Ressaltamos aqui que ao final do oitavo e último módulo-encontro fizemos também outra entrevista de preenchimento individual, só que agora de pós-curso para avaliação do mesmo com cada um dos participantes – através da ficha-questionário pós-curso (encontra-se no apêndice D).

Antes de iniciarmos toda essa pesquisa de campo, requisitamos o nosso afastamento remunerado das instituições públicas (Rede Municipal e Estadual de

Educação) onde trabalhamos como professor efetivo de matemática, para que pudéssemos dedicar integralmente ao desenvolvimento de nosso trabalho com mais disponibilidade e dedicação, mas conseguimos apenas o deferimento total (julho/2013 até dezembro/2014) na rede municipal de educação, e parcial (abril/2013 até dezembro/2013) na rede estadual de educação, por esse motivo estávamos trabalhando em 2014 nessa escola estadual onde realizamos nossa pesquisa.

Os nossos sujeitos de pesquisa eram inicialmente mais de nove professores, só que por motivos pessoais e profissionais alguns desistiram de participar de todos os nossos oito módulos-encontros. Mas os nove participantes restantes que ficaram até o final de nossa pesquisa tinham em comum várias características profissionais, mais uma delas que chamaram muita a nossa atenção era o fato de terem um ou dois cargos públicos, na mesma área de atuação – a educação, além de todos serem donos ou donas de casa, que conseqüentemente os levavam a participar ativamente da elaboração e execução de um orçamento doméstico assim como administrar sozinho ou em comunhão com seu cônjuge todas as suas receitas e despesas pessoais, domésticas e familiares.

Devemos ressaltar ainda que esses nossos nove sujeitos de pesquisa também participaram ativamente de todas as nossas discussões propostas em módulos-encontros sobre os temas: Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica e outras atividades relacionadas aos gastos financeiros em geral das famílias brasileiras. Entretanto, essas atividades foram elaboradas apenas com um intuito de cunho exploratório e investigativo que nos remete a uma Educação Financeira mais consciente, diante de todos esses fatores financeiros que nos cercam e às atuais apelações áudio visuais e consumistas do mundo moderno.

A elaboração e aplicação dessas atividades ou situações-problema relacionadas ao cotidiano de consumo e planejamento financeiro das famílias brasileiras obedeceram a uma programação previamente estabelecida e discutida com o orientador, para que de fato pudéssemos observar o *modus operandi* de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa em suas escolhas financeiro-econômicas, como por exemplo: as formas de pagamento de um dado produto e o motivo pelo qual escolhiam fazê-lo daquela forma; e conforme ia se dando o desenvolvimento de cada tarefa realizada no módulo-encontro anterior, produzimos a posterior.

Dessa maneira, toda atividade ou situação-problema produzida foi impressa e aplicada durante o nosso módulo-encontro, com duração já pré-estabelecida e

recolhida ao final de todas as nossas discussões e reflexões coletivas sobre as mesmas ocorridas nesse tempo. Ao professor/participante ausente era dada uma nova oportunidade de fazer tais tarefas, mas separadamente, em outro momento, a fim de evitar a influência dos colegas em seus registros.

Durante os módulos-encontro dessa pesquisa fizemos ainda o uso do gravador de áudio, com o consentimento prévio de todos os participantes, em todos os oito módulos-encontros realizados; e do gravador de vídeo, também com o consentimento prévio de todos os participantes, mas somente em sete módulos-encontros. Essa diferença se dá por um problema de planejamento técnico ocorrido no segundo módulo-encontro ao pegar emprestado um equipamento de gravação de vídeo, já com problemas e não conseguir configurar o mesmo.

Todo material produzido nesses oito módulos-encontros da pesquisa de campo contribuíram muito para que pudéssemos fazer a *leitura plausível* dos significados produzidos por esses nove professores/participantes diante das entrevistas e das discussões, atividades e situações-problema que realizaram; e serão apresentadas posteriormente nesse texto.

4.2 – Sujeitos de Pesquisa

Vamos apresentar agora os nossos nove sujeitos de pesquisa – 8 do sexo feminino e apenas 1 do sexo masculino, nomeados por meio de pseudônimos, perfilados de acordo com sua faixa etária e caracterizados com base nas entrevistas realizadas com as nossas fichas-questionário 1 e 2, que se encontram no apêndice B e C.

Faixa etária dos 20 aos 25 anos (nenhum(a) professor(a))

Faixa etária dos 26 aos 30 anos (uma professora)

Ana: Trabalha como professora de matemática no ensino médio e tem apenas 1 cargo na rede estadual de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 16 horas-aula. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 1 e 3 salários mínimos. Geralmente termina o mês com saldo positivo. Não tem experiência em planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar

com antecedência suas despesas pessoais. Não controla, ou conhece, o seu orçamento doméstico. Para fazer compras, usa preferencialmente como forma de pagamento: o cartão de crédito. Às vezes faz pesquisa de preços e o uso de conceitos matemáticos relacionados aos juros em geral antes de comprar ou consumir algo, mas não se preocupa com o consumo de produtos que não agridam o meio ambiente. Tem como sonhos de consumo, adquirir uma casa e um carro. Não possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às escolas e faculdades e também as famílias e ao próprio indivíduo.

□ Faixa etária dos 31 aos 35 anos (uma professora)

Natasha: Trabalha como professora de ciências no ensino fundamental e como professora de biologia no ensino médio. Tem 2 empregos: 1 cargo na rede estadual e 1 na rede municipal de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 28 horas-aulas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 1 e 3 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo negativo. Não tem experiência com planejamento financeiro e também não utiliza planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas. Não controla, ou conhece, o seu orçamento doméstico. Para fazer compras, usa atualmente como forma de pagamento somente o dinheiro, pois devido a problemas financeiros o banco cancelou o seu cartão de crédito. Às vezes faz pesquisa de preços e nunca faz uso de conceitos matemáticos antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, muito, com o consumo de produtos que não agridam o meio ambiente. Tem como sonhos de consumo, adquirir um apartamento, uma casa e um carro. Não possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às escolas e faculdades.

□ Faixa etária dos 36 aos 40 anos (uma professora)

Alegria: Trabalha como professora de matemática no ensino fundamental e médio. Tem 2 empregos: 1 cargo na rede estadual e 1 na rede municipal de ensino. Cumpre

uma jornada semanal de 43 horas-aulas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 6 e 8 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo negativo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Conhece o seu orçamento doméstico e às vezes consegue controlá-lo. Seu sonho de consumo é gastar menos do que ganha. Às vezes faz pesquisa de preços e o uso de conceitos matemáticos antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, mais ou menos, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é gastar menos do que ganha. Não possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às escolas e faculdades e também às famílias e o próprio indivíduo.

□ Faixa etária dos 41 anos ou mais (cinco professoras e um único professor)

Ana L: Trabalha atualmente como diretora da escola, mas seu cargo é de professora de português no ensino fundamental e médio. Tem apenas 1 emprego na rede estadual de ensino. Cumpre hoje uma jornada semanal de 44 horas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 6 e 8 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo positivo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais e familiares, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Controla e conhece o seu orçamento doméstico. Sempre faz pesquisa de preços e faz o uso de conceitos matemáticos antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, muito pouco, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é viajar. Não possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às escolas e faculdades e também às famílias e ao próprio indivíduo.

Ártemis: Trabalha como professora de história no ensino fundamental e médio e tem apenas 1 cargo na rede estadual de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 16 horas-aula. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 1 e 3 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo positivo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais e familiares, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Controla e conhece o seu orçamento doméstico. Sempre faz pesquisa de preços e raramente faz o uso de conceitos matemáticos antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, muito, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é ter uma granja. Possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às escolas e faculdades e também às famílias e ao próprio indivíduo.

Harmonia: Trabalha como professora de inglês no ensino fundamental e médio. Tem 2 empregos: 1 cargo na rede estadual e 1 na rede municipal de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 35 horas-aulas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 4 e 5 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo negativo. Não tem experiência com planejamento financeiro e não utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais e familiares. Não controla, ou conhece, o seu orçamento doméstico. Às vezes faz pesquisa de preços e o uso de conceitos matemáticos relacionados à porcentagem antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, mais ou menos, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é organizar o seu orçamento financeiro. Não possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira às famílias e ao próprio indivíduo.

Helen: Trabalha como professora de inglês no ensino fundamental e médio. Tem 2 cargos na rede estadual de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 48 horas-aulas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 4 e 5 salários mínimos.

Geralmente termina o mês com saldo positivo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais e familiares, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Controla e conhece o seu orçamento doméstico. Quase sempre faz pesquisa de preços e o uso de conceitos matemáticos relacionados à lógica, juros e porcentagem antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, muito, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é uma casa na roça ou na praia ou até mesmo no município de Ubá - MG. Possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira ao governo e também às escolas e faculdades.

Saoni: Trabalha como coordenadora pedagógica e é também professora do ensino fundamental 1, mas atualmente exerce nesse cargo a função de vice-diretora da escola. Tem 2 empregos na rede estadual de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 60 horas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 6 e 8 salários mínimos. Geralmente termina o mês com saldo negativo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência suas despesas pessoais e familiares, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Não controla, mas conhece o seu orçamento doméstico. Às vezes faz pesquisa de preços e raramente faz o uso de conceitos matemáticos antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, mais ou menos, com o consumo de produtos que não agridem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é conhecer a Europa, principalmente a França. Possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas paga em dia suas prestações. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira ao governo e também às famílias e ao próprio indivíduo.

Júnior: Trabalha como professor de geografia no ensino fundamental e médio. Tem 2 cargos na rede estadual de ensino. Cumpre uma jornada semanal de 34 horas-aulas. Sua renda mensal é de aproximadamente entre 4 e 5 salários mínimos. Geralmente termina o mês com saldo positivo. Afirma que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar

com antecedência suas despesas pessoais, ou seja, tem experiência com planejamento financeiro e não tem consciência disso. Controla e conhece o seu orçamento doméstico. Sempre faz pesquisa de preços e o uso de conceitos matemáticos relacionados às quatro operações básicas antes de comprar ou consumir algo, mas se preocupa, mais ou menos, com o consumo de produtos que não agredem o meio ambiente. Seu sonho de consumo é comprar um apartamento. Possui poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro. Tem dívidas, mas vou pagá-las em pouco tempo. E delega a responsabilidade pela Educação Financeira ao governo, às instituições financeiras e às escolas e faculdades.

4.3 - Apresentação dos módulos-encontros da Pesquisa

Apresentamos de forma bem sucinta, no quadro 1, sem entrar no âmbito das análises dos resultados, todos os nossos oito módulos-encontros que fizemos durante a pesquisa de campo, inclusive sua data de realização junto ao período do dia e mais o tempo de duração de cada um deles.

Quadro 1: Apresentação dos oito módulos-encontros da pesquisa de campo.

Módulo-encontro:	Data de sua realização / Período do dia:	Tempo de duração:
1º Módulo-encontro	15/02/2014 (Manhã)	1h 13 min
2º Módulo-encontro	08/03/2014 (Manhã)	1h 08 min
3º Módulo-encontro	29/03/2014 (Manhã)	1h 07 min
4º Módulo-encontro	12/04/2014 (Manhã)	1h
5º Módulo-encontro	26/04/2014 (Manhã)	1h 14 min
6º Módulo-encontro	29/11/2014 (Manhã e Tarde)	42 min e 53 min
7º Módulo-encontro	18/12/2014 e 19/12/2014 (Manhã)	42 min e 33 min
8º Módulo-encontro	18/12/2014 e 19/12/2014 (Tarde)	46 min e 25 min

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além disso, iremos expor também em quais momentos utilizamos as nossas fichas-questionário 1, 2 e 3 – encontram-se nos apêndices B, C e D, que foram especialmente elaboradas para essa nossa situação de entrevistas semi-estruturadas com cada um dos participantes, assim como as outras tarefas e situações-problema de consumo e planejamento financeiro realizadas por eles, durante esses nossos módulos-encontros.

Em todas as nossas atividades, sempre buscamos investigar as crenças, a produção de significados e as tomadas de decisão dos indivíduos-consumidores a partir de doze categorias de consumo já fundamentadas na investigação que Kistemann Jr. (2011) realizou em sua tese de doutorado.

As doze categorias de consumo proposta por Kistemann Jr. (2011, p. 170), são:

- 1) As propagandas e sua influência;
- 2) A racionalidade do indivíduo-consumidor;
- 3) A parcela caber no orçamento;
- 4) As situações onde o preço à vista é igual ao preço a prazo;
- 5) Ganhar mais e gastar mais;
- 6) Planejar para consumir;
- 7) As taxas de juros e empréstimos;
- 8) A quem cabe uma educação financeira;
- 9) O papel da família;
- 10) O papel da Escola;
- 11) A Matemática e sua influência nas ações de consumo;
- 12) A utilização de produtos ecológicos.

No entanto, os nossos módulos-encontros da pesquisa de campo não foram somente propostos levando em conta estas doze categorias, mas sim o conjunto formado por elas junto a outras especificidades do nosso tema de pesquisa e da nossa pergunta diretriz. E sua divisão foi feita e estruturada, conforme o quadro 2, no seguinte formato abaixo discriminado de forma mais específica, junto aos itens: data de realização, período do dia, categoria de consumo utilizada, objetivos específicos previamente definidos ou propostos e atividades desenvolvidas em cada um deles.

Quadro 2: Estrutura dos oito módulos-encontros da pesquisa de campo.

Módulo-encontro / Data de sua realização / Período do dia:	Categoria de consumo proposta por Kistemann Jr. (2011) que foi utilizada:	Objetivos propostos:	Atividades desenvolvidas:
1º Módulo-encontro 15/02/2014 (Manhã)	2ª - A racionalidade do indivíduo-consumidor	Dois	Ficha-questionário 1 e Atividade 1
2º Módulo-encontro 08/03/2014 (Manhã)	2ª - A racionalidade do indivíduo-consumidor 6ª - Planejar para consumir	Quatro	Atividade 2 e suas perguntas extras
3º Módulo-encontro 29/03/2014 (Manhã)	6ª – Planejar para consumir	Dois	Situação-problema 1
4º Módulo-encontro 12/04/2014 (Manhã)	2ª - A racionalidade do indivíduo-consumidor 1ª – As propagandas e sua influência	Dois	Situação-problema 2
5º Módulo-encontro 26/04/2014 (Manhã)	1ª – As propagandas e sua influência	Quatro	Exibição dos três vídeos e das três perguntas mágicas
6º Módulo-encontro 29/11/2014 (Manhã)	5ª – Ganhar mais e gastar mais	Um	Situação-problema 3
7º Módulo-encontro 18 e 19/12/2014 (Manhã)	1ª – As propagandas e sua influência 4ª – As situações onde o preço à vista é igual ao preço a prazo 3ª – A parcela caber no orçamento 2ª – A racionalidade do indivíduo-consumidor	Quatro	Situação-problema 4
8º Módulo-encontro 18 e 19/12/2014 (Tarde)	1ª – As propagandas e sua influência 2ª – A racionalidade do indivíduo-consumidor 11ª – A Matemática e sua influência nas ações de consumo	Três	Situação-problema 5 e Ficha-questionário 3

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3.1 - Módulo-encontro 1

Realizado em 15/02/2014, com duração de 1h 13min, e foi dividido em dois momentos ou objetivos que buscamos integrá-los a segunda categoria de consumo “A racionalidade do indivíduo-consumidor” proposta por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo 1: Preencher individualmente a nossa ficha-questionário 1 de entrevista semi-estruturada (encontra-se no apêndice B) e discutir de forma coletiva todas as suas perguntas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Objetivo 2: Discutir “na base do chute”, fazendo estimativas num rascunho, o próprio orçamento doméstico familiar através da exposição inicial de todas as suas receitas (ganhos) e despesas (gastos) mensais, que nesse momento ainda não são bem conhecidas por todos.

4.3.2 - Módulo-encontro 2

Realizado em 08/03/2014, com duração de 1h 08min, e foi dividido em quatro momentos ou objetivos que buscamos integrá-los a segunda categoria de consumo “A racionalidade do indivíduo-consumidor”, os três primeiros, e a sexta categoria “Planejar para consumir”, o último deles, propostas por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo 1: Preencher individualmente e discutir de forma coletiva todos os aspectos financeiros constituídos dentro de uma planilha orçamentária mensal no formato impresso (anteriormente exposta neste texto em duas páginas), visando assim dar continuidade ao primeiro módulo-encontro e uma maior produção de significados coletiva sobre a mesma.

Objetivo 2: Fazer um debate coletivo sobre cada item dessa planilha orçamentária e discutir o que são receitas e despesas necessárias e desnecessárias ou até supérfluas para cada um dos participantes.

Objetivo 3: Apurar individualmente o saldo final de sua planilha orçamentária mensal através de um simples cálculo de fluxo de caixa (receitas líquidas totais menos despesas totais) e verificar se o mesmo é positivo ou negativo.

Objetivo 4: Fazer algumas perguntas extras para provocar uma nova discussão coletiva final sobre o uso de uma planilha orçamentária, abordando para isso vantagens e desvantagens de se planejar e/ou orçar os nossos gastos de curto, médio e longo prazo.

As quatro perguntas extras, que julgávamos necessárias naquele momento para fecharmos toda essa discussão sobre o uso de uma planilha orçamentária e/ou de orçamento doméstico mensal, foram às seguintes:

- O que você acha: com o uso de nossa planilha orçamentária ficou mais fácil ou mais difícil enxergar todas as suas receitas e despesas mensais?
- Agora usando a planilha, você consegue separar e agrupar todas as suas despesas em grupos pré-estabelecidos, como os de: despesas fixas, despesas variáveis, despesas com morar, com comer, com vestir, com ir e vir, com lazer, com estudar...?
- O que você acha: com o uso de nossa planilha orçamentária mensal já dá para se ter e manter um controle maior sobre todas as suas receitas e despesas que compõem o seu orçamento doméstico-familiar?
- Atualmente ou num futuro próximo usando a nossa planilha, você já conseguiria ter e manter o seu orçamento doméstico-familiar equilibrado?

4.3.3 - Módulo-encontro 3

Realizado em 29/03/2014, com duração de 1h 07min, e foi dividido em dois momentos ou objetivos que buscamos integrá-los a sexta categoria de consumo “Planejar para consumir” proposta por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo 1: Descobrir qual a leitura que os nossos nove sujeitos de pesquisa – indivíduos-consumidores de bens e serviços, fazem diante dessa situação-problema 1, bastante comum hoje em dia, que é o fato de sempre gastar mais do que se ganha, mensalmente.

Objetivo 2: Fazer quatro perguntas extras sobre “saldo negativo ou devedor” em seus atuais planejamentos financeiros e orçamentos domésticos mensais, com o intuito de se provocar novas discussões coletivas em relação ao fato de se gastar mais do que ganha ou arrecada, e tentar colher suas ideias que visem sanar esses problemas.

Situação-problema 1: Suponhamos que uma família tem uma renda mensal fixa de R\$ 2.000,00 e tem uma despesa mensal fixa de R\$ 3.000,00. Seu saldo final mensal sempre será positivo ou negativo?

Nessa simples situação apresentada acima, se fosse com sua família:

- a) O que você faria para tentar equilibrar esse orçamento?
- b) Tentaria cortar alguns gastos desnecessários e supérfluos?
- c) Trabalharia mais: fazendo “bicos”, trabalhos temporários ou horas-extras?
- d) E se mesmo assim, com mais renda, não conseguisse equilibrar todas as suas contas, recorreria a quem?
- e) A algum tipo de crédito? Qual seria esse tipo de crédito?
- f) Conhece todas as suas taxas de juros?
- g) Utilizaria seus conhecimentos matemáticos para fazer todos os cálculos desses juros e também o valor total a ser pago?

As quatro perguntas extras, que fizemos aos nossos sujeitos de pesquisa com o objetivo de se provocar uma nova discussão geral e coletiva sobre “saldo negativo ou devedor” em seus planejamentos financeiros e orçamentos domésticos mensais, foram às seguintes:

- Onde vocês recorrem em tais situações como a apresentada hoje ou quando seu próprio orçamento doméstico mensal fica com saldo negativo?
- O que vocês fazem quando os seus salários mensais acabam antes do final do mês? A quem recorrem?
- Quais idéias vocês propõem para tentar sanar esses saldos negativos?
- Como devemos nos proceder de forma consciente em tais situações?

4.3.4 - Módulo-encontro 4

Realizado em 12/04/2014, com duração de 1h, e foi dividido em dois momentos ou objetivos que buscamos integrá-los a segunda categoria de consumo “A racionalidade do indivíduo-consumidor”, o primeiro deles, e a primeira categoria “As propagandas e sua influência”, o segundo objetivo, propostas por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo 1: Fazer inicialmente algumas perguntas sobre porcentagem, diferenças entre reajuste e aumento salarial, acréscimos e decréscimos financeiros, com o intuito de se provocar algumas discussões coletivas em relação a esses conceitos matemáticos, que geralmente utilizamos com muita frequência em nosso dia a dia, principalmente em situações-problema de consumo e planejamento financeiro.

Objetivo 2: Verificar a influência dessa notícia financeiro-econômica, anunciada no final do ano retrasado, em suas vidas cotidianas e se os participantes sabem fazer cálculos matemáticos envolvendo porcentagem, diante dessa situação-problema 2.

As perguntas que fizemos no início desse módulo-encontro, com o intuito de se provocar algumas discussões coletivas em relação a esses conceitos matemáticos envolvendo porcentagem ou taxa percentual, acréscimos e decréscimos – juros e descontos, que geralmente utilizamos com muita frequência em nosso dia a dia mesmo sem perceber, principalmente em situações-problema até cotidianas de consumo e planejamento financeiro, são:

- Vocês sabem o que é porcentagem ou taxa percentual?
- Vocês sabem dizer qual é a diferença que há entre reajuste e aumento salarial?
- Vocês sabem dizer qual é a diferença entre acréscimos e decréscimos?
- Sabem fazer cálculos matemáticos envolvendo “porcentagem”? Fariam esses cálculos “de cabeça” ou usaria outro recurso tecnológico? E qual seria o mesmo?

Situação-problema 2: Observe essa notícia abaixo postada em um jornal de grande circulação no país, no dia 31/12/2013:

De acordo com o Palácio do Planalto, a presidenta Dilma Rousseff já assinou o decreto com o reajuste de 6,78% no valor do salário-mínimo e confirmou que o novo valor passa a vigorar a partir de amanhã (1º de janeiro de 2014).

Agora após a leitura dessa notícia, responda as seguintes perguntas abaixo:

- a) O que você indivíduo-consumidor tem a dizer ou comentar sobre essa notícia?
- b) Que elementos chamaram mais a sua atenção nesta notícia?

- c) Você sabe fazer alguns cálculos matemáticos envolvendo “porcentagem”?
- d) De acordo com os seus conhecimentos pessoais e atuais da realidade brasileira, você saberia dizer qual era o valor atual, em reais, do salário mínimo em 2013?
- e) O novo salário mínimo, a partir de 1º de janeiro de 2014, aumentará quantos %?
- f) Qual será esse valor do aumento, em reais, no salário mínimo?
- g) Esse novo salário mínimo em 2014 passará a ser qual valor, em reais?
- h) Você acha que utilizou corretamente todos os seus conhecimentos matemáticos necessários para fazer os cálculos acima? Ou acha que ainda lhe falta algo para conhecer e conseguir resolver tais questões?

4.3.5 - Módulo-encontro 5

Realizado em 26/04/2014, com duração de 1h 14min, e foi dividido em quatro momentos ou objetivos que buscamos integrá-los a primeira categoria “As propagandas e sua influência”, proposta por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo 1: Discutir a questão do consumismo através de um trecho do filme “Delírios de Consumo de Becky Bloom” (2009), com duração de 4min 22seg; e a real necessidade de cada produto que compramos e/ou consumimos através de uma reflexão coletiva sobre as três perguntas ditas essenciais ou “mágicas” na hora de realizarmos qualquer compra ou consumir algo – já comentadas anteriormente neste texto.

Objetivo 2: Discutir coletivamente a questão do planejamento financeiro e dos hábitos de consumo através de uma propaganda do Banco Itaú sobre “Como criar o hábito de guardar dinheiro todo mês para seus sonhos”, com duração de 2min 25seg.

Objetivo 3: Discutir de forma coletiva a questão da organização financeira e do desperdício através de uma outra propaganda do Banco Itaú sobre “Como organizar seus gastos e cortar desperdícios”, com duração de 2min 34seg.

Objetivo 4: Coletar um relato escrito, em folha separada, de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa sobre os três filmes exibidos durante esse módulo-encontro e conseqüentemente suas opiniões perante os mesmos.

4.3.6 - Módulo-encontro 6

Realizado em 29/11/2014 em dois horários diferentes (manhã e tarde), com duração de 42min e 53min, e foi disposto em um único momento ou objetivo que buscamos integrá-lo a quinta categoria de consumo “Ganhar mais e gastar mais”, proposta por Kistemann Jr. (2011). São eles:

Objetivo: Verificar se os nossos sujeitos de pesquisa conseguem fazer cálculos matemáticos envolvendo porcentagem e o seu próprio reajuste salarial, além é claro de verificar onde e como eles iriam gastar esses acréscimos salariais, diante dessa “hipotética” situação-problema 3.

Situação-problema 3: Leia essa “estória” abaixo:

Suponhamos que todos nós – professores e funcionários da Educação do Estado de Minas Gerais, tivéssemos hoje uma boa notícia que seria um aumento real e inesperado de 10% em nossos salários atuais. O que faríamos com esse dinheiro extra e inesperado?

Agora após a leitura dessa estória fictícia, responda as seguintes perguntas abaixo:

- a) O que você indivíduo-consumidor faria hoje com esse aumento salarial?
- b) Gastaria somente uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado, proveniente do aumento?
- c) Economizaria uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado? Faria algum investimento com essa economia? Qual seria o mesmo?
- d) Você daria alguma prioridade especial ou um destino certo a esse dinheiro extra e inesperado, que iria receber no próximo mês? Qual seria o mesmo?
- e) Você aumentaria proporcionalmente também suas despesas atuais no mesmo índice do aumento de seu salário?
- f) Você conseguiria fazer mentalmente os cálculos matemáticos envolvendo esse índice percentual do aumento de 10 % em seu salário atual ou utilizaria algum outro recurso matemático ou tecnológico para fazer isso? Qual seria o mesmo?

4.3.7 - Módulo-encontro 7

Realizado em dois dias diferentes: 18 e 19/12/2014, no horário da manhã, com duração de 42min e 33min, e foram dispostos em quatro momentos ou objetivos abaixo descritos junto a suas respectivas categorias de consumo, segundo Kistemann Jr. (2011).

1ª Categoria: As Propagandas e sua influência.

Objetivo 1: Verificar a influência de um anúncio publicitário, que oferta um produto em pagamentos parcelados sem juros e com o mesmo de preço de à vista, tem para a sua tomada de decisão em relação ao consumo.

4ª Categoria: As situações onde o preço à vista é igual ao preço a prazo.

Objetivo 2: Refletir a realidade dos preços promovidos pelas lojas, que destacam em seus anúncios que não há juros, ou seja, comprar à vista é o mesmo que comprar a prazo, deixando oculto para o indivíduo-consumidor os juros que já estão embutidos no suposto preço à vista.

3ª Categoria: A parcela caber no orçamento.

Objetivo 3: Verificar a crença-afirmação do indivíduo consumidor quanto à forma de pagamento escolhida na aquisição de um bem de consumo ou serviço prestado.

2ª Categoria: A racionalidade do indivíduo-consumidor.

Objetivo 4: Fazer quatro perguntas extras sobre a problemática financeiro-econômica envolvida por trás dessas circunstâncias apresentadas na situação-problema 4, com o intuito de se provocar novas discussões coletivas em relação ao custo do dinheiro no tempo presente e no decorrer de alguns meses futuros.

Situação-problema 4: Uma loja de eletrônicos faz o seguinte anúncio:

Netbook Samsung com processador Intel Core i3, 2 GB de memória Ram, 250 GB de HD e Windows 8.

De R\$ 1.000,00 por apenas R\$ 799,00 (Menor preço do mercado)

10 X de R\$ 79,99 sem juros ou à vista R\$ 799,99.

(Aproveite nossa oferta, só hoje)

Vejamos essa situação bastante comum nas vendas no comércio e responda:

- a) O que você indivíduo-consumidor tem a dizer sobre esse anúncio?
- b) Que elementos chamam sua atenção neste anúncio?
- c) Essas duas opções de pagamentos são equivalentes?
- d) Qual a sua posição diante da afirmação de não haver juros na compra a prazo? Justifique.
- e) Que opção de pagamento você indivíduo-consumidor faria para adquirir esse produto (o Netbook)? E por quê?
- f) Suponha que você esteja considerando a possibilidade de levar o produto à vista, insistiria em conseguir um desconto. Assim, qual o desconto mínimo que deveria ser dado para valer a pena levá-lo à vista?

As quatro perguntas extras, que fizemos aos nossos sujeitos de pesquisa com o objetivo de se provocar uma nova discussão coletiva sobre “a problemática financeiro-econômica” envolvida por trás dessas circunstâncias apresentadas na situação-problema 4, em relação ao custo do dinheiro no tempo presente e no decorrer de alguns meses futuros, foram às seguintes:

- Será que todos os indivíduos-consumidores de bens e serviços percebem a problemática financeiro-econômica envolvida por trás dessas circunstâncias apresentadas nesta situação-problema 4?
- O que vocês fazem quando isso ocorre: o preço de à vista é o mesmo que comprar a prazo?
- Pedem descontos se forem comprar algo à vista? Ou procuram outra loja, para fazer uma pesquisa de preços?
- Quais são as ideias e soluções que poderemos sugerir a outras pessoas e a nós mesmos indivíduos-consumidores diante desta situação-problema 4 apresentada e tão comum hoje em dia?

4.3.8 - Módulo-encontro 8

Realizado em dois dias diferentes: 18 e 19/12/2014, no horário da tarde, com duração de 46min e 25min, e foram dispostos em três momentos ou objetivos abaixo descritos junto a suas respectivas categorias de consumo, segundo Kistemann Jr. (2011).

1ª Categoria: As Propagandas e sua influência.

Objetivo 1: Verificar a influência de um anúncio, que oferta produtos em liquidações ou promoções, tem para a sua tomada de decisão em relação ao consumo.

2ª Categoria: A racionalidade do indivíduo-consumidor.

Objetivo 2: Verificar se os nossos sujeitos de pesquisa observam a data de validade dos produtos anunciados em oferta e a sua real necessidade durante esse prazo pré-estabelecido para o consumo dos mesmos, além de identificar outros fatores que podem influenciar positivamente e/ou negativamente essas compras em excesso de produtos anunciados em oferta ou promoções do tipo: leve 4 e pague 3 ou leve 12 e pague 11.

11ª Categoria: A Matemática e sua influência nas ações de consumo.

Objetivo 3: Verificar se os nossos sujeitos de pesquisa conseguem realmente fazer cálculos matemáticos envolvendo preços unitários e coletivos dos produtos anunciados, além é claro de identificar se há de fato produtos em oferta ou promoções.

Situação-problema 5: Observe essas promoções abaixo:
Em um supermercado há duas promoções, a primeira é de creme de dente (leve 4 pague 3), e a segunda é de papel higiênico (leve 12 pague 11).

Observe as mesmas através das figuras abaixo e responda as seguintes perguntas:



Fonte: Anúncio de “Saldão 72h” Corra e Aproveite! Bretas Cencosud (12/09 a 13/09/2014).

- Você aproveitaria alguma dessas promoções? Qual seria a mesma?
- Antes de comprar, você faria uma comparação entre o preço unitário e coletivo do produto desta promoção, através de simples cálculos matemáticos, para verificar se realmente leva x e paga y mais barato?
- Compraria algum destes produtos por impulso só porque estão em promoção de leva x e paga y mais barato, sem fazer nenhum cálculo matemático e nem se quer verificaria sua necessidade naquele momento e a validade do mesmo?
- Conseguiria calcular o valor do desconto dessas promoções em reais? E em índices percentuais?
- E se a promoção ou oferta fosse com “alimentos perecíveis”, como: frutas, legumes e alguns derivados do leite, que necessitam de refrigeração para sua conservação; você compraria em excesso esses produtos mesmo sabendo que alguns deles têm sua validade estimada em períodos de curta duração? E por quê?

Após a execução e realização desses oito módulos-encontros, fizemos neste último dia, uma confraternização final entre nós – pesquisador e sujeitos de pesquisa, na própria escola, e também uma entrevista individual de “pós-curso realizado”, com a ficha-questionário 3 de pós-curso para avaliação do mesmo, que se encontra no apêndice D dessa dissertação.

Posteriormente a realização de todos os nossos módulos-encontros, fizemos uma análise detalhada e minuciosa de todas as informações ou dados coletados durante a nossa pesquisa de campo, por meio de escritas, gravações de áudio e vídeo, a respeito do que os nossos sujeitos de pesquisa tinham a nos dizer sobre suas ações de consumo e planejamento financeiro, além é claro de suas tomadas

de decisão financeiro-econômicas cotidianas, que após passar por uma seleção foram balizadas pelo método da “*leitura plausível*” dos significados produzidos por eles, de acordo com a fundamentação teórica do Modelo dos Campos Semânticos.

Devido à grandiosidade do nosso trabalho de campo e ao recorte que fizemos em relação ao curto prazo de tempo que temos para analisar todos esses dados coletados à luz do MCS durante um curso de mestrado, apresentamos a seguir somente as análises das leituras e considerações plausíveis das três etapas de entrevistas realizadas com os nossos sujeitos de pesquisa – nove indivíduos-consumidores, e também de duas atividades com uma planilha orçamentária e três situações-problema de consumo e planejamento financeiro realizadas por eles, durante os nossos oito módulos-encontros. Mas o restante desse material não utilizado no momento ficará guardado e não será descartado e nem desperdiçado, pois ainda iremos aproveitar de todos esses dados para escrever futuros artigos ou comunicações científicas sobre esta respectiva pesquisa.

5 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, ATIVIDADES E SITUAÇÕES-PROBLEMA DE CONSUMO E PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Nesse capítulo, apresentamos as análises das leituras e considerações plausíveis das três etapas de entrevistas realizadas com os nove indivíduos-consumidores e também de duas atividades com uma planilha orçamentária e três situações-problema de consumo e planejamento financeiro realizadas por eles, que julgamos ser as mais importantes durante os nossos módulos-encontros. Esses nove indivíduos-consumidores e/ou sujeitos de pesquisa, já foram apresentados anteriormente e escolheram os seguintes pseudônimos: Ana, Natasha, Alegria, Ana L., Ártemis, Harmonia, Helen, Saoni e Júnior.

Ressaltamos aqui que as enunciações efetuadas por estes nove indivíduos-consumidores, a partir das três entrevistas, das atividades com uma planilha orçamentária e de situações-problema que realizaram, nos possibilitaram traçar algumas conclusões sobre o todo investigado nesse trabalho. Estas análises contribuíram para que pudéssemos então sugerir diretrizes e caminhos mais suaves na hora de se discutir alguns temas considerados complexos e diretamente ligados à Educação Financeira. Especialmente, aqueles que já debatemos em nossa pesquisa de campo em relação ao Consumo, Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica; e que novamente vão estar todos dispostos na estruturação de nosso Produto Educacional.

Partindo destas enunciações, realizamos a *leitura plausível* das mesmas, buscando identificar suas crenças e legitimidades com relação a suas tomadas de decisão em ações de consumo e planejamento financeiro, a partir de objetivos previamente estabelecidos em consonância com as categorias de consumo de Kistemann Jr (2011).

A seguir, passaremos então a analisar as falas dos nossos sujeitos de pesquisa tendo como base algumas ideias do Modelo dos Campos Semânticos (MCS), onde o nosso principal objetivo sempre será “o de tentar entender o que levou cada sujeito a nos dizer o que disse” (CAMPOS, 2013, p. 94); isto é, queremos “buscar fazer uma leitura do outro através de suas legitimidades, seus interlocutores, compartilhando o mesmo espaço comunicativo” (SILVA, 2003, p. 66).

5.1 - Análise das três etapas de entrevistas realizadas com os nossos nove indivíduos-consumidores

Apresentamos agora as análises das leituras e considerações plausíveis das três etapas de entrevistas realizadas com os nossos sujeitos de pesquisa – indivíduos-consumidores de bens e serviços (KISTEMANN JR., 2011), onde utilizamos as nossas fichas-questionários de entrevista semi-estruturada 1, 2 e 3 que foram especialmente elaboradas para essa nossa situação de entrevistas com cada um dos participantes, junto aos seus objetivos previamente determinados, antes mesmo de realizar cada uma dessas etapas.

5.1.1 – Etapa 1 de nossas entrevistas

Essa primeira entrevista foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes em 15/02/2014 (exceto com **Ana L.** e **Júnior** que não puderam comparecer e fizeram depois separadamente), na parte inicial do nosso primeiro módulo-encontro que teve uma duração total de 1h 13min e foi dividido em dois momentos ou objetivos específicos. Um deles, o primeiro era relacionado diretamente ao preenchimento individual da nossa ficha-questionário 1 de entrevista semi-estruturada, que se encontra no apêndice B, e propunha ainda uma discussão de forma coletiva de todas as suas perguntas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes. Tal objetivo estava em consonância desde o início com a segunda categoria de consumo de Kistemann Jr. (2011) “A racionalidade do indivíduo-consumidor”, onde abarcava e relacionava os dois objetivos propostos a se alcançar nesse mesmo módulo-encontro.

Considerações

Ao iniciarmos o primeiro módulo-encontro esclarecendo que todos os nossos encontros seriam gravados, com a finalidade de captar o máximo possível de suas produções de significados, através de um gravador de áudio e outro de vídeo, e que haveria sigilo de todos os dados coletados durante a nossa pesquisa conforme estipulado no termo de compromisso e assinado por ambas as partes envolvidas.

Depois esclarecemos também o que é “Pseudônimo” e pedimos que cada um dos nossos sujeitos de pesquisa criasse o seu até o final desta primeira atividade, para que durante toda esta pesquisa sempre o utilize, esse nome fictício, no preenchimento do cabeçalho de cada atividade ou tarefa a ser desenvolvida nos nossos módulos-encontro, facilitando assim a identificação do seu material utilizado com a devida preservação do sigilo de sua verdadeira identidade.

Seguindo o nosso primeiro objetivo, distribuímos para todos os presentes a ficha-questionário 1 de entrevista para ser preenchida de forma individual todas as suas vinte e oito perguntas, mas ressaltamos inicialmente que todos poderiam comentar e/ou debater cada uma delas de forma coletiva a qualquer momento que sentisse dúvida ou necessidade de mais esclarecimentos, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Num primeiro momento, o silêncio era total devido à presença intimidadora daqueles dois novos aparelhos – o gravador de áudio e o de vídeo, considerados ainda “estranhos” ao nosso convívio pedagógico de escola pública, entretanto foi só intervirmos um pouquinho para que todos fizessem apenas o preenchimento da primeira página da ficha-questionário, composta de dezesseis perguntas, e debatêssemos em seguida tais perguntas, que apareceu a primeira dúvida sobre a questão 10. E daí em diante, o nosso debate ainda não coletivo começou a se desenvolver e dar frutos sobre essa e outras questões, até que se tornasse em alguns instantes tão coletivo e intenso, que realmente não conseguimos sequer decifrar os seus dizeres ou fazer todas as transcrições desses momentos devido ao grande número de falas cruzadas entre os participantes.

Agora iremos relatar a seguir um pouco deste início de nossos diálogos, segundo as transcrições de áudio e vídeo desse primeiro módulo-encontro em relação ao preenchimento da ficha-questionário 1:

- Pesquisador

Tá dando para entender as perguntas, pessoal? Vocês podem me perguntar a qualquer momento. Eu vou deixar vocês fazerem até a dezesseis e depois a gente faz o primeiro debate.

- Pesquisador

Vocês estão muito quietinhos, compenetrados.

- Natasha

Isso aqui Pesquisador, oh! Você controla, ou conhece, o seu orçamento doméstico? Como assim?

- Pesquisador

A pergunta é? Vocês controlam, ou conhecem, o seu orçamento doméstico? Vamos supor: você tem seu orçamento doméstico mensal, certo? Tudo bem até aí? Você controla ele, ou conhece ele todo, também?

- Natasha

Ah! Se eu já parei para analisar quanto eu gasto por mês?

- Pesquisador

É.

- Natasha

Não.

- Pesquisador

Aí, é sim ou não. É claro que tem muita gente que às vezes até conhece mais não completamente, mas pelo menos já tem noção, né?

(Depois novamente um silêncio)

Percebemos que esse nosso debate coletivo se iniciou de forma gradativa com um só dos participantes, e novamente um momento de silêncio, mas foi durante o seu desenvolvimento que começaram a surgir algumas dúvidas, que depois ao analisá-las separadamente julgamos ser de grande relevância, entorno de várias perguntas ou questões que não tínhamos colocado a simples opção do “às vezes”; e isto, conseqüentemente, gerou conflitos internos e fez com que todos se manifestassem de maneira espontânea e promovessem ao longo desta primeira parte do encontro importantes discussões coletivas e reflexões enriquecedoras sobre estas e outras questões. Situação que no fundo desde o início já era prevista, almejada e considerada como um dos nossos principais objetivos com essa atividade.

Além disso, em alguns diálogos a seguir entre pesquisador e os sujeitos de pesquisa, também segundo as nossas transcrições de áudio e vídeo desse primeiro

módulo-encontro, podemos perceber melhor essas discussões e reflexões sobre as questões que faltavam naquele momento à opção do “às vezes”:

- Pesquisador

Dúvidas pessoal? Pode perguntar, que as perguntas estão bem objetivas.

- Ártemis

E o às vezes?

- Pesquisador

É, eu pus esta opção de às vezes, porque tem gente que às vezes pode acontecer. Algumas eu não pus às vezes.

- Ártemis

É, algumas deveriam ter às vezes. (risos)

- Pesquisador

Porque eu achei que... é isso já pode ser um questionamento.

- Harmonia

Se você controla ou conhece. Conhecer, conhece o orçamento doméstico, (risos) controlar?

- Ártemis

É o problema.

- Harmonia

Por isso que estou falando.

- Alegria

É... essa pergunta poderia ser separada.

- Harmonia

Teria que ser duas perguntas.

- Pesquisador

Então já vamos anotar, qual o número?

- Todos

10.

- Harmonia

Você controla seu orçamento doméstico?

- Alegria

Não.

- Harmonia

Você conhece? Sim, entendeu?

- Ártemis

Por isso que eu falei, tinha que ter o às vezes.

Desta forma, o nosso debate coletivo prosseguiu em torno de várias perguntas, e dúvidas iam surgindo a todo instante, assim como sugestões e soluções para as mesmas, até o momento que uma fala nos chamou muito a nossa atenção, a da participante **Alegria**, ao nos perguntar: “*Qual a diferença de gasto pessoal para gasto familiar?*”. E esta pergunta gerou assim um novo debate entorno das questões de âmbito pessoal, doméstico e familiar inserida na pergunta de número 9, dessa ficha-questionário, pois constatamos depois que muitos indivíduos-consumidores realmente “não conhecem e nem costumam planejar” e muitas das vezes não o fazem com uma certa “antecedência seus gastos pessoais e/ou familiares”, ficando assim uma lacuna evidente em sua fala, e talvez nas de outros participantes que naquele momento ainda não quiseram se manifestar sobre esse assunto, devido à ausência de alguns prováveis pressupostos sócio-econômico-financeiros em relação a estes gastos ou despesas.

Interessante, contudo, observar que de acordo com o perfil de **Alegria**, ela se declara como alguém que não tem experiência com planejamento financeiro, mas utiliza uma planilha de ganhos e gastos, para planejar com antecedência “apenas suas despesas pessoais” e às vezes com este simples ato de organização financeira consegue controlar o seu orçamento doméstico mensal. Entretanto, podemos perceber que se trata de um indivíduo-consumidor que atualmente mora bem dizer sozinho e ainda não tem diretamente inserido em seu planejamento financeiro o peso de outros gastos ou despesas mensais com seus familiares, a não ser àqueles domésticos relativos à sua própria existência, como por exemplo: moradia, alimentação, transporte e etc.; diferentemente de outros participantes que ali estavam e às vezes até hoje são considerados financeiramente como “chefes de família”, e tem que pensar “muito” antes de tomar qualquer decisão de consumo e planejamento, pois levam em consideração todos esses aspectos acima, além de

diversos outros relativos a seus familiares mais próximos e inclusos parcialmente ou totalmente em seu planejamento financeiro pessoal, doméstico e familiar, como: cônjuges, pais, filhos(as), irmãos(s), sobrinhos(as) e até mesmo netos(as).

Em relação a este questionamento acima, podemos concluir também que existem diferentes tipos de família ou unidades familiares, inclusive aquelas que ainda não são consideradas por muitos especialistas no assunto como “agrupamento familiar”, e isto ocorre no caso de pessoas solteiras que vivem sozinhas. Mas que aqui em nossas discussões iremos também incluí-las e agrupá-las como família, obedecendo apenas o caráter de sua atual composição, mesmo que sejam formadas unicamente por: i) pessoa solteira; ii) pessoa solteira com irmãos; iii) pessoa solteira com sobrinhos; iv) casal sem filhos; v) casal com filhos; vi) casal com filhos e sobrinhos; vii) casal com filhos e netos; viii) casal sem filhos novamente (os filhos ficaram independentes e agora iniciaram seu próprio ciclo de vida); ix) pessoa solteira novamente (viúvos(as), separados ou divorciados sem filhos); x) pai ou mãe com filhos; xi) pai ou mãe com filhos e sobrinhos; e xii) pai ou mãe com filhos e netos.

Nossos sujeitos de pesquisa estão incluídos em algum dos tipos de agrupamento familiar, acima identificados, e por isso tem necessidades, objetivos e gastos ao longo da vida ou em cada ciclo e estágio da mesma que já se justificariam por si só serem bem diferentes, provocando assim atitudes, reflexões e tomadas de decisão perante algumas situações-problemas de consumo de bens e serviços diferentes uns dos outros. Portanto, se olharmos por este prisma, vamos ver também os outros fatores que os influenciam positivamente e/ou negativamente em suas tomadas de decisão, inclusive a sua atual situação financeiro-econômica e de seus familiares que estão mais perto, vivenciando ou experimentando neste momento de suas vidas.

Agora retornando ao assunto referente aos vários questionamentos ocorridos em torno das perguntas ou questões sem a opção do “às vezes”, destacamos aqui através dos próximos diálogos a seguir que em nossas discussões e reflexões coletivas foram sempre aceitas todas as opiniões dos participantes e que em nenhum momento as esquecemos, de debatê-las e anotá-las, para que esta ficha-questionário 1 de entrevista seja revista, melhorada e talvez algum dia utilizada em outras circunstâncias, só que agora acrescida de tais opções que não disponham nessa atual pesquisa.

- Pesquisador

E aí? Pessoal? Tudo tranquilo? Vamos comentar as perguntas? A um, a dois e a três imagino que vocês não queiram comentar, a quatro acredito que todos aqui trabalham e preencheram qual a função de vocês. Agora eu quero saber de vocês da cinco a dezesseis, qual que vocês acham que poderia ser melhorada na pesquisa. Por exemplo, a seis, a sete, a oito, a nove, a dez, até a dezesseis. Além da dezesseis que deveria ter às vezes...

- Harmonia

Você colocou a dez?

- Pesquisador

Coloquei a dez, separar as questões. Separar as duas questões.

- Harmonia

Você controla seu orçamento doméstico seria uma, né?

- Ártemis

Você conhece é outra.

- Pesquisador

É, isso eu não pensei.

- Saoni

Uma é sim e outra é não.

- Harmonia

Porque seria separado, exatamente.

- Pesquisador

É, porque eu pensei na pesquisa. Vocês podem ver que a maioria está fechada, desta vez eu peguei as perguntas de outras pessoas, três pesquisas já existentes.

- Pesquisador

Na minha pesquisa, o objetivo não é saber marcar X aqui, eu quero saber o que vocês acham em cima destas perguntas, a produção de significados. Além então da dez, deveria ser dividida em duas, a dezesseis deveria ter o às vezes que a Ártemis falou, e a outra? Tem mais alguma? Mais linhas? Deveria ter alguma aberta? Eu não coloquei aberta. Ou a oito vocês acham que deveria dividir o ganho dos gastos?

- Todos

Acho que deveria dividir o ganho dos gastos.

- Ártemis

Eu controlo bem os dois: o ganho e os gastos.

(Depois falas cruzadas)

Agora em outros diálogos de nossa transcrição, destacamos uma discussão mais específica em relação à questão 13, embora a reflexão em si vá muito além da pergunta e avança sobre outras questões relativas à opção de cada um dos participantes em comprar um determinado produto à vista ou a prazo. Observe esses diálogos:

- Alegria

A Ártemis está falando da 13, eu acho que caberia mesmo, porque por exemplo: você para comprar um determinado produto desejado, prefere fazer o que? Aí se você marca financiar, dá entender que você sempre prefere financiar e não é, em alguns casos.

- Pesquisador

Deveria ter uma terceira opção?

- Todos

É.

- Harmonia

Dependendo do produto depende da forma de divisão também. Muitas das vezes você pede: quanto dá se eu pagar a vista? Quanto aumenta se eu for pagar a prestação?

(Depois falas cruzadas)

- Alegria

É, mais aí ela tem que abrir mais, porque estou entendendo o que a Harmonia está falando, acho que a questão podia ser assim: porque... é se... eu tenho o dinheiro para comprar a vista, você não me dá desconto nenhum se eu pagar a vista, eu compro a vista mesmo assim porque eu detesto ter prestação todo mês.

- Ártemis

Eu compro a prazo.

- Alegria

É pessoal. Não, até procuraria... mais se eu tenho o dinheiro, pago à vista. A não ser que eu não tenha o dinheiro.

- Ártemis

Eu já fiz isso: saí de uma loja e fui na outra ao lado que em quatro vezes saiu mais barato que o desconto à vista na loja anterior.

- Alegria

Acho que não entrou aqui uma pergunta assim: você é este tipo de pessoa que faz pesquisa antes de comprar?

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Tem sim. A anterior aí.

- Alegria

Isso mesmo, eu marquei porque nem sempre eu pesquiso.

Ao final desse intenso e fértil debate coletivo sobre a ficha-questionário 1, percebemos que algumas de nossas perguntas geraram mais debates em torno delas do que outras. Principalmente, com esse tipo de público, onde todos os nossos sujeitos de pesquisa eram professores e inclusive alguns de portugueses, que conseqüentemente depois no final do debate nos ajudaram a reformular algumas questões junto ao restante do grupo. São elas: i) oito, deveria ser separada – uma para você utiliza alguma planilha referente aos seus ganhos e outra para seus gastos; ii) dez, também deveria ser desmembrada – uma para você controla e outra para você conhece o seu orçamento doméstico; iii) treze, deveria ser mais específica em relação ao produto desejado, pois “comprar um eletrodoméstico é uma coisa e comprar um bem de grande valor monetário é outra coisa”, e também deveria ter uma 3ª opção com os dizeres “dá uma entrada e financia o resto”; iv) dezesseis, deveria ter também uma 3ª opção com os dizeres “às vezes”; e v) vinte e quatro, deveria incluir uma opção extra com os dizeres “Sozinha, pois nunca tive nenhuma orientação” a respeito desse assunto, reforçando assim a ideia de que muitos ainda

não tiveram uma boa formação financeiro-econômica de como gerenciar o seu próprio dinheiro, em casa com a família e nem na escola onde passaram boa parte do começo de suas vidas, antes mesmo de começarem a trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro.

No entanto, sem modificar as perguntas já existentes nesta ficha-questionário 1 e também na 2 – a próxima que iremos comentar a seguir neste trabalho, utilizamos das suas respostas individuais de cada um dos nossos nove participantes para podermos caracterizá-los e apresentá-los acima através de seus pseudônimos.

De acordo com nossos pressupostos cremos que foi válido a nossa opção de realizar neste primeiro momento da pesquisa de campo a entrevista da ficha-questionário 1, com preenchimento individual, mas de uma forma coletiva e não individual, pois trouxe a todos os participantes valiosos questionamentos financeiro-econômicos e reflexões super interessante entorno das perguntas ou questões que compunham essa ficha, além é claro de nós proporcionar também uma grande produção de significados das mesmas para analisarmos e fazermos nossas considerações.

Entretanto, achávamos inicialmente que teríamos poucas indagações a respeito das perguntas ou questões dessa primeira entrevista, mas nossa expectativa foi totalmente superada com intensas discussões e reflexões sobre as mesmas e outros temas correlacionados. E isto pode ser facilmente observado nas transcrições completas desse primeiro momento de nosso encontro, que se encontra nos anexos, e que aqui neste texto não foram totalmente expostas ou sequer comentadas devido ao recorte que fizemos, segundo nossa leitura, dos melhores momentos financeiro-econômicos de nossos módulos-encontros.

5.1.2 – Etapa 2 de nossas entrevistas

Essa segunda entrevista foi realizada com todos os nossos nove sujeitos de pesquisa no segundo semestre de 2014, onde utilizamos a nossa ficha-questionário 2 de entrevista semi-estruturada composta de 10 perguntas, que se encontra no apêndice C. Mas desta vez tivemos apenas o seu preenchimento individual, sem debates coletivos sobre as perguntas já pré-estabelecidas, pois a mesma foi realizada com cada um dos participantes separadamente e sem o uso do gravador

de áudio e vídeo, por se tratar de questões muito pessoais em relação aos seus atuais perfis financeiro-econômicos.

O nosso principal objetivo com essa entrevista era o de investigarmos os atuais perfis financeiro-econômicos de todos os nossos participantes e se ainda continuavam os mesmos “de antes” de participarem de nossos cinco módulos-encontros já realizados até o momento. Além disso, queríamos saber também se já haviam mudado algum hábito de consumo em relação a sua vida financeiro-econômica e se eles agora preocupam mais com o seu planejamento financeiro e/ou em administrar melhor os seus próprios recursos financeiros e suas despesas mensais, que poderiam até serem retratados melhor em uma planilha orçamentária ou de orçamento doméstico.

Considerações

As respostas das seis perguntas iniciais dessa ficha-questionário 2 junto com todas as outras da ficha questionário 1 nos ajudaram muito a montar a caracterização e apresentação de cada um dos nossos nove sujeitos de pesquisa acima descritos através de seus pseudônimos.

Agora em relação as nossas perguntas 7 e 8, respectivamente: “Qual é o seu atual perfil financeiro-econômico? Justifique sua resposta.” e “É o mesmo “de antes” de participar dos nossos módulos-encontros já realizado até o momento? Justifique sua resposta.”, sete dos nossos participantes tiveram muita dúvida e/ou dificuldade em conseguir achar palavras que consideravam “adequadas” para definir naquele momento da entrevista os seus próprios e atuais perfis financeiro-econômicos; alegando-se que desconheciam tal assunto e nunca se preocuparam com isso apesar de serem indivíduos-consumidores ativos. Isto plausivelmente lemos como uma falta de pressupostos financeiro-econômicos para responder tais questionamentos ou indagações sobre esse assunto.

Entretanto, diante deste novo e inesperado fato durante essa etapa da entrevista fez com que nós buscássemos alternativas plausíveis para poder informá-los primeiro e obter suas respostas depois de algumas explicações básicas sobre esse tema em questão. Mas tivemos duas participantes – **Ana L.** e **Helen**, que não apresentaram dúvidas e responderam todas as nossas perguntas dessa ficha-questionário 2, inclusive essas acima sem nenhum auxílio e se utilizaram apenas de

suas crenças-afirmações. Por isso podemos perceber que ambas nos deram respostas que se justificam ser menos objetiva e padronizada, pois as mesmas não foram influenciadas com nossas explicações (resíduos de enunciação) sobre esse tema.

Em relação a um dos recursos utilizado para podermos dar essas explicações sobre perfis financeiro-econômicos sem influenciá-los muito foi o uso de algumas definições já descritas neste trabalho de Cerbasi (2004, p. 12 e 13) sobre os cinco tipos existentes de personalidades nessa relação com o dinheiro, são eles: o Pougador, o Gastador, o Descontrolado, o Desligado e o Financista; assim como os seus pontos fortes e fracos que acompanham suas descrições.

Mas mesmo assim alguns participantes continuaram ainda com dúvidas e preferiram antes de definir o seu próprio perfil recorrer a uma pesquisa superficial nos sites de busca da internet sobre o respectivo assunto e encontraram neste caso várias informações a respeito, inclusive uma super interessante contendo a lista de oito tipos psicológicos mais comuns na hora de lidar com o dinheiro.

Essa lista a qual nos referimos com os oito tipos de personalidade financeira mais comuns na hora de lidar com o dinheiro foi elaborada pela editora Casey Bond, do site americano de finanças pessoais “GoBankingRates”, e eram baseadas em análises e estudos psicológicos dos testes de personalidades Myers-Briggs, desenvolvido por Katharine Cock Briggs e sua filha Isabel Briggs Myers com base nas teorias psicológicas propostas por Carl Jung e também em entrevistas com especialistas. São eles:

1. **Devedor:** Toma dinheiro emprestado para fazer grandes compras e está sempre devendo. Seus gastos geralmente são maiores que os rendimentos.
2. **Pougador:** Não gosta de dever dinheiro a ninguém e prefere comprar as coisas à vista, mesmo que isso signifique viver dentro de um orçamento mais rígido.
3. **Agressivo:** Prioriza os rendimentos, e por isso acaba procurando investimentos mais arriscados. Trabalha muito mais para o presente do que para o futuro, quer desfrutar dos ganhos de curto prazo.
4. **Conservador:** Averso ao risco, geralmente gerencia suas finanças de modo à nunca perder dinheiro. Tende a colocar uma grande proporção de seus investimentos em contas de poupança e fundos de previdência ou em ações de baixo risco. Gosta de investir em imóveis.
5. **Planejador:** Busca oportunidades de poupar dinheiro e toma medidas estratégicas para fazê-lo dentro de seu orçamento. É bom em identificar e priorizar o dinheiro para ser usado nos vários objetivos que definem para realizar a curto e longo prazo. Gosta de colocar metas e objetivos para tudo.
6. **Impulsivo:** Vive o momento. Não consegue controlar a ansiedade e reage mais do que planeja. Nem sempre isso é ruim, pois muitas vezes um

investimento demanda decisão rápida, para não deixar passar uma oportunidade. Usa o dinheiro para o prazer, como férias.

7. **Doador:** Motivado pelo desejo de cuidar das pessoas ou causas que ama. Independentemente da renda, sempre compartilha. Pode ser vítima de fraude ou golpes.

8. **Colecionador:** Não gosta de dar dinheiro, não por mesquinhez, mas por cautela, já que os colecionadores são movidos pelo medo de perda financeira, evitando, de qualquer maneira, situações que exigem a troca de seu dinheiro. Não gostam de gastar ou emprestar.

Após apresentarmos essas definições e explicações acima sobre perfis financeiro-econômicos, os nossos sujeitos de pesquisa que no começo estavam com muitas dúvidas nos responderam a esses itens ou perguntas 7 e 8 da seguinte forma abaixo, exceto as duas participantes **Ana L.** e **Helen** que já haviam nos respondido a ficha-questionário 2 inteira sem nenhum auxílio ou elucidação (resíduos de enunciação extra) por nossa parte e com isso podemos observar que não foram influenciadas em suas justificações, pois utilizaram naquele momento apenas de suas crenças-afirmações.

Decidimos então estabelecer uma análise dos itens 7 e 8 dessa ficha-questionário separadamente, apesar de existir uma certa relação entre eles e uma resposta complementa a outra. Desta forma, foi feito também com os itens 9 e 10.

Sobre a questão: Qual é o seu atual perfil financeiro-econômico?

Ana

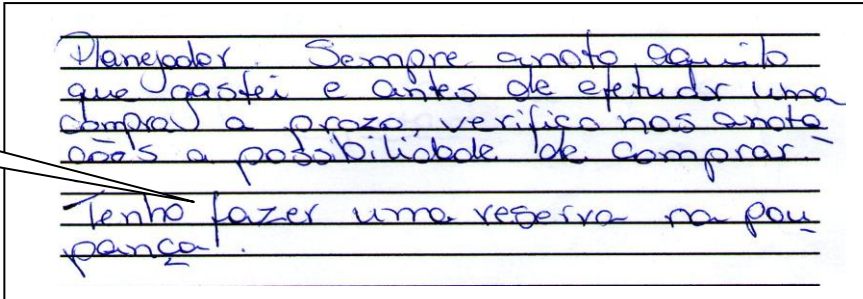
que 

Figura 6 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Natasha

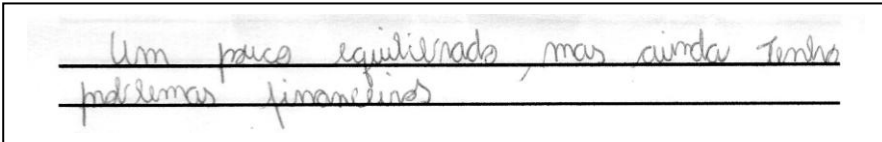


Figura 7 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Alegria

O atual está controlado. Aumentei a carga horária de trabalho para acubar umas dívidas e com isso estou conseguindo até poupar. Coisa que não fazia a muito tempo.

Figura 8 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Ana L.

Tento fazer

Tento fazer o máximo de economia.

Figura 9 – Registro escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Ártemis

Equilibrado e Conservador
Eu me programo e consigo manter minhas finanças equilibradas. Em alguns meses chego a guardar (poupar) parte do que ganho

Figura 10 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Harmonia

Só existe no perfil de ser hoje tanto na organização pelo perfil planejado pois preciso priorizar o que tenho que realizar antes de fazer o...

Figura 11 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Helen

Compro dentro de minhas possibilidades. Tenho uma reserva pequena para uma emergência em lazer. Comecei a gastar com custos do meu filho! (passagens e alimentação fora) ± 200,00 mensal Não gasto mais com minha filha pois ela começou a trabalhar.

Figura 12 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Saoni

Econômica

parar

Econômica, pois consegui parar de comprar, no cartão de crédito e pagar todas as prestações-parceladas que tinha até hoje, restou-me apenas uma (sendo a última) a pagar este mês; que fui a compra de um celular, p+ o meu filho, e dividido com ele para facilitar. Lhe o pagamento no número mínimo de prestações.

Figura 13 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Júnior

Me considero equilibrado - Minha renda não sobra, mas, também não fico devendo.

Figura 14 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 7

Diante dessa questão ou pergunta, a maioria de nossos sujeitos de pesquisa tentaram se encaixar naquele perfil financeiro-econômico que mais lhe atende e se aproxima de sua real personalidade financeira na hora de lidar com o dinheiro, exceto as duas participantes – **Ana L.** e **Helen** que já haviam nos respondido essa questão sem conhecer tais tipos de perfis e elucidações sobre os mesmos.

Entretanto, um fato que nos chamou a atenção durante esta análise foi a preocupação de todos em tentar economizar ou ter uma vida controlada, equilibrada e planejada. Logo, identificamos com isso uma mudança de postura, de certo modo positiva, nesses participantes e as consideramos até certo ponto como uma consequência e/ou um reflexo de nossas longas discussões e reflexões financeiro-econômicas sobre ações de consumo e planejamento financeiro ocorridas até o momento nesses cinco módulos-encontros.

Por outro lado, não estamos querendo afirmar aqui que todos os nossos sujeitos de pesquisa nesse curto espaço de tempo melhoraram seu conhecimento acerca de finanças pessoais, até pode ser este o caso, mas o que queremos comentar aqui é que eles agora estão mais críticos diante de algumas questões ou situações financeiro-econômicas cotidianas.

Sobre a questão: É o mesmo “de antes” de participar dos nossos módulos- encontros já realizado até o momento?

Ana

Ainda me encontro no perfil planejador, no entanto, analiso os juros embutidos nas parcelas. Hoje penso mais em efetuar um produto, quanto a minha necessidade

a compra de

Figura 15 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Natasha

Não. Repetiu sobre como eu lidava com meus documentos, me fez sentir muito aliviado

Figura 16 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Alegria

esta

ao iniciar os módulos estava começando nesta revisão da minha vida financeira e os módulos contribuíram para aumentar minha reflexão e dar certeza que era necessário este ajuste.

Figura 17 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Ana L.

esclareceram

algumas situações me esclareceram

Figura 18 – Registro escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Ártemis

com

com

esses

É em parte. Agora já penso mais antes de gastar e o superfluo (mesmo eu já pensando agora estou mais atenta e nos gastos)

Figura 19 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Harmonia

Não. Por isso me organizei para o perfil planejado.
Procuro pensar e realizar o que posso de acordo com
o que recebo.

Figura 20 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Helen

Não. Antes eu gastava com
minha filha.

Figura 21 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Saoni

Não mudei minha maneira de pen-
sar, pois comprei aleatoriamente
gastando até muito mais do que
ganhava, ficou para trás.

gastava

aleato-
riamen-
te

Figura 22 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Júnior

Sim. Continuo com a mesma caracte-
rística.

característica

Figura 23 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 8

Em relação aos registros de **Alegria**, ela apenas nos relata que naquele momento estava passando por uma revisão de vida e as nossas discussões realizadas a ajudaram refletir melhor suas atitudes e ter a certeza que era necessário um ajuste financeiro-econômico em suas contas mensais.

Já **Ana L.** só disse assim “algumas situações me esclareceram”, acreditamos que isso se refere aos esclarecimentos (justificações) recebidos durante os nossos debates coletivos sobre algumas situações de consumo e planejamento financeiro que vem a ajudando nessa possível mudança de seu perfil financeiro-econômico e reflexões sobre as suas tomadas de decisão.

Agora **Ana** e **Ártemis** afirmam ainda estar no mesmo perfil financeiro-econômico “de antes” só que hoje em dia estão muito mais atentas aos detalhes de algumas questões ou situações de consumo. A primeira delas, diz que observa se há uma real necessidade daquele produto antes mesmo de efetuar a sua compra e

verifica os juros embutidos nas parcelas ao comprar a prazo; e a segunda, passou a pensar mais antes realizar qualquer gasto considerado por ela supérfluo.

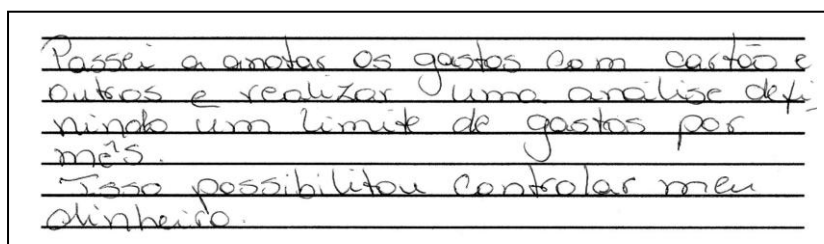
Júnior é o único do grupo que menciona ainda estar com a mesma característica de antes (sua crença-afirmação), apesar de que ele já se considerava em suas justificações como uma pessoa equilibrada financeiramente desde o começo.

Diferente dos outros, **Natasha, Harmonia, Helen e Saoni** nos afirmaram ter mudado o seu perfil devido à alteração de seus hábitos de consumo e reflexões feitas sobre suas reais necessidades e despesas ao longo do mês, que às vezes eram exageradas e sem controle algum. Mas que agora, segundo seus próprios relatos, passarão a ser supervisionar tudo bem mais de perto com o uso de um caderninho ou uma agenda para controle e anotações de todos os seus gastos financeiro-econômicos no decorrer do mês.

Em relação a essas quatro participantes acima, notamos que agora elas estão muito mais atentas aos seus gastos diários, semanais e mensais e também prudentes em administrar seus próprios recursos financeiros. Tal mudança, cremos que irão sentir de fato ao longo do tempo e enquanto mantiverem em “rédea curta” o seu próprio controle financeiro-econômico e conseqüentemente todo o seu planejamento financeiro.

Sobre a questão: O que já mudou em sua vida financeiro-econômica, após esses nossos módulos-encontros?

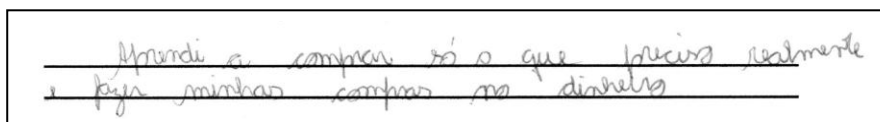
Ana



Passei a anotar os gastos com cartão e outros e realizar uma análise definindo um limite de gastos por mês. Isso possibilitou controlar meu dinheiro.

Figura 24 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Natasha



Apreendi a comprar só o que preciso realmente e parar minhas compras no dinheiro.

Figura 25 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Alegria

como dito anteriormente, já consigo poupar.

Figura 26 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Ana L.

estou mais controlada

controlada

Figura 27 – Registro escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Ártemis

Estou pensando mais em investir / Também estou tentando prestar mais atenção em questões financeiras e econômicas que podem influenciar os futuros investimentos.
Estou procurando ler mais, só mais matérias relacionadas a questões financeiras e econômicas.

com

Figura 28 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Harmonia

Antes eu era descontrolada financeiramente, não fazia o cálculo de quanto eu tinha em conta e quanto eu podia gastar. Após os incentivos penso agora que com os dividendos é preciso saber o que poderíamos gastar.

Figura 29 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Helen

Priorizo tudo. Evito compras supérfluas. Só faço questão dos estudos dos filhos e lazer (dentro das minhas possibilidades).

Figura 30 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Saoni

Comencei a fazer poupança: coisa que há muito não conseguia fazer. Meu orçamento saiu do vermelho e hoje tenho saldo em conta corrente. Pequeno mas positivo. Não uso o cartão para "débito" e no meu orçamento mensal, a partir de novembro reduzi quase 1/3 as despesas que eram lastre-nômicas.

Figura 31 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Júnior

Embora não tenha mudado meu perfil, hoje penso melhor antes de realizar compras.

Figura 32 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 9

Notamos que neste item 9, todos os nossos sujeitos de pesquisa mudaram alguma coisa em sua vida financeiro-econômica após esses cinco módulos-encontros, seja ela desde pequenos hábitos de consumo até grandes cortes e/ou ajustes em suas despesas ou gastos mensais com itens que agora os consideram supérfluos.

O importante é ressaltar aqui que todos ficaram mais críticos e controlados financeiramente ao nos afirmarem que estão mais atentos aos seus gastos e conseguem administrar melhor seus recursos, além disso nos relataram também que às vezes no final do mês ainda sobra um pouquinho desses recursos para poupar ou até mesmo para fazer algum investimento pensando no seu futuro.

Entretanto, relembramos aqui o que Cerbasi (2009, p. 155) nos afirma “poupar não é o mesmo que investir. Quem poupa não necessariamente enriquece. Investir é multiplicar suas reservas financeiras” e ainda completa sua fala, dizendo “sem bons planos, não há boas conquistas”. Mas mesmo que a escolha não seja a melhor – “investir mal é melhor do que não investir”. (CERBASI, 2009, p. 21).

Contudo, para que isso não ocorra em nossas vidas financeiro-econômicas devemos sempre ter e manter em mãos um bom planejamento financeiro de nossas

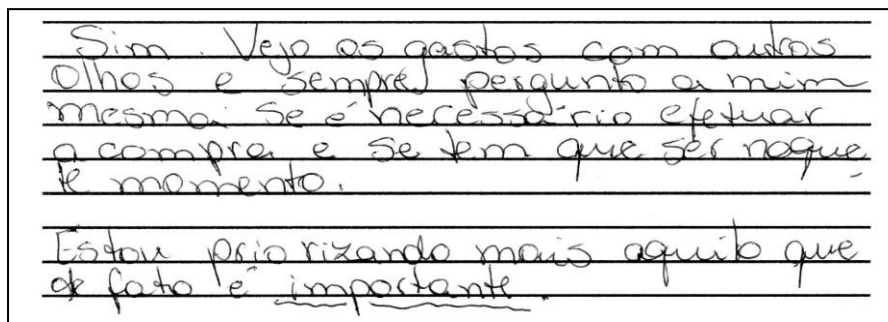
receitas, despesas e investimentos, e que ele seja viável e fácil de pôr em prática assim como possível de administrá-lo por curto, médio e longo prazo.

Harmonia e **Ana L.** nos afirmam que estão mais controladas financeiramente e tende a gastar dentro de suas possibilidades. Enquanto **Alegria** e **Saoni** já conseguem poupar uma parte de seus recursos. Diferentemente de **Ana** e **Natasha** que estão tentando se organizar financeiramente estabelecendo metas de gastos e objetivos a serem alcançados.

Por outro lado, **Ártemis** está só pensando em investir no seu futuro, ficando assim mais atenta a questões financeiro-econômicas que podem influenciar seus investimentos. Já a **Helen** quer investir é nos estudos de seus filhos e o **Júnior** hoje em dia está mais atento ao realizar suas compras.

Sobre a questão: Após esses nossos módulos-encontros, você já se preocupa mais em administrar melhor seus recursos financeiros?

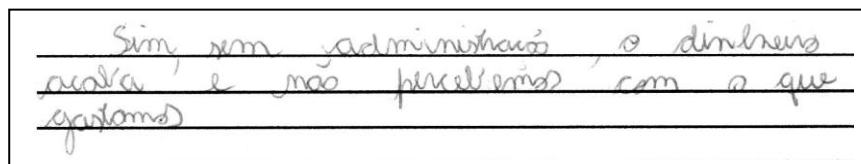
Ana



Sim. Vejo os gastos com outros olhos e sempre pergunto a mim mesma: se é necessário efetuar a compra e se tem que ser naquele momento. Estou priorizando mais aquilo que de fato é importante.

Figura 33 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 2 – Item 10

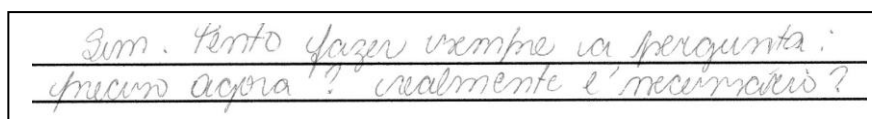
Natasha



Sim, em administração, o dinheiro acaba e não perdemos com o que gastamos.

Figura 34 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Alegria



Sim. Tento fazer sempre a pergunta: preciso agora? realmente é necessário?

Figura 35 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Ana L.

sim
Mais um pouco sim. Apesar de
Apesar
ter que fazer economia sempre.

Figura 36 – Registro escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Ártemis

com

 Sim. Eu já me pre-
 ocupava, mas ele es-
 clarificamente em questões que a
 gente sabe mas não presta
 muito atenção. Estou me
 policiando mais. Os módulos
 de encontro me ajudaram
 a pensar alternativas
 nas quais eu não me
 dependo, só na dos in-
 vestimentos (por ex) mas
 não procurava me infor-
 mar e agora ele as experiên-
 cias relatadas pelos parti-
 cipantes dos nossos encontros
 já são outras formas de
 investimentos, como
 poupar, ou seja, lucrando
 as experiências nos
 ajuda a aprender mais
 sobre a economia e
 as finanças.

prestava
para

Figura 37 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Harmonia

posso

 Sim. Faço anotações antes de fazer as compras
 assim analiso o que posso comprar.

Figura 38 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Helen

sem certeza. Odeio compras a prazo, cartões e coisas do tipo. Gostaria de saber aplicar.

Figura 39 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Saoni

Claro! Liquidar todas as pendências ainda tenho 3 contas a pagar de valor significativo, mas sem estourar o meu orçamento que "graças aos módulos-encontros" fiquei com saldo positivo e com recursos de reserva que são 1/3 do meu orçamento real. O 2/3 que sobra ficam no c/c para eventuais despesas inesperadas.
Graças a vocês!
Muito obrigada!

Figura 40 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Júnior

Estou tentando gastar menos, me preocupar um pouco menos em tentar dentro de algum tempo guardar mais dinheiro para alguma eventualidade.

Figura 41 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 2 – Item 10

Agora nesse item 10, os nove sujeitos de pesquisa foram unânimes e nos afirmaram, cada um do seu jeito e apontando para suas conquistas, que já se preocupam mais em administrar melhor os seus próprios recursos financeiros. Apesar disso cremos que alguns deles ainda estejam numa fase transitória de experimentações em como lidar melhor com tais recursos inclusive na hora de gastá-lo, mas já é um bom começo para se tornarem indivíduos-consumidores mais conscientes de seus atos financeiro-econômicos.

Parece impossível e também é difícil de imaginar tal situação nos dias de hoje, mas ainda existem pessoas que não se preocupam com nada, inclusive com

sua vida financeiro-econômica, e essa atitude em relação ao próprio dinheiro não nos parece mais pode ser bastante comum entre alguns grupos sociais que querem viver somente de “status” sem pensar no dia de amanhã, onde provavelmente irão chegar às suas contas desse badalado estilo de vida e terão que quitá-las para manter os mesmos padrões de antes ou renegociá-las até conseguirem a quantia suficiente para eliminá-las de seu convívio.

Além disso, notamos também que **Ana**, **Alegria** e **Harmonia** estão mais atentas na hora de adquirir certos produtos ou serviços e querem priorizar o que realmente é necessário em suas vidas com compras mais conscientes, através de três perguntas já mencionadas neste texto e discutidas coletivamente no quinto módulo-encontro, realizado em 26/04/2014, a fim de evitar o consumismo. São elas: i) Será que eu preciso comprar isso mesmo?; ii) Tem que ser agora, nesse momento?; iii) Será que este gasto é mais necessário do que outros?.

Já a **Ana L.** e o **Júnior**, querem fazer economia sempre ou gastar menos, pensando num futuro mais tranquilo e com uma reserva financeira para eventualidades. Diferentemente de **Natasha** que apenas nos afirma “sem administração o dinheiro acaba e não percebemos com o que gastamos”, demonstrando assim que está tentando por em prática o seu controle financeiro-econômico mensal sobre suas receitas e despesas.

Novamente **Ártemis** está muito interessada em investir e/ ou poupar, mas desta vez não está sozinha, pois a **Helen** também compartilha dessas ideias nos afirmando que “gostaria de saber aplicar”. Plausivelmente lemos essas duas situações como se fossem uma só e que ambas estão conseguindo honrar todos os seus compromissos mensais e querem investir ou aplicar suas sobras de recursos em algo que lhe tragam segurança e bons rendimentos a curto, médio e longo prazo.

Por outro lado, **Saoni** nos faz um relato comovente sobre a transformação de sua vida financeiro-econômica até o momento, pois graças aos nossos módulos-encontros e seus respectivos debates coletivos (resíduos de enunciação) sobre situações de consumo e planejamento financeiro ela conseguiu sair em tão pouco tempo de uma situação devedora para credora. E que hoje está muito feliz (crença-afirmação) por dispor de uma pequena reserva financeira em sua conta corrente para eventualidades (justificação) no valor de 3/5 do seu orçamento doméstico mensal, que há muito tempo almejava e nunca conseguia alcançar.

É por causa deste relato e de vários outros ouvidos informalmente com esses nossos participantes durante a pesquisa de campo e depois dela, que estamos muito felizes em saber que realmente após a análise dos dados da segunda etapa de entrevistas o nosso curso de orçamento e economia doméstica para professores já havia começado a dar frutos antes mesmo de terminá-lo. E, conseqüentemente, iriam ainda contribuir muito mais ao longo das próximas discussões e reflexões sobre outros temas financeiro-econômicos ou situações-problemas que os envolvam e cada vez mais vem esclarecendo os nossos nove indivíduos-consumidores que sempre participam ativamente da elaboração e execução de seus próprios orçamentos domésticos mensais e conseqüentemente dos seus planejamentos financeiros.

5.1.3 – Etapa 3 de nossas entrevistas

Essa terceira entrevista foi realizada com todos os nove sujeitos de pesquisa após a execução e realização de nossos oito módulos-encontros, nos dias 18 e 19/11/2014 a tarde (exceto com **Natasha** e **Alegria** que não puderam comparecer e fizeram depois separadamente), onde utilizamos a nossa ficha-questionário 3 de entrevista semi-estruturada composta de 8 perguntas, que se encontra no apêndice D. Mas como na segunda etapa tivemos apenas o seu preenchimento individual, sem debates coletivos sobre as perguntas já pré-estabelecidas, pois as mesmas eram de pós-pesquisa para avaliação da mesma e foi realizada com cada um dos participantes separadamente e sem o uso do gravador de áudio e vídeo.

Decidimos estabelecer nesta etapa de entrevista uma análise dos itens 1, 2 e 3 dessa ficha-questionário conjuntamente, pois há uma certa relação entre eles e uma resposta parece complementar a outra. Assim como nos itens 5 e 6 e também 7 e 8. Portanto o único item que será analisado sozinho é o 4 onde os nossos sujeitos de pesquisa deram sua opinião e justificaram sua resposta.

Sobre as questões:

- 1) Como você considerava o controle de suas finanças antes desses nossos módulos-encontros?
- 2) E agora depois de nossos módulos-encontros, como você considera o controle de suas finanças?

3) Após esses módulos-encontros, você considera que o controle de suas finanças pessoais, domésticas e familiares será:

Ana

- 1) Ruim.
- 2) Ótimo.
- 3) Melhor.

Natasha

- 1) Péssimo.
- 2) Bom.
- 3) Melhor.

Alegria

- 1) Bom.
- 2) Bom.
- 3) Melhor.

Ana L.

- 1) Bom.
- 2) Bom.
- 3) Um pouco melhor.

Ártemis

- 1) Bom.
- 2) Bom.
- 3) Melhor.

Harmonia

- 1) Ruim.
- 2) Ótimo.
- 3) Um pouco melhor.

Helen

- 1) Ruim.
- 2) Ótimo.
- 3) Melhor.

Saoni

- 1) Péssimo.
- 2) Ótimo.
- 3) Melhor.

Júnior

- 1) Bom.
- 2) Bom.
- 3) Permanecerá o mesmo.

Considerações

Nesses três itens, **Ana** e **Helen** foram idênticas assim como **Alegria** e **Ártemis**. Mas notamos que ao analisar somente as respostas individuais de cada um dos participantes nos itens 1 e 2 formam-se dois grupos distintos, um com cinco participantes e outro com quatro, que plausivelmente lemos como sendo de opiniões divergentes um com outro.

O primeiro grupo formado por **Ana**, **Natasha**, **Harmonia**, **Helen** e **Saoni** responderam Ruim ou Péssimo no item 1 e Ótimo ou Bom no item 2; mostrando-nos assim que após participarem de nossos oito módulos-encontros melhoraram o controle de suas finanças, sejam elas pessoais, domésticas e familiares.

Já o segundo grupo formado por **Alegria**, **Ana L.**, **Ártemis** e **Júnior** responderam Bom no item 1 e novamente Bom no item 2; mostrando assim que mantiveram o mesmo nível de controle financeiro e/ou continuam da mesma forma antes e depois dos nossos módulos-encontros.

Mas em relação ao item 3 quase todos os nossos sujeitos de pesquisa, de ambos os grupos, afirmaram que agora o controle de suas finanças pessoais, domésticas e familiares, após esses oito módulos-encontros, serão por sua vez melhores ou um pouco melhor que antes; exceto o **Júnior**, que nos afirmou que “permanecerá o mesmo”, diferentemente de todos os outros participantes.

Diante dessas considerações acima, afirmamos que os nossos módulos-encontros contribuíram de várias formas com esses nove indivíduos-consumidores, inclusive com uma Educação Financeira que visasse atitudes mais ativa e crítica no que diz respeito ao seu próprio controle financeiro-econômico entrelaçado a um

orçamento doméstico mensal, bem como a análise de suas consequências quando não os mantém equilibrado.

Sobre a questão 4: Esses nossos módulos-encontros foram produtivos em sua opinião? Por quê?

Ana

vezes

Sim! Passei a ter consciência dos meus gastos anotando tudo e analisando. Vejo agora a real necessidade de adquirir um produto, penso duas vezes em comprar. Passei a utilizar apenas um cartão nos últimos meses e não 3. Comecei a fazer um reserva.

Figura 42 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Natasha

outros

Sim. Me fez enxergar um lado financeiro que é da economia que antes não prestava atenção, tomei em lá com porque dividimos experiências novas e ruins com os participantes do encontro.

Figura 43 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Alegria

às vezes

Foram produtivos um, porque não discutimos o tema em grupo nos levou a refletir sobre como estamos agindo.

Figura 44 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Ana L.

Nos encontros percebemos que muitas vezes existe uma má gestão orçamentária por parte da sociedade.

Figura 45 – Registro escrito de Ana L. – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Ártemis

Sim	<p>Sim foram muito produtivos. Por que agora tem vontade de ter uma coisa melhor (ter uma coisa após termos discutido as questões) do ganho / gasto e já estou pensando mais não só no preparar mas no investir.</p>	muito
-----	--	-------

Figura 46 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Harmonia

<p>Sim. Ajudou-me a organizar minhas finanças, controlar o dinheiro e o tempo.</p>
--

Figura 47 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Helen

<p>Sim porque agora controlo muito mais meus gastos - tenho ainda daltas, mas pretendo melhorar cada vez mais. Já ainda desperdiço no armário e na geladeira.</p>

Figura 48 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Saoni

<p>Sim, aprendi a pensar antes de consumir; lembrar-me que só devo consumir exatamente o que é necessário; minha consciência exige que comprar é necessário, mas o que é fundamental para comprar.</p>
--

Figura 49 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Júnior

<p>Embora tenha um bom controle sobre minhas finanças e sempre tem mais conhecimento sobre a mesma.</p>

Figura 50 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 3 – Item 4

Considerações

Agora neste item 4, além de colocarmos as respostas manuscritas de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa percebemos que a maioria deles afirmaram que foram produtivos esses módulos-encontros e apresentaram cada um a sua versão ou justificativa a esse questionamento apontando é claro, segundo suas crenças-afirmações, para as conquistas já realizadas e/ou metas a serem alcançadas.

Entretanto, um fato que merece nosso destaque aqui em relação ao item 4, foi que algumas dessas justificativas apresentadas nos revelam a mudança de comportamento e hábitos de consumo desses indivíduos-consumidores, inclusive na forma de pensar e agir diante de uma situação de consumo ou controle financeiro-econômico de seus próprios recursos e gastos, depois da realização de todos os nossos oito módulos-encontros.

Notamos também que **Ana, Harmonia, Helen e Saoni** estão muito mais atentas e organizadas financeiramente, pois agora elas anotam tudo num caderninho ou na agenda todos os seus gastos financeiro-econômicos diários e mensais, além de refletir sobre suas reais necessidades e atuais possibilidades na hora de se adquirir um determinado produto ou serviço, evitando assim desperdícios e prováveis endividamentos no cartão de crédito e/ou cheque especial, tipos de crédito rotativo mais caro hoje em dia no mercado financeiro.

Já a **Alegria** e o **Júnior**, destacam a importância que teve para eles as nossas discussões e reflexões coletivas sobre os vários temas abordados nos nossos módulos-encontros. Inclusive **Natasha** relata que isto a fez enxergar um lado financeiro que antes nunca havia prestado a atenção, que o é da economia, ou seja, cremos que ela está se referindo a um consumo mais consciente avesso ao consumismo e ao desperdício, e também a um controle financeiro mais rígido de suas receitas e despesas mensais.

Contudo, **Ártemis** igualmente as quatro participantes acima foca mais sua justificativa ao nos afirmar que depois desses nossos módulos-encontros tem uma melhor noção de todos os seus ganhos e gastos, e já está até pensado não somente em poupar como também em investir.

Diferentemente de **Ana L.** que nos diz algo que a princípio discordamos totalmente de suas ideias ao nos afirmar que “Nos encontro(s) percebemos que muitas vezes existe uma má gestão orçamentária por pressão da sociedade”.

Acreditamos e plausivelmente lemos esta fala como se fosse colocar a culpa toda nessa nova sociedade líquido-moderna que vivenciamos, sendo que ela não administra nenhum recurso ou gasto financeiro dos seus indivíduos-consumidores que nela estão contidos, mas sim os influenciam muito através do marketing de seus produtos com complexas informações e simples propagandas que às vezes conseguem induzi-los a consumir algo constantemente que muitas das vezes não necessitam ou sequer precisam em suas vidas cotidianas.

Diante dessa afirmação achamos também necessário e concordamos plenamente com Campos (2013, p. 125) que:

“é necessário que o indivíduo-consumidor também evolua; evoluir no sentido de uma educação financeiramente saudável, buscando se posicionar diante da complexidade das informações do mercado, constituindo-se como um ser cidadão crítico e questionador de suas ações”.

De tal modo que a Educação Financeira que defendemos deve estar também alinhada a algumas considerações importantes, como a de Campos (2013), onde busca nos explicitar que ela é:

“um dos componentes fundamentais para o exercício da cidadania, pois além de munir o indivíduo-consumidor com ferramentas financeiro-econômicas, também tem a função de conscientizá-lo do seu papel enquanto agente ativo no meio social que está inserido, compartilhando com a comunidade (família, amigos e etc) o seu conhecimento acerca de finanças, bem como ajudar a fiscalizar e, se necessário, denunciar qualquer instituição e/ou comércio que se aproprie de meios ilícitos para enganar o consumidor”. (CAMPOS, 2013, p. 115)

Sobre as questões:

- 5) Em quais aspectos esses nossos módulos-encontros mais o ajudou?
- 6) Em quais aspectos esses módulos-encontros poderia melhorar?

Ana

- 5) A melhorar o controle financeiro dos seus gastos pessoais, domésticos e familiares; A “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma; A aprender “ter” um consumo mais consciente de bens e serviços; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Utilizar mais filmes correlacionados aos temas apresentados.

Natasha

- 5) A proporcionar um conhecimento de como melhor empregar o seu dinheiro e o da sua família; A se preparar melhor para as “armadilhas” de consumo; A “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas.

Alegria

- 5) A melhorar o controle financeiro dos seus gastos pessoais, domésticos e familiares; A “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Elaborar mais dinâmicas que envolva os temas apresentados; e Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas.

Ana L.

- 5) A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Nenhuma das respostas acima.

Ártemis

- 5) A proporcionar um conhecimento de como melhor empregar o seu dinheiro e o da sua família; A se preparar melhor para as “armadilhas” de consumo; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Utilizar mais filmes correlacionados aos temas apresentados; e Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas.

Harmonia

- 5) A melhorar o controle financeiro dos seus gastos pessoais, domésticos e familiares; A proporcionar um conhecimento de como melhor empregar o seu dinheiro e o da sua família; A se preparar melhor para as “armadilhas” de consumo; A “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma; A “conhecer” melhor o sistema financeiro brasileiro de crédito; A aprender a “ter” um consumo mais consciente de bens e serviços; e A compreender melhor a

necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.

- 6) Possibilitar uma maior participação de todos nas discussões e atividades; e Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas.

Helen

- 5) A melhorar o controle financeiro dos seus gastos pessoais, domésticos e familiares; A proporcionar um conhecimento de como melhor empregar o seu dinheiro e o da sua família; A se preparar melhor para as “armadilhas” de consumo; A “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma; A aprender a “ter” um consumo mais consciente de bens e serviços; A aprender a “usar” uma planilha orçamentária de ganhos e gastos; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Possibilitar uma maior participação de todos nas discussões e atividades.

Saoni

- 5) A aprender a “ter” um consumo mais consciente de bens e serviços; A aprender a “usar” uma planilha orçamentária de ganhos e gastos; e A compreender melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado.
- 6) Utilizar mais exemplos práticos nas situações-problemas; e Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas.

Júnior

- 5) A se preparar melhor para as “armadilhas” de consumo.
- 6) Utilizar mais filmes correlacionados aos temas apresentados.

Considerações

Nestes itens 5 e 6, achamos melhor transcrever as respostas manuscritas de cada um dos nove sujeitos de pesquisa, e percebemos que todos deram a sua opinião individual de acordo com suas crenças-afirmações a respeito de quais aspectos os nossos módulos-encontros mais os ajudaram em sua vida financeiro-econômica e contribuíram de fato com suas tomadas de decisão em relação às

várias questões que envolvem situações de consumo e planejamento financeiro, assim como aqueles que poderiam ser melhorados.

Entretanto, percebemos que sete dos nossos nove participantes dessa pesquisa de campo marcaram mais de uma alternativa no item 5 e quatro no item 6, onde plausivelmente lemos esta situação como ótima para as nossas reflexões e avaliações de pós-pesquisa, e a consideramos como se fossem um tesouro a ser descoberto na hora de interpretarmos todas essas respostas à luz do MCS.

A alternativa mais assinalada no item 5 foi a que “Compreendeu melhor a necessidade de se “ter e manter” um planejamento financeiro sempre equilibrado”, e era para nós um dos nossos principais objetivos a ser alcançado durante esse curso de orçamento e economia doméstica para professores, pois queríamos demonstrar através de várias reflexões e discussões coletivas a sua real importância e o valor que tem este fato em nossa vida financeiro-econômica dentro de uma nova sociedade líquido-moderna de consumidores, onde tudo acontece muito rápido e às vezes algumas coisas passam por despercebidas e fogem ao nosso controle, inclusive as questões financeiras.

No entanto, **Júnior** foi o único que não marcou a alternativa acima descrita no item 5, pois o mesmo apenas marcou a de “Preparou-se melhor para as “armadilhas” do consumo”, que para nós é também de suma importância nos dias de hoje em relação a todo o mercado de bens e serviços.

Já os outros participantes além de marcarem a alternativa acima comentada, marcaram também várias outras de igual valor, inclusive a de “Ajudou a “olhar” o dinheiro e os gastos de outra forma”, “Melhorou o controle dos seus gastos pessoais, domésticos e familiares” e “Aprendeu a “ter” um consumo mais consciente de bens e serviços”, que nos revelam agora uma mudança de comportamento e talvez de hábitos de consumo por parte deles perante uma situação que requer tomada de decisões mais conscientes e plausíveis com suas atuais situações financeiro-econômicas.

Notamos também que **Ana**, **Ártemis** e **Júnior** marcaram uma mesma alternativa no item 6 de nossa ficha-questionário de pós-pesquisa para avaliação do mesmo, a de “Utilizar mais filmes correlacionadas aos temas apresentados”. Mostrando assim que gostarão de nosso quinto módulo-encontro, onde exibimos três filmes já descritos acima com o intuito de chamá-los a atenção para as questões

financeiro-econômicas que os compõem e alavancar mais uma daquelas nossas discussões e reflexões coletivas sobre tais temas abordados.

Por fim, destacamos que a alternativa “Ter mais situações-problemas para serem discutidas e debatidas” foi a mais marcada no item 6, e ressaltamos aqui que fizemos cinco delas bem específicas para os nossos oito módulos-encontros, sempre com intuito de provocar várias discussões e reflexões coletivas sobre as mesmas. Nesse caso é plausível dizer que elas foram úteis e necessárias nessa pesquisa de campo e que a troca de informações durante suas execuções foi de grande relevância entre nossos participantes, e que este aspecto ainda pode ser melhorado buscando assim uma maior integração no grupo pesquisado como um número maior de informações trocadas a serem coletadas.

Outro ponto que precisa ser destacado nesta análise do item 6 refere-se à opção da **Ana L.** em não marcar nenhuma das alternativas disponíveis (crença-afirmação) nessa ficha-questionário e ainda criar abaixo delas uma outra opção bastante relevante que a de “N. D. A.”, ou seja, lemos como Nenhuma Das Alternativas. Isto é plausível de acontecer, pois nos esquecemos de colocar tal alternativa e/ou opção que também se refere a uma justificativa do indivíduo-consumidor perante o item e/ou pergunta apresentada (resíduo de enunciação).

Sobre as questões:

- 7) Quais temas você mais gostou de ter visto nos nossos módulos-encontros?
 8) Além dos temas abordados nos nossos módulos-encontros, você sugeriria algum outro tema que pudesse ser acrescentado aos mesmos posteriormente? Dê sua opinião sobre o conteúdo apresentado.

Ana

7) Planejamento Financeiro; Orçamento e Economia Doméstica; Consumo e Consumismo; e Propagandas e suas influências.

8)

<p>Gostei de todos os temas. Poderíamos posteriormente abordar financiamentos, de casa ou apartamento, falamos sobre isso no encontro, mas não especificamente</p>	<p>não</p>
--	------------

Figura 51 – Registro escrito de Ana – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Natasha

7) Planejamento Financeiro; Elementos das Planilhas Orçamentárias; Orçamento e Economia Doméstica; Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo; Consumo e Consumismo; Ganhar mais é sinal de gastar mais; e Consumo consciente sem desperdício (lixo gelado).

8)

Financiamentos de casas, casas

Figura 52 – Registro escrito de Natasha – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Alegria

7) Planejamento Financeiro; Consumo e Consumismo; Propagandas e suas influências; e Ganhar mais é sinal de gastar mais.

8)

Não pensei em outros temas.

Figura 53 – Registro escrito de Alegria – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Ana L.

7) Ganhar mais é sinal de gastar mais.

8) (Não quis responder este item, deixando o mesmo em branco).

Ártemis

7) Planejamento Financeiro; Orçamento e Economia Doméstica; Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo; Propagandas e suas influências; e Consumo consciente sem desperdício (lixo gelado).

8)

Adorei fazer parte dos encontros gostaria que fosse trabalhado mais sobre consumo e consumismo.

Figura 54 – Registro escrito de Ártemis – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Harmonia

7) Planejamento Financeiro; Elementos das Planilhas Orçamentárias; Orçamento e Economia Doméstica; Porcentagem; Juros e descontos; Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo; Juros, Taxas e Custos Administrativos que incorporam as Dívidas e/ou Empréstimos (custo total

efetivo); Consumo e Consumismo; Propagandas e suas influências; Ganhar mais é sinal de gastar mais; O uso da Matemática nas ações e decisões de consumo; e Consumo consciente sem desperdício (lixo gelado) – Todas as opções disponíveis nessa ficha-questionário.

8)

Figura 55 – Registro escrito de Harmonia – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Helen

7) Elementos das Planilhas Orçamentárias; Porcentagem; Juros e descontos; Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo; O uso da Matemática nas ações e decisões de consumo; e Consumo consciente sem desperdício (lixo gelado).

8)

Figura 56 – Registro escrito de Helen – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Saoni

7) Porcentagem; Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo; Juros, Taxas e Custos Administrativos que incorporam as Dívidas e/ou Empréstimos (custo total efetivo); Propagandas e suas influências; e Consumo consciente sem desperdício (lixo gelado).

8)

Figura 57 – Registro escrito de Saoni – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Júnior

7) Propagandas e suas influências.

8)

Não.
 Os encontros foram importantes principalmente
 para troca de experiências.

Figura 58 – Registro escrito de Júnior – Ficha-Questionário 3 – Item 8

Considerações

Inicialmente já destacamos aqui que nos itens 7 e 8, optamos por um misto entre transcrições e respostas manuscritas, porém os nossos sujeitos de pesquisa também nos deram a sua opinião individual segundo suas crenças-afirmações a respeito de quais temas eles mais gostaram de ter visto e debatido nos nossos módulos-encontros e quais os temas que ainda faltam e/ou deveriam ser acrescentados em nosso curso de orçamento e economia doméstica.

Como ocorrido nos itens 5 e 6, percebemos que sete dos nossos nove participantes dessa pesquisa de campo marcaram mais de uma alternativa no item 7, inclusive **Harmonia** que gostou de todos os temas apresentados e marcou todas as alternativas disponíveis nessa ficha-questionário. Os únicos que marcaram apenas uma opção foram **Ana L.** e **Júnior**, sendo a dela “Ganhar mais é sinal de gastar mais” e a dele “Propagandas e suas influências”.

Perante as dez alternativas do item 7, ressaltamos aqui que as mais marcadas ou selecionadas por todos foram: Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica, Formas de pagamento: Compra à vista ou a prazo, Consumo e Consumismo, Propagandas e suas influências, Ganhar mais é sinal de gastar mais e Consumo consciente sem desperdício.

Diante dessas escolhas, lemos estas informações como plausíveis as opiniões de nossos sujeitos de pesquisa, pois refletem aquilo que eles mais gostaram de ter visto durante os oito módulos-encontros, que realizamos durante o tempo de nossa pesquisa de campo.

Agora em relação ao item 8 sobre algumas sugestões de temas que pudesse ser acrescentado em nosso curso de orçamento e economia doméstica, apareceram algumas ideias interessantes e comuns a mais de um dos participantes.

Ana, Natasha e Helen sugeriam, com justificativas diferentes, o tema “Financiamentos de longo prazo”. A primeira sugeriu Financiamentos de casas e

apartamentos; a segunda, Financiamentos de carros e casas; e a terceira, Financiamentos a longo prazo e As armadilhas do mercado, que aqui cremos que seja mercado financeiro. Diferentemente de **Saoni** que nos sugeriu Investimentos de curto prazo e Mercado de aplicações, que entendemos que seja Mercado de ações.

Enquanto isso **Ártemis** nos sugeriu trabalhar mais com o tema Consumo e Consumismo, e **Harmonia** deu a sugestão de trabalhar com tabela de pagamento adiantado, ou seja, acreditamos que se trata da antecipação do 13º salário pelas instituições financeiras, um tipo de crédito vinculado a sua conta-salário.

Por fim, **Alegria**, **Ana L.** e **Júnior** não quiseram sugerir nenhum tema.

5.2 - Análise das duas atividades relacionadas ao preenchimento individual de uma Planilha Orçamentária

Apresentamos agora as análises das leituras e considerações plausíveis das duas atividades relacionadas ao preenchimento individual de uma Planilha Orçamentária ou de Orçamento Doméstico Mensal, sendo que a primeira delas foi desenvolvida na “base do chute”, fazendo estimativas num rascunho, de todas as suas atuais receitas e despesas mensais; e a segunda foi realizada com o preenchimento individual de uma autêntica planilha orçamentária no formato impresso, composta por duas páginas, já pronta e exposta anteriormente neste texto.

5.2.1 – Atividade 1 com a Planilha Orçamentária

Essa primeira atividade com a Planilha Orçamentária ou de Orçamento Doméstico Mensal foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes em 15/02/2014 (exceto com **Ana L.** e **Júnior** que não puderam comparecer e fizeram depois separadamente), na segunda parte do nosso primeiro módulo-encontro que teve uma duração total de 1h 13min e foi dividido em dois momentos ou objetivos específicos. Sendo que o segundo deles era diretamente relacionado à discussão “na base do chute”, fazendo estimativas num rascunho, sobre o próprio orçamento doméstico familiar através da exposição inicial de todas as suas receitas

(ganhos) e despesas (gastos) mensais, que naquele momento percebemos que ainda não eram bem conhecidas por todos os nossos participantes.

Considerações

Iniciamos a segunda parte do nosso primeiro módulo-encontro, distribuindo uma folha em branco com apenas um logotipo bem pequeno estampado do GRIFE/UFJF, para que todos os nossos participantes pudessem fazer os seus próprios cálculos individuais referentes à nossa próxima atividade e/ou discussão “na base do chute” de todas as suas receitas e despesas mensais, que naquele momento podíamos perceber claramente pelas atitudes de todos que ainda não eram bem conhecidas e tão pouco discutidas por eles junto a outros colegas de trabalho ou até mesmo com os seus próprios familiares. E com essa singela atividade demos o primeiro passo para uma construção simbólica de uma planilha-rascunho sobre seus próprios orçamentos domésticos mensais entrelaçados ao planejamento financeiro de cada um.

As discussões sobre esta atividade ou tarefa estavam para começar e alguns participantes mais aplicados já tinham dúvidas e queriam saber antes dos outros e de nossas explicações o que iriam fazer, anotar ou até mesmo escrever nesta folha recebida, parecendo assim em alguns momentos com os nossos alunos em uma sala de aula.

Em relação a este fato, iremos agora destacar e apresentar alguns diálogos a seguir, segundo nossas transcrições de áudio e vídeo, que reforçam nossas considerações de tal episódio ocorrido durante a nossa pesquisa de campo, além de nos expor também o presente contexto que vive a maioria de nossos participantes perante esta falta de informação ou até mesmo de um controle maior sobre todas as suas receitas (ganhos) e despesas (gastos) mensais que compõem o seu próprio orçamento doméstico familiar e determinam a sua atual situação ou condição financeiro-econômica de credores ou devedores.

- Natasha

Pesquisador, o que é para escrever nesta folha aqui?

- Pesquisador

Eu estou dando esta folha, porque a gente vai começar hoje falando sobre o seguinte: você sabe o que é um orçamento doméstico, vocês aqui são donos de casa e administram seu próprio dinheiro. Por isso eu quis fazer pesquisa com pessoas. Então queria que vocês falassem: vocês sabem o que é receita e despesa? Ou ganhos e gastos? Porque uma das perguntas aqui (referente à ficha-questionário 1 já entregue) falava de ganhos e gastos. Quando a gente fala receita à gente está falando de ganho. Tudo que você ganha, no cargo 1, cargo 2, aula particular que você dá, tudo soma no ganho. Quando a gente fala receita e despesa é tipo uma empresa. A gente vai falar no popular que é ganho. E despesa vocês sabem que é um gasto, vocês tem noção do quanto vocês gastam? Tem noção do quanto recebe?

- Natasha

Não.

- Alegria

Eu tenho, por isso que a realidade é triste.

- Pesquisador

Então vamos fazer uma atividade aí, escrevam o pseudônimo, porque se não aí eu não sei depois.

- Natasha

Já escrevi.

- Pesquisador

Vocês sabem quanto ganham. Fazem um chute aí. Vou dar um exemplo: cargo 1, ganho tanto, segundo emprego, tanto.

- Alegria

Você quer que a gente coloca a receita.

- Pesquisador

É, a receita isso mesmo. Você pode chamar de ganhos ou receitas. De um lado você põe as receitas, os ganhos.

- Saoni

Tá.

- Pesquisador

Você tem uma renda extra, um aluguel, isso também entra na receita. Põe mais ou menos.

- Natasha

Isso é o líquido, né?

- Harmonia

Líquido, ou não? O que a gente vai fazer? A receita, o que chega na mão, é isso?

- Pesquisador

Eu acho melhor colocar o líquido, é o que você ganha mesmo de verdade.

- Saoni

Líquido?

- Alegria

Tem que ser gente, o líquido, é com ele que você paga suas contas. Não adianta por o bruto não. (Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Por exemplo, você recebe do estado R\$1.500,00, você não recebe isso, ele já descontou o Ipsemg, contribuição, sindicato, sei lá o que.

- Alegria

Quanto você recebe lá no banco.

- Pesquisador

Quanto você recebe líquido. Vamos supor que o Ipsemg já é um investimento para o futuro, quando você aposentar. O outro que já foi descontado vamos supor que é um investimento de 10 ou 11%, dependendo do desconto, o estado é 11% para você aposentar e 3% para você usufruir do Ipsemg.

- Harmonia

Você já está embolando demais a minha cabeça.

- Natasha

É mesmo Pesquisador, estou ficando nervosa.

- Pesquisador

Tem problema não. Detalhe, isso aí vai acontecer com algumas coisas que vocês vão pensar. Pode acontecer de dar mais ou dar menos, não se cobrem tanto, é só

para ter uma noção. Umas dicas, oh! Você tem cargo 1 e cargo 2, tem dois ganhos, então você tem que colocar os dois aí. Chuta um valor aí, depois você pode incluir, se você tem um aluguel, a gente chamaria de renda.

- Natasha

Aí eu ponho na frente?

- Pesquisador

Calma, não é da de gasto, é da de recebimento, se você está recebendo o aluguel de alguém, outra fonte de renda. Quem não tem não vai colocar nada. Um exemplo, eu ganho R\$100,00 da minha mãe porque ela me ajuda todo mês, você coloca aí como ganho.

- Pesquisador

Tenta somar aí quanto vocês ganham para termos uma noção, quanto você ganha por mês. A gente professor ganha pouco, a gente sabe disso. Por isso que eu falo que o problema não é quanto você ganha e sim quanto você gasta. Aí vocês ponham embaixo ou do lado. Depois vocês vão por despesa, ou embaixo ou do lado. Despesa, toda vez que falar despesa estou falando de gastos, quando eu falar de ganho, estou falando receita. No popular é mais fácil vocês entenderem. Beleza, agora vamos pensar: você paga aluguel? Então põe aí na despesa. Valor, você põe o aluguel e o valor, né?

- Ana

Tem que colocar assim: aluguel?

- Pesquisador

Para você saber, senão quando chegar lá no final da folha, você não vai saber o que pôs no primeiro.

Durante as discussões que se sucederam, percebemos que neste momento, através de nossa leitura, é plausível dizer que oito dos nossos sujeitos de pesquisa não tem o hábito de se agrupar ou colocar todas as suas receitas e despesas mensais fixas e/ou variáveis numa simples folha de papel, principalmente com o objetivo de se construir uma planilha-rascunho de seu próprio orçamento doméstico-familiar atrelado ao seu planejamento financeiro.

Logo, identificamos que tal fato não ocorre porque nunca o fizeram ou precisaram fazer, pois o montante que recebem ainda dá suprir todas as suas

necessidades mensais sem exageros é claro. Apesar disso, existem também aqueles com o receio de se fazer e encontrar posteriormente resultados finais não muito animadores e/ou satisfatórios com suas atuais expectativas de vidas, diante de tantas despesas que às vezes podem ser consideradas exageradas ou até mesmo supérfluas pelos próprios membros de seu grupo social, inclusive os familiares mais próximos.

Portanto, em alguns casos é difícil quebrar essas “barreiras psicológicas” impostas ao longo dos anos de como se mencionar questões de cunho financeiro-econômico vinculadas ao seu próprio planejamento financeiro. Mas que aqui em nossa pesquisa com tarefas individuais e sigilosas é possível quebrá-las deixando inicialmente bem claro que o nosso objetivo principal visa apenas à reflexão e apuração desses valores finais referentes às próprias receitas e despesas mensais dentro do seu orçamento doméstico familiar, sem as revelarem de fato a não que queiram, e que aqui não há sequer discussão de certo ou errado em relação a atitudes já tomadas, por isso se justificam tanto a nossa interferência e exemplificações sobre as mesmas.

- Natasha

Mais o que?

- Pesquisador

Se você paga aluguel, beleza. Quem não paga aluguel, às vezes pode pagar uma prestação de um apartamento, também seria um aluguel. No aluguel você põe: prestação do apartamento.

- Alegria

Na verdade você quer que põe toda a despesa.

- Pesquisador

Toda despesa.

- Natasha

Despesa fixa, né?

- Pesquisador

Fixa. Depois nós vamos por lá embaixo a flutuante, digamos assim. Primeiro vamos para a fixa. O que eu estou falando com vocês é despesa fixa. No próximo encontro,

já vou adiantando para vocês, só para vocês terem uma noção. Uma lista impressa ou no computador e depois vocês vão optar no dia, se vocês querem fazer no computador ou se querem fazer nela impressa. Porque lá vai estar tudo separadinho, despesa fixa, despesa com isso, com aquilo. Hoje é só um chute mais ou menos.

- Pesquisador

Vamos lá, vocês tem aluguel ou despesa do apartamento. Vocês têm alimentação? Põe aí, alimentação ou mercado, vocês escolhem o que vocês querem. Vou dando dicas aqui e vocês vão, então, quem não tem não põe nada. Você tem mercado, tem farmácia, padaria.

- Harmonia

Escola da filha.

- Pesquisador

Entra, tudo é despesa.

Em relação às nossas discussões, podemos dizer que **Natasha** é a mais participativa neste primeiro encontro e apesar disso demonstra uma certa insegurança e ingenuidade quanto ao uso de uma planilha orçamentária mensal, mas a leitura que se faz de algumas despesas não está errada, uma vez que sua produção de significados se dirige à interpretação de seus verdadeiros valores gastos mensalmente e também repartidos ao final do mês com o seu esposo. Por fim, ainda se refere ao mesmo como mais organizado financeiramente do que ela e a ajuda muito a refletir essas questões de âmbito financeiro-econômico envolvendo consumo e planejamento financeiro.

Acompanhem os próximos diálogos a seguir, onde essas circunstâncias acima relatadas sobre o comportamento de **Natasha** ficaram mais claras e evidentes durante as nossas discussões coletivas.

- Natasha

Olha o que sobrou do meu salário, mas nunca vejo isso.

- Pesquisador

Aí depois você tem o que?

- Natasha

Eu tenho mercado, ah não, mercado é do meu esposo.

- Alegria

Tudo é o esposo da Natasha, Oh meu Deus!

- Natasha

Não, o meu esposo é mercado, padaria.

- Ana

Mercado, padaria e feira.

- Pesquisador

Aí você põe tudo junto, depois você tem telefone.

(Depois falas cruzadas)

- Natasha

Mais eu não sei, porque eu gasto também: eu vou no salão cinquenta reais, depois eu vou fazer unha, menos 23 reais.

- Pesquisador

Água, luz, telefone, despesa com celular, assinatura. Esqueci de alguma ainda? TV a cabo.

- Natasha

Eu estou fazendo a minha sozinha, porque eu pago aluguel, o meu esposo paga a internet.

- Alegria

Você tem que por o que você faz com seu dinheiro.

(Depois falas cruzadas)

Ressaltamos também que em algumas ocasiões durante a nossa pesquisa de campo ocorreram consecutivamente “falas cruzadas”, devido à importância da discussão que estávamos fazendo em torno de algum tema que todos queriam opinar ao mesmo tempo, mas que depois os diálogos voltavam aos padrões normais de discussão coletiva – uma fala de cada vez. Agora, destacamos abaixo esta sequência de diálogos para demonstrar tal situação inusitada ocorrida.

- Pesquisador

Bem lembrado, tem a despesa com o cartão.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

E a despesa com o cartão? É mensal, não é?

(Depois falas cruzadas)

- Natasha

Eu não tenho nenhum. O Banco me cortou essa regalia, porque eu gastava muito.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Então vamos pensar: você tem despesa mensal de passagem, ok?

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Até agora tudo bem aí, gente? Todo mundo já olhou mais ou menos o que tem e o que não tem? Ah... bem lembrado, empregada acho que ninguém pôs.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Agora vocês podem chamar de despesa extra.

- Natasha

Estou esquecendo do almoço que eu pago na escola.

- Pesquisador

Então gente, não é só comida para casa não, tem que lembrar disso aí. Quem tem uma vida muito corrida, paga muito lanche e almoços fora de casa, ficando muito mais caro a alimentação mensal.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

O que é despesa extra? Então pensa. Eu gosto de passear final de semana em tal lugar, tem a passagem, ou gasto do carro.

Outro ponto que merece nosso destaque é que, durante as nossas discussões coletivas, os debates podem tomar um rumo diferente a todo instante, até mesmo lembrar de fatos e/ou acontecimentos que até aquele momento não

havia sido manifestados, como por exemplo: o ato de se reservar ou guardar parte do que se ganha para adquirir algo ou fazer investimentos futuros de curto, médio ou longo prazo, dentro de uma mesma reflexão que fazíamos sobre despesa extra e/ou inesperada e rapidamente retornar ao debate anterior, inclusive com várias falas cruzadas sobre o respectivo assunto. Observe esses diálogos:

- Natasha

Mas eu posso por exemplo, reservar todo mês 150 para eu comprar uma coisa que eu quero, uma roupa.

- Pesquisador

O objetivo é esse, você gastar melhor o seu dinheiro, você separar uma parte para investir ou para você. Porque o investimento tem dois tipos: a longo prazo quando você quer guardar para comprar alguma coisa, ou você quer investir passear, ou hoje, amanhã, daqui um mês, o dinheiro é seu, você tem várias opções, investir para guardar ou passear.

- Natasha

A gente tem que levar um monte de coisa em conta, março a gente não recebe extensão. Então começa a juntar só em abril.

- Pesquisador

E aí pessoal? Como está seus saldos por aí? Já olharam mais ou menos?

- Saoni

Seu IPTU vem em março?

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Tem o IR que começa em abril, bem lembrado.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

E aí, pessoal? Ninguém esqueceu nada não? Já colocaram os passeios? Sei lá, presente para o filho por mês, presente para a mãe. Faltou nada não? Pessoal.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Alguém quer perguntar alguma coisa, quer debater? (Depois falas cruzadas)

Além disso, percebemos também que durante alguns trechos de nossos debates financeiro-econômicos ficam muito evidentes que as escolhas dos participantes perpassam por prioridades pessoais junto a seus familiares; exemplificamos aqui o ato de se agrupar e repartir todas as suas receitas e despesas mensais em grupos bem distintos. Principalmente, na hora de se apurar todos os seus totais e o saldo final entre elas, e isto já podemos observar nas falas a seguir de **Ártemis**, **Alegria** e **Natasha**, junto as nossas indagações sobre essa totalização de todas as suas receitas e despesas mensais.

- Pesquisador

Tudo ok aí Ártemis? Quer perguntar alguma coisa?

- Ártemis

Não. Só estou pensando aqui, por exemplo, no meu caso, as despesas a gente soma, eu e minha irmã, a gente divide tudo.

- Pesquisador

Mais ou menos no chute, mais está tudo aí, né?

- Ártemis

Nesse caso, como fica para a pesquisa?

- Pesquisador

Não se preocupe, mais aí você vai por só a sua. Você tem a sua receita, não tem? Agora vamos fazer a conta, a sua despesa não é a sua receita. E o saldo final? Deu positivo ou negativo?

- Alegria

Não, mais o que ela está tentando explicar é que ela está achando que vai fugir do real, mas não vai não. Lá é o seguinte, lá não fica assim: o IPTU para ela e condomínio para a irmã, elas somam tudo, tudo que tem de pagar, mercado, IPTU.

- Pesquisador

Mais aí você colocou tudo aí?

- Ártemis

Eu, basicamente.

- Pesquisador

Divide por dois o total.

- Alegria

Tudo deu 4000, por exemplo, você põe dois mil.

- Pesquisador

No total você põe assim: dividir por dois porque eu reparto com minha irmã, por exemplo, ou reparto com meu esposo.

- Alegria

A Natasha nem reparte, ela não é nada... (risos).

Por outro lado, ressaltamos ainda que a participante **Natasha** já tem o hábito de planejar e orçar suas próprias receitas e despesas mensais separadamente do restante de seus familiares, embora os inclua depois em seu orçamento doméstico familiar. Segundo ela, mesmo tendo uma visão superficial das mesmas, percebe que às vezes fica em desvantagem, pois certos gastos não são de sua competência e nem mesmo os usufruem constantemente. Observe esses diálogos:

- Natasha

A gente não tem essa coisa de juntar tudo e dividir, não. Ele paga as contas dele e eu pago a minha. Porque ele tem mais coisa que eu, ele paga carro, IPTU, IPVA, seguro, vou ficar pagando essas coisas? Eu nem uso o carro.

- Pesquisador

Boa ideia, vocês repartem mensalmente cada um com suas despesas.

- Natasha

É, porque senão eu saio na desvantagem. Eu não dirijo, não uso o carro dele, porque vou ficar pagando?

- Pesquisador

Vocês já estão com orçamentos domésticos independentes. Diferente da Ártemis está com orçamentos domésticos juntos, mas com divisão de despesas.

- Natasha

Ele consegue fazer milagre com o dinheiro dele, mas também ele é organizado. Só tem uma calça e está sempre bom, ele acho ótimo.

- Alegria

Homem é ótimo, né? (Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

E aí, pessoal? Já fizeram o saldo positivo e negativo? Está ficando muito positivo ou negativo? Já está dando para perceber onde vocês gastam demais?

- Natasha

Eu acho que já sei onde eu gasto. Sabe o que eu gasto? Eu tenho muito impulso. Tinha que fazer é uma terapia, isso sim.

Agora retornando ao assunto da planilha orçamentária mensal, destacamos aqui algumas falas de **Saoni** que já faz o uso constante de um extraordinário recurso há bom tempo, através de um controle financeiro pessoal muito popular em nosso país, que o ato de andar com um caderninho ou agenda para anotar todos os seus gastos diários, semanais e mensais, para depois se fazer um balanço geral de todas essas despesas. Após esses cálculos, norteadas pelo senso comum e por seus conhecimentos matemáticos, consegue se chegar a um veredicto final de sua atual condição financeiro-econômica naquele mês, mesmo que a tal não seja satisfatória e precise novamente de mais controle no próximo mês para se alcançar a situação desejada, pois é fazendo um minucioso controle financeiro que se consegue atingir metas e objetivos previamente estabelecidos.

- Pesquisador

Pessoal, vocês já perceberam que a planilha de orçamento é uma coisa muito importante. Vamos supor, eu tenho o meu planejamento financeiro, um orçamento em forma de planilha, receita e despesa, ou mais ou menos neste estilo, não é necessário? Para a gente não perder o controle? Já deu para perceber isso?

- Saoni

Aqui Pesquisador, oh.

- Pesquisador

A Saoni é o mais chique aqui. A gente fala de controle financeiro, a Saoni usa o caderninho. Computador também é uma boa. A Saoni não joga nenhum papelzinho fora, vai aprendendo aí.

- Natasha

O meu esposo faz isso.

- Pesquisador

Olha a ideia da Saoni, tudo que ela compra vai colando, soma, tudo no caderninho.

- Saoni

Aqui é extrato de banco que eu colo, eu coloco tudo. (Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Ok Saoni, depois eu te faço uma entrevista mais pessoal.

Acompanhem também esses últimos diálogos do nosso primeiro módulo-encontro, onde **Alegria** faz uma reflexão bem interessante com **Saoni** entre organização financeira e ter dinheiro ou reservas financeiras extras. Entretanto, devemos levar sempre em consideração que as reais necessidades que levam um sujeito a se fazer um severo controle financeiro partem geralmente de uma situação financeiro-econômica não muito boa ou “a beira do abismo” ou até mesmo “já no fundo do poço” e não do contrário onde estava tudo normal e essa tarefa seria bem mais fácil e simples.

Por outro lado, acreditamos que a Educação Financeira ainda precisa ser bem trabalhada e com mais propriedade pelas famílias e as escolas, pois esses dois ambientes são essenciais na formação do caráter de cada indivíduo-consumidor e também na forma de como ele irá lidar ou tomar suas próprias decisões em futuras situações-problemas onde envolvam dinheiro, consumo e planejamento financeiro. Contudo, ressaltamos que os indivíduos-consumidores já passam uma boa parte de suas vidas aprendendo nesses recintos a ser um “bom” cidadão mais consciente e responsável por seus próprios atos.

- Alegria

Oh Saoni, mais seu orçamento está controlado?

- Saoni

Não. Meu orçamento de casa está ficando controlado, e eu estou conseguindo enxugar tudo que eu posso e fazendo o mínimo necessário, oh eu estou tentando.

- Alegria

Você sempre foi assim de colar os papezinhos?

- Saoni

Não, tem uns três anos que eu faço isso.

- Alegria

O que a gente está falando aqui é o seguinte: que a minha outra amiga é muito organizada. Organizada eu também sou. A diferença é que ela é organizada e tem dinheiro.

(Depois falas cruzadas)

No entanto, assim termina essa primeira atividade com a Planilha Orçamentária e também o nosso primeiro módulo-encontro, mas deixamos uma tarefa para casa que era levar essa planilha-rascunho e conferir se os respectivos valores discriminados são verdadeiros e autênticos com a realidade de cada um dos participantes.

Agora vamos às análises e considerações da segunda atividade realizada no nosso segundo módulo-encontro da pesquisa, como se fossem uma tarefa complementar a primeira, embora alguns objetivos sejam bem diferentes dos que já foram expostos anteriormente.

5.2.2 – Atividade 2 com a Planilha Orçamentária

Essa segunda atividade com a Planilha Orçamentária ou de Orçamento Doméstico Mensal foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes em 08/03/2014 (exceto com **Harmonia** que não pode comparecer e fez depois separadamente), no nosso segundo módulo-encontro que teve uma duração total de 1h 08min e foi dividido em quatro momentos ou objetivos específicos. Sendo que os três primeiros eram diretamente relacionados ao preenchimento individual da planilha orçamentária mensal no formato impresso, visando assim dar uma continuidade ao primeiro módulo-encontro, só que agora ocorreram mais debates coletivos sobre todos os seus aspectos financeiros constituídos em cada item.

Além disso, nessa atividade se discutiu também o que são receitas e despesas necessárias e desnecessárias ou até mesmo supérfluas para cada um dos

nossos participantes. Entretanto, depois aconteceu um debate mais específico referente à apuração do saldo final de sua planilha orçamentária mensal através de um simples cálculo de fluxo de caixa entre receitas líquidas totais menos despesas totais, com intuito de verificar se o mesmo era positivo ou negativo atendendo assim ao nosso último objetivo proposto.

Considerações

Iniciamos esse segundo módulo-encontro, distribuindo uma planilha orçamentária mensal composta por duas páginas no formato impresso para que todos os participantes pudessem preenchê-la de forma individual, mas com debates coletivos, visando assim darmos continuidade ao primeiro encontro onde já tínhamos discutido e construído uma planilha-rascunho com todas as suas principais receitas e despesas dentro de um orçamento doméstico familiar entrelaçado ao próprio planejamento financeiro.

Ressaltamos aqui que as nossas discussões sobre essa atividade 2 sempre buscaram uma nova produção de significados pessoal e coletiva sobre cada um dos itens que compõem esta planilha orçamentária mensal e foram devidamente iniciadas com debates sobre o que são receitas brutas e líquidas, despesas necessárias e desnecessárias para cada um dos participantes. Logo, depois tentamos também buscar através dessas discussões um novo sentido para se apurar os subtotais de cada item e o saldo final dessa planilha, mesmo que ele seja positivo ou negativo.

Agora iremos relatar a seguir um pouco deste início de nossa atividade 2, de acordo com as transcrições de áudio de nosso segundo módulo-encontro em relação ao preenchimento individual de uma autêntica planilha orçamentária mensal, que foi adaptada para a nossa realidade de pesquisa e era composta por vários itens importantes.

Os itens que compõem essa planilha orçamentária são: Receita Líquida (Salário Líquido 1 + Salário Líquido 2 + Pensão + 13º Salário Líquido / Férias + Bônus / Extras + Rendas de Aplicações + Outras Receitas com aluguéis e outros) e as Despesas com o morar, comer, vestir, ir e vir, cuidados pessoais, saúde, estudar, lazer e despesas financeiras. Além é claro de uma tabela geral para apuração de

todos os subtotais dessas despesas separadas por grupo e o Saldo Final entre receita líquida menos despesas totais.

- Pesquisador

Então vamos pensar o seguinte, no último encontro nós pensamos no quê? Nós tínhamos uma folha em branco, com um orçamento no chute e cada um foi colocando as coisas que mais lembrava, hoje não, hoje nós vamos fazer tudo mais bonitinho. O que é mais bonitinho, eu vou falar, vocês querem colocar o mês? O mês e o ano. Podem por março ou fevereiro por exemplo.

- Alegria

Então tá bom? Março ou fevereiro então.

- Pesquisador

Vocês escolhem o mês.

- Natasha

Então vamos colocar março que a gente recebeu agora.

- Pesquisador

Então vamos pensar na tabela. A tabela tem as receitas, não tem? Tem receitas aí? Todo mundo achou receitas aí? Então vamos pensar: tem receita, tem dois pontos de receitas, a primeira receita é salário bruto 1 e salário bruto 2. Vocês podem por o bruto ou se já sabem podem colocar o líquido.

- Alegria

O bruto são os dois salários?

- Pesquisador

Você tem duas fontes pagadoras: o estado e a prefeitura, por exemplo. Quem tem uma fonte pagadora só coloca tudo no 1. Vocês, Júnior e Helen, tem dois cargos no estado, então uma fonte pagadora só.

- Alegria

Essa pensão pode ser também né?

Às vezes tem gente que recebe.

- Pesquisador

Então vamos dar umas dicas para começarmos. Salário líquido 1 ou salário bruto 1, se vocês tiverem uma fonte pagadora coloca uma só, se forem duas coloca as duas separadas.

- Alegria

Então eu vou colocar o líquido que sai do banco.

- Pesquisador

O líquido é mais fácil e o bruto é mais difícil para vocês.

- Helen

É... eu não lembro não.

Ressaltamos aqui que muitos de nossos sujeitos de pesquisa ainda não sabem quanto ganham mensalmente, ou seja, não conhecem o respectivo valor mensal de seus salários brutos e líquidos, mostrando assim uma situação de descontrole financeiro-econômico de suas receitas ou ganhos. Mas mesmo assim resolvemos prosseguir como as nossas dicas explicativas sobre o preenchimento de cada item dessa planilha até o momento em que surgissem nossas dúvidas a respeito de outros itens que a compõe e também para dar um tempo para que eles refletissem um pouco mais sobre seus respectivos rendimentos com intuito de fazê-los lembrar de tais valores.

- Natasha

Isso aqui é mensal, né? É o que vou receber este mês.

- Pesquisador

É. Vamos para outro item? Vocês já colocaram salário 1, quem tem salário 2, pula para o dois. Agora vamos para o terceiro item: vocês recebem pensão?

- Todos

Não.

- Pesquisador

Então não coloca nada nesse caso. Quem vir a receber coloca o valor. Colocaram os valores aí, pessoal? Tudo tranquilo até aí? Então vamos lá: vou dando as dicas.

Agora em outros diálogos abaixo de nossa transcrição, constatamos que a maioria de nossos participantes não pensa muito no futuro somente no dia de hoje, pois ainda não têm o hábito de ter uma reserva financeira ou não conseguem fazê-la, por vários motivos, para poder usá-la em eventualidades ou despesas emergências com saúde ou outro item básico para a sua própria sobrevivência e de seus familiares.

- Pesquisador

Agora renda de aplicações. Juros de poupança, por exemplo.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Vocês têm algumas aplicações?

- Helen

A gente está tendo é perda.

- Pesquisador

Mais se alguém tiver é só colocar. Agora vamos lá: outras receitas. Aí eu deixei em aberto, porque tem gente que tem aluguel.

- Ana

Recebe, né.

- Pesquisador

Que recebe.

Entretanto, continuamos a dar algumas dicas explicativas para o preenchimento correto de suas planilhas orçamentárias, inclusive como achar o total de suas receitas líquidas e despesas mensais. Observe os próximos diálogos:

- Pesquisador

Então vamos lá. Como se acha a receita líquida. Vou dar uma dica agora. Você pega o salário 1 soma com o salário 2, soma com a pensão ou décimo terceiro ou as

férias, rendas de aplicações. Vocês conseguem somar ou precisa de uma calculadora? Quem tem uma fonte só puxa lá para baixo, receita líquida.

- Pesquisador

Agora vamos começar com uma parte importante, que eu acho, que é separar as despesas. Que despesas? Vocês todos tem despesa, certo? Só que hoje vamos fazer separado, pois no último encontro foi tudo misturado. Agora vamos fazer separado, vamos para a primeira: despesa com morar, o que é despesa com morar, habitação no caso. A gente vai começar, vocês pagam aluguel ou prestação?

- Helen

Não.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Então coloca o valor aí.

(Depois um momento de silêncio)

- Natasha

Em morar, né?

- Pesquisador

Morar. Primeiro assim, coloca do lado cá.

- Natasha

Onde, né?

- Pesquisador

Nesta primeira fileira do lado de cá.

- Pesquisador

Nós temos aqui, despesa com aluguel ou prestação. É claro que muita gente não sabe o valor fixo, mas aqui está bem claro.

- Alegria

Ou se paga a prestação do apartamento.

- Pesquisador

É, pode por aqui também. A prestação do apartamento financiado pela caixa ou qualquer outro banco. Segundo: condomínio.

- Alegria

O que seria isso aqui: manutenção?

- Pesquisador

Manutenção é reforma.

- Helen

Qualquer conserto.

- Júnior

Referente ao mês.

Logo, em nossa leitura, é plausível dizer que a maior parte dos nossos sujeitos de pesquisa está conseguindo preencher de forma fidedigna a sua planilha orçamentária, mas alguns deles ainda apresentam dúvidas em relação aos seus próprios gastos ou despesas que tem durante o mês que estão usando com referência nessa atividade. Observe os próximos trechos de nossas transcrições de áudio:

- Pesquisador

Agora seguindo a tabela despesa para comer durante o mês, certo? É o que a gente tinha comentado, alimentação. Então vamos lá: a Alegria falou alimentação, mas eu separei: quanto você gasta de supermercado? Quanto você gasta de feira? De açougue? De padaria? Café e lanchonete.

- Júnior

Eu gasto R\$ 6,00, três de manhã e três à tarde.

(Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Eu coloquei café e lanchonete separado, porque tem gente que gosta muito de ir em cafés. Refeições tem o restaurante aqui no caso. A gente tem que pensar mensal. Quanto você gasta disso tudo mensal.

- Júnior

Ah vou chutar aqui.

- Pesquisador

Você faz por semana e depois é só multiplicar por quatro.

- Helen

Eu posso colocar a refeição aqui uma vez por semana, vezes 4 dá o total.

- Pesquisador

Ou quatro semanas e meia porque às vezes o mês tem 4 ou quatro e meia.

- Helen

Ah não... deixa assim mesmo.

Agora em outros diálogos de nossa transcrição, destacamos uma discussão mais específica em relação ao próprio controle financeiro, embora a reflexão em si vá muito além desse questionamento e avança sobre outras questões que começam a ser mais compreendida por todos, principalmente por **Natasha**, que tem muitas dúvidas a respeito desses temas financeiro-econômicos. Observe esses diálogos:

- Natasha

Essa folha vai ficar com a gente? Que é bom para eu fazer o controle.

- Pesquisador

Vai sim. Depois vou dar outra em branco para vocês irem praticando.

- Natasha

Porque tipo assim: aí eu vou ficar olhando e seguir só o que está aqui. Colocar R\$ 30,00 de padaria aí eu vou separar um dinheiro na minha carteira e quando acabar eu não vou na padaria. Não é assim?

- Pesquisador

Isso que é controle financeiro.

- Natasha

Ah... tô entendendo... tô entendendo.

- Pesquisador

Metas e objetivos em cima do seu dinheiro que você ganhou ou vai ganhar.

Ao final desses debates e/ou reflexões, os nossos sujeitos de pesquisa apuraram o saldo final de suas planilhas orçamentárias mensais através de um simples cálculo entre receitas líquidas totais menos despesas totais, com intuito de verificar se os mesmos eram positivos ou negativos. Mas nós queríamos saber também quais seriam suas atitudes perante tais resultados, inclusive o que fariam com as sobras de suas receitas – iriam poupar ou gastar esses valores, no entanto alguns deles já responderam a este item nessa mesma atividade. Observe a seguir alguns trechos de nossas transcrições de áudio.

- Pesquisador

Vocês vão somar tudo aqui, né?

(neste momento o pesquisador está orientando como os participantes somam as receitas e as despesas)

- Helen

Meu vai sobrar muito pouco dinheiro, vou ver aqui agora.

- Natasha

Júnior? Que conta que não acaba?

(pesquisador orienta terminar a conta receitas menos despesas e verificar se deu positivo ou negativo) (Depois um momento de silêncio)

- Natasha

Deveria ter feito a lápis.

- Helen

É, todo mundo deveria. (Depois falas cruzadas)

- Pesquisador

Não tem problema errar, em pesquisa não tem nada errado, a gente vai discutindo e debatendo.

- Pesquisador

Todo mundo respondeu a pergunta? Seu saldo é positivo ou negativo? Todo mundo está no azul?

- Júnior

Eu vou juntar para ir à praia de novo.

- Pesquisador

E aí pessoal? Deu certo? Todo mundo terminou?

- Ana

Eu não acredito que sobrou. Eu vou arrumar um jeito de gastar ele.

- Júnior

Também acho pesquisador, a gente inventa uma moda.

(Depois falas cruzadas)

- Natasha

Quando a gente vê gasta aqui, gasta ali... aí acaba.

- Pesquisador

Então você não anotava nada? Esse que é o problema. Pelo menos para ter uma noção, vai e anota no caderninho.

- Helen

Eu faço isso, pelo menos para eu não esquecer.

Através dessas discussões coletivas e do preenchimento individual da planilha orçamentária mensal, podemos dizer que já temos uma radiografia preliminar de todas as suas receitas e despesas no decorrer de um mês, e daí em diante é só traçar metas e objetivos a serem conquistados no decorrer de um curto, médio e longo prazo. Por isso destacamos aqui junto aos nossos sujeitos de pesquisa a importância de se ter e manter, sempre que for possível, o seu próprio orçamento doméstico mensal equilibrado.

Agora logo após esses comentários acima, no final desse módulo-encontro, fizemos mais quatro perguntas extras com o intuito de provocar uma nova discussão coletiva que julgávamos necessárias naquele momento para fecharmos toda essa reflexão sobre o uso de uma planilha orçamentária. E coletamos esses dados também na forma escrita, onde todos os nossos sujeitos de pesquisa deram a sua opinião e justificaram sua resposta. Diferentemente da planilha que todos levaram para casa com objetivo de melhorar o seu próprio desempenho ao preenchê-la novamente em família e achamos mais prudente não retê-las como dado da pesquisa, por se tratar de um item muito pessoal e envolve valores financeiros que muitos tentam mantê-los em segredo.

Decidimos também estabelecer nesta próxima atividade 2 complementar uma análise dos itens 1 e 2, conjuntamente, assim como nos itens 3 e 4, pois há uma certa relação entre eles e uma resposta parece complementar a outra.

Sobre as questões:

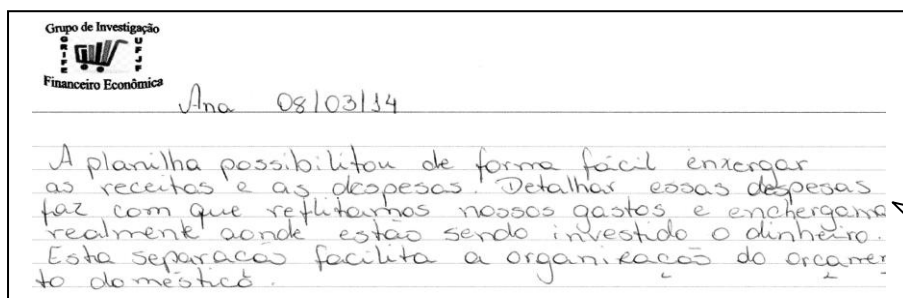
1) O que você acha: com o uso de nossa planilha orçamentária ficou mais fácil ou mais difícil enxergar todas as receitas e despesas?

2) Agora usando a planilha, você consegue separar suas despesas por grupo, como por exemplo: despesas fixas, despesas variáveis, despesas com morar, com comer, com vestir, com ir e vir, com lazer, com estudar...?

3) O que você acha: com o uso de nossa planilha orçamentária já dá para se ter e manter um controle maior sobre suas receitas e despesas que compõem seu orçamento doméstico-familiar?

4) Atualmente ou num futuro próximo usando a nossa planilha, você já conseguiria ter e manter o seu orçamento doméstico-familiar equilibrado?

Ana



Grupo de Investigação
Financeiro Econômica

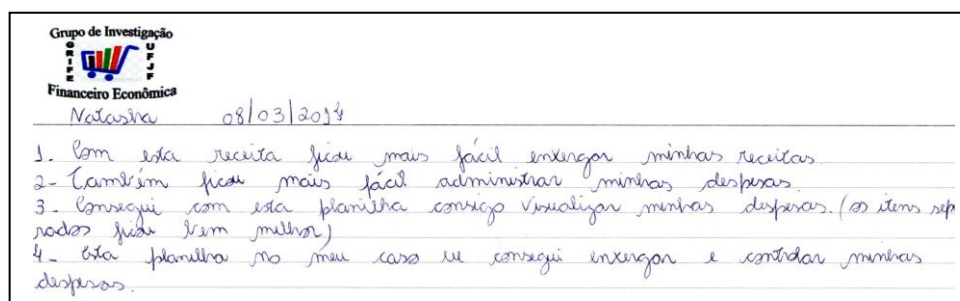
Ana 08/03/2014

A planilha possibilitou de forma fácil enxergar as receitas e as despesas. Detalhar essas despesas faz com que reflitarmos nossos gastos e enxergamos realmente onde estão sendo investido o dinheiro. Esta separação facilita a organização do orçamento doméstico.

enxergamos

Figura 59 – Registro escrito de Ana – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Natasha



Grupo de Investigação
Financeiro Econômica

Natasha 08/03/2014

1. Com esta receita ficou mais fácil enxergar minhas receitas.
2. Também ficou mais fácil administrar minhas despesas.
3. Consegui com esta planilha consigo visualizar minhas despesas. (os itens sep nadao ficou bem melhor)
4. Esta planilha no meu caso eu consigo enxergar e controlar minhas despesas.

Figura 60 – Registro escrito de Natasha – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Alegria

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

"Alegria" 08/03/2014

Questões 1 e 2:

Bom a planilha ficou mais fácil "ver" as receitas e as despesas, embora eu já faço este detalhamento todo mês, e continuo com o hábito de ver, olho para a planilha, tento ver e mais coisas ainda.

Questão 3:

Bom os ~~itens~~ itens separados ajuda a realizar melhor que algumas coisas como "bazar" está muito vazia.

Figura 61 – Registro escrito de Alegria – Atividade 2 – Itens 1, 2 e 3

Questão 4:

ajuda a refletir, mas na prática ainda nos vejo resultado, uma vez que já faço este detalhamento mensalmente.

Figura 62 – Registro escrito de Alegria – Atividade 2 – Item 4

Ana L.

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Ana L.

a) já fazia um planilha, mas tem complexa

b) sim.

c) de esta forma sim

d) Acho que primeiro deve ter uma mudança de atitudes com relação a consequência do fechamento da planilha e uma ferramenta complementar.

mudança

gastos

Figura 63 – Registro escrito de Ana L. – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Ártemis

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Ártemis 19/12

a) Com a planilha ficou mais fácil de enxergar todos meus gastos e ganhos.

b) Sim (eu já fazia essa separação)

c) Sim

d) Com o uso da planilha facilita se enxergar o orçamento doméstico, então sim, é mais fácil manter o orçamento equilibrado.

Figura 64 – Registro escrito de Ártemis – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Harmonia

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Harmonia

a) Mais fácil.

b) Não consigo fazer a planilha para todos as despesas mas utilizo para alguns.

c) Quando faço a planilha tenho uma melhor ideia.

d) Em um futuro próximo.

algumas

Figura 65 – Registro escrito de Harmonia – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Helen

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Helen: 8/3/14

Com a planilha é muito mais fácil enxergar tanto despesas quanto receitas.

Sim, com ela consigo visualizar tudo.

Com a planilha dá para manter o orçamento mais equilibrado.

despesas

mais

Figura 66 – Registro escrito de Helen – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Saoni

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Nome: Saoni 08/03/2014

A planilha mostra que gastos que não são percebidos; com despesas pessoais, transporte e saúde pois muitas vezes não se vê o que realmente gastamos. O ideal também é um controle diário sobre crédito/débito.

Agora tenho visão geral das despesas de ir e vir; muitas vezes não notamos esses gastos.

A planilha ajuda a manter, sim, sem juros; é mais eficiente.

sabe

vezes

orçamento

Figura 67 – Registro escrito de Saoni – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Júnior

Grupo de Investigação
Financieiro Económica

Júnior. 08/03/14

1) Ficou.

2) Sim, ficou bem melhor.

3) Sim.

4) Ajuda sim, mas, depende dos hábitos pessoais.

Figura 68 – Registro escrito de Júnior – Atividade 2 – Itens 1, 2, 3 e 4

Considerações

De acordo com as nossas análises, percebemos que a maioria de nossos sujeitos de pesquisa concorda que ao usar a nossa planilha orçamentária fica mais fácil e simples de visualizar e separar todas as suas receitas (ganhos) e despesas (gastos); embora alguns já façam o uso de outros métodos de detalhamento escrito como o “caderninho” para o seu próprio controle mensal de suas respectivas finanças pessoais, domésticas e familiares.

Entretanto, ressaltamos aqui que as participantes **Ana L.** e **Saoni** foram às únicas que não responderam diretamente ao questionamento do item 1, somente deram suas opiniões individuais a respeito do mesmo. Principalmente, a primeira que nos relatou apenas que já faz o uso de uma planilha, não tão complexa assim,

que acreditamos ser também de orçamento doméstico e lemos sua justificativa como sendo plausível no momento em que isso não lhe produziu outros significados. Já a segunda escreveu um pequeno texto onde tenta responder aos quatro itens de forma mais dissertativa, inclusive aqueles que são mais conflituosos.

Agora em relação ao item 2, todos os participantes alegaram conseguir com o uso da planilha orçamentária separar melhor suas despesas por grupo e conseqüentemente visualizaram onde estão os seus maiores gastos. Apesar disso a **Ártemis** era a única do grupo que já se preocupava antes dessa atividade em fazer essa separação ou agrupamento, e a **Harmonia** ainda não consegue agrupar de fato todas as suas reais despesas na planilha, só algumas, demonstrando com isso uma falta de organização no seu próprio orçamento e também de hábito em fazer tal atividade.

Nos itens 3 e 4, **Ana** não opinou sobre o uso da planilha em função do ter e manter um controle maior sobre suas receitas e despesas, assim como em seu orçamento doméstico familiar. Apesar disso, **Saoni** afirma que uma “planilha fidedigna mantém, sim, sem imprevistos; o orçamento eficiente”; plausivelmente lemos esta afirmativa como sendo um sim para esses dois itens acima.

Já **Natasha**, **Alegria**, **Ártemis**, **Helen** e **Júnior** afirmaram que através de nossa planilha orçamentária conseguem controlar e visualizar melhor todas as suas receitas e despesas, assim como ter e manter às vezes os seus próprios orçamentos domésticos mais equilibrados. Porém, isso também dependa dos costumes e hábitos pessoais, domésticos e familiares de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa atrelado as suas famílias, inclusive os referentes a questões financeiro-econômicas.

Enquanto **Ana L.** sugere que primeiro deve-se haver uma mudança de atitudes com relação à consciência dos gastos, pois a planilha é apenas uma ferramenta complementar. Afirmção que cremos ser uma das melhores reflexões provocadas com essa nossa atividade 2, embora as outras também sejam de suma importância para podermos entender e analisar as atitudes e tomadas de decisão de nossos sujeitos de pesquisa.

Outro ponto que merece destaque na análise dos dados coletados com a atividade 2 sobre os itens 3 e 4, e também 1 e 2, é o fato de percebermos que a **Harmonia** ainda está numa fase de transição para um maior controle financeiro-econômico de todas as suas receitas e despesas mensais, principalmente em

relação ao fato de tentar num futuro próximo ter e manter o seu próprio orçamento doméstico equilibrado. Mas, logo depois identificamos essa mudança de postura ao final de nossos oito módulos-encontros, onde essa evolução se completa e daí em diante ela adotada o famoso método do “caderninho” através de sua agenda pessoal, para se fazer o controle financeiro do seu próprio fluxo de caixa composto por entradas e saídas.

5.3 - Análise das três situações-problema de consumo e planejamento financeiro

Apresentamos agora as análises das leituras e considerações plausíveis das três situações-problema de consumo e planejamento financeiro realizadas com os nossos sujeitos de pesquisa – indivíduos-consumidores de bens e serviços (KISTEMANN JR., 2011), onde buscávamos o seu preenchimento individual com debates coletivos sobre cada item que as compõem e que foram especialmente elaboradas para essa nossa situação de pesquisa e investigação com cada um dos nossos participantes, junto aos seus objetivos previamente determinados, antes mesmo de realizar cada uma dessas etapas.

5.3.1 – Situação-Problema 1

Essa primeira situação-problema foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes em 29/03/2014 (exceto com **Ana, Helen e Júnior** que não puderam comparecer e fizeram depois separadamente essa atividade), no nosso terceiro módulo-encontro que teve uma duração total de 1h 07min e foi dividido em apenas um momento ou objetivo específico, onde proponhamos ainda uma discussão de forma coletiva de todas as suas perguntas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Tal objetivo estava em consonância desde o início com a sexta categoria de consumo de Kistemann Jr. (2011) “Planejar para consumir”, onde abarcava descobrir qual a leitura que nossos sujeitos de pesquisa fazem diante dessa situação-problema 1, bastante comum hoje em dia, que é o fato de sempre gastar mais do que se ganha, mensalmente.

Situação-problema 1: Suponhamos que uma família tem uma renda mensal fixa de R\$ 2.000,00 e tem uma despesa mensal fixa de R\$ 3.000,00. Seu saldo final mensal sempre será positivo ou negativo?

Nessa simples situação apresentada acima, se fosse com sua família:

- a) O que você faria para tentar equilibrar esse orçamento?
- b) Tentaria cortar alguns gastos desnecessários e supérfluos?
- c) Trabalharia mais: fazendo “bicos”, trabalhos temporários ou horas-extras?
- d) E se mesmo assim, com mais renda, não conseguisse equilibrar todas as suas contas, recorreria a quem?
- e) A algum tipo de crédito? Qual seria esse tipo de crédito?
- f) Conhece todas as suas taxas de juros?
- g) Utilizaria seus conhecimentos matemáticos para fazer todos os cálculos desses juros e também o valor total a ser pago?

Considerações

Iniciamos o nosso terceiro módulo-encontro, distribuindo para todos os nossos participantes presentes as duas folhas impressas contendo a situação-problema 1, para ser preenchida de forma individual as suas perguntas mas com debates e reflexões coletivas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Num primeiro momento, explicamos novamente que todos deveriam colocar seus pseudônimos na primeira folha recebida – já que as duas folhas que compõem esta atividade estavam grampeadas. Mas alguns dos participantes tiveram dúvidas alegando-se não se lembrar mais quais eram os seus pseudônimos escolhidos anteriormente em outras atividades, e assim sendo tivemos que inicialmente sanar tais dúvidas para depois prosseguirmos com a atividade.

Começamos nossa atividade lendo em voz alta a situação-problema 1 e é plausível dizer que todos perceberam que o saldo final mensal da mesma seria realmente “negativo”. Continuamos então a leitura das duas primeiras perguntas, que por se só já geraram um debate super interessante, entorno do que é gasto necessário e supérfluo para alguns de nossos participantes e o que fariam para tentar equilibrar esse orçamento familiar, apresentado com um déficit mensal de

1000 reais. Conseqüentemente, por termos lido as duas questões juntas cremos que a maioria de nossos participantes foi influenciada pela segunda pergunta e já apontaram os “cortes” de alguns itens que consideravam naquele momento como sendo desnecessário e/ou supérfluo a sua própria existência como uma das primeiras saídas para essa circunstância apresentada.

Mas durante o nosso debate coletivo dessas questões também surgiram outras ideias ou saídas para contornar essa situação de “arrocho financeiro”, que muitos já praticam no seu cotidiano e conseguem obter bons resultados mensais para tentar equilibrar os seus próprios orçamentos pessoais, domésticos e familiares. Destacamos aqui, segundo suas opiniões orais ou escritas, algumas delas, como: i) rever todas as suas despesas mensais e cortar algumas delas como o uso exagerado do automóvel visando assim uma economia ao utilizar mais o meio de transporte coletivo para se ir trabalhar e outras necessidades básicas; ii) economizar nas compras em excesso de determinado itens do vestuário feminino e de outros produtos mudando deste modo os seus próprios hábitos de consumo; e iii) além de tentar arrumar um outro emprego ou fazer algumas horas-extras para se ter mais renda e com isso conseguir sanar todos os seus compromissos ou gastos mensais buscando desta maneira o próprio equilíbrio financeiro de suas contas.

Entretanto, ressaltamos aqui que apesar destes três sujeitos de pesquisa **Ana, Helen e Júnior** não terem participado diretamente do nosso debate coletivo, pois fizeram essa atividade depois separado, também optaram por cortes de algumas despesas ou gastos como a sua principal saída para se (re)ajustar o devido orçamento familiar apresentado nessa situação-problema 1. Além disso, nós afirmaram ainda que iriam rever todas as suas despesas mensais priorizando algumas delas, que julgam ser mais necessárias a sua própria existência e de sua família assim como tentar reduzir ao máximo o próprio consumo de alguns itens considerados naquele momento por eles como desnecessários e/ou supérfluos.

Por fim, após a análise desses dados, abraçamos ainda as sugestões de **Alegria e Ana L.** que em nossas transcrições de áudio e vídeo desse módulo-encontro nos enfatizaram o ajuste de algumas questões que ficaram mal formuladas para esse público-alvo, colocando assim segundo suas concepções alguns dizeres em destaque como este “se você estivesse na situação acima como faria para tentar equilibrar este orçamento”. E tentar também espaçar mais ou até mesmo mudar se possível a ordem da leitura de nossas perguntas a) e b) pois as mesmas ficaram

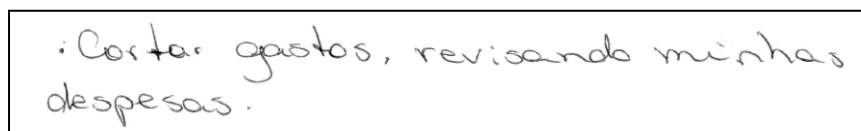
muito próximas e isto pode interferir e/ou induzir nas suas respostas, como de fato achamos que ocorreu durante a nossa pesquisa de campo.

Agora iremos apresentar a seguir as respostas escritas de nossos nove sujeitos de pesquisa em relação às questões propostas nos itens a) e b), na sua forma original em recortes manuscritos. E em seguida nossas considerações.

Sobre as questões:

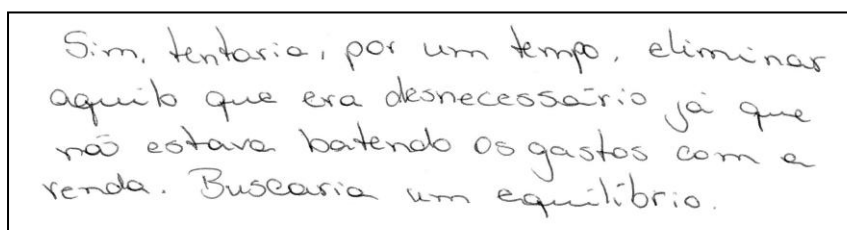
- O que você faria para tentar equilibrar esse orçamento?
- Tentaria cortar alguns gastos desnecessários e supérfluos?

Ana



: Cortar gastos, revisando minhas despesas.

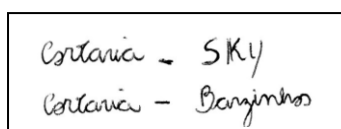
Figura 69 – Registro escrito de Ana – Situação-Problema 1 – Item a)



Sim, tentaria, por um tempo, eliminar aquilo que era desnecessário já que não estava batendo os gastos com a renda. Buscaria um equilíbrio.

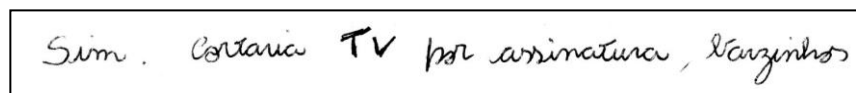
Figura 70 – Registro escrito de Ana – Situação-Problema 1 – Item b)

Natasha



Cortaria - SKY
Cortaria - Banjinhos

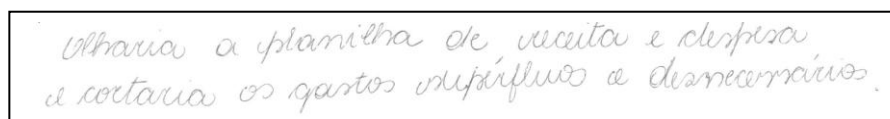
Figura 71 – Registro escrito de Natasha – Situação-Problema 1 – Item a)



Sim. Cortaria TV por assinatura, lanchinhos

Figura 72 – Registro escrito de Natasha – Situação-Problema 1 – Item b)

Alegria



Ultrapassaria a planilha de receita e despesa e cortaria os gastos supérfluos e desnecessários.

Figura 73 – Registro escrito de Alegria – Situação-Problema 1 – Item a)

bom vertezoa.

Figura 74 – Registro escrito de Alegria – Situação-Problema 1 – Item b)

Ana L.

Contaria o que considero supérfluo

supérfluo

Figura 75 – Registro escrito de Ana L. – Situação-Problema 1 – Item a)

Sim, tipo evitar usar carro optando p/ m.
a nã e reduziria gastos com vestuário.

vestuário

Figura 76 – Registro escrito de Ana L. – Situação-Problema 1 – Item b)

Ártemis

Contar gastos (supérfluos)
Arumar outro emprego
(Fazer um empréstimo p/ equilibrar);

supérfluos

Figura 77 – Registro escrito de Ártemis – Situação-Problema 1 – Item a)

De todas as formas, por exemplo
2º ponto da TV por assinatura, diminuir
o supermercado, diminuir os passeios,

Figura 78 – Registro escrito de Ártemis – Situação-Problema 1 – Item b)

Harmonia

Contaria os gastos desnecessários e supérfluos.
Utilizaria mais o ônibus e menos o carro em hor
mais livres.

horários

Figura 79 – Registro escrito de Harmonia – Situação-Problema 1 – Item a)

Sim.
Sentar junto aos familiares e organizar os gastos necessários.

Figura 80 – Registro escrito de Harmonia – Situação-Problema 1 – Item b)

Helen

Priorizaria o alimento, a luz, a água.
Usaria (uso) transporte coletivo, bicicleta,
andaria a pé. O alimento seria o
mais em conta. Procuraria promoções e
preço.

Figura 81 – Registro escrito de Helen – Situação-Problema 1 – Item a)

Totalmente.

Figura 82 – Registro escrito de Helen – Situação-Problema 1 – Item b)

Saoni

Rever todo o orçamento e perceber "onde"
está o gasto maior e o que é essencial ou
o que é desnecessário.

Figura 83 – Registro escrito de Saoni – Situação-Problema 1 – Item a)

- TV - por assinatura;
- não comprar sapatos;
- não comprar roupas; (novas)
- não comprar por mês;
- passagens nos fins de semana;

Figura 84 – Registro escrito de Saoni – Situação-Problema 1 – Item b)

Júnior

Cortaria gastos desnecessários, reduzindo o consumo.
Exemplos:
• Redução de gastos com lazer;
• Aproveitar bens por maior tempo;
• Redução de consumo de água e energia.

Figura 85 – Registro escrito de Júnior – Situação-Problema 1 – Item a)

Sim, nas duas situações.

Figura 86 – Registro escrito de Júnior – Situação-Problema 1 – Item b)

Considerações

Diante dessas duas perguntas iniciais expostas de forma manuscrita, percebemos que os nossos sujeitos de pesquisa estão bem atentos aos gastos financeiro-econômicos e conseqüentemente nos afirmaram que fariam cortes de algumas despesas mensais que consideram desnecessárias ou supérfluas a sua própria existência e de sua família como sendo a sua principal arma ou saída que eles utilizariam para se tentar (re)ajustar o devido orçamento familiar apresentado nessa situação-problema 1. Além é claro, de rever todas elas com intuito de se priorizar aquelas ditas mais essenciais no seu dia a dia, e com isso alcançar ou restabelecer novamente o equilíbrio financeiro entre todos os seus ganhos e gastos.

Entretanto, destacamos aqui que **Alegria** foi à única que mencionou olhar primeiro na sua planilha orçamentária para depois efetuar os devidos cortes, assim como **Saoni** que iria rever todo o seu orçamento, acreditamos que seja o “pessoal-doméstico-familiar”, até perceber onde está os seus gastos essenciais e os desnecessários, antes de tomar qualquer atitude precipitada e talvez errônea.

Já a **Ana** apenas nos afirmou que iria cortar gastos, revendo suas despesas. Diferentemente de **Natasha**, que só apontou os dois itens: SKY e barzinhos, que iria cortar de seu orçamento sem fazer nenhum outro comentário. Agora os participantes **Ana L., Ártemis, Harmonia e Júnior** foram mais objetivos e afirmaram que iriam cortar os seus gastos desnecessários e/ou supérfluos além de apresentar os mesmos cada um do seu jeito e sob suas perspectivas.

Enquanto **Helen** apenas nos disse que iria priorizar itens como: alimentação, fornecimento de água e luz. Além de buscar o recurso “das promoções”, para que as despesas com alimentação fiquem mais em conta, ou seja, gaste menos com esse item; e ainda nos afirma que iria economizar utilizando mais o transporte coletivo ou até mesmo “andar a pé” pequenas distâncias no seu cotidiano.

Plausivelmente lemos todas estas justificativas acima, de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa como sendo legítimas e expressam as suas atuais crenças-afirmações perante os resíduos de enunciação apresentados nessas duas questões.

Sobre as questões:

c) Trabalharia mais: fazendo “bicos”, trabalhos temporários ou horas-extras?

d) E se mesmo assim, com mais renda, não conseguisse equilibrar todas as suas contas, recorreria a quem?

Ana

- c) Não vejo isso necessário, sempre dá para cortar alguns gastos. No caso da situação-problema 1, a diferença é de 1.000 reais, para mim essa diferença é alta, foge ao orçamento. Talvez, para este caso, seja necessário buscar um trabalho temporário.
- d) Não gosto de empréstimos. Mas neste caso isto poderia amenizar a situação. Ameniza mas não resolve, pois tenho que pagar o empréstimo também.

Natasha

- c) Sim. Horas-extras (extensão).
- d) Família (Mãe).

Alegria

- c) Seria uma opção para aumentar a receita.
- d) Trocaria ideia com amigos e conversar com outras pessoas como administram suas receitas e despesas. Com isso tentar adaptar ideias a situação acima.

Ana L.

- c) Não tenho muito tempo disponível para trabalho temporário.
- d) Empréstimo.

Ártemis

- c) Trabalhos temporários.
- d) Ao banco.

Harmonia

- c) Já faço várias horas-extras.
- d) Ao empréstimo bancário.

Helen

- c) No momento não porque somos escravizados pelo governo e não me sobra tempo.

d) A familiares (irmãos) => Digo, à Família.

Saoni

c) Trabalharia em outra profissão, que fosse melhor renumerada.

d) À família, ou ao banco.

Júnior

c) Não.

d) Caso isso aconteça, recorreria a parentes.

Considerações

Ao percebermos que a maioria de nossos sujeitos de pesquisa perante essas duas questões c) e d) foi bem mais sucinta em suas respostas, achamos melhor transcrevê-las e não apresentá-las na sua forma original em recortes manuscritos.

Independentemente desse fato, suas afirmativas nos revelam ser uma boa opção trabalhar mais para aumentar suas receitas frente ao déficit financeiro apresentado nesta situação-problema 1. E no caso de mesmo assim, com mais renda, não conseguissem equilibrar suas contas todos iriam recorrer a algum tipo de empréstimo para poderem quitá-las. Sendo que primeiro recorreriam aos seus respectivos familiares para depois tentarem como segunda opção um empréstimo bancário nas instituições financeiras.

Entretanto, ressaltamos aqui que as respostas da **Ana** perante estas questões foram as mais extensas e a única que inicialmente expôs uma outra reflexão financeiro-econômica para essa situação deficitária, que nem sempre é acolhida e/ou sequer lembrada por todos nestes casos, a de não se precisar trabalhar mais pois "... sempre dá para cortar alguns gastos..." com o objetivo de se restabelecer a ordem e o equilíbrio financeiro de suas contas mensais. Mas que em alguns casos extremos como esse, onde se foge totalmente a realidade de seu orçamento, surge então à necessidade de se recorrer a um novo trabalho temporário ou até mesmo às famosas horas-extras para se ter de fato mais renda para suprir tais necessidades ainda pendentes.

Além disso, se com mais renda os indivíduos-consumidores não conseguirem equilibrar todas as suas contas, ainda há outra solução não muito recomendada por especialistas, mas que segundo alguns autores é sempre bom tê-la como uma

opção extra dentro da manga, pois “ter crédito na praça é essencial nas horas mais difíceis” e às vezes em eventualidades extremas como essa é necessário recorrer à mesma para se tentar amenizar um pouco os estragos que esta situação contraditória pode provocar em sua atual condição financeiro-econômica.

Contudo, ressaltamos ainda que essa possibilidade, de se usar algum tipo de crédito para tentar sanar a situação abordada acima, deve ser considerada e utilizada com muita cautela. E que tal opção às vezes também não consegue resolver o problema por completo, só o alivia momentaneamente, pois depois terá que pagar esse empréstimo ou financiamento em várias parcelas comprometendo assim ao longo do tempo contratado as suas receitas e o orçamento como um todo.

Já os outros participantes: **Natasha, Alegria, Ártemis e Harmonia**, preferem optar diretamente, sem fazer a mesma reflexão que **Ana** nos propôs, por trabalhos temporários ou horas-extras para aumentar suas respectivas receitas e com isso tentar liquidar essa situação devedora. Enquanto **Ana L., Helen e Júnior** nos disseram “não” a essa alternativa por vários motivos ou convicções como a falta de tempo disponível para se dedicar a esses trabalhos extras ou temporários, ou que no momento já estão tão atarefados com seus compromissos que não lhes sobram tempo algum nem para fazer horas-extras.

Agora **Saoni** nos afirma que diante desta situação “Trabalharia em outra profissão, que fosse melhor renumerada”, ou seja, isto nos expõe uma outra realidade muito comum entre os profissionais da educação, que a desistência da profissão frente a antigas políticas de desvalorização financeira de seus salários devido a constantes perdas inflacionárias ao longo dos anos. E que só agora com a aplicação da lei do piso nacional, que é um avanço contrário a essa política, pelos governantes e autoridades propõem reverter tal situação de prejuízos salariais já sofridos e uma unificação dos respectivos salários ao longo do tempo, mesmo que isso ainda demore anos para se concretizar de fato.

Sobre as questões:

- e) A algum tipo de crédito? Qual seria esse tipo de crédito?
- f) Conhece todas as suas taxas de juros?
- g) Utilizaria seus conhecimentos matemáticos para fazer todos os cálculos desses juros e também o valor total a ser pago?

Ana

- e) Recorreria a um empréstimo. Dúvida: O empréstimo é um tipo de crédito.
- f) Não conheço as taxas de juros do empréstimo, mas tentaria conhecer antes de efetuar para ter ciência dos juros, montante final, etc.
- g) Sim, com certeza. E se ainda tivesse duvida, procuraria outra pessoa para auxiliar.

Natasha

- e) Não. Porque minhas experiências com empréstimos me deixaram mais endividadas.
- f) Não. Apenas faço as contas para saber quanto vou pagar no final.
- g) Uso em contas básicas.

Alegria

- e) Talvez sim. Se a situação estivesse tão complicada preferia pegar crédito em banco mesmo com os juros (altos) do que pegar com pessoas conhecidas.
- f) Geralmente faço pesquisa sim.
- g) Às vezes faço e quando pego tenho consciência do juro, mas preciso usar este recurso.

Ana L.

- e) Antecipação do 13º e/ou restituição do IR (Imposto de Renda).
- f) Não.
- g) Eu utilizo sempre, fazendo soma das prestações e vendo o quanto eu pagarei no final.

Ártemis

- e) Empréstimo a curto prazo.
- f) Não. (Algumas)
- g) Às vezes sempre recorro a minha mãe para calcular tudo.

Harmonia

- e) Refinanciamento do cartão de crédito e empréstimos.
- f) Não. Procuo ler nas planilhas bancárias.
- g) Procuraria alguém que pudesse me ajudar.

Helen

- e) Sim. Ao consignado. Banco público.
- f) Não. Não entendo nada. Tenho muito medo. Desconfio de tudo e de todos.
- g) Uso mais a lógica. Se eu desconfiar que estão querendo me roubar demais, eu saio fora. Acho tudo isso uma imoralidade.

Saoni

- e) Antecipação do IR. Antecipação do 13º.
- f) Não.
- g) Agora sim, pois antes não tinha conhecimento necessário para tal transação. Quando temos conhecimento das parcelas, então, sei que vai ser exorbitante.

Júnior

- e) Como já citado pediria ajuda a parentes com baixas taxas de juros.
- f) Somente algumas.
- g) Sim.

Considerações

É plausível dizer que todas estas falas acima transcritas apresentam a crença-afirmação de cada um dos nossos sujeitos de pesquisa, e é sempre acompanhada de uma justificção, revelando assim o seu modo de pensar e agir nestas “reais” situações financeiro-econômicas, colocadas, à prova, como resíduos de enunciação para produzir significado diante do item investigado.

Entretanto, ressaltamos aqui que todos sem exceção responderam a essas três questões com muita cautela e sinceridade, procurando sempre relatar quais seriam suas verdadeiras atitudes, se estivessem realmente tomando alguma dessas decisões financeiro-econômicas, no seu dia a dia.

Porém, na fala de **Ana** assim como na de outros participantes já fica evidente tal observação relatada anteriormente, pois mesmo ela apresentando dúvidas em relação aos tipos de crédito existentes no mercado financeiro, afirma que recorreria a alguma dessas formas de empréstimo para quitar todas as suas contas em atraso. Diferentemente de **Ártemis** que apenas nos diz que iria recorrer a um empréstimo

de curto prazo, revelando, assim, segundo nossas análises, a sua preocupação em ficar devendo por muito tempo e a pressa em se liquidar as suas dívidas.

Outro fato que nos chamou a atenção nestas falas, é que ambas (Ana e Ártemis) nos afirmaram não conhecer todas as taxas de juros da modalidade de crédito a ser contratada, e isso já é causa ou motivo de muita preocupação na hora de se tomar tais decisões financeiro-econômicas, que podem trazer várias consequências ao longo do tempo. E é possível afirmar ainda que algo que lhes auxiliaria, seria utilizar todos os seus conhecimentos matemáticos para se calcular o valor desses juros e o total a ser pago; no entanto, somente **Ana** diz sim a esse item, pois **Ártemis** respondeu às vezes e se justificou que sempre recorre a sua mãe para fazer esses tipos de cálculos, confiando assim na mesma.

Já os outros participantes: **Ana L.** e **Saoni** preferem optar por ofertas de créditos bancários vinculados a antecipação do 13º salário e/ou a restituição do IR (Imposto de Renda), mesmo sem conhecer às suas verdadeiras taxas de juros, que no Brasil são bem altas. Entretanto, fazem somente os cálculos básicos da soma das prestações e o quanto irão pagar no final antes de contratar essa modalidade de crédito, apesar de sempre dar um valor exorbitante segundo a própria **Saoni**.

Enquanto **Alegria** nos diz que “talvez sim”, pois só iria recorrer a um crédito bancário se estivesse numa situação muito complicada, ou seja, de arrocho financeiro, e faria antes de tudo uma pesquisa de preços para saber de fato quais são as reais taxas de juros cobradas, além de calcular as mesmas devido à consciência que tem de seu alto valor. Mas diz que iria preferir utilizar este recurso ao invés de outros existentes, segundo suas concepções, como pegar dinheiro emprestado com pessoas conhecidas, para tentar sanar uma condição devedora como essa apresentada na situação-problema 1.

Em relação à **Helen**, por ter um perfil mais cauteloso e até conservador nestas questões, iria optar por crédito consignado em banco público, onde segundo suas crenças-afirmações é mais seguro contratá-lo e a sua justificativa para tal opção é que já usufrui do mesmo como cliente há vários anos sem nenhuma queixa ou problema. Mas afirma se mesmo assim, desconfiar através de seus cálculos matemáticos, usando mais a lógica, que essa instituição financeira está querendo lhe “roubar demais”, ou seja, lhe cobrar juros exagerados ou abusivos sairia fora desta situação, pois acha isso tudo uma imoralidade além do medo de ficar endividada devido ao não conhecimento de todas essas taxas de juros cobradas.

Agora **Harmonia** prefere fazer refinanciamento do cartão de crédito e (outros) empréstimos para tentar equilibrar uma situação devedora, mesmo não conhecendo todas as suas taxas de juros. E nos afirma ainda que sempre procura ler planilhas bancárias sobre empréstimos pessoais fazendo as devidas comparações entre elas, com o objetivo de saber quais são as mais vantajosas, nesse universo de ofertas, na hora de se realmente precisar utilizá-las. Logo, quanto à utilização de seus conhecimentos matemáticos para fazer todos os cálculos desses juros e o montante final, nos diz apenas que procuraria alguém que lhe pudesse ajudar.

No entanto, o participante **Júnior** foi o único que afirmou que iria pedir a ajuda de parentes para conseguir equilibrar todas as suas contas, ou seja, iria recorrer a eles para pedir empréstimos sem burocracia com baixas taxas de juros. E conseqüentemente, utilizaria seus conhecimentos matemáticos para fazer todos os cálculos desses juros assim como o valor total a ser pago.

Já a **Natasha** nos afirma que mesmo diante de uma situação devedora não iria recorrer a nenhum tipo de crédito e/ou empréstimo, porque já teve experiências ruins com os mesmos e as deixaram mais endividadas ainda, segundo seus próprios relatos. E justifica essa resposta, afirmando não conhecer todas as taxas de juros praticadas pelo tipo de crédito a ser contratado e que só faz contas básicas para saber quanto vai pagar no final, deixando assim de lado uma parte importantíssima que vai muito além do valor da prestação a ser paga todo mês e o montante final, que o cálculo referente à taxa efetiva de juros a ser cobrada, onde inclui além de taxas de juros, as taxas administrativas e impostos sobre operações financeiras.

Percebemos então que, neste momento, após vários debates em nossos módulos-encontros, todos os nossos sujeitos de pesquisa estão bem mais atentos às questões financeiro-econômicas envolvendo planejamento financeiro, economia e orçamento doméstico. E o resultado disso, vem da própria experimentação diária em lidar com a administração mensal de suas finanças pessoais, domésticas e familiares no decorrer de todo um período, que conseqüentemente podem proporcionar momentos de muita alegria ou frustração após uma simples tomada de decisão.

Por fim, ao promovermos um consolidado dessa primeira situação-problema, verificamos que cada um de nossos participantes deu a sua justificativa segundo as próprias crenças-afirmações. E obtivemos, após nossas análises, um resultado que nos mostra a relevância de se discutir coletivamente tais circunstâncias financeiro-

econômicas neste contexto e em vários outros que os englobam dentro desse universo da nova sociedade líquido-moderna de consumo e também de nossos temas de pesquisa, inclusive em relação a nossa pergunta diretriz.

Mas tudo isso deve ser feito em etapas pré-definidas, como em nosso curso de economia e orçamento doméstico dividido em oito módulos-encontros – já apresentados no capítulo anterior; para que os indivíduos-consumidores de bens e serviços possam aos poucos buscar de fato nessas reflexões coletivas a melhor solução para as suas dúvidas e quem sabe consigam até ser mais cautelosos, críticos e conscientes em suas escolhas e/ou tomadas de decisão financeiro-econômicas, envolvendo o próprio dinheiro.

Uma observação final é que “uma longa jornada começa com um simples passo” (Lao-Tsé) e se possível muito bem dado em busca de um futuro melhor, repleto de metas já pré-definidas de acordo com a sua realidade financeiro-econômica e seus objetivos de vida. E a regra essencial para se alcançar tudo isto é sempre gastar menos do que ganha ou arrecada mensalmente, levando-se em consideração também que não se trata só de gastar menos e sim melhor e de forma mais sustentável os seus recursos financeiros (dinheiro) disponíveis.

5.3.2 – Situação-Problema 3

Essa terceira situação-problema foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes em 29/11/2014 (exceto com **Alegria** que não pode comparecer e fez depois separadamente essa atividade), no nosso sexto módulo-encontro realizado em dois momentos: um no período da manhã e outro no período da tarde, com a finalidade de atender às suas novas disponibilidades e teve uma duração de 42min e de 53min, respectivamente. E foi dividida em apenas um objetivo específico, onde proponhamos, além do seu preenchimento individual, uma discussão de forma coletiva de todas as suas perguntas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Tal objetivo estava em consonância desde o início com a quinta categoria de consumo de Kistemann Jr. (2011) “Ganhar mais e gastar mais”, onde abarcava descobrir qual a leitura que nossos sujeitos de pesquisa fazem diante dessa situação-problema 3, bastante incomum hoje em dia, que é o fato de ganharmos um aumento real e inesperado de 10 % em nossos salários e permanecemos gastando

o mesmo tanto que antes. Além de verificar também se eles conseguem fazer cálculos matemáticos envolvendo porcentagem, aumento em seus próprios salários e como eles iriam gastar esses acréscimos salariais, diante dessa “hipotética” situação-problema 3 apresentada.

Situação-problema 3: Leia essa “estória” abaixo:
Suponhamos que todos nós – professores e funcionários da Educação do Estado de Minas Gerais, tivéssemos hoje uma boa notícia que seria um aumento real e inesperado de 10% em nossos salários atuais. O que faríamos com esse dinheiro extra e inesperado?
<u>Agora após a leitura dessa estória fictícia, responda as seguintes perguntas abaixo:</u>
a) O que você indivíduo-consumidor faria hoje com esse aumento salarial?
b) Gastaria somente uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado, proveniente do aumento?
c) Economizaria uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado? Faria algum investimento com essa economia? Qual seria o mesmo?
d) Você daria alguma prioridade especial ou um destino certo a esse dinheiro extra e inesperado, que iria receber no próximo mês? Qual seria o mesmo?
e) Você aumentaria proporcionalmente também suas despesas atuais no mesmo índice do aumento de seu salário?
f) Você conseguiria fazer mentalmente os cálculos matemáticos envolvendo esse índice percentual do aumento de 10 % em seu salário atual ou utilizaria algum outro recurso matemático ou tecnológico para fazer isso? Qual seria o mesmo?

Considerações

Iniciamos o nosso sexto módulo-encontro, na parte da manhã e da tarde, com uma conversa informal onde discutíamos junto aos nossos sujeitos de pesquisa “qual é a sua real situação financeiro-econômica” perante suas receitas e despesas, antes de mesmo de começarmos a situação-problema 3, e os indagamos também se continuava a mesma após esses cinco módulos-encontro.

Obtivemos várias respostas que plausivelmente lemos como satisfatória nesse momento de nosso curso de orçamento e economia doméstica para

professores; além de percebermos ainda que a maioria desses indivíduos-consumidores já teve uma mudança significativa em suas atitudes na hora de se tomar decisões financeiro-econômicas, envolvendo o próprio dinheiro, ganhos e gastos.

Após esses debates iniciais, que aqui não foram relatados na íntegra, distribuimos para todos os nossos participantes presentes as duas folhas impressas contendo a situação-problema 3, para ser preenchida de forma individual as suas perguntas com debates e reflexões coletivas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos eles.

Num primeiro momento, percebemos que os nossos sujeitos de pesquisa ainda não sabem a real diferença que há entre “reajuste e aumento salarial”, além de verificarmos que alguns deles também apresentam dúvidas e/ou dificuldades em conseguir realizar simples cálculos matemáticos envolvendo porcentagem e acréscimos financeiros, principalmente em relação aos seus salários que é composto por valores não exatos e com decimais.

Entretanto, por outro lado é plausível dizer que todos os participantes já têm em mente o que fazer com esse acréscimo salarial, ou seja, já sabem onde e como irão aplicar ou dar um destino certo segundo suas concepções a esse dinheiro extra e inesperado, quando cair em suas contas-salário.

Agora, iremos apresentar a seguir as respostas de nossos nove sujeitos de pesquisa em relação às questões propostas nos itens a), b), c) e d) de forma transcrita, pois percebemos que a maioria deles escreveu de forma sucinta e recorrente alguns assuntos ligados às mesmas. E logo em seguida as nossas considerações.

Sobre as questões:

- a) O que você indivíduo-consumidor faria hoje com esse aumento salarial?
- b) Gastaria somente uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado, proveniente do aumento?
- c) Economizaria uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado? Faria algum investimento com essa economia? Qual seria o mesmo?
- d) Você daria alguma prioridade especial ou um destino certo a esse dinheiro extra e inesperado, que iria receber no próximo mês? Qual seria o mesmo?

Ana

- a) Seria ótimo este aumento, eu tentaria colocar na poupança. Até o momento estou equilibrada, mas quero fazer uma reserva para a compra de um bem maior no futuro.
- b) Tentaria guardar para que (eu) possa comprar algo maior.
- c) Como eu estou equilibrada, ou seja, não devo além do meu salário, economizaria todo este aumento. Se eu estivesse devendo, pegaria este aumento para pagar a dívida. Hoje colocaria na poupança.
- d) Guardaria o dinheiro na poupança para comprar ou dar entrada em um apartamento futuramente.

Natasha

- a) Depende do aumento, se fosse um aumento significativo guardaria no banco, mas se fosse o aumento que costumo ganhar não faria diferença nas minhas despesas.
- b) Gastaria uma parte desse dinheiro.
- c) Não economizaria tudo, apenas uma parte.
- d) Seria para minha viagem a praia em janeiro.

Alegria

- a) Pagaria as contas que tem juro maior.
- b) Usaria tudo.
- c) Usaria o dinheiro para pagar contas com juro maior ou se possível pagar impostos.
- d) Poderia guardar antes que incorporasse no orçamento.

Ana L.

- a) Guardaria para ver em que poderia investir em bens.
- b) Talvez.
- c) Possivelmente não gastaria. Se fosse possível compraria alguma (coisa).
- d) Acho que guardaria até dar uma boa finalidade (gastar com uma melhoria na rede física da casa, trocar o carro e/ou comprar um equipamento).

Ártemis

- a) Investiria em uma poupança.
- b) Não gastaria esse dinheiro.
- c) Economizaria tudo. Faria um investimento na poupança.
- d) Daria um destino certo. O dinheiro iria para a poupança.

Harmonia

- a) Tentaria disponibilizá-lo para as economias (poupança).
- b) Não gastaria.
- c) Economizaria tudo.
- d) Destino certo (poupar).

Helen

- a) Colocaria na poupança para o lazer, pois tive muitos anos dedicados aos filhos e chegou a minha vez.
- b) Não vou gastar nada. Deixaria para as necessidades urgentes.
- c) Vou deixar na poupança. Se necessário vou utilizar, talvez, usarei na pintura da casa.
- d) Só usaria se necessário for. Já pensei em uma Smart TV, mas acho que vai acabar com meu dinheiro. Adiei minha vontade.

Saoni

- a) Quando o receber, guardaria na poupança.
- b) Não; guardaria tudo; só em caso de urgência.
- c) Investiria em algum ramo de negócio.
- d) Faria um orçamento para tratar minha saúde; e/ou um curso de aprimoramento.

Júnior

- a) Esse aumento eu colocaria na poupança, para comprar algo no futuro.
- b) Não gastaria, prefiro guardá-lo.
- c) O total. Para pagamento de dívidas, como reforma da casa, comprar algum móvel.
- d) Como já citado guardaria esse dinheiro na caderneta de poupança.

Considerações

De acordo com as respostas de nossos sujeitos de pesquisa cremos que todos eles, após esses cinco módulos-encontros, já estão tomando atitudes e decisões financeiro-econômicas, envolvendo o próprio dinheiro, ganhos e gastos, com mais sabedoria e criticidade, ou seja, já mudaram um pouco o seu modo de pensar e agir nestas “reais” situações colocadas, à prova, como resíduos de enunciação para produzir significado diante do nosso item investigado.

Entretanto, ressaltamos aqui que durante os nossos módulos-encontros todos os nossos participantes sem exceção discutem e refletem coletivamente as questões de nossas situações-problemas apresentadas, antes mesmo de respondê-las por escrito, inclusive essas que investigam como iriam gastar e/ou guardar uma parte ou o total desse dinheiro extra e inesperado, proveniente do seu acréscimo salarial.

Mas mesmo assim diante desta situação e de várias outras, percebemos que todos estão sendo mais cautelosos e sensatos em suas tomadas de decisão, diferentemente de quando começamos este curso de economia e orçamento doméstico, e com isso optaram em sua maioria por guardar temporariamente esse valor monetário a ser recebido a mais na famosa caderneta de poupança, como se fossem um investimento de curto e médio prazo, sem riscos financeiros, apesar de terem uma das menores taxas de juros para sua correção mensal.

Acreditamos também que essa escolha se dá devido ao fato de poderem mexer a qualquer momento nesses valores, fazendo o resgate automático de tais recursos sem a cobrança de taxas administrativas ou impostos, para fazer novos investimentos ou sanar situações emergenciais que podem aparecer ao longo da vida. Além disso, este investimento oferece também segurança a todos os seus clientes, pois é considerada um “porto seguro” assim como um “bom” local para se guardar tais valores por curtos períodos de tempo – melhor do que escondido em casa, que no futuro poderão ser melhor utilizados para comprar algo para si e seus familiares ou até mesmo para se fazer algumas reformas tão desejadas e comentadas por nossos participantes em seus respectivos lares.

Porém, na fala de **Alegria** fica evidente um outro fator importante nesta relação com o dinheiro extra e inesperado, que é poder através do mesmo começar agora a pagar e/ou liquidar primeiro as suas contas que tem juro muito maior do que

a poupança para só depois então pensar em guardar esse valor antes que o mesmo incorporasse no seu atual orçamento mensal.

Diferentemente de **Natasha** que só guardaria esses valores monetários se fosse um aumento significativo segundo as suas próprias concepções, pois do contrário não faria muita diferença perante as suas despesas mensais. Mas logo em seguida, após algumas reflexões coletivas, muda de opinião e nos afirma que economizaria uma parte desse valor para gastar na sua viagem à praia em janeiro.

Já os outros participantes: **Ana, Ana L., Ártemis, Harmonia, Helen, Saoni e Júnior** preferem optar pela poupança, devido a sua segurança e o fato de poderem resgatar suas aplicações financeiras quando quiserem sem cobrança de taxas ou impostos, por parte dos bancos ou governo. Para eles, isto ainda faz parte de sua cultura e formação “poupar agora e desfrutar depois”, e não o contrário que é “desfrutar agora e pagar depois”, exceto em situações emergenciais que é extremamente necessário fazer dívidas com o objetivo de sanar algumas dificuldades momentâneas.

Entretanto, de acordo com Zygmunt Bauman cada vez mais os indivíduos-consumidores estão invertendo esta situação na nova sociedade líquido-moderna de consumidores ao nos afirmar que “Com um cartão de crédito, é possível inverter a ordem dos fatores: desfrute agora e pague depois!” (BAUMAN, 2010, p. 12).

Logo, em nossa leitura, estas duas formas de agir e pensar faz parte de nossas escolhas interpessoais, que o autor Eduardo Giannetti também nos expõe, ao discutir a relação que há na situação credora e devedora, respectivamente: “pagar agora e viver depois” e “viver agora e pagar depois” (GIANNETTI, 2008).

Portanto, é imprescindível que todos reflitam mais sobre assunto em questão e decidam o que fazer nestas horas de tomadas de decisão financeiro-econômicas, levando em consideração todos os objetivos e metas já pré-estabelecidos ao fazer o seu próprio planejamento financeiro, atrelado ao seu principal instrumento de controle o orçamento doméstico mensal. Logo, sob este ponto de vista, cremos que quem tem o poder de decisão, são os próprios indivíduos-consumidores envolvidos na situação.

Sobre as questões:

e) Você aumentaria proporcionalmente também suas despesas atuais no mesmo índice do aumento de seu salário?

f) Você conseguiria fazer mentalmente os cálculos matemáticos envolvendo esse índice percentual do aumento de 10 % em seu salário atual ou utilizaria algum outro recurso matemático ou tecnológico para fazer isso? Qual seria o mesmo?

Ana

- e) Não aumentaria as despesas para tentar guardar o aumento.
- f) Sim, consigo fazer mentalmente, principalmente os múltiplos de 5 e 10. Os outros usaria uma calculadora.

Natasha

- e) Não consciente(mente), talvez gastasse na necessidade, mas como prioridade não.
- f) Sim com uma regra de três, conseguiria por ser um número inteiro, seria difícil com número decimal com vírgula.

Alegria

- e) Não necessariamente.
- f) Conseguiria fazer os cálculos matemáticos.

Ana L.

- e) Não. Não veria necessidade atualmente.
- f) Recurso matemático, caso fosse um número decimal.

Ártemis

- e) Por quê? Não. Porque não há necessidade.
- f) Sim conseguiria fazer os cálculos.

Harmonia

- e) Não aumentaria.
- f) Esse índice mental.

Helen

- e) Não.
- f) De 10 % eu faço, mas as demais porcentagens eu usarei a calculadora. Peço ajuda a outras pessoas também, meus filhos e marido.

Saoni

- e) Não, manteria o orçamento tal e qual foi feito desde o início do mês.
- f) Faria um cálculo mental, e aproximadamente, e as possibilidades de rentabilidade e com vistas a comprar um bem maior.

Júnior

- e) Não, se aumentar minhas despesas não consigo guardar o dinheiro.
- f) Consigo fazer os cálculos de cabeça, mas de números não múltiplos de 5 e 10. Tenho que usar uma calculadora.

Considerações

Diante das respostas de nossos sujeitos de pesquisa e de nosso objetivo em descobrir qual leitura que eles fazem nesta “hipotética” situação-problema 3, bastante incomum, que eleva os seus salários em 10 %, percebemos que todos os participantes, neste momento, não levaram em consideração os aumentos do custo de vida que geralmente acompanham ou precedem os próprios aumentos salariais e nos afirmaram que não aumentariam proporcionalmente suas despesas atuais no mesmo índice do aumento salarial. E que ainda iriam permanecer gastando o mesmo tanto que antes, para tentarem guardar o restante, a não ser em alguns casos especiais onde apareçam situações de necessidades emergenciais e desde modo não iriam conseguir atingir essa meta de manter os seus atuais gastos mensais.

Agora em relação ao item f), se eles conseguiram fazer mentalmente os cálculos matemáticos envolvendo esse índice percentual do aumento de 10% em seu salário atual, podemos afirmar que a maioria de nossos participantes consegue realizar esses cálculos de cabeça sem o uso da calculadora, pois alguns até afirmaram que esse valor é fácil por ser um múltiplo de 10 e que só iriam utilizar esse recurso tecnológico (a calculadora) para calcular outros índices não exatos e quando se tratar de números decimais.

Então, concluímos que através dessa atividade é plausível dizer que a maior parte dos sujeitos investigados consegue calcular esse aumento salarial de 10 % em seus respectivos salários sem uso de calculadora ou qualquer outro recurso tecnológico e que não gastariam esses acréscimos salariais, para tentar guardá-los

por um determinado período de tempo até chegar o momento certo, segundo eles, de consumir algo de grande valor financeiro que atualmente não conseguem adquiri-lo com seus respectivos salários.

De acordo com as revelações feitas pela maioria de nossos participantes, nesta atividade e em várias outras, podemos afirmar ainda que este simples gesto de poupar para depois consumir algo e/ou gastar os seus recursos financeiros, nos mostra ser uma atitude mais conservadora, que remete a gerações do século passado, perante as atuais apelações midiáticas pelo consumo exagerado e desnecessário de certos produtos que às vezes nem precisam ou fazem falta naquele momento de suas vidas.

Além disso, podemos dizer também que agora estes indivíduos-consumidores estão bem mais preparados ou educados financeiramente do que outros para enfrentar essa nova sociedade líquido-moderna de consumo, que tanto Bauman nos apresenta em seus diversos livros, pois já pensam e refletem a sua necessidade antes de consumir algo e quando o fazem é de forma consciente e sustentável.

Acreditamos ainda que hoje em dia eles conseguem analisar a sua real situação financeiro-econômica antes de efetuar qualquer compra, ou seja, pensam e refletem se verdadeiramente tem os recursos financeiros disponíveis ou a receber para poderem arcar com esses gastos ao longo do mês e de seu atual planejamento financeiro, fugindo assim de dívidas e de outros perigos ou males que isso poderia acarretar na sua saúde financeira devido ao desequilíbrio financeiro de suas contas.

5.3.3 - Situação-Problema 5

Essa quinta situação-problema foi realizada com todos os nossos sujeitos de pesquisa presentes nos dias 18 e 19 de dezembro de 2014 (exceto com **Alegria** e **Natasha** que não puderam comparecer e fizeram depois separadamente essa atividade), no nosso oitavo módulo-encontro realizado em dois momentos separados, ambos no período da tarde, com a finalidade de atender às suas novas disponibilidades de horários e teve uma duração de 46min e de 25min, respectivamente. E foi dividida em três objetivos específicos, onde proponhamos, além do seu preenchimento individual, uma discussão de forma coletiva de todas as suas perguntas, visando assim uma maior produção de significados das mesmas para todos os participantes.

Tais objetivos estavam em consonância desde o início com as três categorias de consumo de Kistemann Jr. (2011), são elas: 1ª) “Sobre Propagandas e sua influência”, 2ª) “A racionalidade do indivíduo-consumidor” e 11ª) “A Matemática e sua influência nas ações de consumo”; onde abarcavam descobrir qual a leitura que nossos sujeitos de pesquisa fazem diante dessa situação-problema 5, bastante comum hoje em dia nos supermercados, que é a influência dos anúncios publicitários na hora de se tomar uma decisão de consumo em relação às ofertas ou promoções de certos produtos, que muitas das vezes nos forçam a levar grandes quantidades sem a sua real necessidade durante o prazo de validade dos mesmos. Além de verificar também se eles conseguem realmente fazer cálculos matemáticos envolvendo preços unitários e coletivos dos produtos anunciados, com o objetivo de averiguar se há de fato produtos em ofertas ou promoções.

Situação-problema 5: Observe essas promoções abaixo:

Em um supermercado há duas promoções, a primeira é de creme de dente (leve 4 pague 3), e a segunda é de papel higiênico (leve 12 pague 11).

Observe as mesmas através das figuras abaixo e responda as seguintes perguntas:



Fonte: Anúncio de “Saldão 72h” Corra e Aproveite! Bretas Cencosud (12/09 a 13/09/2014).

a) Você aproveitaria alguma dessas promoções? Qual seria a mesma e por quê?

b) Antes de comprar, você faria uma comparação entre o preço unitário e coletivo desta promoção, através de simples cálculos matemáticos, para verificar se realmente leva x e paga y mais barato?

c) Compraria alguns destes produtos por impulso, só porque estão em promoção de leva x e paga y mais barato, sem fazer nenhum cálculo matemático e nem se quer verificaria sua necessidade naquele momento e a validade do mesmo?

d) Conseguiria calcular o valor do desconto dessas promoções em reais? E em índices percentuais?

e) E se a promoção ou oferta fosse com “alimentos perecíveis”, como: frutas, legumes e alguns derivados do leite, que necessitam refrigeração para sua melhor conservação; você compraria em excesso esses produtos mesmo sabendo que alguns deles têm sua validade estimada para períodos de curta duração? E por quê?

Considerações

Neste oitavo e último módulo-encontro, os nossos sujeitos de pesquisa preencheram de forma individual, mas com debates coletivos, a situação-problema 5 dando ênfase a nossa discussão entorno da questão do consumo consciente e sustentável, a fim de se evitar o desperdício e a compra exagerada de certos produtos perecíveis principalmente do gênero alimentício que tem curtos prazos de validade para o seu consumo total.

Ressaltamos também que nesse módulo-encontro se refletiu muito sobre a questão do “lixo gelado acarreta em um prejuízo dobrado”, que é um dos exemplos mais comum de desperdício em nossos lares, pois muitas das vezes compramos em excesso frutas, legumes, leite, queijo, manteiga, requeijão, iogurtes, sorvetes, ovos, extrato de tomate, maionese, ketchup, mostarda, azeite e etc., que necessitam de uma refrigeração para prolongar o seu tempo de duração, e às vezes depois de um certo tempo na geladeira ou freezer jogamos fora esses produtos sem consumi-los totalmente, provocando assim um “duplo desperdício”, composto pelo produto a ser descartado e a energia elétrica consumida durante todo esse período para mantê-los resfriados ou gelados.

Outro exemplo clássico que podemos ressaltar aqui é a compra também em excesso de certos produtos em oferta ou promoção nos supermercados do tipo: leve 3 e pague 2, leve 4 e pague 3, leve 12 e pague 11, leve 16 e pague 15; mas que na maioria das vezes não são necessários naquele momento e deixam os indivíduos-consumidores vulneráveis ao desperdício imediato ou ao fim de seu pequeno prazo

de validade, além do fator financeiro-econômico relativo à diferença entre seus preços unitários e coletivos que podem ser mínimos ou nem existirem.

Entretanto, todas essas situações de desperdício em nossos lares são provocadas por nós mesmos em escolhas e/ou tomadas de decisão equivocadas diante de compras exageradas de certos produtos, que poderiam ser evitadas com um melhor controle e gerenciamento na hora de se adquirir, conservar e consumir tais produtos.

E ao final dessa discussão alertamos a todos os participantes que todo gasto desnecessário gera uma despesa extra e não prevista em seus orçamentos, que às vezes já estão tão apertados devido a outras despesas previstas mensalmente que não suportariam mais essa que conseqüentemente poderá ocasionar um desequilíbrio financeiro em suas contas e no seu planejamento financeiro.

Após a execução e realização desse último módulo-encontro, fizemos também uma confraternização final entre nós - pesquisador e sujeitos de pesquisa, na própria escola, e uma entrevista final, com a nossa ficha-questionário 3 de pós-curso para avaliação do mesmo (encontra-se no anexo D).

Agora a seguir, iremos apresentar as respostas de nossos nove sujeitos de pesquisa em relação às questões propostas nos itens a), b) e c) nesta situação-problema 5, de forma transcrita, pois percebemos que a maioria deles escreveu de forma sucinta e recorrente alguns assuntos ligados às mesmas. E logo em seguida as nossas considerações.

Sobre as questões:

a) Você aproveitaria alguma dessas promoções? Qual seria a mesma e por quê?

b) Antes de comprar, você faria uma comparação entre o preço unitário e o coletivo do produto desta promoção, através de simples cálculos matemáticos, para verificar se realmente leva x e paga y mais barato?

c) Compraria algum destes produtos por impulso, só porque estão em promoção de leva x e paga y mais barato, sem fazer nenhum cálculo matemático e nem se quer verificaria sua necessidade naquele momento e a validade do mesmo?

Ana

- a) Sim, aproveitaria a do creme de dente. Pois pensado na unidade de 4,70 (reais), estou ganhando 5,00 (reais), quase 1 unidade a mais.
- b) Faria uma comparação entre o preço, como fiz na análise do creme dental.
- c) Só aproveitaria a promoção se no momento estivesse precisando do produto. Verificaria a validade do produto também.

Natasha

- a) Levaria a primeira promoção, porque cada caixa de creme dental sairia a R\$ 3,42 cada, sendo que normalmente cada caixa custa R\$ 4,99.
- b) Sim, sempre faço essa comparação.
- c) Esses dois produtos não compraria por impulso, outros sim, compraria sem a real necessidade.

Alegria

- a) Se eu estivesse precisando levaria as duas.
- b) Geralmente não faço.
- c) Não.

Ana L.

- a) Não.
- b) Só compro o que eu preciso.
- c) Não iria comprar, só se fosse necessário para uso.

Ártemis

- a) Sim. A promoção da pasta realmente vale a pena, pois você está tendo o desconto (ou por outro lado está mesmo tendo desconto).
- b) Sim sempre comparo os preços mesmo quando o produto está na promoção.
- c) Não jamais compraria um produto desnecessariamente.

Harmonia

- a) A pasta de dente. O cálculo da unidade é melhor.
- b) Sim. O cálculo (do creme) é mais fácil de ser realizado.
- c) Não. Só se visse necessidade.

Helen

- a) Não aproveitaria, pois prefiro produtos mais baratos.
- b) Claro que compraria. Comparo sempre.
- c) Não compraria por impulso.

Saoni

- a) Sim, o creme de dente; pois o desconto é bem melhor; pois o preço “parece” ser mais vantajoso! Mas verificaria se há outros produtos mais barato!
- b) Sempre faço cálculos matemáticos simples, mesmo que seja uma promoção, se há realmente vantagens na oferta ou no produto sem promoção, oferta do preço se é compatível com o preço unitário.
- c) Só compraria se houvesse veracidade nas “promoções”, se realmente compro porque preciso dele agora, não compraria jamais por impulso.

Júnior

- a) Sim. Creme dental devido à qualidade.
- b) Claro que sim.
- c) Não.

Considerações

Diante das respostas de nossos nove sujeitos de pesquisa, podemos afirmar que sete deles iriam aproveitar a primeira oferta do creme dental de leve 4 e pague 3, apesar da foto-imagem dessa propaganda estar errada e só mostrar 3 embalagens – mas são quatro embalagens, pois seis dos nove participantes (**Ana, Natasha, Ártemis, Harmonia, Saoni e Júnior**) acharam que era lucrativo levar este produto, devido ao simples cálculo matemático efetuado por eles entre o preço unitário, que mencionei durante o nosso debate das perguntas acima, e o preço coletivo dos 4 produtos juntos, onde desta forma puderam perceber e comprovar se era realmente vantajoso ou não comprar esse produto ofertado.

Já a participante **Alegria**, diferentemente de todos os outros participantes afirmou que “se estivesse precisando levaria as duas” ofertas anunciadas pelo supermercado, sem fazer qualquer tipo de comparação entre o preço unitário e o coletivo do produto desta promoção, pois não costuma verificar se realmente leva x

e paga y mais barato. Mas, em relação à outra questão da compra destes produtos por impulso, só porque estão em promoção, afirma que não faria isso, voltando assim a sua primeira afirmativa que só levaria se estivesse realmente precisando.

Essa atitude de **Alegria** nos mostra uma opinião já formada ou pré-concebida quando vai ao supermercado fazer compras, devido à falta de tempo ou a questões ligadas a não querer se estressar com pequenos cálculos matemáticos envolvendo os produtos ofertados que às vezes não está precisando naquele momento.

Mas achamos que isso poderia fazer a maior diferença em seu orçamento doméstico familiar no final do mês, e também de várias outras pessoas, pois segundo vários economistas e as próprias donas de casa mais dedicadas e craques nesse assunto da economia doméstica, que vão sempre ao supermercado fazer pesquisas de preços antes realizar suas compras diárias, semanais e mensais, esta pequena diferença acumulada nos preços dos produtos a serem adquiridos pode representar ao longo do mês um grande economia em seus orçamentos e planejamentos financeiros.

Agora **Ana L.** diz que não aproveitaria nenhuma dessas promoções e nem compraria por impulso, pois só compra o que realmente precisa e quando é necessário para o seu uso ou consumo imediato. Não respondendo assim ao item b), se antes de comprar faria uma comparação entre o preço unitário e o coletivo de produto ofertado, apenas demonstra ter um consumo consciente e responsável de seus produtos.

Enquanto a participante **Helen**, nos afirma que não iria aproveitar estas promoções, pois prefere outros produtos similares mais baratos, porque sempre compara os seus preços e nunca fica presa a marcas dos produtos a serem adquiridos naquele momento. Também nos diz que não compra nada por impulso, só porque estão em promoção ou oferta de leva x e paga y mais barato.

De acordo com as nossas análises realizadas em cima das respostas de nossos sujeitos de pesquisa, cremos que é plausível dizer que eles não são influenciados diretamente pelos anúncios publicitários e sim pelos preços que os acompanham, ou seja, só compram se realmente precisam do produto e se há necessidade de fato dos produtos ofertados, de forma vantajosa, para que levem grandes quantidades do mesmo produto, como leve 4 pague 3 ou leve 12 pague 11. Fugindo assim também das outras questões ligadas à compra destes produtos por

impulso, só porque estão em promoção ou oferta sem fazer nenhum cálculo matemático e verificar sua atual necessidade, além de sua validade.

Sobre as questões:

d) Conseguiria calcular o valor do desconto dessas promoções em reais? E em índices percentuais?

e) E se a promoção ou oferta fosse com “alimentos perecíveis”, como: frutas, legumes e alguns derivados do leite, que necessitam de refrigeração para sua melhor conservação; você compraria em excesso esses produtos mesmo sabendo que alguns deles têm sua validade estimada para períodos de curta duração? E por quê?

Ana

d) Conseguiria em reais e em índices percentuais, mas não me preocupo com isso.

e) Não compraria, pelo fato desses elementos (produtos) perderem rápidos.

Natasha

d) Sim em reais: $4,99 - 3,42 = R\$ 1,57 \times 3 = R\$ 4,71$ Total. Em índices percentuais não.

e) Não. Porque perderia dinheiro jogando o produto fora.

Alegria

d) Sim.

e) Não. Por causa do risco de estragar.

Ana L.

d) Sim em ambas as questões.

e) Não irá acontecer, pois estou atenta a estas situações de desperdício.

Ártemis

d) Sim, consigo calcular. Às vezes faço. Mas os índices percentuais não.

e) Não. Procuo comprar o que vou consumir para não ter que jogar fora.

Harmonia

d) Em reais sim. Em índices percentuais não.

e) Depende do número de pessoas. Na compra do produto pode-se dividir.

Helen

d) Sim. Não.

e) Eu não compraria porque vai perder e eu acabaria perdendo dinheiro também.

Saoni

d) Em reais talvez, mas em percentuais, não.

e) Não, porque perderia logo, não consumiria tudo, pois o excesso é desperdício; e teria novamente prejuízo, quádruplo: comprar, escolher, carregar e quando estragar na geladeira teria o “lixo gelado” também como prejuízo.

Júnior

d) Sim.

e) Não. Para não ter desperdício.

Considerações

De acordo com as respostas de nossos sujeitos de pesquisa, podemos dividi-los em dois grupos em relação ao item d). Um primeiro seria aquele formado pelos participantes que apenas mencionaram saber calcular em reais os valores dos descontos dessas duas promoções, enquanto o segundo seria composto por aqueles que mencionaram saber fazer os cálculos tanto em reais como em índices percentuais.

No primeiro grupo temos os participantes: **Natasha, Ártemis, Harmonia, Helen e Saoni**.

Ambas alegam que só sabem fazer os cálculos em reais e não em índices percentuais, reconhecendo assim suas dificuldades em casos matemáticos onde envolvam a porcentagem. Mas temos a participante **Ártemis** que às vezes nem faz os cálculos em reais, apesar de saber fazê-los, e **Saoni** que talvez consiga fazer.

Olhemos agora para o outro grupo formado por quatro participantes: **Ana, Alegria, Ana L. e Júnior**.

Neste grupo todos afirmaram que sabem realizar os cálculos envolvendo o valor do desconto dessas promoções tanto em reais como em índices percentuais.

Mas a participante **Ana** se equipara a **Ártemis** do outro grupo, pois também não se preocupa muito com isso

Agora, quanto ao item e) quase todos os participantes, exceto **Harmonia**, afirmaram não comprar em excesso esses produtos perecíveis que necessitam de refrigeração para prolongar seu tempo de duração, pelo simples fato de se estragar em suas geladeiras ou freezer e ainda correr o risco de se gerar mais um “lixo gelado que acarreta em um prejuízo dobrado” em suas vidas.

Alguns participantes neste mesmo item se empolgaram e nos apresentaram justificativas bem interessantes que são contrárias ao desperdício de produtos alimentícios, como a da **Ártemis** que sempre procura comprar o que vai consumir para não ter que jogar nada fora ou da **Saoni** que criou um desperdício quádruplo em sua resposta, que vai muito além do nosso duplo discutido nesta atividade, que segundo suas concepções é composto por quatro etapas: escolher, comprar, carregar e quando estragar teria que jogar fora esse lixo gelado.

Agora a participante **Harmonia** foi à única diferente do restante de participantes, pois defendeu um pensamento contrário à maioria deles nos afirmando que neste caso deve-se também levar em conta o número de pessoas em casa e ao adquirir o produto podemos reparti-lo com outras pessoas ou familiares.

Então, concluímos que através dessa atividade é plausível dizer que sete dos nossos nove sujeitos investigados conseguem identificar os produtos que realmente estão em promoção, através de simples cálculos matemáticos envolvendo a comparação entre o preço unitário e o coletivo dos mesmos. Além disso, nos afirmam também que não compram por impulsos consumistas essas promoções anunciadas e acreditamos que nem as outras a serem divulgadas, pois devem sempre desconfiar de tudo para verificarem se de fato leva x e paga y mais barato.

Outra questão super importante, onde nossos debates foram bem mais calorosos, é a discussão do “lixo gelado = prejuízo dobrado”. Cremos que agora os nossos participantes praticarão um consumo bem mais consciente e sustentável que evitará ao máximo às compras exageradas de certos produtos perecíveis do gênero alimentício, já comentados acima, com o objetivo final de se evitar esse duplo desperdício, mesmo que estes produtos estejam em promoção ou oferta nas vitrines dos supermercados e em outros pontos comerciais perto ou longe de suas casas.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, abordamos as nossas conclusões, bem como as descrições de nosso produto educacional composto por algumas atividades e reflexões sobre Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica. Logo depois, apresentaremos algumas ideias futuras que almejamos desenvolver, visando os avanços no tratamento da Educação Financeira, além de novos rumos que iremos tomar ao tentar inseri-la no meio escolar, principalmente na educação básica, como um tema transversal que aborde as diversas questões financeiro-econômicas e eventos da atualidade, assim como situações de consumo e planejamento financeiro atreladas ao orçamento doméstico-familiar.

6.1 - Conclusão

Por meio da investigação que realizamos, percebemos que hoje em dia há uma necessidade de se discutir a Educação Financeira com mais propriedade, pois temos vários indivíduos-consumidores economicamente ativos que nunca receberam sequer uma orientação financeiro-econômica para gerenciarem o seu próprio dinheiro e muito menos para se controlarem financeiramente através de um consumo consciente e sustentável de bens e serviços que o dinheiro pode adquirir.

Nesse sentido, acreditamos que o melhor local para se discutir essa temática seja inicialmente o seio familiar, com orientações e supervisão dos pais, e depois a escola, onde a partir das leituras que fizemos se encontra diversas sugestões. A mais sugerida pelos pesquisadores é a que defende o início das discussões a partir do momento que os alunos ingressam no sistema de ensino, principalmente na Educação Básica, junto aos conteúdos de Matemática e com uma abordagem transversal.

Além disso, ressaltamos aqui que a escola é um local propício, onde muitos indivíduos-consumidores passam uma boa parte de suas vidas nesse ambiente se dedicando às habilidades acadêmicas e profissionais, e às vezes tão pouco se fala ou discute sobre as questões e/ou situações de consumo e planejamento financeiro, que acreditamos ser também necessárias ao desenvolvimento de suas habilidades

financeiro-econômicas em relação ao dinheiro e à própria existência nessa nova sociedade de consumo líquido-moderna.

No entanto, cremos que é possível reverter essa situação e formar cidadãos mais conscientes e/ou bem preparados para participarem do desenvolvimento econômico e social de nosso país, através da inserção da Educação Financeira no contexto escolar, como um tema transversal que aborde as diversas questões financeiro-econômicas e eventos da atualidade, assim como promover aos interessados cursos extras voltados especificamente à discussão dessa temática.

Mas não devemos confundir aqui o ensino simplesmente de técnicas ou “macetes” matemáticos de como administrar bem o seu dinheiro como sendo a Educação Financeira que desejamos e almejamos, pois é necessário muito mais do que isso devido à extrema complexidade desse assunto. Nem tampouco defendemos discussões que só atendam a demandas emergenciais ou de aconselhamento financeiro, que focam sua energia apenas em torno de uma questão financeiro-econômica sem se discutir criticamente os outros inúmeros fatores que influenciam, positivamente e/ou negativamente, as tomadas de decisão dos indivíduos-consumidores perante suas ações de consumo e planejamento financeiro.

Agora outro fator importante que podemos destacar em nossas investigações, é que atualmente temos no país um nível considerável de famílias brasileiras endividadas, segundo vários institutos de pesquisa econômica. E essa parcela da população é quase toda composta por indivíduos-consumidores economicamente ativos, que ainda não tem o “bom” hábito de se controlar financeiramente e compram tudo de maneira desordenada, sem antes analisar suas receitas (ganhos) e planejar suas despesas (gastos) mensais.

Sobre este ponto, destacamos ainda que essa atitude nada prudente de alguns indivíduos-consumidores em relação ao próprio dinheiro e sua total falta de controle acarreta em situações nada agradáveis ao longo da vida, que poderão afetar diretamente à sua saúde financeira e de seus respectivos familiares. E neste caso, a opção deixar de lado ou tentar esquecer tais fatos não resolve o problema em si, pois eles podem chegar num ponto crucial onde não dá mais tempo para consertar os erros do passado e tudo isso poderá vir à tona com uma avalanche de impedimentos legais e consequências para sua vida sócio-afetiva, assim como para a financeiro-econômica.

Portanto, quando os indivíduos-consumidores constatarem que suas finanças pessoais, domésticas e familiares estão agonizando e pedem socorro imediato devido a um fato bastante comum hoje em dia que é sempre gastar mais do que se ganha mensalmente. Logo, pensam na sua balança financeira entre o “ganhar e gastar”, que já está vivenciando uma longa fase de déficit e provavelmente entrará em colapso a qualquer momento, provocando assim uma situação insustentável e devedora que poderá gerar ainda um ciclo vicioso de desequilíbrio financeiro se nada for feito para tentar mudá-la.

Por isso, achamos necessário e nossa pesquisa revelou uma considerável necessidade de se refletir mais sobre esses temas financeiro-econômicos sempre que for possível, pois todo indivíduo-consumidor precisa dedicar um tempinho de sua vida para se organizar financeiramente e/ou refletir melhor todas as suas ações de consumo e tomadas de decisão em relação às próprias receitas e despesas mensais, além de estabelecer metas e objetivos a serem alcançados. Senão, poderá correr um sério risco de cair nas atuais armadilhas financeiro-econômicas que o mundo moderno lhes oferece e, conseqüentemente, receber todos os seus efeitos colaterais que podem vir a afetar toda sua saúde financeira e de seus familiares, pois já sabemos que quem administra “bem” suas finanças tende a viver melhor e sem muito estresse.

Diante dessa questão, reforçamos aqui a nossa dica de que o ideal é sempre ter e manter um “bom” planejamento financeiro, através de seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico, para que de fato se alcance metas e objetivos a curto, médio ou longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida para si e sua família hoje, amanhã e dias futuros, tendo em vista que já há um aumento significativo na expectativa de vida de nossa geração.

Em nossa investigação, verificamos que todos os indivíduos-consumidores inicialmente afirmaram ter dívidas e pagavam em dia suas prestações, porém cinco dos nove sujeitos de pesquisa terminavam o mês geralmente com um saldo negativo, provocando assim novos débitos a serem quitados posteriormente.

Mas, durante o curso de orçamento e economia doméstica, notamos que suas atitudes, nos debates e também nas atividades propostas, foram evoluindo a cada módulo-encontro e se tornavam cada vez mais prudentes. Paralelamente a este processo, o seu jeito de pensar e agir perante as ações de consumo e planejamento financeiro foi se modificando e, conseqüentemente, tivemos uma

alteração em seus perfis financeiro-econômicos, que acreditamos ser para melhor, pois viver sem dívidas já é um bom sinal de que nossas reflexões financeiro-econômicas surgiram um efeito positivo em suas vidas cotidianas.

Segundo suas afirmações, no final de nossos oito módulos-encontros, todos os nove indivíduos-consumidores já estavam bem mais atentos às questões financeiro-econômicas envolvendo suas receitas e despesas mensais, e que agora conseguiam executar melhor esta tarefa de gerenciar os próprios recursos financeiros de uma maneira mais consciente e sustentável, evitando assim possíveis desperdícios.

Plausivelmente lemos essa mudança de postura dos indivíduos-consumidores investigados como uma “boa” transformação financeiro-econômica de suas atitudes ou tomadas de decisão perante as ações de consumo e planejamento financeiro. Além disso, percebemos também que durante alguns trechos transcritos de nossos debates fica muito evidente tal afirmação, pois suas escolhas foram ficando cada vez mais sensatas e seletivas, apesar de muitas delas perpassarem por prioridades pessoais junto aos seus familiares, assim como suas justificativas ficaram mais consistentes e críticas em relação às situações-problema apresentadas.

Em relação às três etapas de entrevistas semi-estruturadas realizadas nessa pesquisa, concluímos que elas nos ajudaram muito a traçar o perfil financeiro-econômico de cada um dos nossos nove sujeitos de pesquisa, antes, durante e depois de nossos oito módulos-encontros. Além de proporcionar também uma identificação inicial de todos os seus anseios e dúvidas em relação aos temas a serem tratados, assim como uma avaliação final de pós-curso sobre tudo o que foi abordado.

Ao tratar da Atividade 1 e 2 sobre a Planilha Orçamentária ou de Orçamento Doméstico Mensal, nossa investigação revelou que oito dos nossos nove sujeitos de pesquisa não tinha o hábito de se agrupar ou colocar todas as suas receitas e despesas mensais, fixas e/ou variáveis, numa simples folha de papel e nem em uma planilha já pronta e bem estruturada. Conseqüentemente, também não apuravam o seu saldo final, através de um simples cálculo entre receitas e despesas totais, com intuito de verificar se o mesmo era positivo ou negativo.

Logo, identificamos que tal fato ocorria porque nunca o fizeram ou precisaram fazer, pois o montante que recebiam junto com suas linhas de crédito ainda dava para suprir todas as suas necessidades mensais, sem exageros é claro. Apesar

disso, existia também aqueles com o receio de fazer essa atividade e encontrar posteriormente resultados finais não muito animadores e/ou insatisfatórios com suas atuais expectativas de vidas, diante de tantas despesas que às vezes podem ser consideradas exageradas ou até mesmo supérfluas pelos próprios membros de seu grupo social, inclusive os familiares mais próximos.

Percebemos também que quase todos os nossos sujeitos de pesquisa concordam que ao usar uma planilha orçamentária mensal fica bem mais fácil e simples de visualizar e/ou separar todas as suas receitas (ganhos) e despesas (gastos), além de apurar o seu saldo final. Embora alguns já façam o uso de outros métodos escritos, como por exemplo: o “caderninho de gastos”, que apenas registra todos os ganhos e gastos diários de forma conjunta e sem separação específica como nas planilhas orçamentárias.

Com relação à Situação-Problema 1, concluímos que esta se constitui como um meio sensato para se alavancar boas discussões e reflexões em torno de uma questão bastante comum hoje em dia, que é o fato de sempre gastar mais do que se ganha, mensalmente. E de acordo com nossos sujeitos de pesquisa, todos nesta situação-problema, com um saldo final mensal supostamente negativo, fariam cortes de algumas despesas mensais que consideravam, naquele momento, desnecessárias ou supérfluas a sua própria existência e de sua respectiva família como sendo a sua principal arma ou saída para se tentar (re)ajustar o devido orçamento familiar apresentado.

Nossa investigação revela ainda que a “hipotética” Situação-Problema 3 é bastante incomum de acontecer, por se tratar de um aumento real e inesperado de 10% nos salários de toda uma classe profissional estadual, mas constitui-se como um item importante para se discutir a questão do “ganhar mais” significa também “gastar mais”. Durante a realização desta atividade investigativa, percebemos que nossos indivíduos-consumidores pesquisados ainda não sabem a real diferença que há entre “reajuste e aumento salarial”, além de verificarmos que alguns deles também apresentam dúvidas e/ou dificuldades em conseguir realizar simples cálculos matemáticos envolvendo porcentagem e acréscimos financeiros, sem o uso da calculadora, principalmente em relação aos próprios salários que é composto por valores não exatos e com algumas casas decimais.

Entretanto, por outro lado é plausível dizer que todos os nossos participantes já têm em mente o que fazer com esse acréscimo salarial, ou seja, já sabem onde e

como irão aplicar ou dar um destino certo segundo suas concepções a esse dinheiro extra e inesperado, antes mesmo de cair em suas contas-salários. Além de nos afirmar que iriam tentar também permanecer gastando o mesmo tanto que antes, com o objetivo de se guardar o restante, a não ser em alguns casos especiais onde apareçam situações de necessidades emergenciais.

Com relação à Situação-Problema 5, constatamos que é um exemplo clássico de utilização muito comum pelos supermercados para chamar a atenção de seus clientes, com o intuito de aumentar suas vendas e o faturamento mensal. Logo, essas ofertas ou promoções do tipo: leve 3 e pague 2, leve 4 e pague 3, leve 12 e pague 11, leve 16 e pague 15, despertam o interesse de todos e também os influenciam em sua tomada de decisão perante o consumo ou aquisição por impulso ou não desses produtos em promoção. Lembramos também que muitas das vezes, esses produtos não são úteis e nem necessários naquele momento, o que deixam os indivíduos-consumidores vulneráveis a um desperdício imediato ou ao fim de seu pequeno prazo de validade, além de conterem, em alguns casos, mínimas diferenças entre seus preços unitários e o coletivo da oferta.

De acordo com as opiniões de nossos sujeitos de pesquisa, cremos que é plausível afirmar que eles não são influenciados diretamente pelos anúncios publicitários e sim pelos preços ofertados, de forma vantajosa, para que levem grandes quantidades do mesmo produto. Apesar disso, devemos levar em consideração também que compras exageradas de produtos perecíveis do gênero alimentício, que necessitam de refrigeração para conservá-los, acarretam em um prejuízo dobrado devido ao fator de descarte natural dos produtos estragados ou vencidos através de um lixo gelado.

Para finalizar nossas considerações, precisamos destacar também que é legítimo a ideia de usar entrevistas, atividades e situações-problemas para se alavancar e propiciar as discussões e reflexões acerca de todo o contexto financeiro-econômico e eventos da atualidade. Assim como as propagandas áudio visuais são um ótimo método e/ou instrumento para desencadear algumas dessas discussões diretamente ligadas a Educação Financeira, que propomos e buscamos desenvolvê-la com intuito de formar indivíduos-consumidores mais conscientes e críticos diante de suas próprias escolhas e tomadas de decisão ao longo da vida.

Por fim, concluímos ainda que qualquer conversa, reflexão ou discussão coletiva sobre Educação Financeira, pode ser considerada como resíduos de

enunciação para a produção de significados dos indivíduos-consumidores, e é melhor do que nada pois nela sempre há uma troca de experiências entre todos os participantes, que poderíamos aproveitá-la para a realização da leitura de suas crenças e legitimidades propostas no MCS.

E conseqüentemente, cremos que essa troca de experiências em relação aos temas financeiro-econômicos abordados pode ajudar os indivíduos-consumidores mutuamente e transformá-los em protagonistas de sua própria história, ao tentar pôr em prática novas ideias para se ter e manter suas respectivas finanças em perfeito equilíbrio e ainda contribuir para que sejam capazes de diferenciar o “eu quero” do “eu preciso”, ou seja, distinguir vontades e desejos do necessário e essencial ao bem-estar financeiro-econômico.

6.2 - Produto Educacional

Desde o início do mestrado, tínhamos a intenção de oferecer aos interessados nessa temática algumas atividades e reflexões sobre Planejamento Financeiro, Orçamento e Economia Doméstica, dispostas na forma de um “livreto didático”, como o nosso produto educacional.

Mas essas atividades e reflexões financeiro-econômicas, a que nos referimos, podem ser usadas para diversos fins didático-pedagógicos, inclusive para compor novamente um possível Curso de Orçamento e Economia Doméstica para Professores, assim como para os outros Indivíduos-Consumidores economicamente ativos, sejam eles jovens, adultos ou até mesmo idosos. Contudo, alguns deles deveriam ser donos ou donas de casa, além de participar ativamente da elaboração e execução de um orçamento doméstico atrelado ao seu próprio planejamento financeiro.

No sentido de garantir a eficiência de nossas atividades, elas foram pensadas e elaboradas com um intuito de cunho exploratório e investigativo que nos remete a uma Educação Financeira mais consciente e crítica, além de terem sido já testadas em nossa pesquisa de campo com nove indivíduos-consumidores, diante de todos esses fatores financeiro-econômicos que nos cercam nesta nova sociedade de consumo líquido-moderna, incluindo as diversas apelações áudio visuais e consumistas do mundo moderno através de propagandas que nos bombardeiam

diariamente “com uma infinidade de produtos de que nem sempre *precisamos*, apenas *desejamos*” (ZERO e FERNANDES, 2011).

Sugerimos ainda que os interessados nessa discussão podem e devem adaptar tais tarefas à sua realidade de aplicação e à especificidade de seu público alvo ou utilizá-las na íntegra, se assim o desejarem.

O nosso Produto Educacional encontra-se dividido em duas partes. Na primeira delas, abordaremos a importância que a Educação Financeira tem em nossas vidas, além de outras discussões a respeito da consolidação da atual necessidade, segundo vários autores, de sempre se ter e manter um bom planejamento financeiro – seja o mesmo pessoal, doméstico ou familiar; pois é através dele e de seu principal instrumento de controle o Orçamento Doméstico, podemos desenvolver planos e alcançar metas e objetivos a curto, médio ou longo prazo com total sucesso, inclusive uma melhor qualidade de vida hoje, amanhã e dias futuros.

Na segunda parte, apresentamos e sugerimos algumas atividades e situações-problemas que envolvem questões financeiro-econômicas e tomadas de decisão frente às ações de consumo e planejamento, inclusive alguns modelos de planilha orçamentária mensal, que poderão auxiliar o trabalho de todos os envolvidos e interessados neste assunto, e também como entender e compreender melhor essa real importância de sempre, que possível, discutir tais questões relacionadas à Educação Financeira e a um “bom” planejamento financeiro atrelado ao seu próprio orçamento doméstico.

Ressaltamos aqui que as nossas discussões e situações-problema estão diretamente ligadas às reflexões e propostas pedagógicas produzidas no Grupo de Investigações Financeiro-Econômicas em Educação Matemática-UFJF (GRIFE), sob coordenação do Professor Doutor Marco Aurélio Kistemann Junior. E as apresentamos na ordem em que fomos utilizando durante nossa pesquisa de campo

Gostaríamos de destacar ainda que todas as figuras que se encontram neste nosso material foram retiradas de livros, jornais ou sites e apresentam as suas respectivas fontes discriminadas abaixo de cada uma delas.

Em relação às atividades sugeridas, o leitor perceberá que no decorrer deste texto não haverá uma delimitação de tempo específico para usar essas tarefas ou esses ingredientes, podendo assim ser utilizado da forma que achar melhor e poderá ainda dar a ênfase naquilo que julgar melhor e mais interessante ou

pertinente, de acordo com a direção que suas discussões e reflexões forem acontecendo.

No entanto, enfatizamos aqui que este material, obviamente, também poderá passar por algumas mudanças e/ou atualizações, ao longo do tempo, tendo em vista que as ideias nele incorporadas sofrem todo dia modernas influências e pressões dessa nova sociedade de consumidores, tornando-o assim com um caráter flexível, passível de ser alterado, uma vez que defendemos uma Educação Financeira mais consciente e crítica, diante de questões financeiro-econômicas ou eventos da atualidade.

Diante desta urgência de propostas, cremos que este nosso produto educacional poderá trazer contribuições para alavancar algumas discussões e reflexões a respeito desse assunto, mesmo não propondo a solução dos problemas financeiro-econômicos enfrentados hoje em dia pelos indivíduos-consumidores e suas respectivas famílias, frente às situações de consumo e planejamento financeiro.

6.3 – Perspectivas Futuras

Nossa intenção atual está centrada na inserção da Educação Financeira no meio escolar, principalmente na educação básica, como um tema transversal que aborde as diversas questões financeiro-econômicas ou eventos da atualidade, assim como situações de consumo e planejamento financeiro atreladas ao orçamento doméstico-familiar, onde esses alunos possam se conscientizar financeiramente e com isso levar esses conhecimentos a todos de seu convívio social e familiar.

Estamos também amadurecendo a ideia da criação de um novo material de apoio, no formato de um livreto didático, só que mais específico e audiovisual para os alunos do ensino fundamental e médio. E o mesmo será composto por pequenos vídeos, propagandas, reportagens (revistas, jornais, telejornal), charges, estórias em quadrinho e filmes que chamem bastante a atenção de nosso público alvo (os alunos) para as diversas questões financeiro-econômicas inclusas nesses materiais audiovisuais, desenvolvido geralmente pelo setor de marketing das grandes empresas, além de atividades e situações-problemas que envolvem tomadas de decisão frente às ações de consumo e planejamento financeiro.

Atualmente, continuamos a ministrar aulas de Matemática em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e iremos aproveitar esta oportunidade para trabalhar bastante a temática da Educação Financeira com nossos alunos, além de aplicar novas tarefas e/ou situações-problema diretamente ligadas às suas ações de consumo e tomadas de decisão. Depois faremos alguns consolidados dos resultados obtidos e a partir deles iremos produzir futuros artigos e relatos de experiências de todo esse processo a ser desenvolvido.

Queremos também continuar trabalhando os assuntos de nossa investigação, para que nossa pesquisa em Educação Financeira gere mais frutos ao ser apresentada em eventos e/ou seminários de Educação Matemática e promova ainda vários debates e discussões sobre os temas financeiro-econômicos abordados, bem como oferecer caminhos alternativos que contribuam com as tomadas de decisão dos indivíduos-consumidores perante suas ações de consumo e planejamento financeiro.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Claudia Laus et al. **O Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história.** São Paulo: Midiograf, 2012.
- BARROSO, Dejair Frank. **Uma Proposta de Curso de Serviço para a Disciplina Matemática Financeira: Mediada pela Produção de Significados dos Estudantes de Administração.** Juiz de Fora: UFJF, 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- BARROSO, Dejair Frank; KISTEMANN JR., Marco Aurélio. **Uma Proposta de Curso de Serviço para a Disciplina de Matemática Financeira.** Revista Educação Matemática e Pesquisa, n. 2, v. 15, p. 465-485, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CAMPOS, Marcelo Berganini. **Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: Uma Análise da Produção de Significados.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2012.
- CAMPOS, André Bernardo. **Investigando como a Educação Financeira Crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de Jovens-Indivíduos-Consumidores (JIC'S).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2013.
- CERBASI, Gustavo Petrasunas. **Casais inteligentes enriquecem juntos.** São Paulo: Editora Gente, 2004.
- CERBASI, Gustavo Petrasunas. **Dinheiro: os segredos de que tem.** São Paulo: Editora Gente, 2005/2010.
- CERBASI, Gustavo Petrasunas. **Como organizar sua vida financeira: inteligência financeira pessoal na prática.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2009. (Coleção Expo Money)
- CERBASI, Gustavo Petrasunas. **A complexa educação financeira.** Disponível em: <<http://www.maisdinheiro.com.br/artigos/4/91/a-complexa-educacao-financeira>> Acessado em: 20 mai. 2013.
- COMO criar o hábito de guardar dinheiro todo mês para seus sonhos.** Banco Itaú, Brasil, 2010. (2min 25seg).
- COMO organizar seus gastos e cortar desperdícios.** Banco Itaú, Brasil, 2010. (2min 34seg).
- D'AQUINO, Cássia; MALDONADO, Maria Tereza. **Educar para o consumo: como lidar com os desejos de crianças e adolescentes.** Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2012. (Coleção Papyrus Debates)
- DELÍRIOS de Consumo de Becky Bloom.** Direção: P. J. Hogan. Produção: Jerry Bruckheimer. Intérpretes: Isla Fisher, Hugh Dancy, Krysten Ritter, John Goodman, Joan Cusack, John Lithgow, Kristin Scott Thomas, Leslie Bibb [S.l.]: Disney / Buena

Vista; Walt Disney Pictures; Touchstone Pictures, EUA, 2009. (104 min), son., color., 35 mm.

DOMINGOS, Reinaldo. **Como controlar o seu orçamento**. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012. (Coleção Dinheiro Sem Segredo, no. 4)

EWALD, Luís Carlos. **Sobrou dinheiro!**: lições de economia doméstica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FRANCO, Alessandra. **Planilha Fantástica**. Disponível em: <<http://alessandrafranco.com.br/planilha-fantastica>> Acessado em: 06 mar. 2014.

GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KISTEMANN JR, Marco Aurélio. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores**. Rio Claro: UNESP, 2011. 540 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

LINS, Romulo Campos. **A diferença como oportunidade de aprender**. In: Anais do XIV. ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), p. 530-550, 2008.

LINS, Romulo Campos. **O Modelo Teórico dos Campos Semânticos: uma análise epistemológica da álgebra e do pensamento algébrico**. Revista Dynamics. Blumenau, abril/junho, 1994(a). 1(7): 29-39.

LINS, R.C.; GIMENEZ, J. **Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI**. São Paulo: Papyrus, 1997/2012.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: Bicudo, M. A. V. (org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 75-94.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2006.

OLIVEIRA, Donizete Cosme. **A Importância do Planejamento Financeiro**. Revista Intellectus, Ano VIII, N. 20, ISSN 1679-8902, p. 75-83, 2012. (Edição de Ciências Sociais Aplicadas)

OECD. **OECD's Financial Education Project**. Financial Market Trends, nº 87, October, 2004. Disponível em <<http://www.oecd.org/finance/financial-education/33865427.pdf>> Acesso em: 24 jun. 2014.

PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. (Artigo publicado no Livro “Fundos de Pensão e Mercado de Capitais” lançado pelo Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia e Editora Peixoto Neto, em set/2008 na cidade de São Paulo-SP) Disponível em: <http://www.mps.gov.br/arquivos/office/3_090420-113416-244.pdf> Acessado em: 10 mai. 2015.

SALDÃO 72 h. Corra e Aproveite! Bretas Cencosud (Folheto de ofertas válidas de 12/09 a 13/09/2014).

SANTOS, Luciane Mulazani dos. **Produção de Significados para Objetos de Aprendizagem: de autores e leitores para a educação matemática**. Curitiba: UFP, 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SILVA, Amarildo Melchiades. **Sobre a dinâmica da produção de significados para a matemática.** Rio Claro: UNESP, 2003. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SILVA, Amarildo Melchiades. **Uma experiência de Design em Educação Matemática: O Projeto de Educação Financeira Escolar.** 2011. 15 p. Projeto de Pesquisa (Estágio Pós-Doutoral em Educação Matemática) - Rutgers, the State University of New Jersey/ USA, 2011.

SILVA, A.M.; KISTEMANN M.A.; VITAL, M. C. **Um Estudo sobre a Inserção da Educação Financeira com tema Curricular nas Escolas Públicas Brasileiras.** Trabalho apresentado no 25. Seminário Internacional de Educação Matemática, Braga, 2014.

SILVA, Amarildo Melchiades; POWELL, Arthur B. **Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica.** 2013. Trabalho apresentado no 11. Encontro Nacional de Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas.

TEIXEIRA, James; COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva. **A Educação Matemática e o seu papel na construção da Educação Financeira.** In: Anais do VII CIBEM (Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática) ISSN 2301-0797, p. 554-560, 2013.

THEODORO, Flavio Roberto Faciolla. **O uso da Matemática para a Educação Financeira a partir do Ensino fundamental.** 2010. Disponível em: <<http://www.academiafinanceira.com.br/educacaofinanceira/matematica.pdf>> Acessado em: 10 ago. 2013.

THEODORO, Flavio Roberto Faciolla. **A educação econômico-financeira na formação profissional: uma análise diagnóstico-propositiva.** São Paulo: CEETEPS, 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia: Gestão, Desenvolvimento e Formação, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2011.

TOMMASI, Alessandro; LIMA, Fernanda de. **Viva melhor sabendo administrar suas finanças.** São Paulo: Saraiva, 2007.

VALDEVINO, Rosângela Queiroz Souza; OLIVEIRA, Adriana Martins de; FERREIRA, José Sueldo Câmara. **A Gestão de Finanças Pessoais: uma contribuição para a educação financeira na cidade de Mossoró - RN.** In: Anais do VI Colóquio de Extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (Edições UERN 2013 – Extensão Universitária: Diálogos e Práticas) ISBN 978-85-7621-070-2, p. 79-89, 2013.

ZERO, Arethuza Helena; FERNANDES, Luzia de Fátima Barbosa. **Primeiros passos da educação financeira: o consumo consciente.** Campinas: Edição do autor, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Compromisso:

Este termo de compromisso pretende esclarecer os procedimentos que envolvem a pesquisa e a utilização dos dados coletados. Tem o objetivo de deixar o mais transparente possível à relação entre os envolvidos e o tratamento e uso das informações que serão coletadas.

As atividades realizadas, impressas, audiografadas e transcritas, servirão como material para pesquisas que procuram entender melhor o processo de produção de significados e a tomada de decisões de nossos sujeitos de pesquisa – indivíduos-consumidores – perante as discussões sobre consumo, planejamento financeiro, orçamento e economia doméstica. Este material será parte integrante de um trabalho de conclusão de curso junto à Universidade Federal de Juiz de Fora. O acesso aos registros audiografados será exclusivo do grupo de pesquisa, que assume o compromisso de não divulgá-los, e os registros escritos das mesmas serão feitos preservando-se a identidade dos sujeitos em sigilo através dos pseudônimos por eles escolhidos. Nas pesquisas que utilizarem o material coletado não será feita menção ao ano e a instituição onde a pesquisa foi realizada para preservação da identidade do grupo.

As informações provenientes da análise dessas entrevistas poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em publicações e eventos científicos e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pelas pesquisas, na forma acima indicada.

Juiz de Fora, 12 de fevereiro de 2014

Orientador

Diretor da escola participante da pesquisa

Pesquisador

Participante da pesquisa

APÊNDICE B – Ficha-Questionário 1 para as Entrevistas Individuais com cada um dos Participantes:

Seu Nome (Fictício) ou Pseudônimo (Escolhido): _____.

Agora responda a todas essas perguntas, nas quais você deverá eleger aquela resposta que mais lhe pareça à correta, assinalando-a com um (X) no seu respectivo parêntese.

- 1) Seu sexo é: () Masculino () Feminino
- 2) Sua faixa etária é de:
() 20-25 anos () 26-30 anos () 31-35 anos () 36-40 anos () 41 anos ou mais
- 3) Sua escolaridade é:
() Ensino Fundamental incompleto
() Ensino Fundamental completo
() Ensino Médio incompleto
() Ensino Médio completo
() Ensino Técnico – Qual o curso? _____
() Ensino Superior incompleto
() Ensino Superior completo – Qual a graduação? _____
() Pós-Graduação – Qual a especialização? _____
() Mestrado – Qual a área de atuação? _____
- Ano de conclusão dessa escolaridade acima marcada: _____
- 4) Você trabalha? () Sim () Não Qual a sua função? _____
- 5) Sua renda mensal é de aproximadamente:
() 1 salário mínimo () entre 1 e 3 salários () entre 4 e 5 salários
() entre 6 e 8 salários () entre 9 salários e 10 salários () mais de 10 salários
- 6) Geralmente, você termina o mês com que saldo? () Positivo () Negativo
- 7) Já fez algum curso sobre planejamento financeiro? () Sim () Não
- 8) Utiliza alguma planilha para os seus ganhos e gastos? () Sim () Não
- 9) Costuma planejar com antecedência seus gastos pessoais? () Sim () Não
E os seus gastos familiares? () Sim () Não
- 10) Você controla, ou conhece, o seu orçamento doméstico? () Sim () Não
- 11) Tem algum sonho de consumo? () Sim () Não
Qual? _____

- 12) Você sempre pesquisa os preços antes de comprar algo?
 Sim Às vezes Não
- 13) Você, para comprar um determinado produto desejado, prefere fazer o quê?
 guardar o dinheiro e pagar à vista financiar em alguns meses
- 14) Antes de fazer uma nova prestação ou de usar o cartão de crédito você soma as prestações que já tem que pagar todo mês?
 Sim Às vezes Não
- 15) Dos itens, a seguir, quais você utiliza mais para efetuar compras?
 Cheque Cartão de crédito Cartão de débito Dinheiro
 Cheque especial Cartão de lojas Carnês Empréstimo pessoal
- 16) Você planeja suas compras e, no caso de compras a prazo, calcula os juros e o valor final do produto? Sim Não
- 17) Você confere o extrato da conta do banco, do cartão de crédito e das contas de consumo? Sim Às vezes Não
- 18) Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? Sim Não
- 19) Costuma utilizar de conceitos matemáticos quando vai consumir algo?
 sempre às vezes raramente nunca
 Qual? _____
- 20) Se preocupa com o consumo de produtos que não agridam a natureza?
 muito mais ou menos muito pouco não me preocupo
- 21) Você possui uma poupança ou um investimento para os momentos de dificuldades e para o futuro? Sim Não
- 22) Você utiliza, ou já utilizou, alguma ou mais de uma, das opções abaixo?
 limite do cheque especial limite do cartão de crédito
 crediário ou limite de cartões de lojas ou supermercados
 empréstimo pessoal (financiamento) financiamentos de automóveis
 financiamentos de imóveis outros financiamentos
 investimentos em poupança ou renda fixa investimentos em ações
 investimentos em imóveis outros investimentos
- 23) Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu proprio dinheiro?
 Nada seguro – Eu gostaria de possuir um nível melhor de educação financeira.
 Não muito seguro – Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.
 Razoavelmente seguro – Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto.
 Muito seguro – Eu possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.

24) Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerenciar o seu dinheiro?

- Em casa com a família.
- De conversas com amigos.
- Na escola ou universidade.
- De revistas, livros, TV, rádio e internet.
- De minha experiência prática.

25) Você tem algum tipo de dívida (empréstimos, financiamentos, cheque especial, rotativo do cartão)?

- Sim, tenho, mas trata-se de financiamento de longo prazo, cuja prestação eu sempre procuro pagar em dia.
- Sim, tenho, mas não sei bem quando nem como irei pagá-las.
- Sim, mas vou pagá-las em pouco tempo, já que tomei o cuidado de calcular na ponta do lápis como e quando iria quitá-las.
- Não, não tenho dívidas pessoais. Sempre faço o planejamento necessário para comprar à vista e com desconto.

26) Sua qualidade de vida (trabalho, saúde, família) tem relação com uma boa gestão do seu orçamento pessoal? Sim Não

27) Você considera que possui formação ou informações necessárias por parte dos bancos, da mídia, da escola ou de outras fontes para decidir, de maneira consciente, como utilizar melhor o seu dinheiro, seja para consumir ou para investir? Sim Não

28) Quem seria para você o responsável pela Educação Financeira?

- o governo, através de leis que regulamentem a propaganda, as políticas públicas sobre Educação Financeira e a defesa do consumidor.
- as instituições financeiras, orientando sobre a melhor forma de utilização dos seus recursos financeiros em produtos bancários.
- as escolas e faculdades, ensinando e pesquisando sobre educação financeira.
- as famílias e o próprio indivíduo, conscientizando-se e disciplinando-se financeiramente.

APÊNDICE C – Ficha-Questionário 2 para as Entrevistas Individuais com cada um dos Participantes:

Seu Nome (Fictício) ou Pseudônimo (Escolhido): _____.

Agora lembre-se de responder a todas as nossas dez perguntas abaixo:

- 1) Seu sexo é: () Masculino () Feminino
- 2) Sua faixa etária é de: ____ anos.
- 3) Você trabalha? () Sim () Não Qual a sua função? _____
- 4) Você tem mais de um emprego? () Sim () Não
Quantos? _____
- 5) Qual sua jornada semanal de trabalho? _____
- 6) Sua renda mensal é de aproximadamente:
() 1 salário mínimo () entre 1 e 3 salários () entre 4 e 5 salários
() entre 6 e 8 salários () entre 9 salários e 10 salários () mais de 10 salários
- 7) Qual é o seu atual perfil financeiro-econômico? Justifique sua resposta.

- 8) É o mesmo “de antes” de participar dos nossos módulos-encontros já realizado até o momento? Justifique sua resposta.

9) O que já mudou em sua vida financeiro-econômica, após esses nossos módulos-encontros? Justifique sua resposta.

10) Agora você, após esses nossos módulos-encontros, já se preocupa mais em administrar melhor seus recursos financeiros? Justifique sua resposta.
